



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS

PEDRO PAULO NUNES DA SILVA

TRANSFERÊNCIAS LINGUÍSTICO-CULTURAIS EM *AN INVINCIBLE MEMORY*
DE JOÃO UBALDO RIBEIRO: A AUTOTRADUÇÃO DE PALAVRAS SUFIXADAS
POR *-INHO* À LUZ DA ESTILÍSTICA DE CORPUS

JOÃO PESSOA

2020

PEDRO PAULO NUNES DA SILVA

**TRANSFERÊNCIAS LINGUÍSTICO-CULTURAIS EM *AN INVINCIBLE MEMORY*
DE JOÃO UBALDO RIBEIRO: A AUTOTRADUÇÃO DE PALAVRAS SUFIXADAS
POR *-INHO* À LUZ DA ESTILÍSTICA DE CORPUS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba como parte do requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Literatura, Cultura e Tradução.

Linha de pesquisa: Tradução e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Antonio de Sousa Alves.

JOÃO PESSOA

2020

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586t Silva, Pedro Paulo Nunes da.

Transferências linguístico-culturais em *An invincible memory* de João Ubaldo Ribeiro: a autotradução de palavras sufixadas por *-inho* à luz da estilística de corpus / Pedro Paulo Nunes da Silva. – João Pessoa, 2020.
208 f.

Orientação: Daniel Antonio de Sousa Alves.
Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCHLA.

1. Estudos tradutológicos. 2. Autotradução. 3. Estilística de corpus. 4. João Ubaldo Ribeiro. 5. Sufixo *-inho*. I. Alves, Daniel Antonio de Sousa. II. Título.

UFPB/CCHLA

Universidade Federal da Paraíba
Pró-Reitoria de Pós-Graduação
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Letras
Mestrado em Letras

A comissão examinadora, abaixo assinada, aprova a dissertação
**Transferências linguístico-culturais em *An invincible memory* de João Ubaldo Ribeiro: a
autotradução de palavras sufixadas por *-inho* à luz da estilística de corpus**

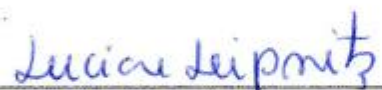
Elaborada por
Pedro Paulo Nunes da Silva

Como requisito parcial para a obtenção do título de
Mestre em Letras

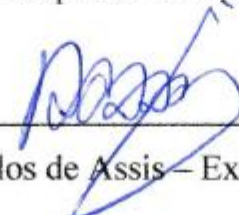
COMISSÃO EXAMINADORA



Prof. Dr. Daniel Antonio de Sousa Alves – Presidente – PPGL/UFPB



Profa. Dra. Luciane Leipnitz – Examinadora Externa – DMI/UFPB



Prof. Dr. Roberto Carlos de Assis – Examinador Interno – PPGL/UFPB

João Pessoa, 28 de fevereiro de 2020.

Ao meu pai e à minha mãe,
de quem primeiro recebi, respectivamente,
os títulos (apelidos) de *mestre* e de *teacher*.

AGRADECIMENTOS

A Deus, o qual, ainda que eu não o possa ver, creio que pela linguagem foi possível criar todo o universo.

A João Ubaldo Ribeiro (*in memoriam*), o autor que pela linguagem foi possível criar um universo (literário).

Aos meus pais, Paulo Cesar da Silva e Maria José Nunes da Silva, por quem tenho apreço, admiração e amor; a eles, meu contínuo agradecimento.

Aos meus irmãos, Paula Maria, Patricia Müller, João Gabriel e Priscila Samária, por serem os meus melhores amigos durante toda a minha vida.

Aos meus amigos que, direta ou indiretamente, contribuíram para esta pesquisa. De modo especial, àqueles que conheci no PPGL/UFPB e com quem muito aprendi.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Daniel Antonio de Sousa Alves, por ter me acolhido sob sua orientação para a execução desta pesquisa e por todas as contribuições feitas, em sala de aula e na orientação individual, até a finalização deste estudo.

Ao Prof. Dr. Roberto Carlos de Assis, por suas aulas no PPGL/UFPB e por suas cooperações para a elaboração desta pesquisa.

À Profa. Dra. Luciane Leipnitz, por ter sido, de fato, a primeira a me apresentar e a ensinar sobre linguística de corpus, além de todas as suas colaborações para o meu crescimento acadêmico desde os meus primeiros anos na universidade.

À Profa. Dra. Camila Nathalia de Oliveira Braga, por sua solicitude em participar como examinadora suplente.

Às professoras do PPGL/UFPB com quem tive aula e pude dialogar, a fim de que eu pudesse alcançar a boa construção desta dissertação, a saber, as seguintes professoras: Profa. Dra. Ana Cristina Marinho Lúcio, Profa. Dra. Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne, Profa. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão e Profa. Dra. Marta Pragana Dantas.

A todos os professores e demais profissionais lotados no Departamento de Mediações Interculturais que, no período em que também fui professor auxiliar na UFPB, receberam-me da melhor forma possível, especialmente, à Profa. Dra. Alyanne de Freitas Chacon e à Profa. Ma. Silvia Renata Ribeiro, que souberam lidar graciosamente com o processo burocrático no momento da minha chegada; a esta última, também sou muito grato por sua colaboração na avaliação do meu pré-projeto antes de ser submetido à seleção para o mestrado, além de me apresentar o pensamento cultural buarquiano em relação ao sufixo *-inho*.

À Profa. Dra. Betânia Passos Medrado, que me apresentou a Teoria da Polidez, na disciplina de Estudos Pragmáticos em Língua Estrangeira, e, sem saber inicialmente, contribuiu

para que eu continuasse a construir um suporte teórico-metodológico que envolvesse o sufixo *-inho* com a língua, a cultura e a sociedade.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que, apesar de mudanças político-econômicas contestáveis no país, proporcionou-me uma bolsa durante todo o mestrado, a fim de que eu pudesse me dedicar integralmente à pesquisa, o que, por consequência, viabilizou a produção e a publicação de diversos trabalhos meus em autoria e em coautoria, além da participação em eventos internacionais, nacionais, regionais e locais.

A todos os demais que, direta ou indiretamente, em alguma medida, contribuíram para a criação, o desenvolvimento e/ou a concretização desta dissertação.

Poeminho do contra

*Todos esses que aí estão
Atravancando o meu caminho
Eles passarão...
Eu passarinho!*

(Mário de Miranda Quintana)

FOLHA DE IDENTIFICAÇÃO

Instituição	Universidade Federal da Paraíba – UFPB Endereço: Cidade Universitária, João Pessoa, Paraíba, Brasil. CEP: 58051-900. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Campus I, Conjunto Humanístico, Bloco IV, Cidade Universitária, João Pessoa, Paraíba, Brasil. CEP: 58059-900.
Dirigentes	Reitoria Reitora: Profa. Dra. Margareth de Fátima Formiga Melo Diniz. Vice-reitora: Profa. Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira. Pró-reitora de Pós-graduação: Profa. Dra. Maria Luiza Pereira de Alencar Mayer Feitosa. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes Diretora: Profa. Dra. Mônica Nóbrega. Vice-diretor: Prof. Dr. Rodrigo Freire de Carvalho. Programa de Pós-Graduação em Letras Coordenadora: Profa. Dra. Ana Cristina Marinho Lúcio. Vice-coordenador: Prof. Dr. Roberto Carlos de Assis.
Dissertação	Título Transferências linguístico-culturais em <i>An invincible memory</i> de João Ubaldo Ribeiro: a autotradução de palavras sufixadas por <i>-inho</i> à luz da estilística de corpus Vínculo Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba como parte do requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras.
Execução	Orientador Prof. Dr. Daniel Antonio de Sousa Alves. Discente Pedro Paulo Nunes da Silva.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAF – Atos de ameaça à face

ABL – Academia Brasileira de Letras

AIM – *An invincible memory*

cf. – Conferir

DAAD – Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico

LC – Linguística de corpus

EC – Estilística de corpus

e.g. – Por exemplo

EDT – Estudos descritivos em tradução

PB – Português brasileiro

PE – Português europeu

RAE – Regra(s) de análise de estrutura

RFP – Regra(s) de formação de palavras

TT – Textos traduzidos

VPB – Viva o povo brasileiro

LISTA DE CONCORDÂNCIAS

Concordância 1: Resultado do concordanciador para a busca de etiquetas <3??> no subcorpus VPB	148
Concordância 2: Resultado do concordanciador para a busca de etiquetas <3????> no subcorpus AIM	149
Concordância 3: Resultado do concordanciador para a busca de etiquetas <?7?> no subcorpus VPB	153
Concordância 4: Resultado do concordanciador para a busca de etiquetas <?7???> no subcorpus AIM	154
Concordância 5: Alguns resultados para a busca da etiqueta <???01> no subcorpus AIM (em negrito) antecidos pelos segmentos paralelos correspondentes do subcorpus VPB	162
Concordância 6: Alguns resultados para a busca da etiqueta <???01> no subcorpus AIM (em negrito) antecidos pelos segmentos paralelos correspondentes do subcorpus VPB	162
Concordância 7: Alguns resultados para a busca da etiqueta <???01> no subcorpus AIM (em negrito) antecidos pelos segmentos paralelos correspondentes do subcorpus VPB	164
Concordância 8: Resultados para a busca da etiqueta <???03> no subcorpus AIM	168
Concordância 9: Resultados para a busca da etiqueta <???05> de rearranjos morfossintáticos com small no subcorpus AIM (em negrito) antecidos pelos segmentos paralelos correspondentes do subcorpus VPB	176
Concordância 10: Resultados para a busca da etiqueta <???05> de outros tipos de rearranjos morfossintáticos no subcorpus AIM (em negrito) antecidos pelos segmentos paralelos correspondentes do subcorpus VPB	177
Concordância 11: Alguns resultados para a busca da etiqueta <???06> no subcorpus AIM (em negrito) antecidos pelos segmentos paralelos correspondentes do subcorpus VPB	179
Concordância 12: Alguns resultados para a busca da etiqueta <???08> no subcorpus AIM (em negrito) antecidos pelos segmentos paralelos correspondentes do subcorpus VPB	183
Concordância 13: Alguns resultados para a busca da etiqueta <???09> no subcorpus AIM (em negrito) antecidos pelos segmentos paralelos correspondentes do subcorpus VPB	186
Concordância 14: Resultado para a busca da etiqueta <???10> no subcorpus AIM (em negrito) antecido pelo segmento paralelo correspondente do subcorpus VPB	189

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa básico dos estudos tradutológicos criado por James Holmes	70
Figura 2: Fluxo de trocas no sistema mundial das traduções de Heilbron (1999)	91
Figura 3: <i>Tokens</i> e <i>types</i> dos grafemas finais INHO, INHOS, INHA e INHAS no subcorpus PE	114
Figura 4: <i>Tokens</i> e <i>types</i> das palavras sufixadas por <i>-inho</i> no subcorpus PE.....	115
Figura 5: <i>Tokens</i> e <i>types</i> dos grafemas finais INHO, INHOS, INHA e INHAS no subcorpus PB	117
Figura 6: <i>Tokens</i> e <i>types</i> das palavras sufixadas por <i>-inho</i> no subcorpus PB	118
Figura 7: <i>Tokens</i> e <i>types</i> dos grafemas finais INHO, INHOS, INHA e INHAS no subcorpus TT	122
Figura 8: <i>Tokens</i> e <i>types</i> das palavras sufixadas por <i>-inho</i> no subcorpus TT	123
Figura 9: Palavras iniciadas pelos grafemas PEQUEN* e pelo adjetivo indicativo de diminutivo analítico <i>pequen-</i>	123
Figura 10: Capa do romance <i>An invincible memory</i> em <i>hardcover edition</i>	138
Figura 11: Capa do romance <i>An invincible memory</i> em <i>paperback edition</i>	138
Figura 12: <i>Tokens</i> e <i>types</i> dos grafemas finais INHO, INHOS, INHA e INHAS no subcorpus VPB	143
Figura 13: <i>Tokens</i> e <i>types</i> de palavras sufixadas por <i>-inho</i> no subcorpus VPB	144
Figura 14: Quantificação das rotulações conforme os dígitos das etiquetas numéricas no subcorpus VPB (cf. Quadro 3, p.103)	146
Figura 15: <i>Tokens</i> e <i>types</i> dos grafemas finais INHO, INHOS, INHA e INHAS no subcorpus AIM	160
Figura 16: Quantificação das modalidades de tradução no subcorpus AIM.....	161
Figura 17: Frequência no uso da palavra <i>droplet(s)</i> no inglês americano e britânico.	173

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Taxonomia dos corpora.....	64
Quadro 2: Classificação dos corpora para fins tradutológicos.....	79
Quadro 3: Grade de anotação das etiquetas no subcorpus VPB	103
Quadro 4: Grade de anotação das etiquetas no subcorpus AIM	109
Quadro 5: Obras literárias que compõem o subcorpus PE.....	112
Quadro 6: Obras literárias que compõem o subcorpus PB	116
Quadro 7: Obras literárias que compõem o subcorpus TT	120
Quadro 8: Circulação da tradução de obras literárias ubaldianas publicadas até 1984	131

RESUMO

Viva o povo brasileiro foi traduzido para diversos idiomas, dentre as línguas estão o alemão, o holandês, o sueco, o francês e o espanhol. Todavia, para a língua inglesa, o próprio autor realizou uma versão para este idioma, por consequência, uma autotradução. O romance foi publicado, em 1984, e sua autotradução, *An invincible memory*, em 1989. Neste estudo, analiso o uso do sufixo *-inho* em corpus comparável monolíngue, a fim de verificar se o sufixo *-inho* é uma característica linguístico-cultural brasileira por meio de comparações e contrastes em subcorpora contendo textos literários lusitanos, brasileiros e textos traduzidos para o português, e, com isso, poder tratar o uso do sufixo por João Ubaldo não apenas como aspecto estilístico seu, mas como uma particularidade que parece existir proeminentemente no português brasileiro. Além disso, investigo a circulação de obras ubaldianas traduzidas, de forma a observar se houve indícios que motivaram a realização da segunda autotradução ubaldiana e perceber as implicações linguístico-culturais dessa circulação sobre o texto autotraduzido. Por fim, cotejo a mediação intercultural autotradutória realizada por João Ubaldo no corpus paralelo bilíngue *Viva o povo brasileiro/An invincible memory* com atenção especial sobre as palavras sufixadas por *-inho*. Esta pesquisa baseia-se em autores que descrevem aspectos morfológicos (FERRARI NETO, 2014; GONÇALVES, M. 2006; etc.), em pesquisadores que apresentam aspectos socioculturais que consideram as interfaces com a sociedade, a língua e a cultura (FURTADO DA CUNHA, 2016; SOUZA, 2015; etc.), em teóricos que expõem sobre a estilística (MARTINS, 2011; MONTEIRO, 2009, 2002; SIMPSON, 2004, 1997; etc.), a linguística de corpus (BERBER SARDINHA, 2004; VIANA, 2010, 2008; etc.) e a estilística de corpus (FISCHER-STARCKE, 2010), mas, principalmente, em autores que estão inseridos nos estudos tradutológicos (AUBERT, 1998; GENTZLER, 2009; HEILBRON, 1999; OUSTINOFF, 2011; etc.). Os resultados, no corpus comparável monolíngue, apontam que o uso do sufixo *-inho* pode estar atrelado ao comportamento sociolinguístico-cultural do *homem cordial* descrito por Holanda (1995) como aquele que se abstém da polidez para dar lugar à intimidade e que, muitas vezes, revela-se em seu socioleto através do uso quase irrestrito e frequente do sufixo *-inho*, logo, uma característica sociolinguístico-literário-cultural brasileira. Além disso, a análise também parece apontar que o segundo romance ubaldiano autotraduzido pode ter ocorrido devido a fatores inerentes à circulação de outras obras literárias ubaldianas traduzidas. Por fim, o corpus paralelo bilíngue apresenta uma leve vantagem numérica para as traduções indiretas em comparação às traduções diretas. Consequentemente, tais quantificações indicam que a tradução de palavras sufixadas por *-inho* está mais atrelada a uma mudança considerável da forma e/ou da função do sufixo *-inho* de maneira a indicar uma domesticação por parte da autotradução. Por outro lado, é notório que a diferença numérica não é tão díspar e, por isso, também podem corroborar para uma perspectiva de que a autotradução se guiou por uma ideologia de não apagamento de aspectos linguístico-culturais. Em vista disso, há um equilíbrio entre resistência e adaptação à língua-alvo e suas culturas correspondentes, isto é, uma autotradução que parece conter estrangeirização e domesticação em níveis semelhantes.

Palavras-chave: Estudos tradutológicos. Autotradução. Estilística de corpus. Sufixo *-inho*. João Ubaldo Ribeiro.

ABSTRACT

Viva o povo brasileiro was translated into several languages, such as, German, Dutch, Swedish, French, and Spanish. However, into English, the author himself translated into this language, therefore, a self-translation. The novel was published in 1984 and its self-translation, *An invincible memory*, in 1989. In this study, I analyse the use of the suffix *-inho* in a monolingual comparable corpus, in order to verify if the suffix *-inho* is a Brazilian linguistic-cultural characteristic by means of comparisons and contrasts in subcorpora containing Portuguese, Brazilian and English-speaking authors' literary texts translated into Portuguese. Thereby, being able to treat the use of the suffix by João Ubaldo not only as a stylistic aspect of himself, but as a peculiarity that seems to exist prominently in Brazilian Portuguese. In addition, I investigate the circulation of translated Ubaldian works, in order to observe if there were signs that motivated the realization of the second Ubaldian self-translation and to understand the linguistic-cultural implications of this circulation on the self-translated text. Finally, I compare the self-translation carried out by João Ubaldo in the bilingual parallel corpus *Viva o povo brasileiro*/*An invincible memory* with special attention to the words suffixed by *-inho*. This research is based on authors who describe the morphological aspects (FERRARI NETO, 2014; GONÇALVES, M. 2006; and others), on researchers who present sociocultural aspects, considering the interfaces with society, language and culture (FURTADO DA CUNHA, 2016; SOUZA, 2015; and others), on theorists who expose about stylistics (MARTINS, 2011; MONTEIRO, 2009, 2002; SIMPSON, 2004, 1997; and others), corpus linguistics (BERBER SARDINHA, 2004; VIANA, 2010, 2008; and others) and corpus stylistics (FISCHER-STARCKE, 2010), but mainly in authors who are inserted in the Translation Studies (AUBERT, 1998; GENTZLER, 2009; HEILBRON, 1999; OUSTINOFF, 2011; and others). The results, in the comparable monolingual corpus, may point out that the use of the suffix *-inho* is linked to the sociolinguistic-cultural behaviour of the cordial man described by Holanda (1995) as one who refrains from politeness to give way to intimacy and that, many times, it reveals itself in its sociolect through the almost unrestricted and frequent use of the suffix *-inho*, therefore, a Brazilian sociolinguistic-literary-cultural characteristic. In addition, the analysis may also indicate that the second self-translated Ubaldian novel occurred due to factors inherent in the circulation of other translated Ubaldian literary works. Finally, the bilingual parallel corpus has a slight numerical advantage for indirect translations compared to direct translations. Consequently, such quantifications indicate that the translation of words suffixed by *-inho* is more linked to a considerable change in the form and/or function of the suffix *-inho* in order to indicate a domestication by the self-translation. On the other hand, the numerical difference is not so disparate and, therefore, may also corroborate to a perspective that self-translation was guided by an ideology of not erasing linguistic-cultural aspects. Therewith, there is a balance between resistance and adaptation to the target language and its corresponding cultures, that is, a self-translation that seems to contain foreignization and domestication at similar levels.

Keywords: Translation Studies. Self-translation. Corpus Stylistics. Suffix *-inho*. João Ubaldo Ribeiro.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	ASPECTOS LINGUÍSTICO-CULTURAIS E TRADUTOLÓGICOS DO SUFIXO - <i>INHO</i>	21
2.1	Aspectos morfológicos do <i>-inho</i> : da palavra ao morfe(ma)	23
2.2	Aspectos socioculturais do <i>-inho</i> : sociedade, língua e cultura	37
2.3	Aspectos estilísticos de corpus do <i>-inho</i> : estilística ou linguística de corpus?	50
2.4	Aspectos tradutológicos do <i>-inho</i> : estudo descritivo e baseado em corpus	69
3	AUTOTRADUÇÃO	82
3.1	João Ubaldo Ribeiro: auto(traduto)r	86
3.2	Circulação mundial de livros (auto)traduzidos.....	88
4	MÉTODO.....	94
4.1	Análise do uso do sufixo <i>-inho</i> em corpus comparável monolíngue.....	94
4.2	Investigação da circulação de obras ubaldianas traduzidas.....	100
4.3	Cotejamento de tradução em corpus paralelo bilíngue.....	102
5	TRANSFERÊNCIAS LINGUÍSTICO-CULTURAIS I: O SUFIXO <i>-INHO</i> EM CORPUS COMPARÁVEL MONOLÍNGUE	111
5.1	Subcorpus PE: o sufixo <i>-inho</i> na literatura portuguesa.....	112
5.2	Subcorpus PB: o sufixo <i>-inho</i> na literatura brasileira.....	116
5.3	Subcorpus TT: o sufixo <i>-inho</i> na literatura anglófona traduzida para o português	120
6	TRANSFERÊNCIAS LINGUÍSTICO-CULTURAIS II: AUTOTRADUÇÃO UBALDIANA.....	129
6.1	Circulação de obras ubaldianas (auto)traduzidas	130
6.2	<i>An invincible memory</i> : implicações linguístico-literárias sobre a autotradução	137
7	TRANSFERÊNCIAS LINGUÍSTICO-CULTURAIS III: O SUFIXO <i>-INHO</i> EM CORPUS PARALELO BILÍNGUE	142
7.1	<i>Viva o povo brasileiro</i> a partir da estilística de corpus: o sufixo <i>-inho</i>	143

7.1.1	Aspectos morfofonológicos.....	146
7.1.2	Aspectos morfossintáticos	150
7.1.3	Aspectos morfossemânticos	155
7.2	<i>An invincible memory a partir da estilística de corpus: suffering to translate the suffix -inho</i>	159
7.2.1	Omissão	162
7.2.2	Empréstimo.....	166
7.2.3	Decalque	168
7.2.4	Tradução literal.....	169
7.2.5	Transposição	174
7.2.6	Explicitação	179
7.2.7	Implicação	182
7.2.8	Modulação	183
7.2.9	Adaptação	186
7.2.10	Acréscimo.....	188
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	193
	REFERÊNCIAS	200

1 INTRODUÇÃO

Ao ler *Um brasileiro em Berlim* (RIBEIRO, J., 2011), observei, enquanto leitor, o uso constante do sufixo *-inho* no estilo do escritor João Ubaldo Ribeiro. O autor, ao longo de praticamente todas as crônicas desse livro, apresenta alguma palavra com esse sufixo, utilizando-se das mais diversas funções que o afixo pode proporcionar. Inicialmente, a obra foi publicada, em alemão, no jornal *Frankfurter Rundschau*, a fim de retratar a experiência do autor e de sua família na cidade de Berlim no início da década de 1990. Em vista disso, decidi investigar o uso de palavras sufixadas por *-inho* no texto de partida e como a mediação tradutória para o alemão realizada por Ray-Güde Mertin (RIBEIRO, J., 1994) – tradutora de diferentes obras de escritos latino-americanos hispanófonos e lusófonos, além de organizadora da edição brasileira mais recente dessa obra ubaldiana – apresentou tais segmentos. A conclusão dessa pesquisa pôde indicar que esse aspecto morfológico da língua portuguesa seja uma característica linguístico-cultural brasileira com implicações igualmente linguísticas e culturais para qualquer língua para a qual seja traduzido. Dessa maneira, esta dissertação nasce da minha percepção como leitor interessado em investigar a mediação intercultural tradutória do sufixo *-inho* em textos literários, com especial atenção para o estudo da autotradução de palavras sufixadas por *-inho* na obra ubaldiana *Viva o povo brasileiro*.

João Ubaldo Ribeiro (1941–2014) autor de *Viva o povo brasileiro* e *Sargento Getúlio*, foi acadêmico na Academia Brasileira de Letras de 1994 a 2014, ano do seu falecimento. Foi um escritor brasileiro prestigiado com diversos prêmios literários, sendo o principal deles o Prêmio Camões em 2008. O escritor foi autor de diversos contos, crônicas, romances, entre outros gêneros ao longo da sua carreira. Em suas obras, há a representação da realidade brasileira, a qual, muitas vezes, é descrita por meio da ironia e/ou do humor. Como exemplo, tomo uma de suas obras que está entre as mais importantes para a literatura brasileira, o romance *Viva o povo brasileiro*, publicado em 1984. O livro retrata, por meio de seus personagens, partes da história brasileira ao longo de mais de três séculos, sempre descrevendo-os em momentos históricos marcantes como a abolição da escravidão, a invasão holandesa e o golpe militar de 1964. Entretanto, por meio de entrevistas e outros depoimentos, o autor refutou a ideia de que o seu livro fosse um romance histórico. Segundo Cunha, E. (2007, p. 1), João Ubaldo está estritamente relacionado a uma corrente literária que foca no presente e no ajustamento futuro das desigualdades socioeconômicas, indo além da especulação sobre o passado colonial, logo, “a negativa prévia e peremptória do autor talvez decorra [...] da impossibilidade de reconhecer,

nas obras dos que podem ser considerados seus pares, o ‘romance histórico’ – uma forma própria do século anterior, quase, portanto, um anacronismo”.

Viva o povo brasileiro foi traduzido para diversos idiomas, dentre as línguas estão o alemão, o holandês, o sueco, o francês e o espanhol. Todavia, o próprio autor realizou uma versão para a língua inglesa, por consequência, uma autotradução. Além desse livro, João Ubaldo já havia realizado uma versão para o inglês de outro romance de sua autoria, *Sargento Getúlio*, o qual foi lançado em 1971. Sua autotradução e publicação ocorreram, alguns anos depois, em 1980. Na autotradução de *Viva o povo brasileiro*, o título converteu-se em *An invincible memory* e foi lançado, cinco anos depois do texto original, em 1989. *An invincible memory* torna-se, portanto, uma fonte para diversos e possíveis questionamentos no campo disciplinar dos estudos tradutológicos, os quais podem ser respondidos por meio de investigações e análises, sendo uma delas a atual pesquisa.

João Ubaldo Ribeiro, ao escrever um romance de larga amplitude cronológica e textual, compõe uma obra que abarca questões linguístico-culturais ricas, considerando o texto na língua de partida e a sua respectiva autotradução. Nesta pesquisa, analiso o uso de formas diminutivas cujas palavras estejam sufixadas por *-inho*, já que, no português brasileiro, o sufixo indicador de diminutivo *-inho* é utilizado para diversos fins semântico-discursivos, para além de designar grau de substantivos e adjetivos (FREITAS; BARBOSA, 2013; LEE, 1999, entre outros). Consequentemente, em *Viva o povo brasileiro*, pode-se observar o uso do sufixo *-inho* não somente para expressar a simples ausência ou redução material/abstrata do sentido denotativo que uma palavra carrega, mas também para indicar afetividade, ironia, pejoratividade, intensidade, entre outros efeitos semântico-estilísticos advindos desse afixo. Em vista disso, proponho que esta pesquisa se volte para a observação dessas formas diminutivas na língua portuguesa e na autotradução do romance *Viva o povo brasileiro* à luz da estilística de corpus.

Sérgio Buarque de Holanda, no livro *Raízes do Brasil*, publicado em 1995, ao tratar do *homem cordial*, cita o apego do brasileiro pelo sufixo derivacional de diminutivos. Para o autor, seriam as pesquisas linguísticas, com enfoque nas palavras sufixadas por *-inho*, um meio possível de evidenciar as relações emotivo-afetivas do povo brasileiro. Luís Fernando Veríssimo, em sua crônica intitulada *Diminutivos*, sugere humoristicamente que a derivação pelo sufixo *-inho* é uma maneira de os brasileiros se precaverem e serem afetuosos. Veríssimo (1994), então, sugere que o uso seria precavido, porque assim podem “desarmar” as palavras do seu sentido original, porém, ao mesmo tempo, seria afetoso, pois diminuem tudo sem perder o seu sentido.

Como exposto por Monteiro (1991), o uso do sufixo *-inho* não se limita a uma questão puramente gramatical, no sentido de corresponder à forma como se realiza o diminutivo em língua portuguesa, mas envolve também aspectos linguístico-culturais ligados a uma comunidade discursiva, tendo em vista que esse sufixo é registrado nos mais diversos tipos de texto. Ao compreender a importância desse recurso estilístico, entendo que o texto enunciado em português ganha, assim, expressividade e originalidade nos mais variados gêneros textuais.

João Ubaldo Ribeiro faz uso, ao longo de toda a narrativa de *Viva o povo brasileiro*, de palavras sufixadas por *-inho*, as quais parecem contemplar formas variadas de expressividade. *Viva o povo brasileiro*, por consequência, parece trazer consigo uma linguagem de expressividade brasileira de aspectos que são relativos a essa língua-cultura, por isso, surge uma oportunidade de pesquisa ao indagar: como João Ubaldo, o auto(traduto)r do seu próprio trabalho, lida com a mediação entre a sua língua materna, no texto de partida, e verte o mesmo texto para uma língua estrangeira, neste caso, o inglês?

Para analisar ambos os textos, tenho como auxílio para esta proposta o uso da estilística de corpus, a fim de compilar listas de palavras, analisar concordâncias, comparar textos de partida e de chegada, entre outras tarefas que as ferramentas computacionais podem oferecer. Contudo, sem olvidar que, após o uso dessas ferramentas de busca, será função do pesquisador debruçar-se sobre os dados apresentados e, a partir de análises contextuais, qualiquantificar os resultados. Isto posto, considero que esta pesquisa se justifica como proposta de estudo, pois tenho como alvo um tripé que se utiliza dos estudos literários, linguísticos e, especialmente, tradutológicos.

Estudos literários, pois o romance *Viva o povo brasileiro* está no centro desta pesquisa, além do corpus comparável monolíngue em que apresento a compilação de textos literários de autores lusófonos e anglófonos numa investigação do uso do sufixo *-inho* em três diferentes contextos: em textos literários de autores brasileiros, portugueses e na tradução de obras de autores anglófonos. Estudos linguísticos, porque as formações de palavras com o sufixo *-inho* são analisadas em nível morfológico, sintático e semântico, por meio do levantamento de dados presentes na estilística e na linguística de corpus. Além dos estudos tradutológicos¹, em vista que, *An invincible memory*, a autotradução realizada por João Ubaldo Ribeiro, em conjunto com o seu texto de partida, são objetos de estudo fundamentais, formando assim o corpus paralelo

¹ Nesta pesquisa, opto pelos termos *estudos tradutológicos* ou *tradutologia* para referir-me ao campo disciplinar que lida com as atividades, os processos e os produtos da mediação intercultural que é a tradução, dada a produtividade morfológica que os termos podem oferecer. Contudo, é dada exceção, quando necessário for, para ressaltar o termo cunhado por outrem para referir-se a esse campo disciplinar (cf. subseção 2.4).

bilíngue português-inglês. Assim, pretendo contribuir para os estudos literários que se voltam para um importante autor da literatura brasileira, para os estudos que focam na língua(gem) como parte integrante da cultura de um povo, para os estudos que usam a linguística de corpus como abordagem nos estudos tradutológicos e para a produção de pesquisas, ainda incipientes, que têm autotraduções de escritores brasileiros como objeto de estudo.

Tenho por objetivo geral analisar a mediação autotradutória ubaldiana no corpus paralelo bilíngue *Viva o povo brasileiro/An invincible memory*, em relação às transferências linguístico-culturais de palavras sufixadas por *-inho* à luz da estilística de corpus. Dessa maneira, os objetivos específicos destringem-se em três: i) analisar o uso do sufixo *-inho* em corpus comparável monolíngue, a fim de verificar se o sufixo *-inho* é uma característica linguístico-cultural brasileira por meio de comparações e contrastes em subcorpora contendo textos literários lusitanos, brasileiros e textos traduzidos para o português, e, com isso, poder tratar o uso do sufixo por João Ubaldo não apenas como aspecto estilístico seu, mas como uma particularidade que parece existir proeminentemente no português brasileiro; ii) investigar a circulação de obras ubaldianas traduzidas, de forma a observar se houve indícios que motivaram a realização da segunda autotradução ubaldiana e perceber as implicações linguístico-culturais dessa circulação sobre o texto autotraduzido (*An invincible memory*); iii) cotejar a mediação intercultural autotradutória realizada por João Ubaldo no corpus paralelo bilíngue *Viva o povo brasileiro/An invincible memory* com atenção especial sobre as palavras sufixadas por *-inho*.

Dessa maneira, investigo indícios de que o sufixo *-inho* seja um aspecto sociolinguístico-literário-cultural da língua portuguesa e, especialmente, da variedade do português brasileiro. Além disso, analiso as transferências linguístico-culturais na autotradução de *An invincible memory*, abrangendo não apenas as transferências culturais mencionadas por Espagne (2013) em relação à tradução, como também as transferências linguísticas que ocorrem nela, isto é, as transformações que são inerentes a essa mediação intercultural, em que não se pode dissociar de interfaces, por exemplo, com a cultura, a sociedade, a ideologia, a política e a economia. Ademais, objetivo pesquisar a autotradução ubaldiana nesse romance de palavras sufixadas por *-inho* à luz da estilística de corpus.

Após estas considerações introdutórias, apresento, inicialmente, a seção deste estudo que contém os aspectos linguístico-culturais e tradutológicos do sufixo *-inho* subdivididos em quatro partes: os aspectos morfológicos, socioculturais, estilísticos (de corpus) e tradutológicos. Logo após, exponho sobre autotradução, uma breve biografia de João Ubaldo e a circulação de livros (auto)traduzidos. Posteriormente, trato a respeito dos procedimentos metodológicos aplicados para a execução dos objetivos específicos desta pesquisa. Em seguida, analiso o

corpus comparável monolíngue, a fim de verificar se o sufixo *-inho* é uma característica linguístico-cultural brasileira em subcorpora contendo textos literários lusitanos, brasileiros e textos traduzidos para o português. Depois disso, investigo a circulação de obras ubaldianas traduzidas, observando alguns indícios que motivaram a realização da segunda autotradução ubaldiana e as implicações dessa circulação sobre o texto autotraduzido (*An invincible memory*). Por fim, cotejo o corpus paralelo bilíngue, *Viva o povo brasileiro/An invincible memory*, com atenção especial sobre as palavras sufixadas por *-inho*.

2 ASPECTOS LINGUÍSTICO-CULTURAIS E TRADUTOLÓGICOS DO SUFIXO - *INHO*

Nesta seção, apresento o diminutivo sintético do português brasileiro composto pelo sufixo *-inho* em seus aspectos morfológicos, socioculturais, estilísticos e tradutológicos. Ainda que estejam divididas em quatro partes, todas essas características interconectam-se entre si em virtude da análise realizada nesta pesquisa, de forma que a separação atende apenas a requisitos didáticos.

Na primeira parte (cf. subseção 2.1), tenho como foco os estudos morfológicos, a partir do quais exponho sobre o conceito de palavra, léxico e vocábulo, com implicações na definição do que é palavra para este trabalho. Da palavra, sigo para o principal objeto de estudo na morfologia: o morfe(ma), incluindo as ponderações necessárias sobre a morfotática e a alomorfia no português brasileiro. Sem deixar de tangenciar oportunamente o meu principal objeto de estudo, o sufixo *-inho* é identificado ao longo de toda a subseção e é destacado sobre qual tipo de diminutivo sintético trabalho durante a análise, ou seja, o morfema {inho}² por meio dos morfes [inho] e [zinho] com suas variações de gênero e número, sem excluir a possibilidade de ocorrência do infixo *-inh-*, uma hipótese corroborada por Monteiro (2002); para todos os efeitos, a todo esse conjunto de formas presas, nomeio como “sufixo *-inho*”. Em vista disso, esse afixo é analisado em virtude de sua alta produtividade e frequência no português do Brasil cujo uso tem razões históricas, sociais, culturais e linguísticas. Por consequência, o uso dessa forma e de suas múltiplas funções encadeia na necessidade de uma investigação sociocultural, estilística e tradutológica.

Após isso (cf. subseção 2.2), esta pesquisa segue para uma análise sociocultural da forma que é o sufixo *-inho*, inter-relacionando à sociedade, à língua e à cultura, pois uma influencia a outra numa interação dialética. Dessa maneira, os estudos da forma na subseção anterior contribuem para a segunda, tendo esta o objetivo de expandir a compreensão desse sufixo na língua portuguesa. Um dos principais pontos tratados, nessa segunda parte, é a exposição de Holanda (1995) sobre o homem cordial, isto é, a sociedade brasileira em geral. A natureza da cordialidade buarquiana é contrária à polidez e à individualidade e em nada tem a ver com o sentido aplicado no seu uso comum, pois ela se expressa a favor do social, onde toda a afetividade é exteriorizada e que recai, por exemplo, sobre a produtividade e a frequência do

² Ao longo desta pesquisa, os morfemas são apresentados entre chaves { }, os morfes entre colchetes [], os fonemas e os fones entre barras / /, os grafemas em letras maiúsculas e as formas presas (e.g. sufixos, prefixos e infixos) aparecem em *italico* seguidos e/ou sucedidos por um hífen -.

uso linguístico da forma e das funções que o sufixo *-inho* pode desempenhar. A produtividade e a alta frequência desse afixo no português brasileiro, também tratadas nessa subseção, são tão evidentes que o uso ocorre em palavras em diversas funções sintáticas, em hipocorísticos e em palavras lexicalizadas, associado a isto estão alguns pressupostos funcionalistas, para os quais a língua é icônica, motivada e não arbitrária. O que pode, portanto, auxiliar ainda mais na investigação da forma e das funções do sufixo *-inho* são os estudos desenvolvidos na sociolinguística e na estilística, pois abrangem, entre outras esferas, duas áreas sociais importantes: o indivíduo e o texto literário.

Em seguida (cf. subseção 2.3), por consequência das subseções anteriores, atendo-me a duas abordagens que utilizo para analisar o sufixo *-inho* no texto literário: a estilística e a linguística de corpus, mas que, a partir da conclusão de Fischer-Starcke (2010), as duas unem-se para o surgimento da estilística de corpus. Apresento o histórico e a definição de estilística cuja afiliação desta pesquisa está em muitas das perspectivas da estilística literária, que tem por fundador Leo Spitzer, de tal modo que busco o estilo no texto literário concernente ao uso do sufixo *-inho* e a estreita relação dessa utilização com aspectos socioculturais, considerando a exposição da afetividade no âmbito social. Em vista disso, tenho o estilo como um conjunto de escolhas regulares na língua que são influenciadas por questões históricas, sociais, culturais, linguísticas e/ou históricas. Em conjunto com a análise em estilística literária, valho-me também das estilísticas referentes a níveis linguísticos, a saber, as estilísticas fonológica, morfológica e da palavra. Para muito além da simples contabilização desse afixo, a linguística de corpus adiciona suas contribuições teórico-metodológicas neste trabalho cujo corpus literário analisado, muito provavelmente, não poderia ser investigado manualmente, pois os resultados quantitativos poderiam ficar comprometidos. Através da linguística de corpus, o texto literário foi compilado, observando a sua representatividade, extensão, especificidade e adequação em vista dos objetivos ora propostos. Além disso, esta pesquisa em estilística de corpus obedece a critérios de replicabilidade, verificabilidade e inovação. Considero, por conseguinte, que tanto a estilística quanto a linguística de corpus são utilizadas ao longo desta pesquisa por meio de interfaces que se traduzem na estilística de corpus.

Na última parte desta seção (cf. subseção 2.4), apresento o campo disciplinar em que este estudo se encontra: os estudos tradutológicos. Ainda que a linguística e a literatura tenham o seu lugar de destaque ao longo deste trabalho, é o uso da interdisciplinaridade reivindicada por James Holmes nos estudos tradutológicos que tenho aqui por objetivo final, por isso que os estudos descritivos em tradução e os estudos baseados em corpus em tradução são as subáreas da tradutologia que descrevo na quarta subseção e que, por conseguinte, contribuem para a

análise do sufixo *-inho* nos corpora comparável e paralelo ora investigados. As ponderações de Even-Zohar (1990) e Toury (1995), apresentadas nessa quarta subseção, sobre o texto traduzido trazem considerações pertinentes e que, para este estudo, têm contribuições diretas sobre o estilo do texto literário traduzido, inclusive, sobre a tradução do sufixo *-inho*. A título de exemplo, no corpus paralelo, há a autotradução de um texto literário ubaldiano que teve os direitos de publicação de sua tradução para a língua inglesa comercializados para três países anglófonos cujas taxas de textos traduzidos em seus polissistemas são baixíssimos. Então, quais as implicações desses polissistemas sobre essa tradução? As normas touryanas aplicam-se a esse texto literário? Há uma normalização nessa tradução? Com isso, os estudos baseados em corpus em tradução e o embasamento teórico-metodológico dessa área ajudam-me a analisar o texto traduzido em referência ao sufixo *-inho* tanto no corpus comparável monolíngue quanto no corpus paralelo bilíngue.

Esta seção, portanto, agrega a interdisciplinaridade presente nos estudos tradutológicos, em que linguística (sociolinguística, linguística de corpus, estilística, entre outras), estudos culturais, sociologia e tradutologia apresentam suas relações interdependentes para esta pesquisa.

2.1 Aspectos morfológicos do *-inho*: da palavra ao morfe(ma)

A morfologia, nos estudos linguísticos, tem por função o estudo da forma. Rosa (2005, p. 15) define forma como o plano da expressão e que se realiza em dois níveis: “os sons, destituídos de significado mas que se combinam e formam unidades com significado; e as palavras, as quais, por sua vez têm regras próprias de combinação para a composição de unidades maiores”. Rosa (2005) complementa sua definição ao afirmar que a palavra pode não ser o único objeto estudado em morfologia, pois o morfema pode também assumir como unidade fundamental no plano da expressão e do conteúdo, o que torna a morfologia uma área de estudo com ao menos dois focos de interesse: a palavra e o morfema, sendo este último pertencente às estruturas internas das palavras.

Ainda que o estudo morfológico tenha atualmente como principal foco os elementos linguísticos internos que formam a palavra, Monteiro (2002, p. 11) afirma que “forma, função e significado são elementos solidários e interdependentes, de tal modo que só num plano de abstração um existe sem os outros”. Com isso, o estudo da forma é indissociável do estudo da função e do significado imbricados nas palavras. Com a abstração desses dois últimos elementos (função e significado) e a permanência apenas da forma, Ribeiro, M. (2014, p. 17),

então, define que a morfologia está “em oposição à sintaxe como o estudo das formas linguísticas, no que diz respeito à sua estrutura interna, a seus processos de formação e à sua distribuição em diferentes classes”.

Até aqui, utilizo o termo *palavra* sem grandes distinções e implicações do que ele pode ter nos estudos em morfologia com outras expressões aparentemente equivalentes, a saber, *léxico* e *vocábulo*. O léxico não é definido consensualmente (CASTILHO, 2014b), podendo ser definido como “uma lista de irregularidades, de fatos imprevisíveis. Em outras palavras: faz-se uma lista daquilo que não pode ser captado (ou descrito) por uma regra, porque é excepcional de algum modo. O que pode ser apreendido por regras pertence à gramática” (ROSA, 2005, p. 88). Em vista disso, o léxico está disposto de forma que as regras morfológicas possam atuar sobre ele (FERRARI NETO, 2014; ROSA, 2005), ou seja, os itens lexicais (unidades reunidas no léxico) estão disponíveis para os usuários aplicarem sobre eles as regras encontradas na morfologia, o que implica dizer que *CASA*, *COMPUTADOR* e *CORAÇÃO* são entradas ou itens lexicais; mas *casinha*, *computadorzinho* e *coraçõezinhos* não: enquanto aquelas estão no léxico; estas são palavras derivadas e flexionadas daquelas, e, por isso, “não precisam estar estocadas no léxico” (FERRARI NETO, 2014, p. 52). Isto posto, “o léxico seria virtual, ou seja, psíquico. Sendo assim, é possível afirmar que um determinado dicionário, seja ele qual for, é improvável que o mesmo contenha todas as palavras de uma dada língua” (SOUZA, 2017, p. 203).

O vocábulo, por sua vez, pode ter um valor lexical ou um valor gramatical, através disso, entende-se que essas formas são quase tão abrangentes quanto possível, pois englobam as formas livres e dependentes, mas não as formas presas. As formas livres são, por exemplo, os verbos, os nomes e os pronomes, os quais apresentam “autonomia formal e fonológica e podem funcionar isoladamente como comunicação suficiente” (RIBEIRO, M., 2014, p. 22) e apresentam um significado lexical. As formas presas, por outro lado, não têm nem autonomia formal nem fonológica, estando sempre anexadas a outras formas, um exemplo disso são os sufixos derivacionais que indicam diminutivo sintético como em *letrinha*, *florezinhas* e *carrinho*. Por fim, as formas dependentes são consideradas “como tal os vocábulos que, mesmo tendo autonomia formal, não podem funcionar como comunicação suficiente, por serem essas formas desprovidas de autonomia fonológica” (RIBEIRO, M., 2014, p. 22), neste grupo, estão as preposições e as conjunções.

Monteiro (2002, p. 12, grifos do autor), por meio de uma definição por exclusão, reserva “o termo *palavra* somente para os vocábulos que apresentam significado lexical. É fácil tirar uma conclusão: *Toda palavra é vocábulo, mas nem todo vocábulo é palavra*”, pois, ao passo que as palavras são formas livres, os vocábulos, além dessas formas, abarcam as formas

dependentes também. O mesmo autor afirma que a palavra simboliza ideia, logo, possui um valor lexical que somente as formas livres podem ter. Consequentemente, a partir das definições apresentadas anteriormente, pode-se afirmar que uma abrange a outra, pois o léxico contém os vocábulos e as formas presas de uma língua; o vocábulo compreende somente as formas dependentes e as palavras; e, assim, a palavra é composta apenas pelas formas livres que possuem seu valor lexical, sendo estes os lexemas (puros, compostos simples e compostos complexos) e os vocábulos dêiticos (FERRARI NETO, 2014).

Nesta pesquisa, interessa-me toda forma linguística que seja composta pelo sufixo *-inho*, com isso, analiso elementos linguísticos que podem ir desde a estrutura interna desse item (como o morfema que indica diminutivo) até a composição como um todo, ou seja, a palavra. Dessa maneira, volto-me aos dois objetos de estudos da morfologia que foram apresentados no início desta seção (a palavra e o morfema); mas, desta vez, compreendendo o termo palavra num sentido amplo (*lato sensu*). Para os termos *léxico*, *vocábulo* e *palavra* com as definições anteriores, mencionarei como sendo pertencentes ao *stricto sensu*, sempre enfatizados e lembrados quando necessários.

Castilho (2014b, p. 111) apresenta cinco caracterizações do que seria a palavra. Para esta pesquisa, a palavra *lato sensu* contém simultaneamente todos os aspectos mencionados a seguir por Castilho (2014b), especialmente os requisitos (1), (3), (4) e (5) em sua totalidade, exceto o (2) que poderá cumprir parcialmente, já que as palavras nem sempre são compostas por prefixos ou sufixos graficamente evidentes.

A palavra pode ser caracterizada (1) fonologicamente por dispor de esquema acentual e rítmico; (2) morfologicamente por ser organizada por uma margem esquerda (preenchida por morfemas prefixais), por um núcleo (preenchida pelo radical) e por uma margem direita (preenchida por morfemas sufixais); (3) sintaticamente por organizar ou não um sintagma; (4) semanticamente por veicular uma ideia (enquanto sentença veicula uma proposição); (5) graficamente por vir separada por meio de espaços em branco.

Ressalto que se uma dada forma exercer apenas uma das características anteriores pode ocasionar uma definição restrita de palavra, tais como, a palavra fonológica³, a qual não é

³ A palavra fonológica não é considerada neste estudo, pois é “uma unidade formada por fonemas, sílabas e traços suprasegmentais [e] pode ser menor do que aquilo que desejamos considerar uma palavra no estudo morfológico” (ROSA, 2008, p. 77). Com isso, a autora ilustra que, em língua portuguesa, termos derivados em *-mente*, *-íssimo* e *-inho* são considerados duas palavras fonológicas se levados em consideração algumas regras específicas da fonologia. De maneira semelhante, Lee (1999) argumenta que o sufixo *-zinho* é uma palavra fonológica e, portanto, forma palavras pelo processo de composição. Em contrapartida, há casos que, se não fossem acatados os princípios dos estudos morfológicos, poder-se-ia considerar como apenas uma palavra, a saber neste caso, uma palavra fonológica: “uma sequência como disse-lhe, foneticamente [‘dʒisiɫi] na fala carioca, serve para ilustrar o problema. Formas átonas como o pronome *lhe* do exemplo agregam-se fonologicamente a outra palavra do

considerada neste estudo, ou a palavra gráfica⁴, cuja importância para esta pesquisa encontra-se principalmente ao longo dos procedimentos metodológicos (cf. seção 4).

Após definir o conceito de palavra para esta pesquisa, cabe observar o segundo e, atualmente, o mais proeminente interesse nos estudos morfológicos: o morfema, dado que a realização do sufixo *-inho* tem que ser analisado a partir dos estudos em morfologia derivacional, averiguando aspectos concernentes, por exemplo, à alomorfia – aspectos linguísticos que um dado morfema pode assumir – e à morfotática – combinações e distribuições que o morfema pode ter com outros morfemas (ROSA, 2008). Assim sendo, volto este estudo mais uma vez para o conceito de léxico, contudo, a partir de uma definição ampliada, reformulada e exposta por Souza (2017, p. 209), o qual afirma que o léxico ocupa um lugar de relevância e centralidade, tornando-o bem mais do que num “conjunto de palavras ou vocabulários, é antes de qualquer coisa, um conjunto constituído de unidades significativas (morfemas) de uma dada língua, do qual os falantes fazem uso”. Assim, o autor menciona uma definição diferenciada que, antes de ser um agrupamento de itens lexicais numa lista virtual de uma dada língua, o léxico é uma reunião dos morfemas constituintes desse idioma, os quais os locutores utilizam para a composição de palavras empregadas em seus enunciados. Essa concepção firmada do léxico serve para lembrar que os itens lexicais são formados também por unidades menores caracterizadas por traços morfossemânticos mínimos e que, para a

enunciado a eles contígua e recebem a denominação geral de *clíticos*” (ROSA, 2008, p. 78, grifos da autora). Assim como nos estudos de Rosa (2008, p. 80, grifos da autora), também desejo pôr de lado a palavra fonológica e ter, nesta pesquisa, o termo palavra como algo que seja considerado tanto para as formas livres como para as formas dependentes, uma vez que “em princípio queremos que formas livres e as formas dependentes façam parte do que entendemos como palavra. Assim, sequências como *os meninos* e *disse-lhe* serão aqui consideradas como compostas de duas palavras; o italiano *asociale* [...] como uma única”.

⁴ A palavra gráfica é “delimitada por separadores, i.e., por espaços em branco ou quebras de linha, mas também por sinais de pontuação ou ainda por letras de traçado diferenciado, consoante ocupem ou não a posição final na palavra escrita” (ROSA, 2005, p. 74). Na língua portuguesa, por utilizar-se do alfabeto latino, a palavra gráfica é delimitada por divisões perceptíveis em branco que a antecedem e a sucedem, de forma que, na sucessão de palavras, não há imbricações entre elas, diferentemente do que ocorre entre as letras (sinais gráficos) que compõem cada palavra gráfica. Além disso, não se pode olvidar que a palavra gráfica se configura como “uma sequência de sons que forma uma palavra na língua” (BASÍLIO, 2017, p. 13), caso contrário, é uma sequência arbitrária sem qualquer valor. O Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que entrou em vigência em 2009, foi um acordo em que, entre outros assuntos pertinentes à ortografia do português, modificou as palavras gráficas, o que fica mais evidente no novo uso do hífen. Antes do acordo, por exemplo, as locuções *ama de leite*, *ás de copas* e *ir e vir* deveriam ser escritas com hífen, destarte, *ama-de-leite*, *ás-de-copas* e *ir-e-vir* (GEIGER, 2009). O que antes eram consideradas como uma palavra gráfica, hoje são três itens distintos graficamente, pois estão separados e sem ligações gráficas entre si, neste caso, sem o hífen. Outras palavras gráficas, ainda que tenham deixado de usar o hífen, tornaram-se palavras formadas por justaposição, por exemplo, as palavras antecidas pelos morfemas *auto-*, *neo-*, *proto-*, *pseudo-* e *semi-*: “o novo Acordo Ortográfico eliminou o hífen quando o elemento seguinte começa por vogal (*autoanálise*), r (com duplicação do r: *semirreta*) ou s (com duplicação do s: *neossindicalismo*)” (CUNHA, C., 2008, p. 40, grifos do autor). A palavra gráfica, embora não seja o foco deste estudo, terá grande valia na descrição dos procedimentos metodológicos, tendo em vista a utilização da ferramenta computacional utilizada para a busca e análise do afixo *-inho* nos corpora comparável e paralelo.

composição desses itens e para a formação de outras palavras, é preciso ater-se a regras específicas da morfologia.

É necessário, pois, esclarecer como se dariam essas regras morfológicas para a formação de palavras. O uso dessas unidades significativas, chamadas de morfemas, refere-se a dois tipos de regras morfológicas: as regras de análise de estrutura (RAE) e as regras de formação de palavras (RFP) (FERRARI NETO, 2017; ROSA, 2008). Ferrari Neto (2014, p. 47) declara que “uma regra morfológica especifica os passos necessários para que um falante reconheça a estrutura interna de uma palavra, bem como para que ele crie um novo item lexical”, sendo a primeira as RAE e a segunda as RFP. Com as RAE, os falantes de uma língua específica identificam “a estrutura morfológica das palavras, assim como os seus elementos constituintes”. Através desse reconhecimento morfológico, os falantes podem perceber – conscientemente por meio de uma análise mórfica detalhada, por exemplo, ou inconscientemente, com isso quero dizer pelo uso corrente e diário da língua – que as palavras *rapidamente*, *carrinhos* e *desatualizações* são formadas por afixos como *-mente*, *-inho*, *-ção* e *des-*, considerando serem estes os morfemas sem suas desinências de número e não os seus morfes criteriosamente divididos em sua totalidade. Adiante, mencionarei aspectos mais detalhados dessas palavras sob o olhar de uma análise mórfica.

As RFP “são aquelas que são usadas para formar novas palavras, a partir dos elementos listados no léxico. Essas regras especificam o conjunto de elementos sobre os quais elas podem se aplicar, bem como o produto desta aplicação” (FERRARI NETO, 2014, p. 49). Por consequência, de maneira breve, as RFP regem as palavras *rapidamente*, *carrinhos* e *desatualizações* da seguinte maneira: i) o sufixo *-mente* foi adicionado à sua base, o adjetivo *rápido*, o que teve como resultado o advérbio de modo *rapidamente*; ii) em *carrinhos*, o substantivo *carro* sofreu derivação e flexão, pois foi acrescido do sufixo indicador de diminutivo sintético *-inho* e recebeu o morfema *-s* que assinala o plural; iii) em *desatualizações*, a palavra apresenta múltiplas perspectivas na análise mórfica, mas de maneira geral, constata-se a presença do prefixo *des-*, do sufixo *-ção* e do morfema flexional de número *-s* sobre a base primária verbal *atualizar*, o que se traduz num substantivo que indica ações inversas à progressão em direção ao novo. Para que tudo isso ocorresse, teve-se que obedecer às regras de formação de palavras na língua portuguesa, qualquer fuga dessas regras poderia resultar em desacato às RFP e em pseudopalavras. Com isso, poderiam não ser palavras pertencentes ao português e, possivelmente, a nenhuma outra língua natural conhecida. As exceções, por outro lado, ocorrem e enquadram-se dentro de um fenômeno que Ferrari Neto (2014) chama de

lexicalização⁵, podendo ser a lexicalização categorial, prosódica, estrutural, rizomórfica ou semântica. Em conclusão, a relação entre as RAE e as RFP são muito próximas, pois “no sentido em que toda vez que um falante cria um novo item lexical [por meio das RFP], ele demonstra conhecer a estrutura desse novo item [por meio das RAE]” (FERRARI NETO, 2014, p. 49).

A unidade mínima formal e atribuída de significado (FERRARI NETO, 2017; MONTEIRO, 2002; ROSA, 2008) presente nas RAE e nas RFP é o que mencionei até aqui de morfema. Monteiro (2002, p. 13, grifo do autor) ao definir a noção de morfema afirma que os estudos morfológicos estudam “a forma ou a estrutura interna das palavras. A estrutura é constituída de elementos associados e uma das tarefas será a de identificá-los. Eles constituem as menores unidades formais dotadas de significado, por isso, se denominam *morfemas*”. Rosa (2008, p. 43, grifo da autora) argumenta que, no século XX, preteriu-se a palavra em favor do morfema, assim, este “tornou-se a unidade básica da gramática e, por conseguinte, da morfologia – agora transformada em *morfologia baseada em morfemas*”. Rosa (2008, p. 50, grifos da autora), por meio de uma analogia, argumenta que cada um dos morfemas é como “um átomo de som e significado – isto é, um signo mínimo. Segundo tal perspectiva, a morfologia é o estudo desses átomos (a *alomorfia*) e das combinações em que podem ocorrer (a *morfotática*) – i.e., a *morfologia* é o estudo dos *morfemas e seus arranjos*”. Até aqui a noção de morfema parece ser precisa e clara, mas pode apresentar imprecisões frente aos termos morfe e alomorfe.

O morfe é a realização concreta através de uma forma sequencial fonêmica de um dado morfema, ou seja, “é a concretização de um morfema, [...] uma sequência fonêmica mínima a que se pode atribuir um significado” (MONTEIRO, 2002, p. 14), o que se contrapõe ao conceito de morfema que é abstrato e pode ocorrer mediante uma ou mais formas, não havendo uma relação perfeita de apenas um morfe para um morfema específico (MONTEIRO, 2002; RIBEIRO, M., 2014; ROSA, 2008). Nos hipocorísticos *Pedrinho*, *Joãozinho*, *Faustino* e *Pedim*, Monteiro (2002) demonstra que todos contém o morfema {inho}, respectivamente, por

⁵ Segundo Ferrari Neto (2014), há cinco tipos: i) a lexicalização categorial é a formação de palavras com bases distintas das estabelecidas pelas RFP, e.g. *avição* → *aviador*, esta palavra ao invés de vir de um verbo, adveio de um substantivo; ii) a lexicalização prosódica é uma exceção de um padrão prosódico estabelecido pelas RFP, e.g. *criticar* → *crítica*, esta palavra é proparoxítona, o que as RFP comumente guiariam para a composição de uma paroxítona; iii) a lexicalização estrutural é o resultado de uma anomalia na estrutura da palavra, e.g. *adotar* → *adoção*, o que, segundo as RFP, converter-se-ia na pseudopalavra *adotação**, pois não mudaria sua base; iv) a lexicalização rizomórfica ocorre quando há uma irregularidade na raiz da palavra derivada, e.g. *chuva* → *pluvial*; e v) a lexicalização semântica sucede quando o sentido muda para uma dada forma após a aplicação de uma RFP, e.g. *restaurar* → *restaurante*, neste caso, teria o sentido de ser “aquele que restaura”, porém, refere-se ao local comercial onde se pode comer. Este último tipo de lexicalização que levo em consideração nas palavras lexicalizadas com o sufixo *-inho*, por exemplo, *camisinha* (preservativo), *coxinha* (tipo de salgado) e *carrinho de mão* (transporte manual para material de construção).

meio dos morfes [inho], [zinho], [ino] e [im]; neste exemplo, portanto, há quatro morfes distintos para o mesmo morfema derivacional (MONTEIRO, 2002) ou morfema aditivo (ROSA, 2008) que é representado pelo sufixo *-inho*. Conclui-se que “o morfema é uma classe de morfes” (ROSA, 2008, p. 58), logo, o conjunto desses morfes constitui o fenômeno da alomorfia que são as concretizações das variações mórnicas de um morfema. Tendo em vista os estudos fonológicos, o morfema, o morfe e a alomorfia são por analogia, respectivamente, o fonema, o fone e a alofonia (MONTEIRO, 2002). Na breve diagramação em (1), resumo os três conceitos morfológicos apresentados: morfema, morfe e alomorfia, em que se lê: o morfema {inho} concretiza-se por meio de um conjunto alomórfico em que os morfes [inho], [zinho], [ino] e [im] alternam entre si.

$$(1) \{inho\} \rightarrow /[inho] \sim [zinho] \sim [ino] \sim [im]/$$

Sigo a classificação de morfes e morfemas descrita por Monteiro (2002), o qual classifica morfemas em lexical (núcleo semântico da palavra, raiz, lexema ou semantema), derivacional (morfemas anexados a formas primitivas – prefixos, infixos e sufixos – derivando formas secundárias), categórico (morfemas gramaticais ou morfemas flexionais, abrangendo as flexões de gênero⁶ e de número nos nomes, além das desinências verbais), relacional (morfemas que incluem as formas dependentes como preposições e conjunções) e classificatório (morfemas que incluem as vogais temáticas). O sufixo *-inho*, portanto, está incluído nos morfemas derivacionais desse autor. Já os morfes, o autor classifica-os em zero⁷, vazio, cumulativo, superposto, alternante, redundante e homônimo, os quais serão pormenorizados se necessário.

⁶ A questão do gênero, na língua portuguesa, pode ser representada por meio de sufixos derivacionais e/ou desinências a depender da posição do autor em vista. Evanildo Bechara, José Carlos de Azeredo, José Mário Botelho e Luiz Carlos de Assis Rocha são exemplos de teóricos que têm defendido uma nova perspectiva sobre o gênero, uma vez que argumentam que o gênero flexiona em adjetivos, mas não em substantivos, pois “para eles, o fato de a categoria Gênero, no nome, ser *inerente* – no sentido de *propriedade do lexema* que vimos anteriormente –, retira-a do âmbito da flexão: passa a identificá-la como *lexical* (porque idiossincrática, imprevisível), não flexional. Em outras palavras, para eles a adjunção de um *-a* faria parte dos fenômenos derivacionais do português” (ROSA, 2008, p. 126, grifos da autora). Ainda que a argumentação anterior seja pertinente para os estudos morfológicos e exija novos estudos por outros autores para a sua constante consolidação; para esta pesquisa, permanecerá com um posicionamento tradicional presente nas gramáticas de língua portuguesa, para que assim eu possa manter a simplificação nesta análise linguístico-cultural do sufixo *-inho*. Monteiro (2002, p. 87-88), ao justificar a mesma posição, menciona: “o grande problema para a aceitação [da primeira] proposta reside no fato de que, morficamente, o adjetivo tem sob esse aspecto o mesmo comportamento do substantivo. Como se pode entender que ambos são nomes, apenas diversificados quanto à função, afirmar que ocorre flexão, quando se trata de adjetivo, e derivação, quando o nome é substantivo, termina descaracterizando a flexão e a derivação como processos morfológicos. Se a coerência e a simplicidade são princípios que norteiam uma boa descrição, parece que tais princípios deixam de ser levados em conta, ao se admitir que o [a], embora seja desinência de gênero nos adjetivos, é sufixo derivacional nos substantivos”.

⁷ Monteiro (2002) define morfe zero como ausente, mas não como inexistente, desta maneira, na palavra *autor* [[[autor] Ø] Ø] a desinência de gênero e de número estão ausentes, mas não inexistentes. Se utilizado a técnica da

Ainda sob uma perspectiva ponderando as RAE, tem que se averiguar os diversos tipos de formas mínimas presentes nas palavras. Monteiro (2002) define essas formas mínimas como palavra simples, raiz, radical, tema e base, porém, além desses, a análise mórfica também leva em consideração os morfemas imbricados nas flexões e derivações verbais e nominais. Para essa análise das formas mínimas, Monteiro (2002, p. 38) menciona a comutação como um meio de evitar a arbitrariedade na investigação mórfica, pois fundamenta-se “no princípio de que tudo no sistema linguístico é oposição e consiste na substituição, pelo confronto, de uma forma por outra”. Para os termos *rapidamente*, *carrinhos* e *desatualizações*, tem-se, a seguir e respectivamente, as formas mínimas (2), (3) e (4).

(2) *Rapidamente*: raiz: [rapid]; radical: [rapidament]; vogal temática: [e]; tema: [rapidamente]; sufixo: [mente].

(3) *Carrinhos*: raiz: [carr]; radical: [carrinh]; vogal temática: [o]; tema: [carrinho]; sufixo: [inho]; desinência de gênero: [Ø]; desinência de número: [s].

(4) *Desatualizações*: raiz: [atual]; radical: [desatualizaçõ]; vogal temática: [e]; tema: [desatualizaçõe]; prefixo: [des]; sufixo: -ção; desinência de gênero: [Ø]; desinência de número: [s].

Numa análise mórfica, os três exemplos mencionados anteriormente após serem submetidos aos princípios da comutação, são destrinchados, respectivamente, em (5), (6) e (7) segundo as RAE e obedecendo às RFP da língua portuguesa. Observo que a leitura é de dentro para fora, seguindo a numeração nos colchetes.

(5) ${}_2[{}_1[\text{rapid}(\text{o})] \text{ mente}]$

(6) ${}_3[{}_2[{}_1[\text{carr}(\text{o})] \text{ inho}] \text{ s}]$

(7) ${}_5[{}_4[\text{des } {}_3[{}_2[{}_1[\text{atual}] \text{ iza}(\text{r})] \text{ çõe}] \text{ s}] \text{ ou } {}_5[{}_4[\text{des } {}_3[{}_2[{}_1[\text{atual}] \text{ iza}(\text{r})] \text{ çõe}] \text{ s}]^8$

comutação, na palavra *autoras* [[[autor]a]s] está presente ambas as desinências anteriormente ausentes, gênero por meio do morfe [a] e número pelo morfe [s]. Embora alguns teóricos mencionem ser morfema zero, Ribeiro, M. (2014) também argumenta que o morfema é representado pelo plano de conteúdo e não pelo plano de expressão, que cabe aos morfemas. Logo, a ausência da informação está tão somente no plano de expressão.

⁸ Esses dois últimos vocábulos são, respectivamente, formados como estão expressos a seguir: *atual* → *atualizar* → *atualização* → *desatualização* → *desatualizações*₁; *atual* → *atualizar* → *desatualizar* → *desatualização* → *desatualizações*₂. Isto ocorre, pois, ainda que sejam sinônimos, nascem de bases anteriores distintas: o primeiro (*desatualizações*₁) tem o prefixo unido anteriormente a uma base substantiva deverbal por sufixação (*des* + *atualização*) e constitui-se o antônimo de uma base anterior (*atualização*) no plural, o que indica ausências ou faltas de atualizações (OLIVEIRA, S., 2004); o segundo (*desatualizações*₂) também tem por base imediata a palavra *desatualização*, mas o prefixo foi anexado a uma base verbal (*des* + *atualizar*), além de ser mais produtivo

Em relação ao sufixo *-inho*, apresento suas propriedades linguísticas a partir de uma perspectiva sincrônica da língua portuguesa, apesar de que eventualmente a diacronia possa ser de grande valia para solucionar questionamentos e esclarecer qualquer indefinição, assim como advogado no estudo executado por Santana (2017). Para uma exemplificação disso, são as investigações que buscam relacionar a forma e o significado, o que é advertido por Monteiro (2002, p.75): “se, porém, o linguista decide levar em conta a relação intrínseca entre forma e significado, enfrentará sérios problemas quando o significado de um morfema não for facilmente percebido em termos sincrônicos”. Outra observação feita por Santana (2002, p. 68, grifos do autor), para estudos que consideram aspectos sincrônicos, é a observância de que um dado morfema na diacronia pode ser considerado como parte de uma palavra simples na sincronia: “assim ocorre com *ovelha*, *abelha* ou *agulha*. [Estas palavras] provieram respectivamente de *ovicula*, *apicula* e *acucula*, com os seguintes significados de *ovelhinha*, *abelhinha* e *ponta pequena*”, logo, ele afirma que segmentar o termo *abelha* em [ab] + [elha] se torna incorreto, pois [elha] não é um morfe(ma) derivacional, mas parte de uma palavra simples.

Uma língua natural pode apresentar, nas suas formas morfológicas, diversos tipos de afixos, tais como: confixos, circunfixos, interfixos, infixos, prefixos, sufixos e transfixos, embora nem todas essas classificações sejam um consenso entre os linguistas. A língua portuguesa, se levada em consideração as sete classificações, apresenta quase todas essas variedades de afixos, exceto o transfixo (MONTEIRO, 2002). Para indicar o diminutivo em português através de uma forma presa, por sua vez, pode ser expresso através de prefixos (derivação prefixal), sufixos (derivação progressiva) e infixos (derivação infixal).

Os prefixos são morfemas que são unidos às raízes, “modificando o significado do vocábulo primitivo” (MONTEIRO, p. 56). Santana (2017) afirma que algumas palavras

para este afixo a junção à bases verbais, tem por significado o ato de desfazer uma ação ou um estado (OLIVEIRA, S., 2004), neste caso, refere-se ao ato de desfazer a atualização. Assim, para esta segunda análise mórfica, *desatualizações*² apresenta mudanças perceptíveis no seu nível semântico. Ao tratar deste assunto, Monteiro (2002, p. 39) adverte que há “a possibilidade de que uma palavra complexa encerre mais de uma relação semântica entre os seus morfemas, havendo pois relações morfológicas distintas entre seus constituintes”, tendo em vista que se levou em consideração regras distintas de formação de palavras (RFP). Uma terceira possibilidade de análise mórfica é considerar o conceito de circunfixo, ou seja, um morfe inserido, simultaneamente, no início e no final de uma base. Assim, *desatualizações* é segmentado em quatro níveis distintos: 4[3[2[des 1[atual]iza(r)] çõe] s], consequentemente, esta palavra é formada da seguinte maneira: *atual* → *desatualizar* → *desatualização* → *desatualizações*. Porém, considero a hipótese de ramificação binária, a qual “só se pode aplicar um afixo de cada vez para se formar uma nova palavra” (MONTEIRO, 2002, p. 64), porém, desconsidero-a para termos que contenham bases inexistentes (estas estão representados pelo asterisco) no processo de formação da palavra, por exemplo, em *entristecer* que não pode ser composto por *triste* → **tristecer* → *entristecer* ou *triste* → **entriste* → *entristecer*, nestes casos, portanto, julgo ser possível a ocorrência de circunfixos.

formadas por meio de derivação prefixal apresentam a noção diminutiva, logo, um dos tipos de diminutivo sintético. Todavia, o autor menciona serem bem menos frequentes ao longo da história da língua portuguesa, ocorrendo por meio de *micro-*, *mini-*, *hipo-* e *sub-*, sendo os dois primeiros os mais frequentes e sempre com valor denotativo (BASÍLIO, 2017). Esses prefixos apresentam a ideia de algo diminuto, reduzido, pequeno, mínimo, inferior, escasso, minúsculo, insuficiente ou menor. Alguns exemplos podem ser mencionados: microcomputador (computador reduzido de uma versão anterior), minidicionário (dicionário pequeno ou minúsculo), hipotensão (pressão insuficiente ou diminuta frente à que é esperada) e subdesenvolvimento (desenvolvimento menor ou inferior).

Apesar disso, Santana (2017) argumenta que são os sufixos que mais representam os diminutivos sintéticos no português, ocorrendo com maior produtividade e frequência. Os sufixos são morfemas adicionados às raízes das palavras, podendo ser sufixos derivacionais ou flexionais. O sufixo *-inho* pertence àqueles, o que, por consequência, segue as regras derivacionais. Cabe salientar que a morfologia flexional tem caráter obrigatório; a morfologia derivacional é opcional, logo, não tem a função de flexionar palavras e agregar valor gramatical, mas ela caracteriza-se por ser “o conjunto de processos segundo os quais novas palavras são criadas no português, ampliando e enriquecendo o léxico” (FERRARI NETO, 2014, p. 41). Em torno desses conceitos sobre as morfologias flexional e derivacional, Monteiro (2002, p. 162) também declara:

Daí se justifica por que as regras da flexão organizam paradigmas distintos dos derivacionais. É que inexistente a possibilidade de escolha entre diversas desinências para a indicação de uma dada categoria. O plural só possui um morfema flexional e assim se aplicará em tese à totalidade dos nomes. Na flexão verbal, cada tempo ou pessoa gramatical tem igualmente uma só desinência. Se houvesse muitos morfemas flexionais com a mesma função, a distribuição passaria a ser aleatória, como acontece no processo derivacional.

Monteiro (2002, p. 55-56) afirma que, diferentemente dos prefixos, os sufixos apresentam ao menos seis características próprias, pois i) “não se destacam com muita facilidade. Em alguns casos, só o rigorismo da técnica da comutação dirá onde começa e acaba um sufixo”; ii) “depois do destaque, resta geralmente só um pedaço de palavra”; iii) “não podem ser empregados como formas livres ou dependentes, aparecendo sempre agregados às raízes ou radicais”; iv) “não alteram fundamentalmente o significado do semantema”; v) “muitos sufixos servem para mudar a classe ou função da palavra”; e vi) “diferentemente dos prefixos, podem indicar as categorias gramaticais dos vocábulos”. Além disso, Ferrari Neto (2014, p. 66) assegura que a derivação sufixal “é o processo mais produtivo do português, em razão da grande variedade de resultados

que produz”. Gonçalves (2016, p. 48) também declara “que a sufixação tem sido – e ainda é – a principal fonte de novas palavras complexas em português (assim como em muitas outras línguas)”.

Os aspectos sufixais que envolvem os sufixos diminutivos em língua portuguesa são representados por muitas formas, Cunha, C. (2008), considerando morfemas e seus alomorfes, apresenta uma lista de ao menos 22 sufixos: *-inho*, *-zinho*, *-ino*, *-im*, *-elho*, *-ejo*, *-ilho*, *-acho*, *-icho*, *-ucho*, *-ebre*, *-eco*, *-ico*, *-ela*, *-ete*, *-eto*, *-ito*, *-zito*, *-ote*, *-isco*, *-usco* e *-ola*. Ao observar o fenômeno da alomorfia sobre esses e outros sufixos diminutivos, como proposta sem intenção de ser definitiva e/ou exaustiva, apresento os sufixos possíveis em língua portuguesa que indicam diminutivo, baseando-me na gramática proposta por Cunha, C. (2008) e no inventário de sufixos de Monteiro (2002). Em (8), apresento os sufixos e, em (9), exponho exemplos em ordem respectiva ao seu sufixo referente, estes, sempre que possível, são indicados em Cunha, C. (2008), Monteiro (2002) ou Santana (2017).

(8) *-inho*, *-zinho*, *-ino*, *-im*, *-acho*, *-icho*, *-ucho*, *-eco*, *-ico*, *-zico*, *-oco*, *-oroco*, *-iço*, *-ola*, *-alho*, *-elho*, *-ilho*, *-ulho*, *-ulo*, *-culo*, *únculo*, *-ão*⁹, *-isco*, *-usco*, *-ebre*, *-ejo*, *-elo*, *-ela*, *-ema*¹⁰, *-eto*, *-ete*, *-ito*, *-zito*, *-oto*, *-ote*, *-orote*, *-uto*, *-ute*, *-icar*, *-iscar*, *-uscar*, *-ixa*, *-olar* e *-ular*.

(9) Carrinho, paizinhos, pequenino, espadim, riacho, barbicha, gorducho, soneca, burrico, Arturzico*, beijoca, Cidoroca*, aranhão, bandeirolas, migalha, grupelhos, cartilha, fagulha, glóbulo, gotícula, homúnculo, cordão, chuva, chamosco, casebre¹¹, lugarejo, magrelo, viela, lexema, saleta, disquete, pequenito, florzita, perdigoto, filhotes, Chicorote*, Chicuta*, Chicute*, bebericar, chuveirar, chamoscar, lagartixa, cantarolar e batucar.

Para este inventário de sufixos derivacionais que indicam diminutivo, não foram consideradas sequências de sufixos, pois nem sempre indicam sufixos diminutivos como na palavra *ramallete* que se constitui pela formação: *ramo* → *ramalho* → *ramallete*. Na análise mórfica, o vocábulo constitui-se da seguinte maneira: $\text{3}[\text{2}[\text{1}[\text{ram(o)}]\text{alh(o)}]\text{ete}]$. Além disso, sinalizo com asterisco (*) hipocorísticos mencionados por Monteiro (2002).

Nesta pesquisa, o objeto de estudo principal no corpus de língua portuguesa aqui analisado são os morfemas *[inho]* e *[zinho]* do morfema *{inho}*, levando também em consideração

⁹ É um sufixo que raramente indica diminutivo sintético, embora haja, assim como no exemplo dado por Monteiro (2002): a palavra *cordão* derivada de *corda*.

¹⁰ Monteiro (2002, p. 173) não declara explicitamente que esse sufixo indica diminutivo, mas que é “muito frequente na nomenclatura linguística [e que] significa a menor unidade distintiva”.

¹¹ Este é o único exemplo em língua portuguesa (MONTEIRO, 2002) e constitui-se num sufixo de baixíssima produtividade. Além de indicar algo pequeno, a sua carga semântica tende a expressar depreciação.

o infixo *-inh-*, dessa maneira, reúno para a análise os morfemes que contenham o fonema nasal palatal /ɲ/, logo, alomorfes sem grandes mudanças morfofonêmicas (SILVA; KOCH, 2005). Basílio (2017) sugere que o morfe [zinho] parece funcionar como alternativa em ambientes fonológicos em que o morfe [inho] não atua: bases finalizadas em ditongo, em consoante ou em vogal acentuada, porém, a autora assegura que os morfemes não impõem restrições absolutas a essa regra, já que há palavras que alternam o uso com esses alomorfes (*brinquedinho* e *brinquedozinho*). Na mesma ocasião, Basílio (2017, p. 72) afirma que, além do [zinho] manter “a linha geral da acentuação tônica da palavra base”, este morfe “não impede a flexão de gênero e número na palavra base. [Com isso,] a flexão é feita não apenas no sufixo, mas também na base”. O morfe [zinho] assume características muito especiais, pois, para Monteiro (2002), este morfe tem propriedades de um sufixóide, tendo em vista a sua autonomia fonética e mórfica, algo que lembra as considerações de Lee (1999). Lima (2009), por outro lado, também analisa esse morfe a partir dos pressupostos da desgramaticalização, ou seja, o sentido inverso da gramaticalização, o retorno de um item gramatical para item lexical, dessa forma, o autor advoga que o sufixo *-zinho* pode se apresentar ora em função adjetiva (e.g. *anelzinho* → *anel zinho* → *anel pequeno*) ora em função substantiva (e.g. *um zinho*). Já na pesquisa desenvolvida por Freitas e Barbosa (2013), os sufixos *-inho* e *-zinho* são duas formas diferentes e que variáveis sociolinguísticas (diatópica, diagenérica e etária) podem determinar o uso destas formas. Assim, numa análise mórfica, tudo isso torna-se um fator dificultador para distinguir quais os tipos de morfe(ma)s que estruturam a palavra, Monteiro (2002, p. 62, grifos do autor) exemplifica:

Observe-se a formação do plural dos diminutivos terminados em [zinho], como em *florzinha* → *florezinhas*. Se dissermos que o segmento [e] constitui um infixo, admitimos que foi inserido em *florzinha* ao mesmo tempo que a desinência de plural, à semelhança de um morfe descontínuo. Se entendermos que se trata de um interfixo, diremos que foi colocado antes do sufixo, que assim pôde receber a desinência. Mas, desde que o [z] pode ser interpretado também como interfixo, estamos diante de dois interfixos contíguos, o que parece inteiramente fora de propósito. E, se tomarmos um par do tipo *cãozinho* → *cãezinhos*, somos tentados a ver uma alternância submorfêmica /o/ ~ /e/, o que pode ainda tomar mais complicada a análise.

Apesar de não ser pormenorizado e nem mesmo diferenciado em detalhes ao longo da minha análise, o infixo é outro tipo de afixo que pode indicar o diminutivo sintético nas palavras. Segundo Monteiro (2002, p. 63), o infixo “é um morfema aditivo; aparece no interior de uma palavra; [e] contém um significado”. Nesse tipo de afixo, o diminutivo pode ocorrer por meio do infixo *-inh-* em palavras que são do gênero masculino com o tema em [a] (MONTEIRO, 2002), este autor dá como exemplo as palavras *cineminha*, *sambinha* e

probleminha. Apesar de muitos alegarem a inexistência de infixos no português, Monteiro (2002, p. 62) assegura que identificou “alguns casos na língua portuguesa que, salvo melhor entendimento, constituem exemplos legítimos de infixação”. Um desses exemplos são os já mencionados casos indicativos de diminutivo que ratificam o pensamento desse autor:

É oportuno refletir um pouco sobre o fenômeno. Se levarmos em conta uma das regras morfofonêmicas formuladas para a aplicação dos sufixos em português, teremos que admitir a obrigatoriedade da elisão da vogal do tema, desde que é átona e a do morfe [inh] é tônica. Assim: *cinema* + *inho* = *cinemainho* → *cineminho*. [...] Por que então, em português, o diminutivo em [inh] das palavras masculinas terminadas em /a/ não segue esta regra? Uma explicação lógica só pode ser a de que o morfe [inh] é acrescentado dentro e não depois da base. E é mesmo curioso que essa inserção ocorre com [inh], porém não com a variante sufixal [zinho]: *problemazinho*, *cinemazinho* (MONTEIRO, 2002, p. 63).

Monteiro (2002, p. 218) advoga em favor do infixo *-inh-* por meio dos hipocorísticos¹² *Dominguinhos*, *Carlinhos* e *Marquinhos* que, por serem prenomes terminados em /s/, podem “ter esse fonema deslocado para depois do sufixo, fenômeno que analisamos como gerador de uma possível infixação do morfe diminutivo”. Contudo, nesta pesquisa, a derivação sufixal em *-inho* e a derivação infixal em *-inh-* são tidas como similares, em vista de simplificar a análise linguístico-cultural aqui proposta. Consequentemente, refiro-me a ambas derivações como sufixo *-inho*, eliminando aqui a nomenclatura de infixo, porém sem negar a sua existência nos estudos morfológicos.

Por sua grande produtividade e frequência na língua portuguesa, o sufixo *-inho* foi escolhido para este estudo. A produtividade está relacionada às condições de “possibilidades de formação, que são livres desde que se respeite a gramática da língua” (FERRARI NETO, 2014, p. 57). A frequência está associada a quantas vezes essa forma aparece num dado corpus, levando em consideração todas as ocorrências de todas as suas possibilidades de formação. Santana (2017) verificou no Corpus do Português (organizado por Mark Davis e Michael Ferreira), que, no período do século XX, o sufixo *-inho* teve alta frequência, o que se pode supor que tenha também alta produtividade nessa sincronia. Entre as diferentes formas que indicam o sufixo diminutivo, os morfemas [inho] e [zinho] alcançaram aproximadamente 79,3% de todas as ocorrências para este tipo de sufixo e que, a partir desta porcentagem, 71,5% referem-se ao morfe [inho] e 28,5% corresponderam ao morfe [zinho].

¹² Hipocorístico é a modificação de um antropônimo (nome) de forma a utilizá-lo como um meio de demonstrar apreço; numa definição mais restrita, os hipocorísticos são alterações morfofonêmicas de prenomes ou sobrenomes (MONTEIRO, 2002). Ademais, “pode-se afirmar que todo hipocorístico é um apelido, mas nem todo apelido é, de fato, um hipocorístico” (GONÇALVES, C., 2016, p. 73).

Embora possa ocorrer em outras funções, as palavras sufixadas por *-inho* tendem a desempenhar funções substantivas ou adjetivas (cf. seções 5 e 6) . Enfatizo que “não se deve confundir *classe* com *função*. O nome, o pronome e o verbo são classes; o substantivo, o adjetivo e o advérbio são funções. As classes são estudadas dentro da morfologia; as funções pertencem [à] sintaxe” (MONTEIRO, 2002, p. 226).

O sufixo *-inho*, a priori, não altera a classe da palavra, pois está entre os processos de formação de palavras que sufixam palavras sem mudar sua classe, neste caso, a expressão do grau (BASÍLIO, 2017). Até aqui tratei da sufixação pelo *-inho* como um processo que emite a noção de tamanho reduzido, ou seja, a função denotativa (BASÍLIO, 2017), mas há outras posições que esse afixo desempenha nas palavras, Basílio (2017, p. 71) apresenta também a função expressiva (avaliação, apreciação, afetividade ou depreciação) e a função discursiva (atenuação de pedido ou oferta), podendo ser sobre o objeto a que se refere ou “dirigida ao interlocutor, caso em que a utilização do diminutivo pode marcar o discurso inteiro como discurso afetivo. Os casos mais comuns são a fala com crianças e o discurso amoroso”. Quanto à função discursiva, esta parece desempenhar aspectos relacionados à polidez nos diversos tipos de enunciados, mas com um estudo atento sobre a cultura brasileira e a cordialidade buarquiana pode-se levar a uma conclusão totalmente distinta (cf. subseção 2.2). Chaves (2006), na busca por categorizar as funções do sufixo *-inho*, observou ao menos oito funções em seu corpus de estudo: ponto de vista negativo, carinho, apego, ironia, piedade, malícia, modéstia e eufemismo. Entretanto, o uso e as funções do afixo *-inho* serão novamente pormenorizados com o foco no emprego da expressividade deste sufixo especialmente na linguagem em textos literários (cf. seção 6).

Esta subseção teve por finalidade apresentar o diminutivo em língua portuguesa através de formas presas, isto é, as possibilidades de formação de palavras que indicam diminutivos por meio de afixos, com especial atenção ao sufixo *-inho*. Este sufixo, por apresentar maior produtividade e frequência no português (SANTANA, 2017) foi o escolhido para ser investigado ao longo deste estudo. Após uma análise da forma e das possibilidades do diminutivo em língua portuguesa, apresento, a seguir, as características socioculturais atreladas ao uso do sufixo *-inho* no português do Brasil, tendo em vista que o estudo da forma tem sua relevância para compreender esse fenômeno linguístico, mas para compreender em sua totalidade, também se pondera a língua na interação social, o que abrange a relação de interdependência entre sociedade, língua e cultura.

2.2 Aspectos socioculturais do *-inho*: sociedade, língua e cultura

A comunicação em sociedade entre os seres humanos é feita por meio das diferentes formas que a linguagem pode se expressar e, em muito dos casos, é realizada especificamente por meio das línguas naturais, logo, as línguas exercem funções básicas e fundamentais, por exemplo, “para que possamos falar uns com os outros” (BASÍLIO, 2017, p. 9). A língua é, então, um instrumento de comunicação (BARROS, 2015), sem jamais se dissociar da cultura. Petter (2015, p. 11, grifo da autora) afirma que a língua pode até ser autônoma em algum nível se considerar apenas os aspectos concretos da produção e da organização de sons, palavras e frases (fonologia, morfologia e sintaxe), mas “como expressão de emoções, ideias, propósitos, no entanto, ela é orientada pela *visão de mundo*, pelas injunções da realidade social, histórica e cultura de seu falante”. Em vista disso, atento-me para o fato que “a língua(gem) reflete a cultura e a cultura pode moldar a língua(gem)” (DUDLEY-EVANS; ST. JOHN, 1998, p. 66, tradução minha¹³). A partir de um viés funcionalista, então, concebe-se “a linguagem como um instrumento de interação social, alinhando-se, assim, à tendência que analisa a relação entre linguagem e sociedade” (FURTADO DA CUNHA, 2016, p. 157), uma percepção de linguagem coerente com a que trato nesta seção. Assim, os aspectos aqui expostos estão interligados, pois língua, cultura e sociedade são elementos interdependentes e de presença diária na vida de qualquer indivíduo. Em conclusão, a língua é parte da cultura além de uma construção social, assim como descrita por Makoni e Meinhof (2006, p. 193, grifos dos autores):

Uma língua é uma invenção, uma construção, exatamente como outras categorias, “tempo” por exemplo. Ao falar de tempo como construção, não se contesta o fato geográfico de que a terra gira em torno de um eixo, mas isso aplica dizer que a significação do tempo tem uma base social e variável. De modo similar, o que é socialmente construído nas línguas é uma “língua” e não uma categoria natural, “língua”. É importante distinguir entre aspectos “naturais” sobre a língua daqueles que são o resultado de intervenções culturais. Uma capacidade para a “linguagem” é natural aos humanos, mas as “línguas” são um produto de intervenções sociais e históricas.

Em vista disso, nesta seção, exponho algumas relações possíveis que há entre língua, mais precisamente dos aspectos morfológicos do sufixo *-inho* no português do Brasil, e alguns aspectos socioculturais desse país, por exemplo, a cordialidade brasileira a partir da perspectiva de Holanda (1995). Esses enfoques sociolinguístico-culturais formam aqui também um tripé interdependente em que causa e consequência são difíceis de serem distinguidas e talvez

¹³ “Language reflects culture and culture can shape language” (DUDLEY-EVANS; ST. JOHN, 1998, p. 66).

intercambiáveis entre si. No caso do sufixo *-inho* do português brasileiro, a língua, a cultura e a sociedade apresentam-se por meio do *homem cordial* de Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil* (1995), mas antes devo mencionar as principais nuances que se encontram na cordialidade buarquiana.

Holanda (1995) decide utilizar-se de um termo cunhado por Ribeiro Couto – poeta, romancista paulista e membro da Academia Brasileira de Letras – em correspondências enviadas ao embaixador mexicano Alfonso Reyes (BEZERRA, 2005). Entretanto, o conceito descrito pelo poeta é o mesmo do uso frequente e diário que denota afeição, amabilidade, amizade, cortesia, hospitalidade, receptividade e sinceridade, com valor semântico praticamente oposto ao empregado no pensamento buarquiano que se utiliza do étimo da palavra *cordial* para dar significado, ou seja, Holanda (1995, p. 207) usa “em seu sentido exato e estritamente etimológico” do latim *cordialis*, relativo ao coração. Bezerra (2005, p. 127) retrata essa oposição de pontos de vista da seguinte maneira: “[...] ao ibero-americano pleno de disponibilidade sentimental, ao homem sempre bom de Ribeiro Couto opõe-se o brasileiro de Sérgio, bom e mau a um só tempo, mas essencialmente avesso à polidez que não seja ditada pelo coração”. Apesar das distorções que fizeram sobre a perspectiva buarquiana de cordialidade nos brasileiros, ela se tornou insigne: “Seguindo o caminho dos conceitos que se popularizam, o ‘homem cordial’ não seria diferente: causou polêmica entre intelectuais, ganhou interpretações diversas e expandiu-se no gosto popular” (BEZERRA, 2005, p. 129, grifo da autora).

Em vista disso, Holanda (1995, p. 146) define o *homem cordial* a partir do valor que sua raiz etimológica oferece, o que indica que a “lhaneza no trato, hospitalidade e generosidade” dele não são sinais de boas maneiras ou de civilidade “são antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante” (HOLANDA, 1995, p. 147). O comportamento do brasileiro em sociedade é regido por regras relativas ao coração, por isso, não há apenas amabilidade e hospitalidade, mas cordialidade e suas emoções correlatas, pois “a inimizade bem pode ser tão cordial como a amizade, nisto que uma e outra nascem do coração, procedem, assim, da esfera do íntimo, do familiar, do privado” (HOLANDA, 1995, p. 205). O autor, então, afirma que aquela atitude polida do *homem cordial* reconhecida pelos estrangeiros se disfarça perfeitamente por trás das aparências que esse trato possa apresentar socialmente, configurando ser um apego ao familiar, ou seja, exatamente o oposto do que seja a polidez.

A polidez para Holanda (1995, p. 147) é uma proteção que o indivíduo tem nas interações do convívio social diário, um meio de obter resistência e imposição do individual perante o social: “equivale a um disfarce que permitirá a cada qual preservar intatas sua sensibilidade e

suas emoções”. Nos estudos pragmáticos, a Teoria da Polidez¹⁴ corrobora com tal percepção, pois apresenta temas sobre o uso da língua entre as pessoas em sociedade, considerando a preservação ou a apreciação da face de cada um dos indivíduos, pois, “segundo os estudiosos da polidez, as pessoas tendem a cooperar entre si para manter a face na interação, agindo de modo a assegurar a autoimagem de todos os participantes” (WILSON, 2016, p. 97).

A face “é construída pelo indivíduo e está associada às situações sociais e interacionais nas quais se manifestam determinadas habilidades ou condutas como polidez, tato e diplomacia” (WILSON, 2016, p. 97), por isso, “refere-se à imagem pública, negociada e interiorizada pelo falante, que este quer ver socialmente aprovada, segundo as normas e valores estabelecidos pelos membros de uma comunidade” (RODRIGUES, J., 2014, p. 158). A face pode ser ameaçada por meio dos atos de ameaça à face (AAF), que podem ser direcionadas às faces positiva ou negativa, por isso, de maneira sucinta, a conservação e a reparação das faces caminham em conjunto com a indiretividade: “a polidez linguística consiste em basicamente reparar (ou corrigir) as afrontas feitas à face de um indivíduo por meio de um AAF imposto por outro indivíduo” (RODRIGUES, J., 2014, p. 161). A face positiva está relacionada aos desejos, aos sentimentos e às vontades do interlocutor, quando o falante não considera essas áreas, pode configurar um AAF positiva; por outro lado, a face negativa atrela-se à intimidade e à liberdade que cada indivíduo tem, portanto, um AAF negativa ocorre no constrangimento do falante sobre seu interlocutor para realizar ou não uma ação (RODRIGUES, J., 2014). Wilson (2016, p. 100) esclarece que a face negativa é a “reivindicação básica para a privacidade e a preservação pessoal, isto é, o desejo de não imposição [e a face positiva a] autoimagem positiva incluindo o desejo de ser apreciado e aprovado”.

Em virtude disso, a polidez e a indiretividade do falante objetivam estimar a face positiva e resguardar a face negativa do seu interlocutor e, portanto, são sinônimos de valorização e respeito à individualidade, “armado dessa máscara, o indivíduo consegue manter sua supremacia ante o social. E, efetivamente, a polidez implica uma presença contínua e soberana do indivíduo” (HOLANDA, 1995, p. 147). Conforme exposto por Wilson (2016, p. 100), Brown e Levinson (cf. nota de rodapé 14, p. 39) percebem que o conteúdo da face se distingue nas mais diversas culturas, entretanto, eles creem que “o conhecimento mútuo da autoimagem pública ou faces dos indivíduos, associado à necessidade social para se orientar na interação, é

¹⁴ Segundo Rodrigues, J. (2014) e Wilson (2016), a Teoria da Polidez tem como precursores teóricos Penelope Brown e Stephen Levinson e está presente como um dos estudos linguístico-pragmáticos, os quais estão sempre centrados no uso, além disso, esta teoria utiliza-se do conceito de *face* elaborado por Erving Goffman e do *princípio de cooperação* desenvolvido por Herbert Paul Grice.

universal”. Ao *homem cordial*, não lhe interessa essa individualidade, logo, não faz uso da polidez, mas da cordialidade buarquiana, uma vez que ele deseja ter relações mais próximas e familiares com os outros: “sua maneira de expansão para com os outros reduz o indivíduo, cada vez mais, à parcela social, periférica, que no brasileiro – como bom americano – tende a ser a que mais importa” (HOLANDA, 1995, p. 147). Uma manifestação linguístico-cultural desse comportamento é o uso diário e indiscriminado do sufixo *-inho* pelos brasileiros:

No domínio da linguística, para citar um exemplo, esse modo de ser parece refletir-se em nosso pendor acentuado para o emprego dos diminutivos. A terminação “inho”, aposta às palavras, serve para nos familiarizar mais com as pessoas ou os objetos e, ao mesmo tempo, para lhes dar relevo. É a maneira de fazê-los mais acessíveis aos sentidos e também de aproximá-los do coração. Sabemos como é frequente, entre portugueses, o zombarem de certos abusos desse nosso apego aos diminutivos, abusos tão ridículos para eles quanto o é para nós, muitas vezes, a pieguice lusitana, lacrimosa e amarga. Um estudo atento das nossas formas sintáticas traria, sem dúvida, revelações preciosas a esse respeito (HOLANDA, 1995, p. 148).

Holanda (1995) evidencia que o uso do afixo *-inho* pertence aos brasileiros, se comparado aos portugueses, não que estes não o utilizem, até porque este afixo faz parte da formação de palavras na língua portuguesa, mas, numa perspectiva cultural, o sufixo *-inho* sinaliza o *homem cordial* nos brasileiros.

De maneira semelhante, Walker (2019a), em reportagem publicada pela BBC intitulada *Cervejinha e barzinho: por que o brasileiro ama falar no diminutivo*, afirma que “para muitos brasileiros, é como se uma montanha de diminutivos mudasse o sabor de suas palavras nesse processo”. Na mesma publicação, alguns entrevistados expressam posição parecida com a perspectiva de Holanda (1995) constatada no estrato anterior: “Carine Malagolini, de São Paulo, diz que os diminutivos são uma forma de conversa infantil que os brasileiros nunca deixaram para trás” (WALKER, 2019a, n.p.). Outro entrevistado é o professor da Universidade de Brasília, pesquisador e linguista, Marcos Bagno que esclarece na reportagem: “o diminutivo em ‘inho’ e ‘inha’, além de indicar o tamanho pequeno de algo, traz uma sensação de bondade e afeição – muito característicos (sic) do espírito brasileiro” (WALKER, 2019a, n.p., grifos do autor), a esse espírito, traduz-se a cordialidade buarquiana, a qual é mais bem percebida nos ritos religiosos em que os santos católicos são tratados com tal intimidade que exclui os rituais padrões existentes na religião (HOLANDA, 1995). Um outro exemplo na reportagem expõe a não percepção do uso do afixo *-inho*, já que o uso da língua pode ser feito de maneira consciente ou inconsciente, ou seja, “não refletir conscientemente o efeito e o valor que as palavras causam” (CHAVES, 2006, p. 13), por exemplo, “Suzana Vaz, do Rio de Janeiro, é uma das muitas brasileiras que adoram usar diminutivos. Antes de falarmos deste hábito linguístico, ela

admitiu que nunca tinha realmente notado o quanto ela os usava” (WALKER, 2019a, n.p.). Nestes trechos publicados pela BBC, percebe-se o uso do sufixo conforme a perspectiva de Holanda (1995): o relevo dado a eles no discurso, a aproximação deles ao coração do falante e a familiarização com as pessoas e com os objetos enunciados, ações estas realizadas pelo *homem cordial* no seu convívio social e que, neste caso, o faz por meio de um aspecto morfológico, isto é, a formação de palavras com o sufixo *-inho* através de processo derivacional.

Holanda (1995) menciona que essas características atreladas aos diminutivos também foram percebidas em investigações realizadas na língua espanhola por diversos estudiosos da linguagem humana: ele cita os folcloristas, os gramáticos e os dialetólogos. Segundo esses pesquisadores, o uso constante do diminutivo no espanhol é um traço percebido em regiões espanholas da península ibérica, entretanto, foi constatado principalmente no continente americano e que indica ser uma característica cultural, regional e advinda da área rural. Amado Alonso afirma que é cultural e socialmente aceita essa comunicação que busca uma amabilidade recíproca e também declara que as zonas rural e dialetal, em oposição à área urbana e a algumas classes sociais, valorizam as relações interpessoais mais próximas, o que é refletido em como é utilizada a língua(gem), logo, esses usuários da língua espanhola são contrários às convenções sociais que preconizam a valorização da polidez, da individualidade e da inexpressividade dos sentimentos, portanto, Alonso (1935, p. 117-118 apud HOLANDA, 1995, p. 207) declara:

A profusão destas formas [...] denuncia um caráter cultural, uma forma socialmente plasmada de comportamento nas relações coloquiais, que é a reiterada manifestação do tom amistoso em quem fala e sua petição de reciprocidade. Os ambientes rurais e dialetais que criaram e cultivam essas maneiras sociais costumam ser avessos aos tipos de relações interpessoais mais disciplinadas das cidades ou das classes cultas, porque os julgam mais convencionais e mais insinceros e inexpressivos do que os seus.

Com isso, há implicações na tradução, dada a aproximação não somente geográfica, como também linguístico-cultural entre os hispanófonos e lusófonos latino-americanos. No caso brasileiro, Holanda (1995, p. 205, grifos do autor) afirma ser uma atitude semelhante, originada no patriarcado e na reunião dos costumes rurais, mas não restrita a essa zona, pois alcança a totalidade da população e das regiões brasileiras, a princípio, sem distinção social “cuja marca o cosmopolitismo dos nossos dias ainda não conseguiu apagar. Pode-se dizer que é um traço nítido da atitude ‘cordial’, indiferente ou, de algum modo, oposta às regras chamadas, e não por acaso, de *civilidade* e *urbanidade*”. O que na língua inglesa pode ser restrito para usos comunicativos específicos, os brasileiros de modo geral utilizam essa forma

para os mais diversos fins, pois, enquanto no inglês os “diminutivos são vistos como algo infantil (gatinho, cãozinho, mamãezinha¹⁵), todo mundo no Brasil, de políticos a médicos, utiliza-os sem qualquer indício de ironia” (WALKER, 2019a, n.p.).

Outra característica a ser mencionada é a busca da minimização do individual em favor do social por meio de nomes e hipocorísticos. O *homem cordial* tende a favorecer o prenome e esquecer do sobrenome (nome de família), assim, as relações permanecem íntimas, familiares e próximas dos falantes e de seus interlocutores (HOLANDA, 1995). Holanda (1995, p. 148) menciona, além desse exemplo descrito anteriormente, o caso nas relações com os santos do catolicismo em que o distanciamento é mitigado por meio de ritos menos ortodoxos e hipocorísticos formados pelo sufixo *-inho*:

Nosso velho catolicismo, tão característico, que permite tratar os santos com uma intimidade quase desrespeitosa e que deve parecer estranho às almas verdadeiramente religiosas, provém ainda dos mesmos motivos. A popularidade, entre nós, de uma santa Teresa de Lisieux — santa Teresinha — resulta muito do caráter intimista que pode adquirir seu culto, culto amável e quase fraterno, que se acomoda mal às cerimônias e suprime as distâncias. [Em contraste com a sociedade japonesa,] no Brasil é precisamente o rigorismo do rito que se afrouxa e se humaniza.

Ainda na citação de Holanda (1995) sobre o uso indiscriminado do sufixo *-inho* pelo brasileiro, o autor menciona os portugueses como pessoas que desdenham do apego que os brasileiros têm a esse afixo. Em vista disso, o convite que Holanda (1995) faz para uma análise linguística dessa forma e desse uso presente na variedade do português brasileiro é uma das propostas desta pesquisa, pois inclui arcabouços teórico-metodológicos da linguística, da literatura, da tradutologia e da estilística de corpus para desenvolver um estudo que seja abrangente com relação a esse sufixo.

A partir da corrente linguística funcionalista, um estudo do sufixo *-inho* vai além de uma análise estrutural da sua forma, pois o seu enfoque é mais amplo, englobando o seu contexto de uso e as motivações para a sua existência e ocorrência, uma vez que a língua, no polo funcionalista, é “um instrumento de comunicação que não pode ser analisado como um objeto autônomo, mas como uma estrutura maleável, sujeita a pressões oriundas das diferentes situações comunicativas, que ajudam a determinar sua estrutura gramatical” (MARTELOTTA; KENEDY, 2015, p. 14) e “que uma dada estrutura da língua não pode ser proveitosamente

¹⁵ No texto de partida publicado em língua inglesa, os exemplos mencionadas também contêm formas que designam o diminutivo, o que indica formas linguísticas semelhantes, mas com funções diversas, pois, no português do Brasil, as funções não surgem tão somente nos enunciados pertencentes às interações com crianças: “and while in English diminutives are often seen as a little childish (kitty, doggy, mummy), everyone in Brazil, from politicians to medical doctors, use them without any hint of irony” (WALKER, 2019b, n.p.).

estudada, descrita ou explicada sem referência à sua função comunicativa” (FURTADO DA CUNHA, 2016, p. 163). Então, se as relações sociais estão justapostas à língua, “a estrutura da língua reflete, de algum modo, a estrutura da experiência” (FURTADO DA CUNHA, 2016, p. 167; FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2015, p. 22), o que, para esta pesquisa, cabe dizer que a forma *-inho* reflete a estrutura da experiência humana, mais precisamente, da percepção social e cognitiva dos brasileiros. Com efeito, essa mesma forma pode expressar conteúdos diversos diretamente relacionados àquela estrutura da experiência, haja vista que é possível ocorrer a “correlação entre uma forma e várias funções, ou entre uma função e várias formas. O uso do sufixo *-inho* ilustra o primeiro caso” (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2015, p. 23). Os funcionalistas compreendem que a estrutura linguística não é arbitrária, mas que há motivação natural entre a forma e o conteúdo, o que é denominado de iconicidade: “a essas tendências, que se manifestam paralelamente à arbitrariedade, refletindo algum tipo de motivação, os funcionalistas chamam de *iconicidade*” (MARTELOTTA; KENEDY, 2015, p. 19, grifo dos autores). O sufixo *-inho*, portanto, é um caso relevante para ilustrar que a língua é icônica e motivada linguisticamente, assumindo “os pressupostos teóricos da Linguística Funcional [...] de que a *função* determina a *forma* e não o inverso” (SOUZA, 2017, p. 216, grifos do autor).

A iconicidade, diferentemente da arbitrariedade saussuriana¹⁶, constitui-se através da motivação, a qual é definida “como a relação de necessidade estabelecida entre uma palavra e seu sentido ou, aproveitando a própria estrutura do termo, como um fenômeno característico de determinadas palavras que refletem um *motivo* para assumirem uma forma em vez de outra” (WILSON; MARTELOTTA, 2016, p. 75, grifo dos autores). Ademais, Souza (2017) explica que a motivação funcional opera sobre a forma e a determina. A motivação que considera a arbitrariedade relativa, conforme Wilson e Martelotta (2016), pode ser de três tipos, sem impedir que formas híbridas possam transcorrer: as motivações fonológica, morfológica e semântica, tendo como exemplos respectivos, as onomatopeias (*tique-taque*, *bling-blong* e *cof-cof*), as palavras formadas por derivação ou composição (*escritor*, *barbeiro* e *passatempo*) e as

¹⁶ De acordo com Wilson e Martelotta (2016), Ferdinand de Saussure estabelece a relação de arbitrariedade dentro do signo linguístico, ou seja, sendo o signo constituído do significante (imagem acústica) e do significado (conteúdo), ambos estão interconectados por um vínculo arbitrário, sem qualquer motivação, um argumento corrente para essa abordagem linguística é afirmar que há diversos significantes (estruturas sonoras) para fazer referência a um mesmo significado, por exemplo, as palavras *coche* em espanhol, *Auto* em alemão, *voiture* em francês, *macchina* em italiano e *car* em inglês fazem todos referência ao vocábulo *carro* em português. Aqui não faço referência às particularidades linguístico-culturais no processo e no resultado tradutórios, muito menos advogo que haja a relação linguística perfeita de um termo para outro termo em línguas distintas, mas tão somente estou considerando o argumento saussuriano de que há arbitrariedade na escolha de diferentes significantes em diferentes línguas para um mesmo significado, neste caso, o veículo utilizado para o transporte de pessoas.

figuras de linguagem como catacrese, metáfora ou metonímia (*pé da cadeira*, *o cabeça do grupo* e *beber uma garrafa*). Para cada motivação linguística anteriormente descrita, o motivo para a criação da palavra está relacionado à semelhança da estrutura sonora de um ruído (*cof-cof*: o som de uma tosse), à formação de palavras em que os morfemas foram escolhidos por causa do significado que eles podem produzir (*barbeiro*: a análise mórfica ${}_2[{}_1[\text{barb(a)}] \text{ eiro}]$ apresenta o morfe [barb(a)], que representa os pelos que crescem na parte inferior do rosto, e o morfe [eiro], que é relativo à profissão ou ocupação) ou às analogias dos sentidos que as palavras podem expressar (*o cabeça do grupo*: já que a cabeça contém o órgão que guia e orienta o corpo, na expressão, *o cabeça* é o líder, o mandante ou o coordenador do grupo). Todavia, Wilson e Martelotta (2016) afirmam que mesmo que sejam razões para indicar alguma motivação, ainda que relativa, os formalistas percebem tais exemplos como arbitrários, pois seja qual for a palavra em qualquer idioma nunca terá sua estrutura sonora (significante) pura e exclusivamente motivada pelo conteúdo a que se refere (significado). Por fim, Wilson e Martelotta (2016, p. 77) concluem que

as noções de arbitrariedade e de motivação (ou iconicidade) não são exclusivas, ou seja, não constituem antônimos, mas antes visões diferentes de um mesmo fenômeno. A noção de arbitrariedade observa exclusivamente a relação existente entre o som e o sentido da palavra, já a noção de motivação ou iconicidade leva em conta o fato de o falante, de algum modo, fazer corresponder a forma da palavra com o significado que ele expressa.

O princípio da iconicidade, na sua forma mais branda, compreende ao menos três subprincípios, os quais abordarei com exemplos que contenham o sufixo *-inho* em obras literárias ubaldianas. Há os subprincípios da quantidade, da integração e da ordenação sequencial, este último subdividido em dois: os subprincípios da ordenação linear e da relação entre ordem sequencial e topicalidade (FURTADO DA CUNHA, 2016).

O subprincípio da quantidade diz que “quanto maior a quantidade de informação, maior a quantidade de forma” (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2015, p. 23), neste caso, é simples exemplificar, pois qualquer forma que contenha o sufixo diminutivo *-inho* já indica maior quantidade de forma e, por conseguinte, abrangerá maior quantidade de informação. Por consequência, Souza (2017, p. 217) afirma que há uma relação mútua entre iconicidade e informação, pois “será mais icônico aquilo que é mais informativo para os interlocutores”.

Para o subprincípio da integração, por sua vez, entende-se “que os conteúdos que estão mais próximos cognitivamente também estarão mais integrados no nível da codificação”

(FURTADO DA CUNHA, 2016, p. 168). Essa separação linguisticamente codificada representa o distanciamento cognitivo entre elas, ou seja, “o subprincípio da integração correlaciona a distância linear entre expressões à distância conceptual entre as ideias que elas representam” (FURTADO DA CUNHA, 2016, p. 169).

Por último, o subprincípio da relação entre ordem sequencial e topicalidade está associado à importância que uma dada informação assume e a sua respectiva posição na qual irá ser linguisticamente apresentada, ou seja, a “conexão entre o tipo de informação veiculada por um elemento da cláusula e a ordenação que ele assume [, o que] pode ser visto no fato de que informações velhas, ou já mencionadas, tendem a ocorrer no início da cláusula e informações novas, no final” (FURTADO DA CUNHA, 2016, p. 169). Com tudo isso em vista, Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2015, p. 25) afirmam:

Conclui-se que a língua não é um mapeamento arbitrário de ideias para enunciados: razões estritamente humanas de importância e complexidade refletem-se nos traços estruturais das línguas. As estruturas sintáticas não devem ser muito diferentes, na forma e organização, das estruturas semântico-cognitivas subjacentes. Como opção teórica, o princípio da iconicidade, em sua formulação atenuada, permite uma investigação detalhada das condições que governam o uso dos recursos de codificação morfossintática da língua.

Para esta pesquisa, o subprincípio da quantidade é o que se tem em vista com maior ênfase, pois o uso do diminutivo sintético através do sufixo *-inho* implicará numa forma ampliada contendo mais informação, já o seu oposto implicará em menos conteúdo: “aquilo que é simples e esperado se expressa com o mecanismo morfológico e gramatical menos complexo” (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2015, p. 24). Portanto, palavras com esse afixo tornam a mediação tradutória um tanto mais laboriosa a depender da língua-cultura para a qual a tradução se destina. Como visto anteriormente, a relação entre esses diminutivos em língua portuguesa assemelha-se linguístico-culturalmente aos diminutivos em língua espanhola, especialmente, nos países latino-americanos (HOLANDA, 1995), o que, neste exemplo, pode-se ter uma tradução desimpedida de grandes obstáculos linguístico-culturais dada a aproximação linguística, sociocultural e histórica.

Ao conceber a língua como icônica, motivada e não arbitrária, a formação e o uso das palavras de um dado idioma estão sujeitos às necessidades linguísticas, sociais e culturais do falante, pois “a iconicidade sinaliza que a língua é icônica e que a estrutura está a serviço da função” (SOUZA, 2017, p. 218). Com relação ao sufixo *-inho*, não é diferente, a sua formação e o seu uso estarão interconectados com língua, cultura e sociedade, assim como tenho apresentado até aqui. A partir deste ponto, tem-se em vista as razões para estruturar e usar

formas com o sufixo *-inho*. As RFP cuidam da estruturação das formas, mas a iconicidade transparece a motivação. Gonçalves (2016) apresenta cinco razões para a criação de palavras com novas formas ou com modificações de significado das já existentes: i) para nomear novas experiências; ii) para expressar-se por meio de uma classe diferente; iii) para fazer o texto progredir; iv) para expressar um ponto de vista; e v) para identificar-se com um grupo social. Essas funções são apresentadas por Basílio (1987 apud GONÇALVES, C., 2016), respectivamente, por função de rotulação, função de adequação categorial, função textual, função atitudinal e função indexical.

No caso de palavras com o sufixo *-inho*, elas podem ocorrer, especialmente, nas funções de rotulação, de adequação categorial, atitudinal e indexical. A função de rotulação utiliza-se de empréstimos ou de formas já contidas na língua para a criação de palavras a fim de rotular novos(as) significados, conteúdos, funções: “aparecem palavras novas quando novos fenômenos ocorrem ou quando surge um conceito diferente ou, ainda, um objeto é inventado. Assim, temos a necessidade de nomeá-los para nos referirmos a eles” (GONÇALVES, C., 2016, p. 12). Um exemplo é a palavra *chapinha*, substantivo popularizado para nomear um tipo de ferramenta utilizada para modelar o cabelo de forma a torná-lo liso. Após a criação desse instrumento, decidiu-se, além de outros nomes, usar-se da referência às chapas opostas que em altas temperaturas modelam os fios capilares, geralmente, crespos ou cacheados. Nesta função, ocorrem os casos de palavras lexicalizadas com este sufixo, como no exemplo anterior.

A função de adequação categorial também pode estar relacionada às palavras sufixadas por *-inho*. Ainda que nessa função se criem palavras para adequarem “sintaticamente o conteúdo de outra” (GONÇALVES, C., 2016, p. 14), ou seja, a mudança de classe, algo que a priori não ocorre com esse afixo, há casos possíveis se for considerado o processo de derivação imprópria que abrange quatro fenômenos: substantivação, adjetivação, adverbialização e gramaticalização (MONTEIRO, 2002). Ao dizer que “há um homem irritadinho com a circunstância ali”, pode-se afirmar também que “ali há um irritadinho com a situação”, de adjetivo (*homem irritadinho*) tornou-se num substantivo (*um irritadinho*), o que configura uma substantivação.

Outra possibilidade é a função atitudinal cuja motivação para a criação de palavras é o desejo por expressar um determinado ponto de vista por meio de “marcas morfológicas, o que justifica afirmar que o significado dos afixos pode se alterar pragmaticamente (em função do contexto ou da interação linguística)” (GONÇALVES, C., 2016, p. 21). Nesta função, a formação de palavras sufixadas pelo *-inho* tem uma abrangência bem maior, posto que a função deste sufixo não é de apenas determinar a dimensão diminuta de algo, mas novos significados

também podem ser estabelecimentos pragmaticamente. Assim esclarece Gonçalves (2016, p. 24, grifos do autor) sobre esta função:

A função atitudinal tem um alcance ainda maior: pode envolver a manifestação de carinho, ternura, amor, simpatia/empatia, não somente em relação a pessoas – como é o caso da formação de hipocorísticos (*Alê*, para *Alexandre*; *Dé*, para *André*) e das modificações expressivas (*mamis*, para *mamãe*, e *papis*, para *papai*) –, mas também em relação a outros seres animados (*leãozinho*, para *leão*); pode ser a expressão de compaixão (*tadinho*) ou atenuar condições miseráveis, deficiências e males (*aleijadinho*). Por outro lado, pode envolver a manifestação de desprezo (*livreco*, *velhote*), a designação de coisas de pouco valor ou de pouca importância (*namorico*) ou formas de tratamento depreciativo (*gentalha*, *alcoviteiro*). Em resumo, essa função revela tudo o que passa pelo crivo do emissor, por isso o termo *atitudinal*.

Quanto à função indexical, Gonçalves (2016, p. 26, grifo do autor) declara ser a formação de palavras motivadas pelo uso (ou não) de uma forma, considerando suas características morfofonológicas, que indique aspectos sociolinguístico-culturais do usuário: “de base sociolinguística, a *função indexical* não constitui propriedade exclusiva dos processos morfológicos, dependendo, também, da prosódica que tais construções requerem”. Além disso, ele afirma que a função indexical tem por objetivo a “veiculação de traços sociolinguísticos [e o uso em] formações em que é possível detectar características do falante, como idade e sexo” (GONÇALVES, C., 2016, p. 28). Entre os vários exemplos que o autor expõe, há um que ratifica as constatações de Basílio (2017) e Walker (2019a, 2019b): o uso do sufixo *-inho* relacionado às variações linguísticas (GONÇALVES, C., 2016). Assim, percebe-se a criação de palavras sufixadas e lexicalizadas com o sufixo *-inho* motivadas por ao menos quatro funções que Gonçalves (2016) apresenta.

A criação de palavras também está relacionada ao fenômeno da lexicalização. O conceito de lexicalização pode compreender diversas percepções entre distintos autores (SOUZA, 2017), aludindo tanto à formação abrangente de novos itens lexicais na língua quanto ao processo que ocorre paralelamente à gramaticalização. Para o primeiro conceito, cito Castilho (2014a, p. 91-92) que afirma:

A Lexicalização é o processo de criação das palavras, por meio da etimologia (lexicalização ocorrida na língua-fonte), neologia (lexicalização ocorrida na língua-alvo), derivação (lexicalização ocorrida no interior da língua alvo, por meio do desdobramento de itens previamente existentes), ou por meio de empréstimo lexical (lexicalização ocorrida por contacto linguístico). [...] Durante a interação, o falante e o ouvinte tomam decisões sobre como lexicalizar e como administrar o Léxico, que propriedades ativar, reativar ou desativar. Essa administração estabelece um conjunto de *momentos*, termo tomado aqui em seu sentido etimológico de *movimento*.

Em vista disso, Castilho (2014a) advoga que a lexicalização contribui para o enriquecimento do léxico por meio de novas palavras atreladas ao seu étimo, a neologismos, a derivações e a empréstimos, cabendo aos falantes as operações de estocagem e gerenciamento do léxico através da ativação, reativação ou desativação de tais formas. A partir desta perspectiva, “a lexicalização é sistemática e por isso propicia a rotinização de formas, permitindo, deste modo, o enriquecimento do léxico” (SOUZA, 2017, p. 231). Por exemplo, o vocábulo *camisinha* pode referir-se a uma camisa pequena, palavra formada por meio de processo derivacional, ou a um preservativo, palavra estruturada por meio da “lexicalização ocorrida no interior da língua alvo, por meio do desdobramento de itens previamente existentes” (CASTILHO, 2014a, p. 91). Neste segundo caso, Ferrari Neto (2014) faz referência a um tipo específico de lexicalização: a lexicalização semântica (cf. nota de rodapé 5, p. 28).

Por outro lado, a lexicalização pode ser vista como um fenômeno que ocorre paralelamente à gramaticalização e que eventualmente afigura como desgramaticalização (LIMA, 2009), em suma, a lexicalização abrange a passagem de componentes gramaticais para o léxico e a gramaticalização o inverso. Contudo, não quero dizer que os itens lexicalizados e os gramaticalizados são seus correspondentes inversos perfeitos, mas que o processo, que também é diferente, transpõe os itens para lados opostos na língua em determinada diacronia: a lexicalização para o léxico, a gramaticalização para a gramática. “Pode-se concluir que ambos os processos são motivados, em regra, tanto por fatores cognitivos quanto por fatores comunicativos e apresentam características diferentes” (SOUZA, 2017, p. 229). Cabe salientar que a gramaticalização tem um sentido amplo (*lato sensu*), ou seja, como “o processo de constituição da gramática” (CASTILHO, 2019b, p. 138)¹⁷, e outro restrito (*stricto sensu*), estando este contido naquele:

O termo *gramaticalização*, portanto, é tomado em dois sentidos relacionados: a gramaticalização *stricto sensu* se ocupa da mudança que atinge as formas que migram do léxico para a gramática; a gramaticalização *lato sensu* busca explicar as mudanças que se dão no interior da própria gramática, compreendendo aí os processos sintáticos e/ou discursos de fixação da ordem vocabular [...] Dessa forma, a gramaticalização é interpretada como um processo diacrônico e um contínuo sincrônico que atingem tanto as formas que vão do léxico para a gramática como as formas que mudam no interior da gramática (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2015, p. 43 e 45, grifos dos autores).

¹⁷ Castilho (2014b, p. 138, grifo do autor) continua sua explanação sobre o que seria a gramaticalização: “A gramaticalização é habitualmente definida como um conjunto de processos por que passa uma palavra, durante os quais (i) ela ganha novas propriedades sintáticas e semânticas; (ii) transforma-se numa forma presa; (iii) e pode até mesmo desaparecer, como consequência de uma cristalização extrema. O exemplo clássico é dado pela gramaticalização do verbo *haver*”.

Neste estudo, lido muito mais com o processo de lexicalização do que com o de gramaticalização e, além de estudar os processos derivacionais de diminutivos com o sufixo *-inho*, o foco também abrange as formas que contêm este afixo, mas que se tornaram novos itens lexicais, logo, o sufixo perde suas propriedades derivacionais anteriores para fazer parte do léxico, ou seja, parte de uma nova palavra com novo valor semântico. Em ocasião anterior (cf. nota de rodapé 5, p. 28), apresentei alguns tipos de lexicalização que são trabalhados por Ferrari Neto (2014), dentre as quais, a lexicalização semântica cuja categoria está relacionada às palavras lexicalizadas com o afixo *-inho*; retomo suas propriedades por meio do mesmo autor: “lexicalização semântica: ocorre quando o sentido de uma forma gerada pela aplicação de uma RFP é distinto do previsto inicialmente. [...] Como se vê, na lexicalização semântica, um novo sentido é atribuído à formação nova, diferente do que seria previsto pela regra de formação” (FERRARI NETO, 2014, p. 51, grifo do autor). Além dessa definição, Gonçalves (2011 apud SOUZA, 2015) expõe pensamento semelhante, pois afirma ser o tipo mais comum de lexicalização e cita exemplos como *coxinha*, *raspadinha*, *amarelinha* e *quentinha*. Em vista disso, os “produtos de uma operação morfológica nem sempre serão interpretados pela soma dos significados de suas partes, uma vez que o acréscimo de um afixo pode levar a opacificações de sentido, em proveito da rotulação” (GONÇALVES, 2011, p. 41 apud SOUZA, 2015, p. 86), por isso, as palavras anteriores em itálico só poderão ser compreendidas, respectivamente, como um alimento, um jogo de sorte, uma brincadeira e uma refeição se tão somente estiverem cercadas por um texto coerente que os apresentem como tal.

O sufixo *-inho* nos diversos contextos apresentados é icônico, motivado e não arbitrário seja por meio do processo derivacional ou através da lexicalização. Como expus em subseção anterior (cf. subseção 2.1), a produtividade com a derivação progressiva (sufixação) é a que mais produz palavras complexas em língua portuguesa (GONÇALVES, C., 2016), ou seja, a possibilidade de criação de novos termos é maior com sufixos e, entre os sufixos diminutivos, o morfema {inho} é o que apresenta tanto maior produtividade quanto maior frequência em língua portuguesa (SANTANA, 2017). Advogo que tal fenômeno ocorra no português brasileiro com maior produtividade e frequência, pois o sufixo *-inho* é iconicamente motivado a existir e a ser usado por causa das necessidades sociolinguístico-culturais do *homem cordial* exposto por Holanda (1995). Tais necessidades podem ser maiores ou menores a depender das variações (socio)linguísticas¹⁸ a serem consideradas: diatópica, diacrônica, diamésica, diafásica

¹⁸ As variações linguísticas, estudadas principalmente em sociolinguística, são diferenças linguísticas que ocorrem em diversos aspectos presentes na sociedade: a diatópica refere-se à região geográfica; a diacrônica observa as alterações ao longo do tempo em diversas sincronias; a diamésica está relacionada ao tipo de texto enunciado (oral

(ou estilística), diagenérica e etária. Na pesquisa de Freitas e Barbosa (2013), as autoras consideraram o uso dos sufixos *-inho* e *-zinho* a partir das variações diatópica, diagenérica e etária. Santana (2017), por sua vez, optou por realizar uma pesquisa que levasse em conta a variação diacrônica (histórica). Já Silva, P. (2019a) conduziu um estudo estilístico de corpus para averiguar, a partir das variações diatópica e diafásica, a frequência do sufixo *-inho*. Outro exemplo é o trabalho de Oliveira e Wilson (2015) que analisam, entre outros assuntos, a ocorrência do sufixo *-inho*, atentando para a variação diamésica. Em todos estes estudos, o sufixo *-inho* apresentou maior ou menor proeminência em determinadas variações linguísticas a depender das necessidades e das restrições que os usuários tiveram no emprego deste afixo. Por exemplo, Santana (2017) observou alta frequência do morfema {inho} no século XX; Silva, P. (2019a) expôs que, em corpus paralelo monolíngue, o subcorpus literário do português brasileiro abrangeu 70,47% de todos os itens sufixados por *-inho*, incluindo os morfemas [inho] e [zinho]; e, na pesquisa de Oliveira e Wilson (2015, p. 101), concluiu-se que “o sufixo *-inho* é motivado (a) pela natureza discursiva (gênero: descrição do local); (b) pela qualidade [...] do local descrito; (c) pelo tipo de interação que a informante estabelece com o ambiente”. As diversas perspectivas teórico-metodológicas desses estudos linguísticos enfocam o uso social do sufixo *-inho* em diversos contextos, embasando-se por meio da sociolinguística, da linguística funcional, da estilística, da linguística de corpus e da linguística histórica o uso da forma e da função concernente a esse sufixo, entrelaçando em alguma medida a reciprocidade que há entre língua, sociedade e cultura.

Em síntese para esta seção, a sociedade, a cultura e a língua, numa relação interdependente, “propicia[m] e desencadeia[m] o uso de recursos morfossintáticos que refletem a *estrutura da experiência*, consequentemente, a estrutura de mundo” (OLIVEIRA; WILSON, 2015, p. 100, grifo das autoras), neste caso, o uso do sufixo *-inho*. Na próxima subseção, atendo-me aos aspectos estilísticos de corpus que envolvem esse sufixo.

2.3 Aspectos estilísticos de corpus do *-inho*: estilística ou linguística de corpus?

Do morfe(ma), da palavra, da língua, da cultura e da sociedade já foram tratados até aqui, cabe apresentar as abordagens com quais lido sobre o texto literário, a saber, a estilística e a linguística de corpus (LC). Embora, a princípio, sejam duas perspectivas distintas e possíveis de lidar com a literatura, ao final, apresento somente uma: a estilística de corpus (EC), uma das

ou escrito); a diafásica, também conhecida por variação estilística, é alusivo ao idioleto do usuário; a diagenérica corresponde ao gênero (homem ou mulher); e a etária relativa à idade.

mais novas interfaces de ambas as abordagens, e, nesta pesquisa, compete a esta estilística a análise do sufixo *-inho*, em busca de implicações linguístico-culturais desse afixo.

De acordo com Silva, M. (2009, p. 177), a literatura não está isolada da sociedade e nem esta está daquela, ambas relacionam-se mutuamente, pois a literatura “é criada dentro de um contexto; numa determinada língua, dentro de um determinado país e numa determinada época, onde se pensa de uma certa maneira; portanto, ela carrega em si as marcas desse contexto”, o que torna a literatura uma produção social. De maneira semelhante e quase conclusiva, Fiorin (2015, p. 7) retrata a relação recíproca entre língua, sociedade, cultura e o texto literário:

De um lado, um literato não pode voltar as costas para os estudos linguísticos, porque a literatura é um fato de linguagem; de outro, não pode o linguista ignorar a literatura, porque ela é a arte que se expressa pela palavra; é ela que trabalha a língua em todas as suas possibilidades e nela condensam-se as maneiras de ver, de pensar e de sentir de uma dada formação social numa determinada época.

Em vista desse elo, a abordagem que utilizo sobre a obra literária é a estilística de corpus, uma vez que, de acordo com Simpson (2004), a estilística está voltada para a linguagem e seu contexto sociocultural, cognitivo e espaço-temporal imediato. A estilística tem como propósito a interpretação textual baseada em achados linguísticos (SIMPSON, 2004) e essas descobertas podem proporcionar o estudo da língua dado o seu valor heurístico (SIMPSON, 1997). Assim, segundo Simpson (1997), o primeiro seria o potencial crítico que a estilística tem; o segundo, a sua função linguística. Além disso, a estilística tem por objeto de estudo o estilo (MARTINS, 2011; MONTEIRO, 2009; RODRIGUES, M., 2009), mas definir estilo implica numa busca da multiplicidade de sentidos que este termo difunde. Além disso, também implica decidir qual corrente teórica da estilística adotar, Monteiro (2009), por exemplo, apresenta oito vertentes: estilística descritiva, estilística idealista, estilística estrutural, estilística gerativa, estilística retórica, estilística poética, estilística semiótica e estilística estatística; segundo este autor, as grandes tendências estilísticas são as duas primeiras. Dentre todas elas, as estilísticas idealista e estatística são as mais usadas na análise dos corpora deste estudo. Martins (2011, p. 20, grifo da autora), por outro lado, apresenta de modo especial três perspectivas estilísticas (a estilística da língua, a estilística como sociolinguística¹⁹ e a estilística literária) e expõe sobre o advento da estilística da seguinte maneira:

¹⁹ Com relação à estilística como sociolinguística, Martins (2011, p. 23) informa que autores, como os linguistas ingleses David Crystal e Derek Davy, entendem que a estilística é uma parte da linguística que estuda questões referentes às variações (socio)linguísticas, por conseguinte, “cabe a estilística estudar variedades, quer da língua falada, quer da língua escrita, adequadas às diferentes situações e próprias de diferentes classes sociais. Para esses autores, estilística é sociolinguística, e pode ser útil a [...] todos os interessados no uso da linguagem na sociedade”.

Embora a palavra *estilística* já fosse usada no século XIX, é no século XX que ela passa a designar uma nova disciplina ligada à linguística. Tomando o lugar deixado pela retórica [...], a estilística surge nas primeiras décadas do século XX, graças sobretudo a dois mestres que lideram duas correntes de grande importância: Charles Bally (1865-1947), doutrinador da estilística da língua, e Leo Spitzer (1887-1960), figura exponencial da estilística literária.

A estilística da língua ou estilística descritiva de Charles Bally tem como objeto o estudo da “*expressão dos fatos da sensibilidade pela linguagem e a ação dos fatos de linguagem sobre a sensibilidade*” (MONTEIRO, 2009, p. 39, grifo do autor). Bally é considerado criador da estilística e discípulo de Saussure (MONTEIRO, 2009), sendo, portanto, a estilística descritiva a primeira vertente e voltando-se “para os aspectos afetivos da língua falada, da língua a serviço da vida humana, língua viva, espontânea, mas gramaticalizada, lexicalizada, e possuidora de um sistema expressivo cuja descrição deve ser a tarefa estilística” (MARTINS, 2011, p. 20). Com efeito, essa vertente advoga pelo estudo do estilo na língua, ou seja, a afetividade e a expressividade contida nela como um todo, preterindo, por exemplo, o uso do idioma por um indivíduo em específico: “Bally não se volta para o discurso (*parole*), o uso individual da língua, mas para o sistema expressivo da língua coletiva (*langue*)” (MARTINS, 2011, p. 21, grifos da autora). Assim, essa perspectiva de estudo do estilo distancia-se dos textos literários, pois Bally compreendeu que a literatura é o emprego voluntário e consciente da língua para fins artísticos, sem levar em consideração a espontaneidade de um usuário comum da língua (MONTEIRO, 2009). Monteiro (2009, p. 14-15), por outro lado, expõe o mesmo argumento para incluir as obras literárias como objetos passíveis de serem analisados nos estudos estilísticos: “se o escritor faz da língua um emprego voluntário e consciente, não é por esse aspecto que sua produção estética não pode ser incluída no escopo da Estilística. Antes, é exatamente por isso que ela deve nele ser incluída”.

Ainda que Bally tenha privilegiado a língua no seu contexto de espontaneidade, a estilística logo teve um redirecionamento para o texto literário como seu corpus de análise (MONTEIRO, 2009), sendo este o objeto de estudo preferido da estilística (SIMPSON, 2004). A estilística literária – também chamada de idealista, psicológica ou genética²⁰ – é uma corrente da estilística que tem Leo Spitzer como seu fundador. A análise spitzeriana investiga o desvio no uso comum da linguagem, pois é no desvio estilístico que há indícios das disposições emotivas e expressivas do escritor (MARTINS, 2011), interessa-lhe o escritor na perspectiva

²⁰ Segundo Martins (2011), idealista, pois filia-se aos estudos filosóficos idealistas de Benedetto Croce e Karl Vossler; psicológica, pois essa estilística pode também estar voltada para a psicologia do escritor; e genética, por ser uma vertente que deseja alcançar a gênese do texto literário.

de que “o estilo, constituindo a sua maneira própria de expressar-se, espelha o seu universo interior, as suas profundas vivências e experiências” (MONTEIRO, 2009, p. 17). Esta exposição de Monteiro (2009), portanto, invoca concepções semelhantes às encontradas nos estudos funcionalistas ao afirmar que as formas linguísticas espelham, em alguma medida, as estruturas da experiência do falante (FURTADO DA CUNHA, 2016; OLIVEIRA; WILSON, 2015), neste estudo, portanto, percebo o estilo como os aspectos linguístico-literários expressivos presentes no texto e que refletem as experiências e as visões de mundo do escritor, já que o autor, a sua obra literária e o contexto sociocultural se entrelaçam e se confundem com um só, ou seja, influenciam-se mutuamente. De forma a ratificar tal pensamento, valho-me da definição de Martins (2011, p. 27) sobre a incumbência principal da estilística literária:

A tarefa da estilística literária é examinar como é constituída a obra literária e considerar o prazer estético que ela provoca no leitor; quer dizer, o que interessa à estilística literária é a natureza poética do texto. Traços linguísticos, dados históricos, ideológicos, sociológicos, psicológicos, geográficos, folclóricos etc., a visão de mundo do autor, tudo se engloba no valor estético da obra, que está impregnando do próprio prazer do autor ao criá-la e que vai suscitar no leitor um prazer correspondente.

Ainda que nas passagens anteriores o autor esteja em foco, devo alertar que tal proeminência tem de ser ponderada, já que na “estilística é sempre mais ou menos, com maior ou menor ecletismo teórico, uma descrição de fatos linguísticos” (RODRIGUES, M., 2009, p. 163). Além disso, Rodrigues, M. (2009, p. 164) indica posteriormente que

a ideia de particularização [do estilo] faz supor a individuação do texto e do autor. Há, pois, um texto particularizado pelo estilo assim como um autor particularizado pelo estilo, de modo que a tarefa da crítica estilística consiste, em termos amplos, na identificação e análise dessa particularização [do estilo], mas tem sido cada vez mais frequente a centralização do interesse no texto, seja porque não cabe ou não importa a formação biográfico-psicológica, seja pela dificuldade de acesso a ela.

Destarte, o meu interesse não está no estilo do autor vinculado a uma busca desenfreada por sua biografia e a conexão correspondente ao texto literário produzido, mas centrado no estilo linguístico-cultural *construído* pelo autor nas obras literárias analisadas, o que de maneira intercambiável é eventualmente chamado de estilo do autor. Nesta pesquisa, por conseguinte, cabe esta análise do estilo do autor em que não se preocupa com as intenções subjetivas do que ele quis ou não dizer em seu texto, mas com as influências sociais, culturais, linguísticas, geográficas, ideológicas e históricas que circunscreveram o autor no momento da criação da obra, no meu caso, tenho como fundamento a motivação icônica da linguagem apresentada por

funcionalistas (FURTADO DA CUNHA, 2016; FURTADO DA CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2015; SOUZA, 2017) e a cordialidade buarquiana (HOLANDA, 1995), sendo ambas atreladas ao uso do sufixo *-inho*. A busca pelo estilo, portanto, está centrada numa investigação que percebe o estilo como produto de todas aquelas influências, tendo em vista que,

se pensarmos bem, veremos que os valores propriamente ditos individuais são extremamente raros, já que a expressão verbal resulta de uma gama de influências do meio, da época, da estrutura linguística etc. No caso de um escritor, se fosse possível realizar um levantamento completo dos aspectos que lhe determinam o estilo, sobrariam talvez poucos traços inconfundíveis de sua própria subjetividade (MONTEIRO, 2009, p. 42).

Conforme Martinet (1976 apud MONTEIRO, 2009, p. 45), o estilo compreende duas facetas: “ou como um conjunto de escolhas ou como um afastamento em relação à norma”, adicionado a isso, Monteiro (2009, p. 44) informa que o estilo tem uma função um tanto precisa: “o estilo, em última instância, seria uma forma peculiar de encarar a linguagem com uma finalidade expressiva”. Em consonância com tal pensamento, Guiraud (1970, p. 163, grifo do autor) define estilo como “*o aspecto do enunciado que resulta da escolha dos meios de expressão determinada pela natureza e as intenções do indivíduo que fala ou escreve*”. Detectar e analisar o estilo, por sua vez, é perceber e investigar a sua expressividade que nem sempre reside no desvio, uma vez que há “elementos estilísticos que não se caracterizam como desvios, mas apenas como possibilidade de escolha dentro da própria norma” (MONTEIRO, 2009, p. 48).

A emoção exposta pelo autor ou sentida pelo leitor no texto é sobremaneira subjetiva e, por isso, não é possível que a estilística investigue neste sentido, mas tão somente as formas expressivas presentes no sistema linguístico e contextual do texto analisado (MONTEIRO, 2009). Essas formas expressivas, embora de natureza relativa à emoção, nem sempre estão inter-relacionadas, pois um trabalho estilisticamente expressivo pode ser o produto de um trabalho totalmente previdente e racional. Monteiro (2009, p. 50), por exemplo, afirma que há poetas que produzem o seu trabalho propositadamente cerebrino e conclui que “a característica fundamental da expressividade reside na força de persuadir ou transmitir os conteúdos desejados, na capacidade apelativa, no poder de gerar elementos evocatórios ou conotações”. De acordo com Monteiro (2009, p. 51), a expressividade pode não estar na forma linguística em si, mas no seu significado transmitido (referente), como exemplo, o autor apresenta a palavra *oceano* que transmite poeticidade por fazer referência a algo colossal e deslumbrante,

provocando emoções como admiração e temor, todavia, “é preciso não esquecer que qualquer rendimento estilístico só ocorre em função do contexto”, seja um termo rotineiro ou não. Sobre o contexto em estilística, Monteiro (2009, p. 53, grifos meus) prossegue:

Seja como for, é inegável que, assim como os valores se sedimentam num dado ambiente social, inúmeros lexemas são portadores de evocações relacionadas à própria cultura. *O erro está apenas em pretender que em todas as situações eles comunicam a mesma expressividade.* Por isso, o método estilístico tem que recorrer constantemente à noção de contexto. *As informações de ordem biográfica (aspectos da vida do escritor que esclareçam a preferência por certos vocábulos) ou de cunho sociológico só terão alguma utilidade se comprovarem as inferências obtidas pelo estudo das associações permitidas num dado contexto.*

Há dois grifos meus na citação anterior que são mencionados a seguir. O primeiro está atrelado ao nível lexical da língua e, de maneira semelhante, Lapa (1977, p. 26) expõe que “as palavras evocam os meios sociais em que são geralmente empregadas” e Monteiro (2009, p. 54) também alega “que as conotações de uma palavra nem sempre pertencem a um só indivíduo. Elas podem ser sentidas pelos membros da comunidade linguística, em virtude de uma espécie de acordo intersubjetivo”. A língua como um todo não pode ser deslocada para longe da cultura e da sociedade, sob esta perspectiva, analisá-la, portanto, implica nessa intransponibilidade. Assim, as palavras sufixadas por *-inho* implicarão em evocações e expressividades distintas a depender de como são verbalizadas, além de quem e para quem elas são direcionadas, cabendo ao contexto linguístico e sociocultural o seu esclarecimento, seja concernente ao texto literário ou não. Ainda sobre o contexto, o segundo grifo é relativo às informações socioculturais que podem ser relevantes ao estilo e à sua expressividade, mas somente se comprovadas a sua relevância, neste caso, de forma a apresentar o uso do sufixo *-inho* linguisticamente motivado por aquela cordialidade buarquiiana manifesta em todo o território brasileiro (cf. subseção 2.2). Na esteira de tais pensamentos, há implicações pertinentes para estudos tradutológicos que considerem a forma e a função de um dado aspecto de uma língua-cultura em mediação tradutória para outra língua-cultura, o que culmina para que este estudo seja uma pesquisa que aborde as estilísticas literária, de corpus e tradutória. Em todo caso, as três estilísticas concebem

na linguagem uma função representativa [...], que diz respeito a um conteúdo objetivo, nocional, e uma função expressiva, apoiada na primeira, que diz respeito a um conteúdo subjetivo, o qual constitui o fato estilístico, atingindo sua intensidade máxima na língua literária (MARTINS, 2011, p. 41).

A estilística, em busca de uma análise do estilo, considera os diversos níveis que uma língua possa apresentar, indo além de uma investigação puramente lexical. Martins (2011), por

exemplo, expõe sobre as estilísticas do som, da palavra, da frase e da enunciação, das quais faço uso principalmente das duas primeiras. Entretanto, num estudo pormenorizado como este, é comum que a pesquisa apresente impreterivelmente as interfaces com outra(s) categoria(s) estilísticas. Rodrigues, M. (2009, p. 166) reitera que a divisão dos estudos estilísticos muito se assemelha à classificação gramatical, o que faz a abordagem estilística focar nos fenômenos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos, mas “essa taxonomia nem sempre é seguida ao pé da letra, até porque é comum uma ocorrência participar de vários campos”. Com relação ao sufixo *-inho*, concentro-me nas características estilísticas que ele possa apresentar nas estilísticas do som e da palavra, nesta última, mais precisamente na estilística morfológica (MARTINS, 2011).

A estilística sonora, fônica, do som ou fonoestilística (MARTINS, 2011; RODRIGUES, M., 2009) lida com o valor expressivo dos fonemas e os seus fenômenos correlatos, por isso, atém-se a estudar a complexidade sonora das palavras em distintos enunciados e a sua relação com o alcance da expressividade: “a matéria fônica desempenha uma função expressiva [e podem provocar-nos] uma sensação de agrado ou desagrado e ainda sugerir ideias, impressões” (MARTINS, 2011, p. 45). A expressividade dos sons assemelha-se à motivação fonológica para a criação das palavras como visto nas onomatopeias (WILSON; MARTELOTTA, 2016), uma vez que “os fonemas apresentam potencial expressivo, [...] mas as ideias que sugerem só se percebem quando correspondem à significação das palavras ou da frase; quer dizer, seu valor latente só é posto em relevo pela significação” (MARTINS, 2011, p. 47). Além disso, tem-se em vista que os recursos fonoestilísticos são inúmeros para a criatividade linguística no estilo (SIMPSON, 2004), seja no texto poético ou narrativo. Martins (2011) ainda declara que a motivação sonora, uma das características da poeticidade, só é possível quando há alguma correspondência entre o significante e o significado, caso contrário, ocorre a arbitrariedade saussuriana.

Isto posto, cabe apresentar o potencial linguístico-expressivo do sufixo *-inho* e seus possíveis valores em determinado contexto. Para esta pesquisa, considero o morfema {inho} a partir dos morfes que contenham a consoante nasal palatal /ɲ/²¹, logo, excluo os morfes [ino] e [im] para a análise. Assim sendo, tenho em vista os morfes [inho], [zinho] e [inh] e suas respectivas flexões em gênero e número, para todos os efeitos, utilizo essas formas como

²¹ Relembro que o infixo *-inh-* é considerado para esta investigação, embora não seja examinado, descrito e especificado de maneira distinta do sufixo *-inho* (cf. subseção 2.1), para que haja simplificação nos procedimentos metodológicos. Por exemplo, nas palavras *cineminha* e *carrinho*, indico como sendo compostas pelo sufixo *-inho*, ainda que, se considerada uma análise morfológica pormenorizada, elas devam ser descritas, respectivamente, como formadas pelo infixo *-inh-* e pelo sufixo *-inho*.

sinônimo intercambiável para “sufixo *-inho*”. De acordo com Martins (2011, p. 51, grifos da autora), as vogais /i/ e /u/ têm os seus elementos sonoros mais explorados entre as vogais, dada a potencialidade expressiva que pode haver num dado texto, especialmente no texto poético, o que se percebe na seguinte explicação da autora:

O estreitamento do conduto bucal na produção do [i] se coaduna com a expressão de pequenez, estreiteza, agudez: *mínimo, mini, estrito, fio, fino, espinho, formiga*. Alguns dos valores expressos pelo diminutivo (em *-inho, -ito, -ilho*) se relacionam com a vogal tônica do sufixo.

Para o fonema consonantal /ɲ/, a autora, em outra oportunidade (2009, p. 58, grifos da autora), evidencia:

As consonantes nasais [/ɲ/, /m/ e /ɲ/], ditas moles, doces, se harmonizam com as palavras e enunciados em que prevalece a ideia de suavidade, doçura, delicadeza, como: *ameno, manso, mole, mimoso, amor, meigo, murmúrio, mel, menino, ninar, harmonia, melodia, musgo, ninho, sonho* etc. A suavidade das consoantes nasais concorre sensivelmente para a doçura da “Cançãozinha de Ninar”, de Cecília Meireles.

Em vista disso, apresento dois sons fundamentais que estão presentes em quaisquer das palavras afixadas pelo sufixo *-inho* a serem analisadas no corpus de estudo: os fonemas /i/ e /ɲ/. Aquele indica pequenez, inclusive, articulado pelos próprios lábios do falante, os quais se apequenam, estreitam-se e aproximam-se para pronunciá-lo; este, por outro lado, assinala a doçura, o que faz lembrar a observação de Walker (2019a, online): “para muitos brasileiros, é como se uma montanha de diminutivos mudasse o sabor de suas palavras nesse processo”. Como resultado desses fenômenos expressivos, o sufixo *-inho* apresenta-se como uma alternativa para expor a afetividade de uma sociedade, neste caso, características estilísticas do povo brasileiro que extrapola o nível do texto literário, mas também o influencia. Por esse motivo, lembro, mais uma vez, das palavras de Holanda (1995, p. 148, grifo do autor) que fazem referências às funções do diminutivo que não somente indica redução de tamanho, mas também afabilidade cujo sufixo pode ser facilmente convertido em pejoratividade dada a natureza dual do *homem cordial*: “a terminação ‘inho’, aposta às palavras, serve para nos familiarizar mais com as pessoas ou os objetos e, ao mesmo tempo, para lhes dar relevo. É a maneira de fazê-los mais acessíveis aos sentidos e também de aproximá-los do coração”. Uma ressalva a ser feita é uma possibilidade interpretativo-estilística dos fonemas contidos no sufixo *-inho* ora em questão, porque, “sem dúvida, toda esta matéria é extremamente subjetiva, imprecisa, dificilmente classificável com certa exatidão, sendo preciso evitar excessos imaginativos sem

apoio nas qualidades físicas dos sons” (MARTINS, 2009, p. 59). Conforme Simpson (2004), a análise estilística é rigorosa, recuperável e replicável: rigorosa por ser baseada numa estrutura explícita de análise, recuperável por estar fundamentada em termos e critérios explícitos e replicável por oferecer transparência a outros pesquisadores para repetirem a análise no mesmo corpus ou em outro diferente.

A estilística da palavra ou lexical preocupa-se em estudar a expressividade das palavras associadas “aos seus componentes semânticos e morfológicos, os quais, entretanto, não podem ser completamente separados dos aspectos sintáticos e contextuais” (MARTINS, 2009, p. 97) nas “seguintes ocorrências: arcaísmo, neologismo, estrangeirismo, gíria, regionalismo, *sufixação*, coloquialismo, sinonímia, vocabulário erudito, vocabulário técnico” (RODRIGUES, M., 2009, p. 167, grifo meu). A sufixação, portanto, faz parte desse campo estilístico, a qual Martins (2011) particulariza como numa subcategoria denominada de estilística morfológica. As palavras evocam uma sociedade (LAPA, 1977), representam a estrutura da experiência (FURTADO DA CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2015), espelham uma cultura (HOLANDA, 1995) e podem exprimir emoções (MARTINS, 2011; MONTEIRO, 2009; RODRIGUES, M., 2009). Conforme Martins (2011, p. 116), a expressividade das palavras pode convocar as particularidades de uma dada variedade linguística, tendo como exemplo o regionalismo que “permitem a evocação de certos aspectos de determinada parte do país, produzindo efeitos diferentes conforme o ouvinte ou leitor seja ou não dessa região”, além disso, a autora menciona que o regionalismo ou o estilo de autores regionais também podem ser expressos por meio de alterações morfofonológicas (metaplasmos) e, como exemplo, ela expõe criações neológicas e representações do falar regional em obras de Graciliano Ramos: *sibilar* (sussurrar), *mumumudos* (superlativo de mudo), *serepente* (serpente), *murucego* (morcego), *manhecer* (amanhecer), *dei-stá* (deixe estar), entre outras.

A sufixação tem maior vivacidade por conta da multiplicidade de formas e das conotações que podem emergir no enunciado (MARTINS, 2011). Segundo Lapa (1977, p. 104-105), aos sufixos é concedido mais espaço nos estudos estilísticos do português do que aos prefixos, já que neles “a descarga das paixões se dá com maior energia. Os sentimentos que vulgarmente agitam a nossa alma e que se resumem, afinal, no amor e na aversão que manifestamos de ordinário pelas coisas e pelas pessoas, refletem-se perfeitamente em alguns sufixos”, entre estes está o sufixo *-inho*.

O sufixo *-inho* serve para formar diminutivos; mas a ideia de pequenez anda ligada geralmente em nosso espírito à ideia de ternura simpatia e graciosidade. É com esse sentido que empregamos ordinariamente o morfema. [...] Como somos, porém, gente

apaixonada, e facilmente vamos dum extremo a outro, não é de surpreender que o mesmo sufixo evoque em nós sentimentos depreciativos (LAPA, 1977, p. 106).

O uso do diminutivo aliado ao sufixo *-inho*, como tenho apresentado, indica a profusão de sentidos que pode haver na sua enunciação. Em concordância com Martins (2011, p. 147, grifo da autora), este afixo pode intensificar afetuosidade (*lindinho*), exprimir lamento (*pobrezinho*), atenuação de um chiste (*bobinho*), mas tais sentidos não podem ser tomados sem a devida contextualização para a melhor compreensão do seu valor semântico, em vista que “essas conotações sempre imprecisas, dependem do contexto ou da situação, uma mesma forma de diminutivo [corre o risco de] assumir valores opostos, como *mulherzinha*, que tanto pode ser uma expressão de carinho como de irritação e desprezo”. Assim, a polissemia emanada do sufixo *-inho* pode indicar a íntima relação entre este afixo e a afetividade, Martins (2011), por exemplo, afirma que alguns casos do diminutivo acentuam o valor afetivo já inserido no lexema ou mesmo o lirismo contido num dado enunciado, além disso, a autora cita o teórico Leo Spitzer, para o qual o diminutivo é ternura para com a língua, acariciamento nas palavras, assim como uma pessoa afaga outra. Monteiro (2009, p. 69), por sua vez, declara em seu estudo que “já se constatou que a frequência de diminutivos na fala de um povo se correlaciona com o seu grau de afetividade, a sua disposição emotiva. Daí, sem dúvida, a explicação para o excesso de diminutivos, tão constante entre portugueses e brasileiros”, embora pareça ser mais entre os brasileiros (HOLANDA, 1995; SILVA, P., 2019a, 2019b). Isto leva-me a outro aspecto relacionado ao sufixo *-inho*: a percepção comprovada quantitativamente do uso deste afixo através da estilística estatística e, especialmente, da LC: uma investigação baseada em corpus e realizada por meio de ferramentas computacionais, não permitindo afirmações fundamentadas em possibilidades ou percepções de um leitor comum, mas em probabilidades no uso real da língua. Por esta razão, recuso afirmar que o sufixo *-inho* seja uma utilização compartilhada homogeneamente entre portugueses e brasileiros, porque, ainda que Monteiro (2009) apresente um texto literário escrito pelo autor português Camilo Castelo Branco imerso no uso do sufixo *-inho*, um corpus composto por obras literárias lusitanas em contraste com um corpus contendo a variação do português brasileiro parece indicar o contrário (cf. seção 5).

A estilística estatística é mencionada por Monteiro (2009) e Rodrigues, M. (2009) como a aplicação de métodos quantitativos, por meio da estatística, na análise do texto literário, a qual tem recebido críticas por ser uma abordagem que investiga a literatura como um objeto mensurável em dados numéricos. Indo além das críticas infundadas, Monteiro (2009, p. 34, grifo do autor) defende o uso da estilística estatística, pois esta pode apresentar aspectos relacionados ao estilo e ao desvio “sem desconfigurar o caráter de univocidade ou singularidade

da expressão literária, com a aplicação de [cálculos matemáticos], a Estilística poderá aproximar-se cada vez mais do *status* de ciência”. Entretanto, esse tratamento dos dados não pode compreender apenas a exposição de informações numéricas, Rodrigues, M. (2009, p. 169), por exemplo, cita uma pesquisa com obra literária drummondiana em que “[Gilberto Mendonça] Teles, no seu estudo, vai além da constatação numérica, faz ilações, propõe desdobramentos argumentativos”, algo importante para os estudos que envolvem dados quantitativos com a linguagem, neste caso, em estilística estatística. Todavia, essa estilística não parece apresentar, em sua origem, além da própria estatística, ferramentas eficientes de administração de corpora extensos, uma vez que estar à mercê da contagem manual do(s) analista(s) e posterior aplicação de equações estatísticas não é o suficiente, já que “a possibilidade de erro e falta de consistência persistem, ou até pioram, com grandes equipes. [...] A invenção do computador mudou esse quadro” (BERBER SARDINHA, 2004, p. 4). Como alternativa a essa estilística para a análise quantitativa de um corpus, há as ferramentas computacionais a serviço da linguística de corpus.

A LC é a análise linguística de textos eletronicamente armazenados (FISCHER-STARCKE, 2010), consistindo numa pesquisa empírica da linguagem que toma por base uma exploração sistemática de um dado corpus (VIANA, 2010). A Berber Sardinha (2004, p. 3), compete uma análise ainda mais detalhada:

A Linguística de Corpus ocupa-se da coleta e da exploração de corpora, ou conjuntos de dados linguísticos textuais coletados criteriosamente, com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística. Como tal, dedica-se à exploração da linguagem por meio de evidências empíricas, extraídas por computador.

A LC, em vista disso, depende de ferramentas computacionais para a sua existência (BERBER SARDINHA, 2004), por isso, a criação dessa abordagem é tão recente e também recém incorporada à análise estilística de textos literários (FISCHER-STARCKE, 2010). Segundo Viana (2010, p. 43), o computador tem uma atribuição vital na LC, a fim de evitar “que o analista humano gaste tempo na realização de tarefas mecânicas e repetitivas quando da exploração de grandes coleções de textos. Esse auxílio computacional possibilita que o pesquisador se detenha na análise do uso da linguagem e em sua respectiva interpretação”. Com isso, a análise computacional destina-se a quantificar os dados do corpus analisado de maneira que outros pesquisadores possam fazer o mesmo e alcançar os mesmos resultados, dada a possibilidade de replicação. Ademais, o computador proporciona uma maior confiabilidade dos dados disponibilizados quantitativamente, diferentemente do que poderia ocorrer se fosse uma

contagem manual. Berber Sardinha (2004, p. 43) adverte que a LC vai além de uma “contabilidade linguística”, por isso, Viana (2010) menciona, na citação anterior, sobre o analista ater-se de modo especial na investigação empírica dos dados quantitativos no uso da linguagem, para que possa proporcionar informações qualitativas do mesmo objeto investigado. Sobre o mesmo assunto, Viana (2010, p. 35, grifo do autor) declara:

Muitos dos estudos de *corpora* têm seu início numa metodologia quantitativa – como a observação de frequências de uso – já que é esse o aspecto mais facilmente implementado pelo computador. No entanto, esse não deve ser o único ponto da investigação, que necessariamente requer um trabalho de análise qualitativa. Nesse panorama, a abordagem qualitativa se revela fundamental para decodificar os padrões evidenciados pela ferramenta computacional, contextualizar os resultados em termos tanto da população investigada como da macroárea em que uma pesquisa se insere, explicar o que os números revelam, e interpretar os achados de uma forma geral.

Dessa maneira, é possível e desejável a realização de uma investigação quali-quantitativa por meio da LC, a qual, segundo Fischer-Starcke (2010, p. 13, tradução minha²²), proporciona técnicas analíticas diversas sobre o mesmo objeto estudado, pois “análises linguísticas de corpus geram dados e evidências para alegações que são inerentemente empíricas, qualitativas e probabilísticas. Declarações qualitativas são resultados da interpretação desses dados”. Ambas as faces da mesma pesquisa irrompem no âmbito da objetividade e subjetividade de uma investigação científica, produzindo críticas e comentários contra e a favor da LC, o que, por conseguinte, resvala sobre a estilística de corpus (EC) tanto pela objetividade dessa abordagem analítica sobre o texto literário quanto pela subjetividade dessa análise em relação ao uso da língua.

Fischer-Starcke (2010, p. 17-18, tradução minha²³) aponta que a subjetividade está presente, por exemplo, na escolha dos dados, neste caso, do corpus; no software utilizado para a análise; nas configurações aplicadas sobre a ferramenta computacional antes da investigação; ao optar por quais dados analisar e, conseqüentemente, ao interpretá-los, sem que a investigação se torne menos científica, porquanto, a “ciência é sempre parcialmente subjetiva e não pode ser completamente objetiva. [Semelhantemente, os] elementos subjetivos e objetivos são interdependentes em linguística de corpus e influenciam uns aos outros. Eles são inseparáveis”.

²² “Corpus linguistics analyses generate data and evidence for claims which are inherently empirical, quantitative and probabilistic. Qualitative statements are results of the interpretation of this data” (FISCHER-STARCKE, 2010, p. 13).

²³ “Science is always partly subjective and cannot be completely objective. [Likewise, the] subjective and objective elements are interdependent in corpus linguistics and influence each other. They are inseparable” (FISCHER-STARCKE, 2010, p. 17-18).

É recomendado que toda pesquisa científica dê prioridade a um embasamento teórico coerente com a perspectiva conceitual adotada e a procedimentos metodológicos explícitos e compreensíveis. Em vista disso, Fischer-Starcke (2010, p. 19, tradução minha²⁴) propõe quatro critérios que avaliam a aplicabilidade do uso da LC nos estudos estilísticos: “i) aumento do conhecimento como resultado da análise; ii) replicabilidade dos resultados; iii) verificabilidade dos resultados; iv) inovações decorrentes das análises”. O primeiro item (*growth of knowledge*) está relacionado à aplicação de técnicas analíticas que, a depender do que o resultado da investigação produzir, poderá ser considerada bem-sucedida e que para a obtenção desse êxito há ao menos duas alternativas: i) gerar novos conhecimentos (*insights*) em literatura que não seriam alcançados se não fossem através da análise computacional ou ii) refutar/ratificar informações, interpretações e investigações conduzidas anteriormente, mas que alcançaram objeção/comprovação por causa dos dados colhidos eletronicamente e da sua respectiva análise. Por outro lado, a inutilidade da aplicação das técnicas presentes na abordagem da LC ocorre quando i) não há nenhuma produção de novo conhecimento, ii) não há incorporação de novas informações a estudos conduzidos anteriormente ou iii) não se refutam ou não se ratificam análises anteriores.

Com relação ao segundo item (*replicability*), Fischer-Starcke (2010) declara ser a possibilidade de replicar a análise por uma segunda pessoa através da abordagem metodológica adotada pela primeira, por isso, a importância da transparência na condução do estudo, divulgando, em sua totalidade, as abordagens, os métodos e as técnicas utilizados. O terceiro item (*checkability*), por sua vez, está atrelado ao anterior, porém refere-se à conferência dos dados disponibilizados pelo primeiro pesquisador. Em vista disso, a replicabilidade é a disponibilização da prescrição metodológica para outros, que não os investigadores iniciais, replicarem a análise; a verificabilidade, por outro lado, é a realização dessa prescrição para a conferência dos resultados alcançados em pesquisa anterior:

A diferença entre replicabilidade e verificabilidade está na replicabilidade referindo-se à reprodução de análises; ao passo que a verificabilidade se refere ao teste do método e das técnicas, conduzindo a sua própria análise usando alguns parâmetros da pesquisa original (FISCHER-STARCKE, 2010, p. 23, tradução minha²⁵).

²⁴ “i) growth of knowledge resulting from analyses; ii) replicability of results; iii) checkability of results; iv) innovations derived from analyses” (FISCHER-STARCKE, 2010, p. 19).

²⁵ “The difference between replicability and checkability lies in replicability referring to reproducing analyses while checkability refers to testing the method and techniques by conducting one’s own analysis using some parameters of the original research” (FISCHER-STARCKE, 2010, p. 23).

O último item (*innovation*) condiz com a originalidade das técnicas aplicadas e sua contribuição para o aumento do conhecimento percebido pela análise, entretanto, Fischer-Starcke (2010) adverte que nem todo crescimento do conhecimento é alcançado por meios revolucionários e que conclusões não inovadoras podem servir para propósitos específicos de pesquisa. Com relação à LC, Fischer-Starcke (2010, p. 23, tradução minha²⁶) afirma que a inovação tem sua importância, dado a recém implantação da LC nos estudos linguísticos e as indagações em seu entorno: “a questão de saber se as técnicas analíticas escolhidas para uma análise foram úteis ou se resultados similares poderiam ser ou tem sido gerados por outras metodologias ou técnicas é importante na recepção das análises”, ou seja, demonstra-se inovação tanto porque a LC se enquadra como uma abordagem recente na investigação do uso da linguagem, em que os aspectos inovadores são essenciais, quanto para justificar o lugar da LC questionado por outras abordagens e teorias. Assim, é necessário que a LC reclame sua posição na linguística por meio de análises que sejam originais e que evidenciem sua utilidade e inevitabilidade, isto é, estudos que provavelmente não seriam conduzidos sem o auxílio da coleta, do armazenamento e da exploração de corpora eletrônicos por computadores. Em suma, os quatro critérios de avaliação apresentados servem para justificar o uso da LC e, por consequência, da EC nesta pesquisa, visto que somente elas parecem preencher todos os quatro requisitos, diferentemente do que é visto nos estudos literários com relação à replicabilidade e à verificabilidade (FISCHER-STARCKE, 2010).

A LC lida com a coleta, o armazenamento e a exploração de textos eletrônicos que possam ser lidos por ferramentas computacionais específicas, sendo esse conjunto de textos denominado de corpus cujo conteúdo difere a depender da finalidade da pesquisa e/ou do investigador, entretanto, há variáveis que se mantêm por causa de critérios particulares (cf. Quadro 1). De acordo com a definição de Viana (2008, p. 38), pode-se afirmar que um corpus é “uma compilação eletrônica e criteriosa de (amostras de) textos que ocorrem naturalmente com o objetivo de representar uma dada língua ou algum de seus aspectos mais pontuais de forma a possibilitar uma análise linguística previamente delineada”. Em oportunidade posterior, Viana (2010, p. 30) apresenta a taxonomia dos corpora com os critérios que compõem um corpus e seus respectivos conteúdos, os quais são variáveis a depender dos fins que se desejam alcançar, a seguir, apresento tal classificação no Quadro 1.

²⁶ “The question whether the analytic techniques chosen for an analysis were useful or whether similar results either could be or have been generated by other methodologies or techniques is prominent in the reception of the analyses” (FISCHER-STARCKE, 2010, p. 23).

Quadro 1: Taxonomia dos corpora

CRITÉRIOS		CORPUS		
ABRANGÊNCIA		geral		
		especializado		
MEIO		oral		
		escrito		
TEMPO	NÚMERO DE PERÍODOS HISTÓRICOS	sincrônico		
		diacrônico		
	RELAÇÃO COM A ATUALIDADE	contemporâneo		
		histórico		
RENOVAÇÃO		dinâmico		
		estático		
LÍNGUAS	NÚMERO	monolíngue		
		multilíngue	paralelos	alinhados
				não alinhados
	PRODUTORES	não paralelos		
		de primeira língua (L1)		
		de segunda língua (L2)		
EMPREGO		de língua estrangeira (LE)		
		estudo		
		referência		

Fonte: Viana (2010, p. 30).

Para esta pesquisa, há dois tipos de corpora: um corpus é especializado, escrito, diacrônico, contemporâneo, estático (passível de ser dinâmico), monolíngue, de produtores de primeira língua (língua materna) e de estudo; o outro corpus é especializado, escrito, sincrônico, contemporâneo, estático, multilíngue, paralelo, alinhado, de produtor de línguas materna (L1) e estrangeira (LE) e de estudo. O primeiro é o corpus comparável composto por obras lusitanas, brasileiras e traduzidas; o segundo é o corpus paralelo formado pela obra ubaldiana *Viva o povo brasileiro* e sua autotradução correspondente *An invincible memory*. Ambos os corpora são pormenorizados nas suas respectivas seções (cf. seções 5 e 7), nos quais se podem perceber que as composições distintas dos dois corpora servem para finalidades igualmente diferentes, pois considero as necessidades dos corpora relativos à representação, extensão, especificidade e adequação exigidas para o contexto de pesquisa.

Conforme Berber Sardinha (2004, p. 22-23), “um corpus, seja de que tipo for, é tido como representativo da linguagem, de um idioma, ou de uma variedade dele” cuja dimensão é desconhecida, o que suscita, segundo o autor, um questionamento de qual deveria ser então a extensão dessa amostra (corpus) representativa, mas para isso tem que igualmente se indagar “representativo do quê e para quem?”, já que em linhas gerais a representatividade máxima nunca será alcançada por amostras compiladas, por consequência, restritas. Em LC, as evidências observadas são empíricas e extraídas do corpus compilado, o qual quanto mais diversificado for, maior será a probabilidade de compreender a real representatividade do

universo pesquisado (língua ou variedade linguística). Para uma tentativa de alcançar uma amostra representativa, então, tem-se em mente a noção de diversidade (VIANA, 2010), o que indica três dimensões segundo Berber Sardinha (2004, p. 23): o número de palavras, o número de textos e o número de gêneros, pois “a representatividade está ligada à questão da probabilidade”.

Em relação ao número de palavras no corpus, quanto maior for, probabilisticamente, irá também compreender mais *hapaces legomena*²⁷ e mais palavras gráficas (formas) com seus múltiplos sentidos, compreendendo os mais usuais e os menos utilizados²⁸, dessa forma, a representatividade lexical tenderá a tangenciar a uma amostra devidamente significativa.

No que concerne ao número de textos, Berber Sardinha (2004, p. 25) menciona os corpora de textos específicos, os quais se valem dessa variável para ter maior representatividade, dado que quanto mais textos houver, mais provável que “esse gênero, registro ou tipo textual, esteja mais adequadamente representado”; entretanto, qualquer corpus (específico ou geral) que recorra a essa variável (coleção de textos) alcançará maior representatividade de um dado gênero textual.

Arelado a esse último, está o número de gêneros, registros ou tipos textuais que, conforme Berber Sardinha (2004, p. 25), adequa-se aos objetivos encontrados nos corpora gerais, pois estes não apenas desejam mais palavras ou gêneros textuais específicos, como também a pluralidade na quantidade desses gêneros, registros ou tipos textuais, que, consequentemente e probabilisticamente, “um número maior de textos de vários tipos permite uma maior abrangência do espectro genérico da língua”. Para esta pesquisa em relação ao primeiro corpus analisado, por exemplo, interesse-me pelas duas primeiras dimensões (número de palavras e de textos), dado que o gênero é restrito ao texto literário, com isso, a representatividade poderá estar representada quanto mais palavras e mais textos pertencentes

²⁷ *Hápx legomenon* é, segundo Gonçalves (2016, p. 34), “uma expressão grega utilizada em referência a palavras das quais se conhece uma única referência [na língua]”, a qual tende a ser um neologismo e tem o texto literário como fonte de estudos principal, o autor ainda menciona o crescente número de estudos na relação entre produtividade morfológica e *hapaces legomena*. Em LC, por outro lado, um *hápx legomenon* refere-se a qualquer palavra gráfica que ocorra apenas uma vez no corpus (frequência única), podendo, eventualmente, ser também um *hápx* como é definido em morfologia, ou seja, uma palavra de única ocorrência na língua. Berber Sardinha (2004) afirma que os *hapaces* em LC são as formas (*types*) que mais ocorrem num corpus e não as palavras mais frequentes, as quais obtêm mais itens (*tokens*).

²⁸ As formas (*types*) mais frequentes, embora contenham mais itens (*tokens*) no corpus, não são a maioria das palavras gráficas, este lugar pertence aos *hapaces legomena* (cf. nota de rodapé 27, p. 64). Além disso, as palavras mais frequentes, numa lista de palavras numa dada ferramenta computacional, nem sempre possuem o mesmo sentido (BERBER SARDINHA, 2004), pois tal lista constitui-se de homógrafos que também podem ser palavras que sofreram fenômenos linguísticos como a lexicalização semântica (FERRARI NETO, 2014), também conhecida como lexicalização ou gramaticalização (CASTILHO, 2014a, 2014b) e como gramaticalização *lato sensu* (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2015).

às literaturas lusitana e brasileira dos séculos XX e XXI eu tiver reunido, mas essa maior quantidade não significa estar adequada aos objetivos da pesquisa, o que me leva a outra questão: a extensão do corpus.

A extensão de um corpus também é de difícil definição na LC, não havendo consenso entre os teóricos (BERBER SARDINHA, 2004; VIANA, 2010). Bowker e Pearson (2002 apud VIANA, 2010) mencionam que um corpus extenso nem sempre concede benefícios para a investigação, pois observa-se as necessidades da análise, a disposição dos dados, além do próprio tempo disponível para a execução. Em vista disso, o tamanho do corpus tem que estar a serviço dos objetivos propostos pelo pesquisador, logo, será adequado a extensão que se ajusta aos propósitos pré-estabelecidos. Berber Sardinha (2004), por exemplo, apresenta algumas abordagens que sugerem extensões numéricas do que poderiam ser corpora representativos. Um exemplo é a abordagem histórica, para a qual um corpus de menos de 80 mil palavras é considerado pequeno, enquanto que um grande abrange 10 milhões de palavras ou mais, outras classificações também são possíveis: pequeno-médio (80 a 250 mil), médio (250 mil a 1 milhão) e médio-grande (1 milhão a 10 milhões). Entretanto, esses números em si não são significativos, pois a extensão está condicionada à adequação do corpus, um exemplo disso são as especificidades do corpus desejado, nesta investigação por exemplo, delimitar os gêneros textuais para os literários é essencial, o que ocasiona a restrição na extensão do corpus. Em síntese, a adequação do corpus determina a sua extensão por meio da sua especificidade ou generalidade. Embora a representatividade tenha como objetivo máximo abranger todas as possibilidades linguísticas no(s) conjunto(s) de texto(s) analisado(s), o corpus tende a ser uma amostra finita e, por isso, busca-se na prática tangenciar todas essas possibilidades e trabalha-se, conseqüentemente, com probabilidades, o que pode implicar em generalizações limitadas (FISCHER-STARCKE, 2010), pois cada corpus apresentará dados empíricos e prováveis de como se dá a linguagem, mas não absolutos. A afirmação de Berber Sardinha (2004, p. 25) ilustra um pouco sobre essa situação:

Em outras palavras, embora representativo, o corpus possui seus limites. Ele pode ajudar a responder apenas alguns tipos de perguntas. Com essa postura, parte-se da pesquisa e não do objeto. Ou seja, invertendo-se a origem da empreitada, coloca-se a questão de pesquisa na frente do objeto. Além de representativo, o corpus deve ser adequado aos interesses do pesquisador, que deve ter uma questão a investigar para a qual necessite de um corpus específico.

Anteriormente (cf. subseção 2.1), apresentei o diminutivo em língua portuguesa com relação aos seus aspectos gerais e as suas possibilidades de forma/estrutura, o que, por fim,

decidi ater-me a um sufixo, o morfema indicador de diminutivo com maior produtividade e frequência no português: o sufixo *-inho*. Apresentar essas possibilidades linguísticas é importante para compreender tal fenômeno no que concerne à sua forma e possibilidades de uso, mas é através da LC que investigo a forma, a função e o uso desse afixo em textos literários lusitanos, brasileiros e numa mediação para a língua inglesa, neste caso, no romance *An invincible memory*; “por isso, além da possibilidade teórica de ocorrência, uma teoria da linguagem deve incorporar a probabilidade de ocorrência dos traços” (BERBER SARDINHA, 2004, p. 32). O olhar desta pesquisa apoia-se em ambas, mas, principalmente, no que a abordagem da LC pode proporcionar por meio desse olhar probabilístico.

Como brevemente mencionado, a LC utiliza-se de dados empíricos para observar a linguagem, considerando a frequência dos fenômenos linguísticos possíveis e suas implicações, visto que “as possibilidades da estrutura não se realizam todas com a mesma frequência” (BERBER SARDINHA, 2004, p. 31). A variação nessa frequência não é aleatória, o que indica uma padronização na língua (VIANA, 2010, 2008), um padrão léxico-gramatical que tem correspondência entre os aspectos linguísticos e os contextos de uso (BERBER SARDINHA, 2004). O sufixo *-inho*, por sua vez, apresenta uma frequência proeminente na língua portuguesa em diversos contextos linguísticos e socioculturais (cf. subseções 2.1 e 2.2) que não por acaso está relacionado a esses contextos situacionais específicos, isto é, não é aleatório, dada a iconicidade, a motivação e a não-arbitrariedade linguísticas; compete a esta pesquisa observar essa frequência e os padrões de uso desse afixo no português, além de uma investigação na mediação linguístico-cultural para o inglês; sempre em vista a busca pelo estilo, neste caso, o estilo de portugueses, brasileiros e mais precisamente do auto(traduto)r João Ubaldo Ribeiro.

Na mesma direção, Fischer-Starcke (2010, p. 5, tradução minha²⁹), em seu estudo, percebe que dados frequentes apresentam padrões linguísticos que, por sua vez, estão relacionados ao estilo e que, de acordo com a autora, estilo pode ser percebido ou pela linguística como um conjunto de escolhas ou pela literatura como um uso para ornamentação na língua (desvios linguísticos), mas, por fim, define que “o estilo individual de um texto é a escolha do autor ou do falante”. Fischer-Starcke (2010, p. 16, tradução minha³⁰), portanto,

²⁹ “The individual style of a text is the author’s or speaker’s choice” (FISCHER-STARCKE, 2010, p. 5).

³⁰ “The analyses in this book still assume a correlation between frequency and significance of language features and look at dominant, that is, frequent, features of language use in the data. This is because frequency is an indicator for typicality of language usage and style is the typical language of a given text. Consequently, frequent linguistic features are particularly relevant when discussing the style of writing of a particular text or author” (FISCHER-STARCKE, 2010, p. 16).

apresenta a relação que possa haver entre frequência, tipicidade linguística e estilo para a sua pesquisa, mas cuja associação também se faz pertinente para este estudo:

As análises neste livro também assumem uma correlação entre frequência e significância de aspectos linguísticos e observa características dominantes, isto é, frequentes, do uso linguístico nos dados. Isso ocorre porque a frequência é um indicador de tipicidade do uso da língua e estilo é uma linguagem típica de um dado texto. Consequentemente, aspectos linguísticos frequentes são particularmente relevantes quando se discute o estilo de escrita de um texto ou autor em particular.

É com esse trecho que apresento a união de duas abordagens – ou interfaces da mesma abordagem – expostas até aqui de maneiras distintas: a estilística de corpus (EC). Sua definição é a lógica combinada dos objetivos dos estudos estilísticos com os métodos e técnicas da LC (FISCHER-STARCKE, 2010), juntando o que ambas têm em comum e excluindo possíveis diferenças. Assim como afirmado por Simpson (2004), a estilística não está em decadência, mas abrange e cresce constantemente a partir de teorias como, por exemplo, as advindas dos estudos culturais, sociais e do discurso, tais como cita o próprio autor, a estilística feminista, a estilística cognitiva e a estilística do discurso; a EC não é diferente e acompanha essa aglomeração de novas vertentes para os estudos estilísticos.

A EC tem por objetivo a investigação do estilo por meio de dados empíricos extraídos através de ferramentas computacionais a serviço da linguística, destarte, caracteriza-se por uma investigação sistemática do estilo em corpora diversos e passíveis de serem de longa extensão, ao passo que a estilística sozinha se encontra restrita nesse aspecto (FISCHER-STARCKE, 2010). Fischer-Starcke (2010, p. 1, tradução minha³¹) sustenta o grande potencial que a EC tem justamente por incorporar aquelas duas abordagens e define, nas primeiras linhas do seu livro, que a “estilística é a análise linguística de textos literários³². Linguística de corpus é a análise eletrônica de dados linguísticos. A combinação de ambas as disciplinas é a estilística de corpus, a análise linguística de textos literários armazenados eletronicamente”. Isto posto, a EC é uma ponte que une a linguística e a literatura em alguma medida (FISCHER-STARCKE, 2010; MARTINS, 2011; MONTEIRO, 2009). Assim sendo, nesta pesquisa, investigo o sufixo *-inho* em corpora literários (cf. seções 5 e 7), considerando aquele conjunto de requisitos para a aplicabilidade da LC proposto por Fisher-Starcke (2010) e os objetivos da estilística literária,

³¹ “Stylistics is the linguistic analysis of literary texts. Corpus linguistics is the electronic analysis of language data. The combination of both disciplines is corpus stylistics, the linguistic analysis of electronically stored literary texts” (FISCHER-STARCKE, 2010, p. 1).

³² Neste caso, pressupõe-se que a autora esteja fazendo menção principalmente aos estudos estilísticos voltados para o estilo no texto literário, excluindo as investigações conduzidas sobre o estilo de uma língua e/ou dos aspectos sociolinguísticos dela.

para observar a estreita relação desse sufixo com a cultura e com a sociedade brasileiras, observando a expressividade da afetividade por meio desse afixo, e para cotejar a autotradução do estilo (morfológico) ubaldiano para o inglês.

Na próxima subseção, apresento os estudos descritivos em tradução, os quais são utilizados para a análise, e as contribuições das pesquisas baseadas em corpora na tradução, em vista dos pressupostos aqui adotados através da estilística de corpus.

2.4 Aspectos tradutológicos do *-inho*: estudo descritivo e baseado em corpus

A tradução de textos escritos existe há milênios, mas os estudos dedicados a ela como campo disciplinar são recentes e ainda mais novos são os estudos descritivos em tradução com relação ao texto literário. Gentzler (2009, p. 21, grifo do autor), discutivelmente, afirma que a “*Teoria da Tradução* é e ao mesmo tempo não é uma área nova; embora exista apenas desde 1983 como item na *Modern Language Association International Bibliography*, é tão antiga quanto a Torre de Babel”. A tradução é uma atividade tão recorrente e fundamental na rotina diária que alguns autores afirmam que dela, em algum momento da história, dependeremos de tal forma que ou traduziremos ou morreremos (ENGLE; ENGLE, 1985 apud GENTZLER, 2009). Baker (1993) também declara que grande parte do nosso conhecimento e experiência de outras culturas advêm de diferentes formas de tradução e que talvez a literatura seja o caso mais emblemático, dado que muitos autores são lidos por meio de uma tradução.

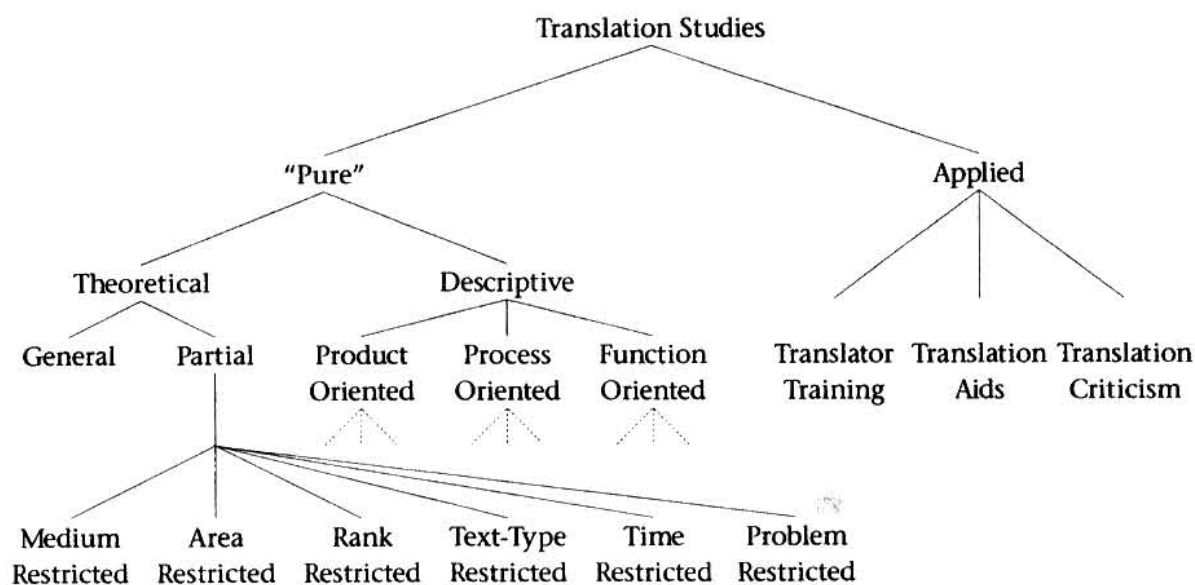
Classen (2012) convida seus leitores a aprenderem tantas línguas estrangeiras quanto possível para não ficarem tão dependentes da tradução. Entretanto, ainda que a leitura de um texto na língua de partida possa ser de grande valia para diversos propósitos, não é possível para a maioria das pessoas, ou mesmo para ninguém, alcançar proficiência em todas as línguas existentes no mundo, por isso, a tradução é vital para a comunicação entre as pessoas de línguas e culturas distintas. A tradução torna-se, portanto, num instrumento e na própria mediação intercultural entre os povos. Nas palavras de Oustinoff (2011, p. 12), “a primeira função da tradução é, então, de ordem prática: sem ela, a comunicação fica comprometida ou se torna impossível”.

Por muitos anos, os estudos sobre tradução voltaram-se para o que seria “correto”, “apropriado”, “equivalente” e “fiel” para com o texto literário traduzido, ou seja, sempre prescrevendo de alguma forma o que deveria ser feito tanto ao longo do processo tradutório quanto no produto que é o texto traduzido, de forma a sempre comparar tudo isso com o texto de partida, sendo aparente a preferência por este e a aversão por aquele. Em vista disso, esse

contexto culmina na afirmação de Baker (1993, p. 235, tradução minha³³): “ao invés de explorar as características dos textos traduzidos como nosso objeto de estudo, nós ainda estamos tentando justificá-los ou recusá-los com referência aos seus respectivos originais” e a autora conclui que com o acesso a grandes corpora de textos originais e traduzidos, além de diferentes métodos e ferramentas, é que será possível redefinir o escopo e os objetivos do campo disciplinar que são os estudos tradutológicos.

James Holmes configurou três grandes áreas de atuação nos estudos tradutológicos: os ramos descritivo, teórico e aplicado (cf. Figura 1), sendo o ramo teórico alimentado e desenvolvido a partir do descritivo, mas que, no fim, os três mantêm uma relação dialética “com cada um fornecendo informações para os outros dois” (GENTZLER, 2009, p. 125).

Figura 1: Mapa básico dos estudos tradutológicos criado por James Holmes



Fonte: Toury (1995, p. 10).

Quanto aos estudos descritivos em tradução, doravante EDT, Snell-Hornby (2006), em palavras-chave, descreve como descritivo, orientado pela língua/cultura-alvo, funcional e sistêmico, em total contraste com os outros estudos até então desenvolvidos que eram inerentemente prescritivos, orientados pelo texto-fonte, puramente linguísticos e atomísticos. Os EDT, portanto, estão direcionados para descreverem a mediação tradutória e seus contextos imediatos, assim como é definido por Kenny (2001, p. 49, tradução minha³⁴):

³³ “Instead of exploring features of translated texts as our object of study, we are still trying either to justify them or dismiss them by reference to their originals” (BAKER, 1993, p. 235).

³⁴ “Proponents of DTS sought to engage with real translation phenomena, to describe translations as they actually occur, and to account for observed features of translations with reference to the literary, cultural and historical

Proponentes dos EDT procuraram engajar-se em fenômenos reais da tradução, descrever as traduções como elas realmente ocorrem e dar conta das características observadas das traduções com referência aos contextos literário, cultural e histórico, nos quais elas foram produzidas. Essa agenda ajudou a efetuar uma mudança para o texto alvo nos estudos sobre tradução.

O ramo descritivo dos estudos tradutológicos, segundo Gentzler (2009, p. 107, grifos do autor), cita James Holmes como um dos predecessores que, em *The name and the nature of Translation Studies*, ao distanciar-se “das ‘teorias’ da tradução, que costumam refletir a atitude e a abordagem do escritor, e das ‘ciências’ da tradução, que podem não ser apropriadas para uma investigação de textos literários”, ele cunhou o termo *Translation Studies* (Estudos da Tradução). Além disso, de acordo com Snell-Hornby (2006, p. 40, tradução minha³⁵), “ele foi o teórico que formulou o ‘programa inicial’ e apresentou o ‘manifesto’ do campo disciplinar de hoje” e agregou tanto tradutólogos e tradutores quanto teóricos e teorias de disciplinas diversas, tais como, a sociologia, a psicologia, os estudos literários e a (socio)linguística.

Os EDT, segundo o modelo de James Holmes, por sua vez, são divididos em três grupos: o estudo descritivo orientado pelo produto, pelo processo e pela função. De maneira análoga à relação dialética (SNELL-HORNBY, 2006) encontrada entre as três grandes áreas dos estudos tradutológicos, essas três subáreas são distintas na sua atuação, mas há uma inegável interdependência entre elas, pois

a função e a posição sistêmica (prospectiva) da tradução determina → sua realização superficial apropriada (= composição linguístico-textual) governa → as estratégias pelas quais um texto-alvo (ou partes dele) é derivado de seu original e, portanto, as relações que os mantenha juntos (TOURY, 1995, p. 13, tradução minha³⁶).

Segundo Baker (1993, p. 241, tradução minha³⁷), esse ramo descritivo não é apenas uma coleção de estudos de caso ou análises descritivas, mas antes é uma vertente baseada em dados empíricos e na replicabilidade, pois é ela que “deve prover uma metodologia sólida e procedimentos de investigação explícitos para permitir que as conclusões de estudos descritivos

contexts in which they were produced. Such an agenda helped effect a shift to the target pole in translation scholarship” (KENNY, 2001, p. 49).

³⁵ “[...] he was the scholar who both formulated the ‘raw program’ and presented the ‘manifesto’ of today’s discipline” (SNELL-HORNBY, 2006, p. 40, grifos da autora).

³⁶ “The (prospective) systemic position & function of translation determines → its appropriate surface realization (= textual-linguistic make-up) governs → the strategies whereby a target text (or parts thereof) is derived from its original, and hence the relationships which hold them together” (TOURY, 1995, p. 13).

³⁷ “[...] must provide a sound methodology and explicit research procedures to enable the findings of individual descriptive studies to be expressed in terms of generalisations about translational behaviour” (BAKER, 1993, p. 241).

individuais sejam expressas em termos de generalizações sobre o comportamento tradutório”. Dessa maneira, os *Translation Studies*, conforme Gentzler (2009, p. 109), detiveram-se, primeiramente, à observação dos procedimentos de tradução em oposição à teorização: “em vez de tentar solucionar o problema filosófico da natureza do significado, os estudiosos da tradução passaram a se interessar pelo modo como o significado viaja”, além disso, a interdisciplinaridade tornou-se parte dessa nova abordagem que tomou o texto traduzido como seu objeto de estudo. Num caso específico, Gentzler (2009, p. 110) afirma que

em vez de aplicar à tradução teorias preexistentes de literatura e de linguística, Lefevere e seus colegas holandeses/flamengos inverteram a ordem de pensamento, sugerindo que se observasse primeiro o que era específico da tradução para, em seguida, aplicar o conhecimento à teoria literária e linguística. Como resultado, os estudiosos da tradução tentavam evitar prescrições preordenadas, fixas e imutáveis, e permaneciam abertos para constante avaliação e evolução.

De acordo com Gentzler (2009, p. 138), os *Translation Studies* e sua característica primária de ser descritivo influenciaram outros teóricos, tais como, Susan Bassnett, Maria Tymoczko, Itamar Even-Zohar e Gideon Toury: “esses indivíduos altamente produtivos desenvolveram, então, um aparato teórico e uma metodologia de pesquisa, organizaram uma série de conferências, recrutaram colaboradores e começaram a treinar estudantes”, o que segundo o autor, culminou na expansão dessa abordagem tradutológica descritiva. Ainda segundo Gentzler (2009, p. 140), ao longo da década de 1970, Even-Zohar apresentou alguns estudos concernentes à teoria dos polissistemas, apresentando primeiro a estudiosos holandeses e flamengos, pois, além dos contatos com estudiosos estrangeiros nas áreas de linguística e literatura, a razão para essa estreita relação deu-se pelas semelhanças sociais, econômicas, culturais e históricas relacionadas à dependência à tradução: “no caso da situação holandesa/flamenga, as oportunidades econômicas, intelectuais e sociais eram, sem dúvida, melhoradas pela interação multilíngue; no caso de Israel, a sobrevivência da noção (sic) passou a depender da tradução”.

Gentzler (2009) advoga que associar os *Translation Studies* desenvolvidos a partir de James Holmes com os estudos derivados da teoria dos polissistemas é uma correlação lógica, pois os estudiosos israelenses estavam desenvolvendo algo condizente com os estudos tradutológicos de James Holmes e de forma a expandi-los. Entretanto, havia uma pequena diferença entre eles, pois Gentzler (2009, p. 141, grifo do autor) afirma que

os discípulos dos [*Translation Studies*], assim como vários teóricos da tradução antes deles, tendiam a observar relações um a um e noções funcionais de equivalência; eles

acreditavam na habilidade subjetiva do tradutor de derivar um texto equivalente que, por sua vez, influenciasse as convenções literárias e culturais de determinada sociedade. Os teóricos dos polissistemas presumiam o contrário: que as normas sociais e as convenções literárias na cultura receptora (sistema-“alvo”) ditam as pressuposições estéticas do tradutor e, assim, influenciam suas subseqüentes decisões.

A teoria dos polissistemas, criada por Evan-Zohar (1990), é um conglomerado de (polis)sistemas dinâmicos e hierárquicos, o qual constitui um polissistema cultural que tem suas particularidades individualizadas para cada cultura, dentro deles, há, entre outros, um polissistema literário e essa teoria tem implicações diretas nos estudos tradutológicos em ao menos quatro aspectos (BAKER, 1993): i) a forte interdependência entre os polissistemas implica afirmar, por exemplo, que “a literatura traduzida não estaria desconectada da literatura original” (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 13, tradução minha³⁸) e que, por consequência, o texto traduzido merece ser investigado assim como os demais polissistemas de uma dada cultura, ademais, a atenção dos polissistemas já não recaem apenas para a investigação de um texto traduzido em particular, mas sobre “o estudo de um grande conjunto da literatura traduzida a fim de estabelecer suas características sistêmicas (BAKER, 1993, p. 238, tradução minha³⁹); ii) devido à estrutura hierárquica e dinâmica dos componentes dentro dos sistemas e polissistemas ora como periferia ora como centro, resulta que a literatura traduzida pode ocupar essa posição central e, portanto, “capaz de prover modelos canonizados para todo o polissistema” (BAKER, 1993, p. 238, tradução minha⁴⁰); iii) por causa das intra- e interrelações entre os sistemas e polissistemas, o que causa as interferências e as transferências de, por exemplo, cânones e modelos entre eles, o estudo dos textos literários traduzidos de um polissistema cultural também são importantes para “uma adequada compreensão de como e por que transferências ocorrem dentro dos sistemas, assim como entre eles” (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 25, tradução minha⁴¹); e, por fim, iv) a teoria dos polissistemas rechaça a ideia de que a tradução seja uma simples atividade derivada de outro texto, mas que ela é uma atividade criativa que pode assumir características diversas provenientes da cultura receptora como, por exemplo, aspectos ideológicos.

³⁸ “[...] translated literature would not be disconnected from original literature” (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 13).

³⁹ “[...] the study of a large body of translated literature in order to establish its systemic features” (BAKER, 1993, p. 238).

⁴⁰ “[...] capable of providing canonised models for the whole polysystem” (BAKER, 1993, p. 238).

⁴¹ “[...] an adequate understanding of how and why transfers occur, within systems as well as among them” (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 25).

De maneira semelhante, Kenny (2001, p. 49-50, tradução minha⁴²) alega ao menos três motivos para a importância da teoria dos polissistemas para os EDT e para os estudos tradutológicos baseados em corpus:

Em primeiro lugar, ela reinstala a literatura traduzida como um sistema digno de estudo por si só. Em segundo lugar, imputa uma certa especificidade aos textos traduzidos [...] que justifica sua investigação como um corpo coerente de textos, em outras palavras, como um corpus. E, em terceiro lugar, dado que a literatura traduzida funciona como um sistema no polissistema da cultura-alvo, ela valida o estudo dessa literatura traduzida contra o pano de fundo da literatura não traduzida na mesma língua-alvo.

Em vista disso, o texto traduzido ganha destaques nos estudos tradutológicos, o que leva Baker (1993, p. 239, tradução minha⁴³), baseada em estudos de Vermeer⁴⁴, a declarar que o texto traduzido está a serviço da cultura-alvo e que esse mesmo texto “é uma fonte de informação e, como outras fontes de informação, ele pode ser explorado numa diversidade de maneiras de forma a atender as expectativas de um público previsto”.

Com pesquisas voltadas para os EDT e relacionadas a dados empíricos (KENNY, 2001), além de sustentadas pela teoria dos polissistemas (GENTZLER, 2009), Toury também tem grande influência sobre os estudos tradutológicos na atualidade, em especial, as suas normas, leis e universais da tradução baseados em anos de estudos com dados empíricos, já que “os resultados de seu estudo de campo o tornaram cético quanto às teorias abstratas envolvendo autores, tradutores e leitores ideais” (GENTZLER, 2009, p. 160). Segundo Cardoso (2015, p. 40), as normas apresentadas por Toury são descritivas, pois “refletem as condições efetivas sob as quais as traduções foram realizadas e recebidas em um determinado contexto. Por meio das normas descreve-se como as traduções foram feitas, não como deveriam ter sido feitas”.

De acordo com Cardoso (2015), Gentzler (2009) e Kenny (2001), as normas touryanas são divididas em três tipos: i) as normas preliminares são relativas às políticas de tradução (a seleção de textos que uma cultura define para ser traduzida) e à sua direção (a aceitabilidade ou não de traduções por meio de uma língua veicular/intermediária); ii) as normas iniciais, por sua

⁴² “Firstly, it reinstates translated literature as a system worthy of study in its own right. Secondly, it imputes a certain specificity to translated texts [...] that warrants their investigation as a coherent body of texts, in other words, as a corpus. And thirdly, given that translated literature functions as a system in the target culture polysystem, it validates the study of such translated literature against the backdrop of non-translated literature in the same, target language” (KENNY, 2001, p. 49-50).

⁴³ “[...] is a source of information and, like other sources of information, it may be exploited in a variety of ways to meet the expectations of an envisaged audience” (BAKER, 1993, p. 239).

⁴⁴ Kenny (2001) relembra ao seu leitor que não só os EDT estão voltados para o texto traduzido e para a cultura-alvo, mas que a teoria do *skopos* já tinha evidenciado o mesmo posicionamento anteriormente e que, entre os teóricos dessa abordagem funcionalista, está o próprio Hans Josef Vermeer.

vez, determinam todas as outras normas operacionais, pois, “se forem consistentes, influenciarão todas as outras decisões de tradução” (GENTZLER, 2009, p. 163), assim, o tradutor pode submeter-se às normas linguístico-literárias presentes no texto original, sujeitar-se às normas encontradas na cultura-alvo ou a ambas. Segundo as normas touryanas, se o tradutor optar por submeter-se ao texto-fonte, a tradução configura-se como “adequada”; caso contrário, ela é considerada “aceitável” e Cardoso (2015, p. 41) insiste “no fato de que uma tradução não será nunca totalmente adequada, nem totalmente aceitável”; e iii) as normas operacionais, no que lhe concernem, são as decisões tomadas durante a tradução, dividindo-se em matriciais (construção e organização do texto-alvo, por exemplo, omissão e adição na tradução) e linguístico-textuais (seleção linguística e estilística para o texto traduzido). Conclui-se, por meio de Gentzler (2009, p. 164), que

a teoria dos polissistemas sustenta o modelo de Toury: em termos de normas iniciais, a atitude do tradutor em relação ao texto-fonte é afetada pela posição do texto no polissistema literário da cultura-fonte; em te[r]mos de normas operacionais, todas as decisões são influenciadas pela posição – central ou periférica – defendida pela literatura traduzida no polissistema da cultura-alvo.

Conforme afirmado por Kenny (2001), se por um lado as normas são determinadas por aspectos socioculturais e mutáveis ao longo do tempo, os universais da tradução de Toury são características que ocorrem na tradução independentemente do tempo, do gênero, da língua e do tradutor, exemplos de universais são a explicitação, a simplificação e a normalização no texto traduzido. Ainda segundo Kenny (2001), os universais da tradução são generalizações e que, por consequência, podem prever o que ocorrerá num dado texto traduzido ainda a ser estudado, o que muito se assemelha às leis probabilísticas touryanas e com finalidade descritiva: “das descrições, os estudiosos derivam a teoria, ou as generalizações, ou as ‘leis’ que governam a atividade de tradução. Em reciprocidade, portanto, as leis efetuam futuras descrições e se estendem ao ramo aplicado, influenciando tanto a prática quanto o treino para a tradução” (GENTZLER, 2009, p. 178, grifo do autor). Dentre as leis mais significativas para este trabalho, ainda que todas sejam contestáveis nos estudos tradutológicos, está a lei da padronização crescente (*the law of growing standardization*): “em tradução, relações textuais obtidas no original são frequentemente modificadas, às vezes, a ponto de serem totalmente ignoradas, em favor de opções [mais] habituais oferecidas pelo repertório-alvo” (TOURY, 1995, p. 268, tradução minha⁴⁵). Segundo Kenny (2001), Toury menciona essa lei da crescente padronização

⁴⁵ “In translation, textual relations obtaining in the original are often modified, sometimes to the point of being totally ignored, in favour of [more] habitual options offered by a target repertoire” (TOURY, 1995, p. 268).

na tradução devido à posição central ou periférica que a literatura traduzida pode ocupar no polissistema literário, já que quanto mais periférico for o status do polissistema literário traduzido, “mais a tradução se acomodará aos modelos e repertórios estabelecidos” (TOURY, 1995, p. 271, tradução minha⁴⁶) pela cultura-alvo.

Ainda que pouco eu tenha relacionado o ramo descritivo dos estudos tradutológicos com esta pesquisa, todas essas observações têm consequências diretas na análise realizada neste trabalho tanto sobre as transferências linguístico-culturais do sufixo *-inho* em corpus paralelo (cf. seção 5) quanto nas implicações da autotradução de obras ubaldianas (cf. seção 6), dado que esses textos literários originais e traduzidos pertencem a diversos polissistemas literários e com implicações nas suas traduções, ou seja, pertencem aos polissistemas literários brasileiro e estrangeiro, neste caso, especialmente ao polissistema de literatura traduzida estadunidense. Além disso, esse ramo dos EDT está atrelado aos dados empíricos coletados por aqueles estudiosos israelenses cuja importância também se vê na LC, uma vez que nela a linguagem é analisada por meio de dados igualmente empíricos em que a dedução e a hipótese imaginada dá lugar a evidências concretas, percebidas pelos dados numéricos, pela sua frequência e regularidade. Há algumas décadas, Baker (1993, p. 248, tradução minha⁴⁷) já advogava por uma junção do ramo descritivo dos estudos tradutológicos com a LC, em que aqueles estudos de Itamar Even-Zohar e Gideon Toury, por exemplo, se encontrariam com as técnicas e as metodologias da LC de forma a elucidar e ratificar as suas afirmações:

Argumentei, neste artigo, que os estudos tradutológicos terão alcançado um estágio em seu desenvolvimento como campo disciplinar quando tanto estiverem prontos quanto precisarem das técnicas e metodologias da linguística de corpus a fim de dar um grande salto das declarações prescritivas para as asserções descritivas, da metodologização para uma teorização adequada e das pesquisas individuais e fragmentadas para as generalizações poderosas. Quando isso for alcançado, a distinção entre os ramos teóricos e aplicados do campo disciplinar se tornará mais clara e convincente. [...] Uma metodologia adequada e um conjunto de ferramentas muito poderosas e adaptáveis estão agora disponíveis na linguística de corpus.

⁴⁶ “[...] the more translation will accommodate itself to established models and repertoires” (TOURY, 1995, p. 271).

⁴⁷ “I have argued in this paper that translations studies has reached a stage in its development as a discipline when it is both ready for and needs the techniques and methodology of corpus linguistics in order to make a major leap from prescriptive to descriptive statements, from methodologising to proper theorising, and from individual and fragmented pieces of research to powerful generalisations. Once this is achieved, the distinction between the theoretical and applied branches of the discipline will become clearer and more convincing. [...] A suitable methodology and a set of very powerful and adaptable tools are now available from corpus linguistics” (BAKER, 1993, p. 248).

De acordo com Kenny (2001, p. 48, grifo da autora, tradução minha⁴⁸), tanto os EDT quanto a LC têm bases fundamentais semelhantes, pois ambos dão primazia aos dados autênticos e preocupam-se em identificar padrões nos textos e correlacioná-los ao contexto de situação, logo, a interrelação entre ambos é razoável que ocorra: “dadas as bases em comum que eles compartilham, não é de surpreender que os dois estejam começando a convergir no que foi chamado de ‘estudos de tradução baseados em corpus’”.

Os estudos tradutológicos beneficiam-se dos diferentes tipos de corpora para diversas finalidades, de acordo com Kenny (2001), há ao menos três tipos de corpora que interessam aos estudos voltados para o texto traduzido: i) o corpus individual monolíngue (*monolingual single corpus*); ii) o corpus comparável monolíngue (*monolingual comparable corpus*); e iii) o corpus paralelo (*parallel corpus*) bilíngue ou multilíngue.

Os corpora individuais monolíngues podem ser compostos por textos traduzidos ou não, os quais são chamados por Kenny (2001) de *translational* ou *non-translational*, de toda forma, ambos contêm origens semelhantes, isto é, todos são compostos de textos traduzidos para uma mesma língua ou produzidos na mesma língua; de acordo com a autora e a partir de outros estudos seus, os corpora individuais monolíngues formados por textos não traduzidos (*single non-translational corpora*) podem servir no processo de ensino-aprendizagem para tradutores em formação de modo a contribuir para a percepção de padrões linguísticos na língua-alvo, para a melhoria na qualidade da tradução e auxílio na avaliação dessa qualidade, além de extração terminológica. Por outro lado, os corpora individuais monolíngues formados por textos traduzidos (*single translational corpora*), segundo Kenny (2001), podem contribuir para análises que investigam características do texto traduzido que ocorrem por questões relacionadas à natureza e às pressões do processo tradutório. Além disso, esses tipos de corpora podem auxiliar no estudo do estilo da tradução e do tradutor. Com o interesse de reunir as contribuições que esses dois tipos de corpora podem proporcionar, Kenny (2001, p. 58, tradução minha⁴⁹) expõe que “os pesquisadores que utilizam corpora individuais monolíngues formados por textos traduzidos, tipicamente, entrecruzam suas descobertas com um corpus de textos originalmente produzidos na língua-alvo”, de forma a verificar os padrões específicos do texto traduzido, o que resulta em outro tipo de corpus apresentado pela autora: o corpus comparável monolíngue.

⁴⁸ “Given the common ground they share, it is not surprising that the two are beginning to converge in what has been dubbed ‘corpus-based translation studies’” (KENNY, 2001, p. 48, grifo da autora).

⁴⁹ “Researchers using single translational corpora typically cross-check their findings against a corpus of texts originally produced in the target language” (KENNY, 2001, p. 58).

Os corpora comparáveis monolíngues são assim chamados, pois “os dois conjuntos de textos são comparáveis em virtude de terem sido criados em circunstâncias similares, para desempenharem papéis semelhantes” (KENNY, 2001, p. 59, tradução minha⁵⁰). Uma vantagem dos corpora comparáveis em relação aos corpora individuais é justamente a possibilidade de comparação entre eles. Com isso, é possível o contraste e a mensuração de dados de ambos os corpora, por exemplo, a razão forma-item, a densidade lexical e a extensão frasal de maneira que se possa constatar ou não a simplificação na tradução, o encurtamento de frases e a menor densidade lexical no texto traduzido (KENNY, 2001). Todavia, Kenny (2001, p. 59, grifos da autora, tradução minha⁵¹) afirma que não é possível realizar tais comparações num corpus comparável bilíngue, dada a incongruência que pode haver na análise:

Se uma língua é morfologicamente ‘rica’, poderemos esperar razões forma-item (não lematizadas) relativamente altas para textos naquela língua, simplesmente porque elas contêm uma maior variedade de formas do que textos numa língua morfologicamente ‘mais pobre’.

As línguas são distintas entre si em níveis morfossintáticos, logo, com impossibilidade de se afirmar que há densidade lexical maior no texto de chegada apenas por causa do processo tradutório, quando, de fato, a língua-alvo pode ser inerentemente rica nas suas construções morfossintáticas. Portanto, Kenny (2001, p. 59-60, tradução minha⁵²) adverte:

Os estudiosos da tradução que desejam fazer comparações [...] nos textos de partida e de chegada talvez tenham que incluir em seus cálculos o efeito cumulativo dessas diferenças sistêmicas, a fim de distinguir entre os efeitos da tradução e aqueles devidos simplesmente às gramáticas das duas línguas envolvidas. [...] Felizmente, esses problemas não surgem com os corpora monolíngues.

Por isso, é tão conhecido entre os linguistas de corpus e todos os demais que se utilizam dessa abordagem (cf. BERBER SARDINHA, 2004; FISCHER-STARCKE, 2010; KENNY, 2001; VIANA, 2010, 2008; entre outros) a clara função das ferramentas computacionais de contabilizarem os dados linguísticos, mas cabe, principalmente, aos analistas a tarefa de ponderarem sobre os dados obtidos e relacioná-los com as variáveis presentes na situação-alvo

⁵⁰ “The two sets of texts are comparable by virtue of their having been created in similar circumstances, to fulfil similar roles” (KENNY, 2001, p. 58).

⁵¹ “If a language is morphologically ‘rich’, we might expect relatively high (unlemmatized) type-token ratios for texts in that language, simply because they will contain a greater variety of forms than texts in a morphologically ‘poorer’ language” (KENNY, 2001, p. 59, grifos da autora).

⁵² Translation scholars who wish to make comparisons [...] in source and target texts may have to factor into their calculations the cumulative effect of such systemic differences, in order to distinguish between effects of translation, and those due simply to the grammars of the two languages involved. [...] Fortunately, these problems do not arise with monolingual corpora” (KENNY, 2001, p. 59-60).

analisada, observando causas e consequências nos âmbitos sociais, culturais e linguísticos, por exemplo. Os corpora paralelos são compostos por textos numa dada língua e seu respectivo corpus traduzido; grande parte dos corpora paralelos são bilíngues, porém eles podem conter tantos subcorpora em quantas línguas houver suas respectivas traduções (KENNY, 2001). Para simplificar a categorização dos tipos de corpora possíveis, Biel (2010) apresenta uma simplificação dessa taxonomia em sua pesquisa, a qual exponho, por meio de adaptação, no Quadro 2.

Quadro 2: Classificação dos corpora para fins tradutológicos

TIPO DE ANÁLISE	Intralinguístico		Interlinguístico	
NÚMERO DE LÍNGUAS	Monolíngue		Bilíngue ou Multilíngue	
DESIGN DO CORPUS	Individual: 1 corpus	Comparável: 2 ou mais corpora	Comparável: 2 ou mais corpora	Paralelo: 2 ou mais corpora
TIPO	Corpus linguístico típico	Corpus dirigido por tradução	Corpus dirigido por tradução	Corpus de tradução
NÚMERO DE LÍNGUAS	1 língua	1 língua	2 ou mais línguas	2 ou mais línguas
CONTEÚDO DO CORPUS	Corpus em língua A traduzida ou não	Corpus em língua A traduzida e não traduzida	Corpus em línguas A e B traduzidas ou não	Corpus em língua A não traduzida alinhado com tradução na língua B
O QUE PODE SER EXAMINADO	Linguagem em textos literários ⁵³	Texto traduzido em comparação a um não traduzido	Diferenças e similaridades entre as línguas	Produto da atividade tradutória

Fonte: Adaptado de Biel (2010, p. 3).

Aliados aos EDT e aos estudos baseados em corpus, a investigação sobre normalização utiliza-se e embasa-se nos estudos desenvolvidos por Toury ao tratar das normas, leis e universais da tradução. A normalização, portanto, é o uso descomedido de características da língua-alvo no texto traduzido cuja presença tem sido observada em corpora comparáveis monolíngues e paralelos bilíngues (KENNY, 2001), para ambos os tipos de corpora a normalização pode assumir características um pouco mais específicas:

Do ponto de vista do usuário de um corpus comparável monolíngue, pode-se dizer que a normalização ocorreu quando as traduções contêm mais (ou uma proporção maior de) exemplos de algum aspecto considerado típico de escrita conservadora da língua-alvo do que nos textos originais comparáveis. [...] Do ponto de vista do usuário de um corpus paralelo, pode-se dizer que a normalização ocorre quando os tradutores

⁵³ No estudo de Biel (2010), o corpus é composto pela linguagem jurídica, como esta pesquisa está voltada para o texto literário, decidi adaptar esse trecho para o fins deste estudo, por isso, inseri como exemplo um tipo de corpus composto por “linguagem em textos literários”, em detrimento de “linguagem literária”, a qual é rejeita neste trabalho e por outros estudiosos (cf. SIMPSON, 1997, 2004) por não haver linguagem inerentemente literária.

optam por soluções convencionais na língua-alvo para problemas colocados por aspectos criativos ou incomuns do texto-fonte. Outra maneira de dizer isso é que a normalização ocorre quando as traduções contêm menos exemplos de aspectos atípicos ou criativos da língua-alvo do que seria esperado com base apenas em seus respectivos textos-fonte (KENNY, 2001, p. 65-66, tradução minha⁵⁴).

Em vista disso, a normalização para um corpus comparável monolíngue ocorre quando há proporção maior de características da língua-alvo no texto traduzido. Por outro lado, ocorre uma lógica inversa no corpus paralelo, dado que a normalização para este é a ocorrência de menos aspectos incomuns ou criativos da língua-alvo no texto traduzido, se tão somente comparado ao seu corpus que contém o(s) respectivo(s) texto(s) de partida, pois o tradutor optou por utilizar-se de características linguísticas convencionais. Assim, os aspectos estilísticos são diretamente impactados pelo uso da normalização na tradução, inclusive, com o uso indiscriminado ou não do sufixo *-inho* no texto traduzido (cf. seções 5 e 7). Kenny (2001), após apresentar diversos estudos sobre a relação da normalização na tradução e na interpretação, surge com um questionamento pertinente: a normalização ocorre por que os tradutores são mais conservadores, menos criativos ou por que há restrições de natureza cognitiva no processo tradutório que fazem os tradutores voltarem ao que é rotineiro na língua-alvo? A resposta surge logo em seguida: “este tipo de análise pode ser esperado se alguém tratasse a normalização como uma característica universal da tradução. *A normalização pode, no entanto, ser mais facilmente explicada em termos de restrições socioculturais ou mesmo econômicas*” (KENNY, 2001, p. 67, grifo meu, tradução minha⁵⁵).

Ainda de acordo com Kenny (2001) sobre essas restrições, há culturas que influenciam as traduções para uma maior acomodação linguístico-cultural em relação à língua/cultura-alvo e, em caso de descumprimento dessa tendência, o texto traduzido pode sofrer sanções como crítica, indiferença e rejeição por parte dos leitores que pode culminar também nos editores. Outro fator restritivo, mas que Kenny (2001) exemplifica com o mercado editorial literário anglófono e pode influenciar o uso da normalização em traduções, é a venda dos direitos para tradução a editoras britânicas e americanas ao mesmo tempo cujos gastos são divididos entre

⁵⁴ “From the point of view of the user of a monolingual comparable corpus, normalization can be said to have occurred when translations contain more (or a higher proportion of) instances of some feature deemed typical of conservative target language writing, than do comparable originals. [...] From the point of view of the user of a parallel corpus, normalization may be said to occur when translators opt for conventional target language solutions to problems posed by creative or unusual source text features. Another way to say this is that normalization occurs when translations contain fewer instances of abnormal or creative target language features than would be expected on the basis of their respective source texts alone” (KENNY, 2001, p. 65-66).

⁵⁵ “This type of analysis might be expected if one were to treat normalization as a universal feature of translation. *Normalization may, however, be more easily explained in terms of socio-cultural, or even economic constraints*” (KENNY, 2001, p. 67).

si, o que propicia, por consequência, a escolhas linguísticas genéricas. Isso é um fator pertinente para esta pesquisa, pois o romance ubaldiano *Viva o povo brasileiro* teve os seus direitos de tradução para a língua inglesa vendidos para editoras de três países e com publicações ocorrendo simultaneamente, em 1989, pela americana Harper & Row, pela britânica Faber & Faber e pela canadense Fitzhenry & Whiteside (RIBEIRO, J., 2014). E, por fim, Kenny (2001) alega que há motivações subjetivas por parte dos tradutores que, consciente ou inconscientemente, optam por opções normalizadoras na tentativa de esquivar-se de críticas de qualquer natureza, a fim de terem seus trabalhos aceitos, embora haja exceções a esta regra e cita como exemplo Lawrence Venuti.

Em vista de tudo isso, os EDT são a vertente na qual este trabalho se encontra, pois o principal objetivo é a descrição e a análise de corpora literários, considerando o uso e as implicações do sufixo *-inho* na língua portuguesa e sua mediação tradutória para a língua inglesa, utilizando-se de obras literárias brasileiras, portuguesas, estadunidenses, britânicas e canadenses do século XX e XXI. A abordagem utilizada para essa análise estilística em tradução é a LC, pois, de acordo com Kenny (2001, p. 69, tradução minha⁵⁶), há eficiência no uso de corpora em formato eletrônico, os quais podem ser facilmente armazenados, distribuídos e manuseados pelo pesquisador, além das diversas técnicas de processamento de dados (lista de palavras, concordanciador, palavras-chave, entre outras) que “permitem que os mesmos dados sejam vistos de diversos ângulos, estimulando múltiplas análises e convidando os pesquisadores a repensarem constantemente suas posições”, o que, por consequência, situa este estudo também nos estudos tradutológicos baseados em corpus; valendo-se dessas mesmas prerrogativas, ambas as abordagens possibilitam que este trabalho se torne num ambiente frutífero de análises descritivas que retroalimentam as teorias da tradução, assim como previu James Holmes (cf. GENTZLER, 2009; SNELL-HORNBY, 2006; TOURY, 1995).

⁵⁶ “[...] allow the same data to be viewed from a variety of angles, stimulating multiple analyses and inviting researchers to constantly rethink their positions” (KENNY, 2001, p. 69).

3 AUTOTRADUÇÃO

Neste estudo, a tradução é percebida conforme a definição de Hurtado Albir (2001, p. 41, tradução minha⁵⁷), isto é, “um processo interpretativo e comunicativo consistente na reformulação de um texto com os meios de outra língua que se desenvolve num contexto social e com uma finalidade determinada”, pois, segundo a autora, a definição de tradução inclui ao menos três elementos fundamentais, a saber, o texto, o ato comunicativo e a atividade cognitiva do indivíduo. Deste modo, a tradução com a qual lido está afiliada à tradução propriamente dita ou tradução interlingual (JAKOBSON, 1959). Entretanto, conforme Oustinoff (2011, p. 75-76, grifos do autor), esse tipo de tradução não está dissociado da tradução intralingual, tendo em vista a relação de interdependência entre essas variedades de tradução:

A tradução propriamente dita não pode negligenciar a tradução intralingual, que se apresenta tanto do lado do “enunciado fonte” como do lado do “enunciado alvo”. O “enunciado fonte” só pode ser compreendido quando formos capazes de reformulá-lo em “língua-fonte” (“L1”): $L1 \leftrightarrow L1$. Uma vez que o enunciado tenha sido entendido, nós o reformulamos na língua de tradução (“L2”): $L1 \leftrightarrow L2$. A faculdade de passar de uma língua para outra é, por definição, indispensável. Mas é preciso também ter a capacidade de dispor de várias reformulações na língua-alvo, a fim de ultrapassar o estágio da tradução termo a termo: $L2 \leftrightarrow L2$. A reformulação na “língua-fonte” é preferencialmente da ordem da compreensão; a reformulação na “língua-alvo”, preferencialmente da ordem da expressão. [...] A tradução final é, por isso, apenas a face emergente do *iceberg*.

Com isso, aqueles processos interpretativo e comunicativo mencionados por Hurtado Albir (2001) são análogos, respectivamente, em algum nível, a essas reformulações da ordem da compreensão e da expressão declarados por Oustinoff (2011), apresentando essas múltiplas transformações como inerentes à realização do processo tradutório e ao seu produto final. De maneira semelhante, inclui-se a autotradução nessas mesmas perspectivas, pois, de acordo com a descrição de Antunes (2007a, p. 65, grifo da autora), a autotradução pode ser definida como sendo “essencial e fundamentalmente, uma atividade de *transformação*, pelo próprio autor, de um original que foi escrito em uma determinada língua (que não será necessariamente a língua materna de seu autor [...]) em uma outra obra que será, obrigatoriamente, diferente da primeira”. Outra definição é proveniente da *Routledge Encyclopaedia of Translation Studies* que, conforme Grutman (2008, p. 257, tradução minha⁵⁸), “o termo ‘autotradução’ pode referir-se

⁵⁷ “[...] un proceso interpretativo y comunicativo consistente en la reformulación de un texto con los medios de otra lengua que se desarrolla en un contexto social y con una finalidad determinada” (HURTADO ALBIR, 2001, p. 41).

⁵⁸ “The term ‘self-translation’ can refer both to the act of translating one’s own writings into another language and the result of such an undertaking” (GRUTMAN, 2008, p. 257)

tanto ao ato de alguém traduzir os seus próprios escritos para outra língua quanto ao resultado de tal tarefa”.

Dada as perspectivas sobre historiografia da tradução apresentadas por Pagano (2001), Antunes (2007b, p. 78) afirma que “se as pesquisas historiográficas em tradução [...] se encontram [incipientes], a história da autotradução, ou da tradução de um texto pelo próprio autor, é praticamente inexistente”. Obviamente que esse cenário tem mudado ao longo dos anos com diversos estudos executados e em andamento sobre a historiografia da tradução e da autotradução, incluindo o contexto brasileiro (SOUSA, 2015). Contudo, a autotradução parece ainda ser incipiente entre os tradutólogos brasileiros, dada as buscas que realizei por mais informações bibliográficas e documentais para a estruturação desta pesquisa.

Conforme a tese de Tanqueiro (2002 apud ANTUNES, 2007b), a autotradução estabeleceu-se como prática tradutória com Flavius Josephus, no século I, ao autotraduzir sua narrativa sobre a destruição de Jerusalém. Não obstante, assim como a tradução, não se pode definir com precisão quando a autotradução foi executada pela primeira vez, mas é possível, por meio da historiografia, observar as diversas particularidades que as muitas histórias sobre autotradução podem contribuir para os estudos tradutológicos, haja vista que a autotradução não é uma prática pouco comum ao longo dos séculos recentes e, sim, pouco documentada (ANTUNES, 2007b).

Ao se considerar a autotradução literária, os autotradutores que se tornaram mais notórios por seus trabalhos nos estudos tradutológicos foram Samuel Beckett e Vladimir Nabokov (ANTUNES, 2007a; GRUTMAN, 2009; OUSTINOFF, 2011), ambos alcançaram prestígio tanto no polissistema literário para o qual suas obras foram autotraduzidas quanto no polissistema de origem. Segundo Antunes (2010), há pelo menos três grupos que um autotradutor literário pode se assemelhar: i) escritores canônicos tanto no polissistema literário de origem quanto no polissistema alvo; ii) escritores canônicos apenas no polissistema de origem, mas não naquele para o qual suas autotraduções são enviadas; e iii) escritores em regiões que há tensões político-geográficas. Assim, Antunes (2010, p. 5) enquadra Beckett e Nabokov no primeiro grupo, João Ubaldo é inserido no segundo e autores catalães e sul-africanos, por sua vez, são exemplos de autotradutores pertencentes ao terceiro conjunto, o que todos têm em comum, segundo a autora, é “atingir um número significativo de leitores fora de seus países de origem”.

Desde Flavius Josephus, portanto, os autotradutores desejam alcançar uma audiência numericamente mais expressiva (TANQUEIRO, 2002 apud ANTUNES, 2007b) e Grutman (2007, 2008) menciona que nessa busca por mais leitores em conjunto com a divulgação de

língua e cultura minoritárias, há a tradução de textos para o que se pode mencionar polissistemas dominantes, o que, conseqüentemente, resulta em algo paradoxal, pois “o efeito não desejado desta maneira de promover literaturas minoritárias é que se tende a confirmar o status dominante da língua majoritária” (GRUTMAN, 2008, p. 258, tradução minha⁵⁹).

O ato de traduzir realizado pelo próprio autor não foge da necessidade de se submeter ao que ocorre com toda (auto)tradução, a transformação, como mencionado anteriormente. Ainda assim, a autotradução acarreta discussões sobre a autoridade do autotradutor. Oustinoff (2011, p. 94) afirma que “a autotradução, quando ela recorre à reescrita tradutória, [...] o autor [mantém] todos os direitos, inclusive o de ser infiel”. O direito a essa suposta infidelidade⁶⁰ está relacionado à autoridade que o autor, enquanto tradutor do seu próprio texto, pode ter e que o mesmo não ocorreria com os demais tradutores que, inclusive, Antunes (2007a, p. 21) compara-os ao tradutor cleptomaniaco de Dezsö Kosztolányi que é “condenado ao ostracismo porque o produto de seu trabalho supostamente trai o original, mas, ainda assim, seu trabalho muitas vezes será considerado uma tradução e tratado como tal”. O público-leitor de maneira geral entende muitas vezes que, “uma vez que o próprio escritor é o tradutor, ele pode se permitir fazer mudanças audaciosas a partir do texto original que, se tivesse sido feito por outro tradutor, provavelmente não teria sido aceita como uma tradução adequada” (PERRY, 1981 apud GRUTMAN, 2008, p. 259, tradução minha⁶¹), pois “a recepção do público da tradução de um autor frequentemente se baseia nem tanto num estudo extensivo intrinsecamente do produto textual [...] como numa apreciação do processo que deu origem a ele” (GRUTMAN, 2008, p. 259, tradução minha⁶²).

Apesar dessa percepção da autotradução ocorrer, não vejo respaldo para que o autotradutor seja considerado o dono absoluto do seu próprio texto, pois, “a rigor, nem o próprio autor poderia estar plenamente consciente de todas as intenções e de todas as variáveis que permitem a produção e a divulgação de seu texto” (ARROJO, 1986, p. 136 apud RIBEIRO, E., 2006, p. 10). Além disso, não reconheço que haja direitos que o autotradutor possua que sejam

⁵⁹ “The unintended effect of this way of promoting minority literatures is that it tends to confirm the dominant status of the majority language” (GRUTMAN, 2008, p. 258).

⁶⁰ Este é um termo controverso nos estudos tradutológicos e não tenho intenção de suscitar novos debates, mas, na ausência de uma expressão diferente, utilizo-o para indicar a liberdade que um autotradutor pode possuir frente aos mesmos direitos que um tradutor pode ter para o público-leitor leigo, assim como mencionado por Perry (1981 apud GRUTMAN, 2008) na citação contida no mesmo parágrafo.

⁶¹ “Since the writer himself is the translator, he can allow himself bold shifts from the source text which, had it been done by another translator, probably would not have passed as an adequate translation” (PERRY apud GRUTMAN, 2009, p. 259).

⁶² “The public’s reception of an author’s own translation is often based not so much on an extensive study of the textual product’s intrinsic [...] as on an appreciation of the process that gave birth to it” (GRUTMAN, 2008, p. 259).

diferenciados aos de qualquer outro tradutor, ainda que seja inegável o papel que o autotradutor exerce perante o texto a ser autotraduzido, e nem que os textos de partida e de chegada sejam idênticos a ponto de serem tratados como dois originais. Dessa maneira, concordo com a afirmação de Antunes (2009, p. 65):

Apesar de reconhecermos que o [texto autotraduzido] recebe um tratamento diferenciado de editores e do público-leitor em geral, não consideramos que os originais possam ser ignorados com base na crença de que a autotradução representa com total e absoluta fidelidade as intenções do autor. Acreditamos que a tradução nunca é uma atividade neutra, que permite que uma obra literária cruze fronteiras linguísticas e culturais sem sofrer transformações, mesmo que o guia seja o próprio autor do [texto original]. Além disso, [textos autotraduzidos] não são cópias idênticas de seus originais, assim como nenhuma tradução é cópia idêntica de um original. Contudo, a tradução realizada pelo próprio autor confere um status especial ao texto, quando o leitor tem acesso a essa informação.

O que, de fato, é destacado como vantagem do autotradutor, se comparado a um tradutor, é a possível, porém não absoluta, facilidade de poder realizar o processo interpretativo e a reformulação da ordem da compreensão do texto de partida; por exemplo, a autotradução de *Sargento Getúlio* realizada por João Ubaldo, o qual lidou com a variedade linguística do estado brasileiro de Sergipe, uma dificuldade para tradutores, leitores brasileiros e estrangeiros, mas que ele não teve por causa da sua competência enciclopédica (ANTUNES, 2007a). Ainda assim, há limitações para essa possível vantagem, pois a autotradução será a compreensão e a expressão tão somente do autor sobre sua obra e não de outrem cuja compreensão também é aceita por causa do princípio isonômico que rege essa relação entre uma dada obra e os seus leitores, uma vez que “a tradução, como leitura, deixa de ser, portanto, uma atividade que protege os significados ‘originais’ de um autor, e assume sua condição de produtora de significados” (ARROJO, 1986, p. 23-24, grifos da autora apud RIBEIRO, E., 2006, p. 20). O processo comunicativo ou a reformulação da ordem da expressão por parte do autotradutor, a meu ver, são desafios que a tradução, enquanto mediação intercultural, impõe igualmente aos seus mediadores a cargo de tal tarefa sejam eles tradutores ou autotradutores, pois há, inclusive, restrições na tradução que são exteriores a esses mediadores, isto é, não estão ao alcance de suas exigências (cf. KENNY, 2001 na subseção 2.4).

A seguir, apresento uma breve biografia de João Ubaldo Ribeiro. Antunes (2007a, p. 12), ao afirmar que cada autotradução tem características próprias, cita que elas “dependem do autor que realiza a tradução, de sua visão acerca do que é a tradução, do tipo de texto traduzido, do propósito a que tal texto se destina e do intervalo de tempo que separa a produção do original

da tradução”. Conhecer a biografia do autotradutor, portanto, é uma das etapas a serem realizadas para que se possa compreender ainda mais o caso analisado.

3.1 João Ubaldo Ribeiro: auto(traduto)r

Esta breve biografia não está, necessariamente, em ordem cronológica e baseia-se nas informações contidas em Antunes (2007a, 2009), Lacerda (2014), Oliveira, J. (2006), Riberio, E. (2006), Ribeiro, J. (2011) e no perfil do autor no site da ABL (2019).

João Ubaldo Osório Pimentel Ribeiro (1941-2014) foi um escritor baiano, nasceu em Itaparica, cidade localizada no recôncavo baiano, região geográfica que serviu de cenários em muitas das suas obras literárias, incluindo o romance *Viva o povo brasileiro*. Embora ele tenha vivido a infância em Sergipe, grande parte da sua vida residiu nas cidades de Salvador e do Rio de Janeiro, sendo esta última onde permaneceu os últimos anos até o seu falecimento.

Em Salvador, obteve o bacharelado em Direito pela Universidade Federal da Bahia, em 1962, e, após a obtenção do mestrado em Administração Pública e Ciência Política pela Universidade do Sul da Califórnia, nos Estados Unidos, tornou-se professor tanto da Universidade Federal da Bahia quanto da Universidade Católica de Salvador.

Após a desistência da carreira acadêmica, João Ubaldo optou por dedicar-se integralmente às atividades relacionadas ao jornalismo e à literatura, sendo colaborador em jornais nacionais e internacionais, cronista e escritor, profissões que estiveram presentes na vida de João Ubaldo, ainda que de maneira intermitente, desde o final da década de 1950.

Além dessas localidades brasileiras, João Ubaldo também residiu na Alemanha, nos Estados Unidos e em Portugal. Nos Estados Unidos, morou na Califórnia devido ao seu mestrado (1964-1965) e participou, na Universidade de Iowa, de uma formação para jovens escritores em 1979. Em Portugal, foi bolsista, em 1981, da Fundação Calouste Gulbenkian e um dos editores da revista *Careta*. Na Alemanha, residiu, no início da década de 1990, a convite do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD) e tornou-se cronista do jornal alemão *Frankfurter Rundschau*, para o qual escrevia crônicas mensais que, devido ao sucesso com o público, transformaram-se na coletânea *Ein Brazilianer in Berlin* traduzido pela tradutora e agente literária especializada em autores latino-americanos Ray-Güde Mertin. Dessa maneira, João Ubaldo adquiriu um conhecimento de mundo um tanto mais aprofundado de ao menos três comunidades linguísticas – a lusófona, a germanófona e a anglófona – não apenas por causa das suas viagens, mas também devido à sua formação desde a infância, quando adquiriu o hábito da leitura em língua portuguesa e em línguas estrangeiras, inclusive, de diversos clássicos das

literaturas nacional e internacional, experiência registrada na sua crônica intitulada *Memória de livros* (RIBEIRO, J., 2011). Conforme Antunes (2007a), tais viagens e as inúmeras leituras de tantas obras literárias que João Ubaldo fez ao longo de sua vida contribuíram para a aquisição da segunda característica que os autotradutores possuem, a saber, o biculturalismo, sendo a primeira o bilinguismo coordenado, isto é, o aprendizado de duas línguas em momentos distintos. Sobre o biculturalismo, Antunes (2007a, p. 170) afirma:

O biculturalismo é a segunda característica comum aos autotradutores mais estudados até e também se aplica a João Ubaldo, um grande conhecedor de outras culturas. Além do vasto conhecimento geral adquirido por meio das muitas viagens e dos períodos em que morou na Europa e nos Estados Unidos, João Ubaldo leu muitas obras consagradas da literatura mundial e romances traduzidos [...]. Essas leituras possibilitaram a construção de sua competência enciclopédica, que inclui (sic) convenções textuais, estratégias e normas que permitem (e permitiram, portanto, a João Ubaldo) [...] a autotradução de textos pertencentes ao mesmo gênero.

Quanto à bibliografia ubaldiana, Oliveira, J. (2006) apresenta, ao final da sua tese, uma longa lista de romances, contos, crônicas, organizações e apresentações de livros, ensaios, antologias e coletâneas todos escritos por João Ubaldo ao longo de sua carreira, além de diversas traduções e adaptações (longa-metragem, minissérie, programas televisivos e uma peça teatral), incluindo, obviamente, os dois romances autotraduzidos. Tal lista bibliográfica ocupa um pouco mais de oito páginas na tese redigida por Oliveira, J. (2006), além de compilar outras dezenas de páginas repletas de referências bibliográficas sobre João Ubaldo e suas obras, o que se pode supor que, desde a publicação da tese, o número de referências provavelmente aumentou consideravelmente em vista das novas publicações, algumas contidas nas referências deste trabalho.

Ao se contabilizar apenas os romances ubaldianos, há apenas nove que foram publicados: *Setembro não tem sentido* (1968), *Sargento Getúlio* (1971), *Vila real* (1979), *Viva o povo brasileiro* (1984), *O sorriso do lagarto* (1989), *O feitiço da ilha do Pavão* (1997), *A casa dos Budas ditosos* (1999), *Miséria e grandeza do amor de Benedita* (2000) e *Diário do farol* (2002). Dentre tais obras, somente o seu primeiro romance *Setembro não tem sentido* que não foi traduzido para nenhuma língua estrangeira, inclusive, João Ubaldo teve dificuldades na inserção desta obra no mercado literário brasileiro, necessitando de ajuda de intermediários e do apadrinhamento de Jorge Amado para este primeiro romance. Todas as demais obras foram traduzidas para um ou mais dos seguintes idiomas: alemão, dinamarquês, espanhol, esloveno, francês, finlandês, hebraico, húngaro, holandês, inglês, italiano, norueguês, persa, sueco e tcheco.

Sargento Getúlio é o romance ubaldiano com mais traduções se considerado o número de línguas estrangeiras, o que totaliza todas as línguas listadas anteriormente. Ademais, o mesmo romance ainda conta com uma adaptação fílmica lançada em 1983. Ainda que não tenha obtido sucesso com o público, mas apenas com a crítica especializada nacional e internacional, *Sargento Getúlio* levou João Ubaldo a dar os primeiros passos em busca da canonicidade no polissistema literário brasileiro, pois, além das inúmeras publicações de traduções deste romance (cf. Quadro 8) desde a autotradução para o inglês, em 1978, até a tradução para o tcheco, em 2016, o autor também arrematou com a obra, em 1972, a sua primeira grande premiação: o Prêmio Jabuti na categoria autor revelação.

Atualmente, João Ubaldo é considerado um autor que pertence ao cânone literário brasileiro, tendo recebido outras premiações por suas obras literárias e pelo conjunto delas, por exemplo, o Prêmio Jabuti na categoria romance por *Viva o povo brasileiro*, em 1985, e o Prêmio Camões, em 2008, considerado a mais alta honraria dedicada a um escritor que tenha contribuído linguístico-culturalmente para a comunidade lusófona. Ademais, ele foi membro eleito pela ABL, em 1993, para a cadeira de número 34.

Antunes (2010, p. 9, grifo meu) argumenta que para a melhor compreensão da autotradução é necessário que “estudos de caso [...] focalizem autores específicos e examinem as estratégias e técnicas de tradução empregadas por esses autores, o contexto em que os autores e obras estão inseridos e a influência que o contexto exerce sobre esses autotradutores”. Assim, por meio desta biografia, pode-se compreender melhor a posição do autor e de algumas das suas obras no seu polissistema de origem, conforme sugerido no grifo da citação anterior. Entretanto, mais adiante, nesta pesquisa, também apresento um auto(traduto)r específico, neste caso, João Ubaldo Ribeiro, em que são analisadas estratégias de tradução em relação ao sufixo *-inho* (cf. seção 7), além das possíveis influências contextuais sobre este auto(traduto)r e sua autotradução (cf. seção 6). A seguir, exponho sobre a circulação mundial de livros (auto)traduzidos.

3.2 Circulação mundial de livros (auto)traduzidos

Casanova (2002) afirma que, caso não haja a possibilidade de tradução, a autotradução é um meio viável para obter uma ascensão enquanto escritor de textos literários. Alguns casos são mencionados pela autora, entre eles, estão August Strindberg, Vladimir Nabokov e Samuel Beckett, os quais trabalharam com autotradução em diferentes contextos literários, com línguas distintas e de diferentes maneiras, mas sempre observando a busca pela ascensão dos seus textos

literários, produzindo autotraduções que objetivavam a consolidação de seus nomes em polissistemas literários mais centrais, a saber, as comunidades anglófona e francófona. Conforme destaca Casanova (2002, p. 174-176, 179),

para Strindberg, o francês representa apenas o papel de rampa de acesso à literatura. [Para Nabokov,] o reconhecimento da crítica francesa [o] faz sair dos limites “nacionais” da comunidade russa no exílio e permiti-lhe escapar ao anátema da crítica russa, bastante hostil a seu livro.[Para Beckett, ele] sabia que, se quisesse ter uma chance de ser publicado ou encenado no teatro, deveria necessariamente passar à escrita em francês: *Esperando Godot* e *Fin de partie*, dedicado a Roger Blin e criado em Londres, em francês, em 1957, permitiram que Beckett tivesse acesso à existência literária.

Antunes (2007a), no que lhe concerne, ressalta que, apesar de serem autotraduções, os trabalhos de Beckett e Nabokov foram apresentados de formas diferentes por seus editores, enquanto as obras autotraduzidas daquele foram retratadas como novos textos originais, este teve seus textos, com indicação paratextual, afirmando serem autotraduções feitas com colaborações. No caso dos romances autotraduzidos por João Ubaldo, *Sergeant Getúlio* e *An Invincible Memory* foram concebidos em ambientes distintos daqueles de Beckett e Nabokov, pois, sendo João Ubaldo brasileiro e residente em seu país por quase toda a sua vida, concebeu suas obras em português brasileiro e verteu para a língua inglesa dois dos seus romances de maneira esporádica, inclusive, Antunes (2007b) afirma que o papel dos editores estadunidenses foi de fundamental importância para deixar o texto fluído, além de próximo ao leitor estrangeiro geralmente avesso a traduções.

Assim como mencionado por Casanova (2002) no início desta subseção, quando não há a possibilidade de tradução, submete-se à autotradução para a ascensão literária, não sendo diferente com João Ubaldo, pois *Sargento Getúlio* foi rejeitado pelo tradutor encarregado devido à complexidade linguístico-cultural contida nele e *Viva o povo brasileiro* foi sugerido, após insistência do agente literário, para autotradução devido ao respaldo para traduzir que, supostamente, somente o autor teria perante o seu livro (RIBEIRO, J., 2018). Em ambos os casos, a inserção das obras no polissistema literário anglófono só foi possível por causa da autotradução.

De acordo com Casanova (2002), há ao menos quatro perspectivas distintas em que a tradução pode ser vista como um meio de literarização: a *intradução* e a *extradução*, cada uma podendo ocorrer de/para línguas dominantes e de/para línguas dominadas. Um primeiro tipo concerne de uma intradução para uma língua dominada, isto é, a importação de textos literários traduzidos para culturas que não possuem – utilizando-me da terminologia presente na Teoria

dos Polissistemas de Even-Zohar (1990) – um polissistema literário bem estabelecido no cenário internacional, de forma que a cultura-alvo receba esses textos como meios de agregar inovação e recursos literários (CASANOVA, 2002). Um segundo tipo é “a mesma operação considerada do outro ponto de vista” (CASANOVA, 2002, p. 171), ou seja, a exportação daquelas mesmas obras literárias provenientes de culturas dominantes para culturas dominadas, o que se caracteriza como uma extradição para grandes línguas-fonte, assim, conduzindo a uma difusão do capital literário pertencente ao centro, um fluxo que segue do centro à periferia de tais polissistemas (CASANOVA, 2002). Um terceiro tipo é uma intradição para uma grande língua-alvo, isto é, a anexação de textos literários traduzidos proveniente de culturas dominadas em que a literatura é periférica, mas que permite que esta intradição sirva aos objetivos propostos dessas culturas centrais. Por outro lado, nesse mesmo fluxo, porém, observando a partir de uma extradição (exportação de textos literários traduzidos), os escritores que são exportados por meio dessas mediações tradutórias consagram-se, pois alcançam ascensão de suas obras, transpondo suas obras literárias para além das culturas e línguas menores. A esse respeito, Casanova (2002, p. 171, grifos da autora) expõe:

A mesma operação considerada a partir de uma “pequena” língua “fonte”, isto é, como exportação de textos para uma língua literária central, é bem mais que uma simples mudança de língua: é, a realidade, a ascensão à literatura, a obtenção do certificado literário. É essa tradução consagração que nos interessa aqui. A noção de “literariedade”, ou seja, de crédito literário ligado a uma língua, independentemente de seu capital propriamente linguístico, permite portanto considerar a tradução dos dominados literários como um ato de consagração que dá acesso à visibilidade e à existência literárias.

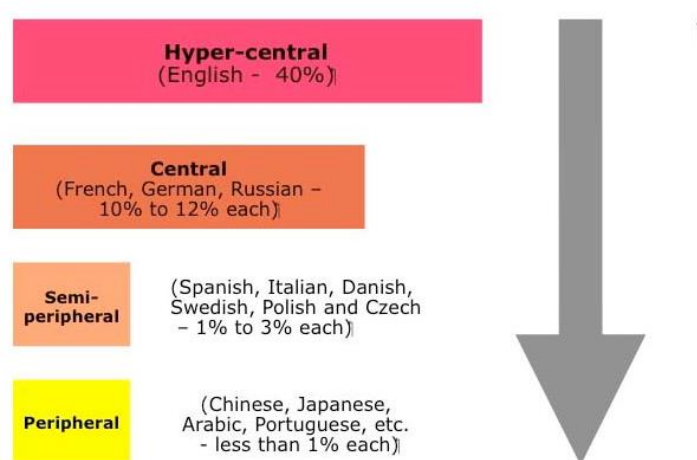
Por fim, Casanova (2002) afirma que é a tradução para uma grande língua-alvo faz com que o texto possa pertencer ao polissistema literário internacional, sendo, por isso, não apenas uma mudança de um país para outro, mas a verdadeira literarização do texto selecionado para essa extradição. Dessa maneira, ambas as autotraduções dos romances ubaldianos cederam ao autor certa consagração nos polissistemas de destino, contudo, sem a mesma repercussão que outros autotradutores obtiveram como Nabokov ou Beckett, pois a ascensão de João Ubaldo foi muito maior no âmbito nacional do que no espaço internacional (ANTUNES, 2007a).

Outro teórico que trabalha com uma perspectiva semelhante é Heilbron (1999), o qual trata do sistema mundial das traduções, um espaço transnacional em que é possível perceber o fluxo desigual das trocas culturais em relação a livros traduzidos e que línguas não representam necessariamente um país em específico e nem o seu número de falantes representa a força desse idioma nesse sistema. Por isso, Heilbron (1999) argumenta que, antes de tudo, o sistema

mundial das traduções é uma estrutura hierárquica e o fluxo, portanto, é determinado por uma hierarquia que é composta por quatro grupos principais de línguas cujos conjuntos se concentram em línguas que podem ser hipercentrais, centrais, semiperiféricas ou periféricas. A seguir, apresento uma ilustração criada por Werner (2009) para demonstrar tal hierarquização e seu fluxo (cf. Figura 2).

Figura 2: Fluxo de trocas no sistema mundial das traduções de Heilbron (1999)

Book Translation as a Cultural World-System



Fonte: Werner (2009, p. 7).

Werner (2009) classifica as línguas segundo a catalogação de Heilbron (1999), observando também o fluxo que ocorre entre elas. A mais central atualmente é a língua inglesa, a qual é considerada uma língua hipercentral, dada a quantidade de traduções que dela advém em direção a línguas menos centrais, algo que esses autores afirmam ser em torno de 40% de todos os livros traduzidos no mundo. Em seguida, há três línguas centrais que compreendem de 10% a 12% de todas as extraduções no mundo: francês, alemão e russo. Por conseguinte, as línguas semiperiféricas são mais numerosas, mas não abrangem mais do que 3% das extraduções, abrangendo as línguas espanhola, italiana, dinamarquesa, sueca, polonesa e tcheca. Por fim, as línguas periféricas são todas as demais que não estão nos grupos anteriores e que, ainda que incluam a maior parte da população mundial, os livros traduzidos provenientes dessas línguas não alcançam mais do que 1% desse sistema mundial das traduções. O fluxo desigual representado pelas setas em cinza, na Figura 2, ilustra bem a quantidade de traduções que ocorrem entre esses grupos hierarquizados, logo, quanto mais central for um idioma, mais há

traduções a partir dessa mesma língua, sendo o inverso igualmente verdadeiro, isto é, há poucas traduções provenientes de línguas como o português.

Embora haja essa estrutura hierárquica, Heilbron (1999) afirma que ela é dinâmica ao longo da história, pois a hierarquia é determinada por fatores culturais, políticos, ideológicos, econômicos, sociais e históricos. Conforme Heilbron (1999), uma língua que tem mudado a sua posição, nessa “constelação dinâmica” descrita pelo autor, é o russo que, por motivos históricos relacionados à queda da União Soviética, tem perdido poder nas transferências nesse sistema mundial das traduções. Assim, a hierarquia, embora não tenda a mudar repentinamente, possibilita progressivamente a mudança de posições nessa estrutura conforme os fatos histórico-sociais ocorrem.

Outra implicação nesse sistema mundial de traduções de Heilbron (1999) está relacionada à consequência da centralidade que as línguas podem possuir, ou seja, quanto mais central a língua for, maior a probabilidade de ela funcionar como uma língua veicular ou língua intermediária de traduções que ocorram entre línguas mais periféricas, a título de exemplificação, traduções do português para o finlandês podem ocorrer por meio de línguas mais centrais como o francês, inglês ou alemão.

Há ainda ao menos três encadeamentos no sistema mundial das traduções de Heilbron (1999): i) a maior centralidade de uma língua implica que haja maior variedade de livros traduzidos a partir desse mesmo idioma; ii) há limites para a centralidade, ou seja, línguas centrais ou hipercentrais não conseguem monopolizar o fluxo de traduções, embora muitas delas ocorram a partir da língua inglesa, outras podem suceder a partir de outros idiomas menos centrais; e iii) os níveis de importação cultural (intradução) ocorrem em menor quantidade quanto mais central for uma língua, portanto, realizam-se mais extraduições de línguas mais centrais (cf. as duas setas na Figura 2). Percebe-se, por consequência, que a tradução-consagração mencionada por Casanova (2002) e alcançada por romances ubaldianos – ao menos em território brasileiro – segue o menor fluxo no sistema mundial das traduções, pois acompanha o movimento de uma língua periférica para uma língua hipercentral, no caso ubaldiano, da língua portuguesa para a língua inglesa.

Em vista dos pressupostos apresentados por tais autores (CASANOVA, 2002; HEILBRON, 1999; WERNER, 2009) em relação à circulação mundial de livros traduzidos, torna-se relevante investigar a razão pela qual João Ubaldo realizou a segunda autotradução de um romance, as consequências literárias da autotradução sobre a carreira do autor e as consequências linguísticas que resvalaram sobre o livro autotraduzido (*An invincible memory*), sem olvidar de levar em consideração as interfaces que subjazem a esta autotradução em

específico, por exemplo, as possíveis restrições (ou não) que o polissistema anglófono pode impor a um autor latino-americano.

4 MÉTODO

Nesta seção, apresento os procedimentos metodológicos para a realização da análise qualiquantitativa desta pesquisa, a qual é dividida em três partes principais: i) análise do uso do sufixo *-inho* em corpus comparável monolíngue composto por textos originais em português brasileiro e europeu, além de textos traduzidos para o português de autores anglófonos (ingleses, canadenses e estadunidenses); ii) investigação da circulação de obras ubaldianas traduzidas com implicações linguístico-culturais para a segunda autotradução de um romance ubaldiano, ou seja, para a realização da autotradução e sobre o texto autotraduzido; iii) cotejamento em corpus paralelo bilíngue (português-inglês) da obra ubaldiana *Viva o povo brasileiro* (VPB) e sua autotradução *An invincible memory* (AIM), com especial atenção para o uso e a autotradução de palavras sufixadas por *-inho*.

4.1 Análise do uso do sufixo *-inho* em corpus comparável monolíngue

A primeira análise é composta por um corpus comparável monolíngue dividido em três subcorpora: o subcorpus PB (português brasileiro) com textos literários de escritores brasileiros, o subcorpus PE (português europeu) com textos literários de escritores portugueses e o subcorpus TT (textos traduzidos) com textos traduzidos de escritores anglófonos (canadenses, estadunidenses e ingleses).

A partir desse corpus comparável, investigo o uso sociolinguístico-literário-cultural do sufixo *-inho*, isto é, o uso social de uma característica morfológica da língua portuguesa em textos literários, por meio de uma abordagem investigativa descendente, isto é, considerando afirmações proferidas anteriormente sobre o texto a ser analisado e comparando a própria linguagem utilizada nesse texto por meio de ferramentas computacionais da LC (ZYNGIER; VIANA; SILVEIRA, 2011). Neste caso, tenho em vista a afirmação de Holanda (1995) referente ao uso constante do sufixo *-inho* pelos brasileiros e a esquivas dos portugueses em utilizarem o mesmo afixo. De forma semelhante, essa abordagem dedutiva é chamada por Tognini-Bonelli (2001 apud CHENG, 2012) de abordagem baseada em corpus descendente (*top-down corpus based approach*). Cheng (2012) sintetiza essa abordagem baseada em corpus da seguinte maneira: teoria → hipótese → observação → confirmação, pois

o pesquisador começa com uma teoria sobre um tópico de interesse e depois a reduz a hipóteses mais específicas que podem ser testadas usando um corpus. A teoria é ainda mais reduzida à medida que as observações são coletadas para dialogar com as

hipóteses. Finalmente, as hipóteses são testadas com dados específicos e a teoria original é confirmada (ou não). (TOGNINI-BONELLI, 2001, p. 10-11 apud CHENG, 2012, p. 187-188, tradução minha⁶³).

Assim, nesta segunda parte da análise, tomo a afirmação de Holanda (1995) sobre a utilização de palavras sufixadas por *-inho* pelo brasileiro e investigo-a, mediante técnicas encontradas em ferramentas computacionais, num corpus literário compilado para essa finalidade. Por consequência, analiso indiretamente a pertinência da afirmação de outro teórico que declara ser uma característica sociolinguística presente na língua portuguesa e não especificamente da cultura brasileira (MONTEIRO, 2009).

O corpus comparável monolíngue ora compilado agrega três subcorpora que possibilita usufruir as vantagens no uso de corpora comparáveis monolíngues (KENNY, 2001), pois ele contém textos traduzidos e textos originais em língua portuguesa. Dessa maneira, é possível comparar e contrastar tais textos em relação às razões forma-item, à densidade lexical, às palavras frequentes e aos *hapaces legomena*, à produtividade e à frequência do sufixo *-inho* e do diminutivo analítico iniciado pelo adjetivo *pequen-*, entre outros fenômenos linguísticos. Além disso, o subcorpus TT serve para a análise de como o sufixo *-inho* é empregado em textos traduzidos, observando, por exemplo, possíveis indícios de normalizações (KENNY, 2001) e da lei da padronização crescente na tradução (TOURY, 1995).

Os critérios para a compilação deste corpus comparável monolíngue seguem as seguintes variações sociolinguístico-literárias: i) *variação diatópica*: os autores devem ser portugueses para comporem o subcorpus PE, brasileiros para integrarem o subcorpus PB e anglófonos para constarem no subcorpus TT, exclui-se todos os autores que possuem mais de uma nacionalidade; ii) *variação diacrônica*: a publicação das obras literárias deve ter sido realizada no século XX ou XXI; iii) *variação diamésica*: os gêneros textuais literários permitidos para a compilação são os romances, os contos e as crônicas, com preferência para os romances; iv) *variação diagenérica*: deve-se conter, em cada subcorpus ou em todo o corpus, um número de escritores e de escritoras o mais próximo possível para cada subcorpus; v) *variação socioliterária*: os autores devem ter o reconhecimento nacional e/ou internacional por suas obras conferido por agentes intermediários, tais como, prêmios literários ou eleições para ocuparem posições em instituições culturais para a promoção da língua e/ou literatura de seus respectivos países. Todos os critérios exigidos são estabelecidos apenas com a finalidade de

⁶³ “The researcher begins with a theory about a topic of interest and then narrows that down into more specific hypotheses that can be tested using a corpus. The theory is further narrowed down as observations are collected to address the hypotheses. Finally, the hypotheses are tested with specific data and the original theory is confirmed (or not)” (TOGNINI-BONELLI, 2001, p. 10-11 apud CHENG, 2012, p. 187-188).

restrição para a compilação do corpus, dada a pouca disponibilidade de tempo, infraestrutura e pesquisadores para este estudo.

Nesta segunda parte da análise, a compilação segue critérios feministas, isto é, decido por apresentar um corpus em que o número de escritores fosse o mesmo entre homens e mulheres, pois, após seguir os critérios de compilação dos textos literários, não alcancei paridade numérica entre eles e elas. A busca por autores e autoras que cumprissem os requisitos da variação socioliterária mostrou-se difícil, pois a primeira tentativa consistiu em acolher autores laureados com o Prêmio Nobel de Literatura, devido ao reconhecimento dessa premiação em todo o mundo, ainda que não isento de críticas por motivos diversos. Entre os anglófonos, a busca revelou-se favorável, pois há pelo menos 30 escritores premiados que têm obras escritas originalmente em língua inglesa, exceto pelo número de autoras laureadas que são apenas 6 autoras: Pearl S. Buck, estadunidense laureada em 1938; Nadine Gordimer, sul-africana laureada em 1991; Toni Morrison, estadunidense laureada em 1993; Doris Lessing, inglesa laureada em 2007; e Alice Munro, canadense laureada em 2013.

A comunidade lusófona, por outro lado, possui apenas um autor premiado: José Saramago, português laureado em 1998. Como possível solução para os subcorpora PE e PB, optei por autores e autoras agraciados com o Prêmio Camões, o prêmio literário-cultural mais importante da lusofonia; porém, o problema persistiu, pois, dos 31 laureados, apenas 6 são mulheres: Rachel de Queiroz, brasileira laureada em 1993; Sophia de Mello Breyner Andresen, portuguesa laureada em 1999; Maria Velho da Costa, portuguesa laureada em 2002; Agustina Bessa-Luís, portuguesa laureada em 2004; Lygia Fagundes Telles, brasileira laureada em 2005; e Hélia Correia, portuguesa laureada em 2015. Assim, torna-se evidente que os prêmios literários ratificam a conduta realizada ao longo da história literária: a quase invisibilidade da mulher-escritora na literatura.

Conforme Schmidt (2017, p. 143, grifo meu), investigar, na historiografia literária, as exclusões da mulher-escritora é dar visibilidade às ideologias que regem essas escolhas, por isso, ainda que os atos passados na história não mudem,

a possibilidade de *interferir* na realidade que nos é legada, interpretando-a e reescrevendo-a à luz de novos conhecimentos, é uma forma de fraturar e desestabilizar a lógica da coerência, da totalização e da verdade instaurada pela racionalidade hegemônica (patriarcal) para devolver à nossa identidade cultural a diferença, a descontinuidade e a heterogeneidade que a constituem. Sem esses elementos, a memória literária autorizada, ou seja, o legado canônico é mais uma narrativa que não diz nada sobre o que foram e são as mulheres na comunidade imaginada da nação.

Essa *possibilidade de interferência ao nosso alcance* é tomada como base teórico-metodológica para esta pesquisa, ou seja, os prêmios literários contribuem para a historiografia literária e, à medida que não visibilizam a mulher-escritora por meio das premiações, eles apagam a sua atuação na sociedade e no sistema literário. Portanto, nesta pesquisa, *interferir* é dar visibilidade às mulheres-escritoras não laureadas por essas premiações marcadas por ideologias que, aparentemente, não se mostram neutras, mas tendenciosas à racionalidade hegemônica patriarcal. Assim, a escolha por outras mulheres-escritoras segue baseada no requisito sobre variação socioliterária, mas que não dependam tão somente do Prêmio Nobel de Literatura ou do Prêmio Camões, podendo-se incluir outras premiações e reconhecimentos possíveis nos âmbitos nacionais e internacionais.

A compilação do corpus comparável desta pesquisa obedece também a alguns pré-requisitos apresentados anteriormente (cf. subseção 2.3) e mencionados por Berber Sardinha (2004) – representatividade, extensão, adequação e especificidade – e Fisher-Starcke (2010) – replicabilidade, verificabilidade e inovação.

A representatividade está associada ao número de palavras, ao número de textos e ao número de gêneros (BERBER SARDINHA, 2004). Para se alcançar a representação ideal, é necessário que a amostra seja todo o universo a que ela corresponde, logo, algo improvável para esta pesquisa, dada as novas publicações e textos literários inacessíveis em toda a comunidade lusófona e anglófona (línguas trabalhadas neste estudo). Todavia, considero o número de palavras e de textos, mas desconsidero abranger o maior número de gêneros, pois é delimitado a três gêneros textuais literários, o que determina a especificidade do corpus aliada aos objetivos desta pesquisa: romances, contos e crônicas, com preferência para o primeiro gênero.

Quanto ao número de palavras e, conseqüentemente, quanto à sua extensão, o corpus comparável, com os seus três subcorpora em conjunto, abrange 4.728.508 *tokens* e 103.490 *types*. Embora, seja uma amostra finita de um universo em constante crescimento, o corpus comparável proporciona a probabilidade de observar um grande conjunto lexical de palavras frequentes – com seus diversos sentidos, já que pode haver homógrafos e palavras polissêmicas – e de baixa frequência da língua portuguesa, os quais muitas vezes se tornam os *hapaces legomena* de um dado corpus.

Como afirmado por linguistas de corpus (cf. BERBER SARDINHA, 2004; FISHER-STARCKE, 2010; VIANA, 2010, 2008; entre outros), a LC, embora realize contagens quantitativas por meio de ferramentas computacionais, não está isenta da subjetividade na investigação, por exemplo, no momento da compilação do corpus e ao longo da sua análise qualitativa. Assim, quanto ao número de textos, tive em vista o conceito de representatividade

ao compilar um conjunto de 72 publicações de obras literárias de 14 autores e 16 autoras, sendo 24 textos literários de anglófonos de 2 autoras canadenses, 4 autores estadunidenses e 4 autores ingleses, e 48 publicações literárias de lusófonos de 10 escritores brasileiros e 10 escritores portugueses.

O subcorpus PB é composto, portanto, de 6 autoras e 4 autores brasileiros (os números entre parênteses são referentes à quantidade de textos compilados, sendo no total 24 obras): Ana Maria Machado (1), Autran Dourado (2), Clarice Lispector (3), Conceição Evaristo (1), Jorge Amado (4), Lya Luft (2), Lygia Fagundes Telles (3), Rachel de Queiroz (3), Raduan Nassar (1) e Rubem Fonseca (4).

O subcorpus PE é constituído por 5 escritoras e 5 escritores portugueses (os números entre parênteses são referentes à quantidade de textos compilados, sendo no total 24 obras): Agustina Bessa-Luís (1), António Lobo Antunes (4), Fernando Pessoa (1), Florbela Espanca (1), Inês Pedrosa (4), José Saramago (5), Lídia Jorge (4), Miguel Torga (1), Sophia de Mello Breyner Andresen (1) e Virgílio Ferreira (2).

O subcorpus TT, por sua vez, é estabelecido por 5 autoras e 5 autores anglófonos (os números entre parênteses são referentes à quantidade de textos compilados, sendo no total 24 obras): Agatha Christie (4), Alice Munro (2), Ernest Hemingway (3), Graham Greene (2), John Steinbeck (1), Margaret Atwood (3), Pearl S. Buck (1), Virginia Woolf (4), William Faulkner (3) e William Golding (1). Em relação às tradutoras e aos tradutores, esses não contabilizaram um equilíbrio numérico tão preciso, pois há 14 obras mediadas por tradutores e 10 obras mediadas por tradutoras.

A extensão de cada subcorpus – observando a adequação aos objetivos da investigação, a especificidade com relação ao gênero textual e a representatividade de um universo pré-determinado – contém ao menos 1.500.000 de palavras gráficas (*tokens*), de forma que o subcorpus PE contivesse um pouco a mais do que os seus respectivos subcorpora comparáveis, pois, segundo a hipótese desta investigação, o subcorpus PE contém menor frequência no uso do sufixo *-inho* e a vantagem numérica dada a ele reiteraria a hipótese. O subcorpus TT, por sua vez, segue a mesma lógica somente em relação ao subcorpus PB, para testar a densidade lexical e o uso do sufixo *-inho* na tradução, em vista de investigar indícios de simplificações, explicitações e normalizações. Com isso, o subcorpus PB contém 1.524.086 *tokens* e 56.031 *types*; o subcorpus TT abrange 1.600.864 *tokens* e 51.047 *types*; e o subcorpus PE possui 1.603.558 *tokens* e 69.266 *types* (cf. seção 5).

O manuseio desse corpus comparável é executado por meio do *AntConc 3.5.8* (ANTHONY, 2019), uma ferramenta computacional para a investigação empírica do uso da

linguagem através de textos armazenados eletronicamente em formatos de arquivos de texto com extensão em TXT. Portanto, todos os textos foram modificados para este tipo de formatação a fim de possibilitar tão somente a leitura pelo software.

Assim como em outras ferramentas usadas em linguística de corpus como o *WordSmith Tools* (SCOTT, 1999), o *AntConc 3.5.8* disponibiliza lista de palavras, concordanciador, extração de palavras-chave, entre outras. Para esta segunda parte da análise, apenas a lista de palavras foi utilizada através do dispositivo que elenca as palavras em ordem alfabética da direita para a esquerda (*sort by word end*), extraiu-se as palavras gráficas (*types*) que contivessem nos quatro e cinco últimos grafemas as terminações INHO, INHA, INHOS e INHAS, o que possibilitaria a coleta de palavras sufixas pelos morfemas [inho] e [zinho], considerando igualmente as desinências de gênero e de número.

Posteriormente, esses finais gráficos das palavras foram averiguados, em planilha do *Microsoft Excel*, quanto ao seu valor morfológico, os que não foram caracterizados como sufixos foram descartados da análise, mas mantiveram-se na contagem somente as palavras sufixadas e as palavras que contém o sufixo lexicalizado semanticamente no português; assim, palavras como *padrinho*, *farinha* ou *galinha* não são consideradas para contabilização. Por este meio, foi possível contabilizar tanto os *tokens* quantos os *types* sufixados por *-inho* e as palavras com os grafemas finais em INHO, INHA, INHOS e INHAS.

De maneira semelhante, a busca pelo adjetivo *pequeno*, com suas desinências de gênero e de número, indicando diminutivo analítico, seguiu alguns dos procedimentos executados na busca pelo sufixo *-inho*. Primeiro, todo o corpus foi submetido ao software *AntConc 3.5.8*, porém, dado que a investigação se concentrou nos grafemas iniciais do adjetivo *pequeno* e desconsiderando possíveis desinências, ao invés de realizar uma busca através da lista de palavras, coletei os dados por meio do concordanciador que disponibiliza os cotextos⁶⁴ dos grafemas inseridos no buscador. Embora tenha, a princípio, desconsiderado as desinências, todas elas estão contidas por meio de um asterisco, isto é, ao selecionar no buscador do concordanciador o termo PEQUEN*, inclui-se aí todas as palavras iniciadas por tais grafemas mais quaisquer restante, pois o asterisco é o dígito coringa (ALVES; ASSIS, 2016) para o buscador do concordanciador no *AntConc 3.5.8* que seleciona qualquer grafema posterior, não importando a quantidade. Consequentemente, surgiram adjetivos que não indicavam o diminutivo analítico e substantivos como *pequenez*, todos eliminados para a contagem final por

⁶⁴ O termo *cotexto* refere-se às palavras que se posicionam imediatamente à esquerda e/ou à direita numa linha de concordância disponibilizada pelo concordanciador em ferramentas computacionais utilizadas na linguística de corpus como o *AntConc 3.5.8*.

meio da análise de seus cotextos devidamente armazenados e catalogados em planilha do *Microsoft Excel*.

Ao investigar a densidade lexical, observei a relação entre as quantidades de *types* e *tokens*, a fim de calcular a razão forma-item simples, ou seja, a divisão dos *types* pelos *tokens* e o resultado multiplicado por 100. Quanto à análise da razão forma-item padronizada, não tive acesso a uma ferramenta computacional capaz de contabilizar esse tipo de razão, por isso, apresento apenas a razão forma-item convencional, pois o *AntConc 3.5.8* não disponibiliza aquele cálculo, sendo esta razão “obtida a partir da média entre as várias razões calculadas para intervalos regulares de palavras no corpus. [Por exemplo,] o padrão no *WordSmith Tools* calcula a razão para grupos de 1.000 palavras” (ZYNGIER; VIANA; SILVEIRA, 2011, p. 101, 106).

4.2 Investigação da circulação de obras ubaldianas traduzidas

Na segunda análise, investigo a circulação de obras ubaldianas traduzidas até a segunda autotradução de um romance ubaldiano a fim de observar, na circulação dessas obras traduzidas, indícios da razão para a segunda autotradução e possíveis implicações linguístico-culturais sobre o texto autotraduzido. Para esse processo de catalogação, utilizo fontes documentais e bibliográficas, a fim de obter uma lista (cf. Quadro 8) que contenha as obras literárias traduzidas pertinentes para este estudo.

A busca pelas obras traduzidas abrange as seguintes fontes bibliográficas e documentais: o *Index Translationum* (UNESCO, 2019), o *WorldCat* (OCLC, 2019), o site oficial da ABL (ACADEMIA..., 2019), a edição especial de 30 anos de publicação de *Viva o povo brasileiro* (RIBEIRO, J., 2014) e a tese de doutorado de Oliveira, J. (2006). Todas essas fontes contribuem, para que a catalogação se torne a mais completa possível, dado que tais fontes, isoladamente, disponibilizam um conjunto incompleto de obras literárias traduzidas, mas que, conjuntamente, proporcionam o cruzamento de informações, de forma que o que é repetido é desconsiderado e o que é novo é adicionado para a criação do Quadro 8.

O *Index Translationum*, doravante *Index*, é uma plataforma online da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) que dispõe de um acervo bibliográfico de textos traduzidos e publicados em todo o mundo em dezenas línguas. Entretanto, por causa de um corte orçamentário na instituição (LINDOSO, 2015), não ocorrem novas atualizações na plataforma há alguns anos. Em vista disso, busquei novas fontes que pudessem contribuir para o enriquecimento de informação para a criação do catálogo de obras literárias ubaldianas traduzidas.

Como base complementar à fonte anterior, averiguo também na plataforma online *WorldCat*, contração de *World Catalog*, que, segundo o seu site oficial (OCLC, 2019), é a maior rede de conteúdos e serviços bibliotecários de todo o mundo, com a finalidade de prover ao usuário o acesso à localização de obras publicadas e disponíveis em diversas bibliotecas no mundo. A *WorldCat* é gerenciada pela *Online Computer Library Center* (OCLC), uma instituição em atividade desde 1967 (CARDOSO, 2015). A plataforma, diferentemente de outras fontes consultadas, contém novas atualizações referentes a publicações de traduções de obras ubaldianas que não foram apresentadas por outras fontes consultadas, como a tradução de *Sargento Getúlio* para a língua persa em 2001 (cf. Quadro 8).

Outra fonte para a compilação do Quadro 8 é o site oficial da ABL, uma instituição da qual João Ubaldo Ribeiro fez parte de 1993 – ano de sua eleição, mas com ocupação da cadeira 34 em 1994 – até a sua morte em 2014 (ACADEMIA..., 2019). No site, há informações diversas sobre o autor e suas obras publicadas e traduzidas, incluindo outras informações, tais como, o discurso de posse e o perfil do acadêmico dentro da ABL.

A edição brasileira comemorativa de 30 anos de publicação de *Viva o povo brasileiro* (RIBEIRO, J., 2014) é outra fonte bibliográfica consultada e que também apresenta informações referentes a publicações de traduções, porém, exclusivamente dedicadas a esse romance.

Por fim, outra fonte bibliográfica é a tese de Oliveira, J. (2006), o qual trata dos narradores em obras ubaldianas, mas que, ao final, apresenta uma longa exposição de muitos dos textos publicados por João Ubaldo ao longo de sua carreira (romances, contos, crônicas, antologias, ensaios, apresentações e introduções de livros, entre outros gêneros textuais), traduções de suas obras para diversos idiomas, além de adaptações para cinema, teatro e televisão.

Embora essas três últimas fontes sejam limitadas e não completamente atualizadas, elas mostram-se úteis como, por exemplo, para consultar observações sobre determinadas obras traduzidas, além de realizar contrastes e ratificações com as mesmas informações contidas nas outras fontes consultadas. Além disso, todas essas cinco fontes documentais e bibliográficas, em conjunto, possibilitam a formação de um catálogo atualizado das obras ubaldianas traduzidas para a posterior análise das implicações que resultaram tanto na necessidade de uma segunda autotradução realizada por João Ubaldo quanto nas escolhas linguístico-culturais sobre o texto autotraduzido, ambos os assuntos são tratados na seção relativa à segunda parte da análise desta pesquisa (cf. seção 6).

A partir das consultas nessas bases de dados (online e física) que são essas fontes bibliográficas e documentais, é possível averiguar quais e quantas são as traduções realizadas

a partir das obras literárias ubaldianas. Para este estudo sobre a circulação das obras de João Ubaldo, considero apenas os textos literários ubaldianos que foram publicados até 1984, ano da publicação de *Viva o povo brasileiro*. Dessa maneira, averiguo todas as obras ubaldianas publicadas até o ano da publicação da segunda autotradução, a saber, *An invincible memory*, em 1989. As obras analisadas foram: i) quatro romances: *Setembro não tem sentido* (1968), *Sargento Getúlio* (1971), *Vila real* (1979) e *Viva o povo brasileiro* (1984); ii) e outros gêneros textuais literários (contos, crônicas e ensaios): *Vencecavalo e o outro povo* (1974), *Política (quem manda, por que manda, como manda)* (1981), *Livro de histórias* (1981), *Vida e paixão de Pandonar, o cruel* (1983) e *Sempre aos domingos* (1988). Concernente aos itens que foram apurados e compõem a estruturação do Quadro 8, estes são: a língua-alvo, a cidade da editora, o ano de publicação, a língua veicular/intermediária quando houver e o número de edições publicadas, sendo possível visualizar todas essas variáveis no quadro anteriormente mencionado. A partir dos dados coletados, realizo uma análise qualiquantitativa sobre esses romances ubaldianos e a circulação das suas respectivas traduções, dialogando, sempre que possível, com contribuições de estudiosos cujas pesquisas fazem parte das referências contidas neste estudo, para que se possa chegar a conclusões sobre as implicações que essa circulação teve para a realização da segunda autotradução de um romance de João Ubaldo e para o texto autotraduzido.

4.3 Cotejamento de tradução em corpus paralelo bilíngue

A terceira parte da análise é a última e a mais importante para este estudo, por ser a que me ateno com mais profundidade na análise do uso e da tradução do sufixo *-inho*. Ela é formada por um corpus paralelo bilíngue composto pelo romance ubaldiano *Viva o povo brasileiro* (subcorpus VPB), em língua portuguesa, e sua autotradução *An invincible memory* (subcorpus AIM), em língua inglesa. Nesta parte da análise, portanto, cotejo a tradução, buscando analisar as transferências linguístico-culturais que João Ubaldo faz nessa mediação intercultural, sem olvidar as contribuições advindas da primeira e da segunda partes desta pesquisa.

A investigação conduzida, no corpus paralelo bilíngue (português-inglês), busca aspectos semelhantes aos que foram conduzidos no corpus comparável em relação ao número de *types* e *tokens*, densidade lexical, palavras frequentes e *hapaces legomena*, entre outras técnicas que investigam aspectos do uso sociolinguístico-literário-cultural do sufixo *-inho*, porém, sem necessariamente realizar contrastes linguísticos diretos entre os dois subcorpora, por serem duas

línguas que não permitem esse tipo de estudo. O foco é observar o uso do sufixo *-inho* no subcorpus VPB em relação a aspectos morfofonológicos, morfossintáticos e morfossemânticos. Essas características mencionadas são catalogadas por meio de uma grade de anotação numérica (cf. Quadro 3). A fim de realizar tal investigação, faço o uso de etiquetas nos subcorpora VPB e AIM, ou seja, adiciono anotações manuais nos corpora por meio de etiquetas contendo números referentes à uma grade de marcação em que cada número se refere a uma classificação pré-determinada. Alves e Assis (2016, p. 2) mencionam que

uma alternativa aos programas automáticos de anotação de corpora é a anotação manual através do desenvolvimento de sua própria grade de anotação, ou código de rotulação. Estas podem ser inseridas no próprio corpus entre parênteses angulares < >, para não interferir nos dados quantitativos, ou através de planilha eletrônica.

A grade de anotação do subcorpus VPB abrange os três aspectos linguísticos investigados em relação ao sufixo *-inho* por meio de correspondências numéricas, ou seja, cada item da grade corresponde a um número e em ordem pré-estabelecida, com isso, a etiqueta primeiro contém um dígito referente ao aspecto morfofonológicos do sufixo, depois outro dígito em relação ao aspecto morfossintático e, em seguida, o último dígito é relativo ao aspecto morfossemântico. Inicialmente, as etiquetas foram inseridas no subcorpus VPB em formato DOC, para então o texto ser convertido em formato TXT, sendo essa uma das vantagens mencionadas por Alves e Assis (2016, p. 4) que também argumentam que, embora o pesquisador possa considerar a anotação numérica um pouco mais intrincada do que a anotação por categorias, “o avançar do trabalho familiariza o pesquisador com os códigos e a marcação torna-se mais ágil, além de deixar o corpus menos poluído”.

Quadro 3: Grade de anotação das etiquetas no subcorpus VPB

NÚMERO ETIQUETADO	ASPECTOS MORFOFONOLÓGICOS	ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS	ASPECTOS MORFOSSEMÂNTICOS
1	Morfe [inho]	Substantivo	Apreço
2	Morfe [zinho]	Adjetivo	Redução espacial
3	Múltipla sufixação	Hipocorístico	Intensificação
4	Morfe [inha]	Antropônimo/Topônimo	Atenuação
5	Morfe [zinha]	Advérbio	Depreciação
6	-	Pronome	Lexicalização semântica
7	-	Metaplasmo	-

Fonte: Autor (2020).

A grade de anotação no Quadro 3 apresenta três diferentes categorias relacionadas ao sufixo *-inho*: aspectos morfofonológicos, morfossintáticos e morfossemânticos. A primeira classificação está relacionada a alguns morfemas pertencentes ao conjunto alomórfico do morfema {inho} e à múltipla sufixação, sendo assim, há cinco categorias de palavras com uma das seguintes características, as quais apresento com suas respectivas etiquetas numéricas: morfe [inho], etiqueta <1>; morfe [zinho], etiqueta <2>; múltipla sufixação que contenha mais de um dos alomorfes do morfema {inho}, etiqueta <3>; morfe [inha], etiqueta <4>; e morfe [zinha], etiqueta <5>.

A segunda classificação é relativa a funções morfossintáticas das palavras sufixadas por *-inho* no português. Caso as classificações das funções morfossintáticas das palavras sufixadas por *-inho* fossem seguidas conforme a classificação geral de Cunha, C. (2008), as etiquetas poderiam, então, abranger as seguintes funções das palavras: *substantivo*, *adjetivo*, *advérbio*, *artigo*, *pronome*, *verbo* e *numeral*, *preposições* e *conjunções*. Contudo, como exposto na subseção 2.1, a morfotática do sufixo *-inho* permite que ocorra em qualquer palavra sem grandes restrições morfossintáticas, mas probabilisticamente não é provável que aconteça, o que é consoante ao que foi averiguado no subcorpus VPB que apresentou apenas palavras nas seguintes funções: *substantivo*, *adjetivo*, *advérbio* e *pronome*. Além dessas funções, adicionei na catalogação três novas categorias, a fim de especificar outras variedades de palavras sufixadas por *-inho* presentes no subcorpus, a saber, *hipocorístico*, *topônimo/antropônimo* e *metaplasmo*.

Os hipocorísticos catalogados são consoantes à definição restrita de Monteiro (2002, p. 209), isto é, “em sentido restrito, o hipocorístico designa uma alteração [morfofonêmica] do prenome ou sobrenome”. Já os topônimos e antropônimos são os demais nomes de locais ou de pessoas que não são passíveis de serem registrados na categoria anterior. Os metaplasmos, no que lhe concernem, são “desvios ou alterações que incidem na forma das palavras, em sua constituição sonora [e que] se processam num nível morfofonológico, não apenas no morfológico ou no fonológico”, entretanto, as ocorrências desses metaplasmos foram palavras transcritas no texto literário cuja representação gráfica contém, por justaposição ou aglutinação, outra(s) forma(s) lexical(is) simples, tendo em vista que na oralidade tendem a formarem uma só palavra fonológica em alguns dialetos do português brasileiro (cf. subseção 7.1.2). Em vista disso, os metaplasmos analisados, por conterem mais de uma forma simples na sua composição, têm uma multiplicidade de classificações no nível sintático se considerada a sua grafia, portanto, não se adequa aos aspectos morfofonológicos do Quadro 3, pois este centraliza-se tão somente na sufixação das palavras; logo, os metaplasmos são melhor classificados nos aspectos

morfossintáticos. Por isso, as classificações são rotuladas da seguinte maneira nas etiquetas numéricas: substantivo, etiqueta <1>; adjetivo, etiqueta <2>; hipocorístico, etiqueta <3>; topônimo/antropônimo, etiqueta <4>; advérbio, etiqueta <5>; pronome, etiqueta <6>; e metaplasmo, etiqueta <7>.

A terceira coluna é a classificação concernente aos aspectos morfossemânticos das palavras sufixadas por *-inho*. A partir de teóricos como Basílio (2017), Chaves (2006) e Gonçalves, M. (2005) que descrevem possíveis funções que o sufixo *-inho* pode desempenhar nas palavras, apresento uma reclassificação possível em que as seguintes categorias morfossemânticas deste sufixo ocorrem no subcorpus VPB: *apreço*, *redução espacial*, *intensificação*, *atenuação*, *depreciação* e *lexicalização semântica*. Em caso de ocorrência simultânea de mais de uma dessas quatro primeiras funções, será dada a prioridade a somente uma delas, considerando a seguinte ordem: primeiro, *redução espacial*; segundo, *intensificação*; terceiro, *atenuação*; quarto, *depreciação*; e, por último, *afetividade*, algo semelhante ao que foi apresentado na condução da pesquisa de Gonçalves, M. (2005).

A subcategoria *apreço* inclui todas as palavras sufixadas por *-inho* que têm o sufixo como uma maneira de expressar uma afetividade benéfica em direção ao referente, incluindo, por exemplo, o carinho, a afeição, a delicadeza, a ternura, o cuidado ou a proteção. A subcategoria *redução espacial*, por sua vez, sugere que o sufixo *-inho* indica a redução das dimensões concretas daquilo a que se refere, ou seja, a diminuição espacial se comparado ao mesmo termo lexical sem o sufixo indicador de diminutivo analítico *-inho*. A subcategoria *intensificação* assinala que o sufixo indica o aumento e a acentuação das características da palavra sufixada, ocorrendo especialmente com advérbios e adjetivos. A subcategoria *atenuação*, por outro lado, é o oposto da anterior, isto é, o sufixo serve para tornar a redução, a atenuação ou a limitação do nível semântico da palavra sufixada ainda mais expressiva, aqui incluo palavras com funções adjetivas ou adverbiais como *pouco*, *nada*, *baixo* ou *miúdo* em que não se refiram a reduções espaciais concretas, mas apenas à diminuição abstrata que a palavra conota. A subcategoria *depreciação* refere-se a palavras sufixadas por *-inho* que tenham o efeito contrário ao que é expresso na subcategoria *apreço*, tais como, desvalorização, desprezo, ódio, raiva ou indiferença, incluo também a ironia. A última subcategoria é a *lexicalização semântica* (cf. subseção 2.1) cuja formação morfológica da palavra já abrigou o sufixo *-inho* na língua portuguesa, mas que hoje a palavra é considerada como uma forma simples.

Em vista dessas classificações, as etiquetas foram inseridas no subcorpus VPB ainda no formato DOC e a busca foi realizada por meio do buscador *localizar* do *Microsoft Word* após inserir as letras *INH* já que possibilita a busca de todas as palavras que compõem os aspectos

morfofonológicos pré-estabelecidos. Após a visualização e averiguação dos cotextos imediatos a palavra foi ou não etiquetada conforme a grade de anotação no Quadro 3.

Em relação ao cotejamento da tradução em corpus paralelo, por outro lado, comparo a tradução de palavras sufixadas ou lexicalizadas pelo sufixo *-inho* no subcorpus AIM a partir de uma adaptação da classificação das modalidades de tradução de Aubert (1998). Com relação ao subcorpus AIM, as etiquetas contêm as mesmas anotações do texto-fonte mais as modalidades de tradução de Aubert (1998), a fim de possibilitar uma facilitação no manuseio deste corpus.

Aubert (1998, p. 103, grifo do autor), no desenho metodológico de seu estudo, teve por objetivo “a descrição do ‘grau de diferenciação’ entre o texto original e o texto traduzido” cuja unidade textual considerada foi a palavra, mas sem a intenção de considerar que a tradução seja realizada termo a termo, pois, para ele, essas modalidades apenas representam um meio, dentre muitos, de analisar as estruturas de superfície entre o texto de partida e o texto de chegada.

A escolha da palavra como unidade de contagem não induz necessariamente a conduzir a observação e a análise enquanto tais palavra por palavra. Com efeito, para poder responder à questão formulada acima, cada palavra do texto original necessita, inicialmente, ser situada no contexto do sintagma, da oração e do contexto mais amplo em que ocorre e, somente depois, ser buscada no texto traduzido, em que pode ocorrer, de forma explícita, como palavra isolada, como sintagma nominal ou verbal, como morfema ou como paráfrase ou, ainda, de forma implícita, condensada, sugerida por uma ou mais soluções na versão oferecida pelo tradutor. A escolha da unidade lexical, portanto, não implica na adoção de qualquer teoria ‘ingênua’ da linguagem, representando, tão somente, uma solução conveniente para a qualificação de dados textuais (AUBERT, 1998, p. 104, grifo do autor).

As modalidades de tradução que Aubert (1998) apresenta fazem referência às palavras. Neste trabalho, por sua vez, considero, para fins metodológicos, as palavras sufixadas por *-inho* contidas no subcorpus VPB e que foram traduzidas para o inglês no subcorpus AIM. Com isso, algumas classificações sofrem pequenas alterações, tendo em vista os objetivos desta pesquisa cujo foco recai sobre aquele sufixo. Considero, inicialmente, apenas 11 modalidades de tradução, tendo em vista que duas modalidades não são possíveis de ocorrerem no subcorpus AIM, a saber, as modalidades (11) e (20). Dentre as onze modalidades possíveis, uma delas foi dividida em duas, a saber, a modalidade *explicitação/implicitação*, pois este estudo converge para contabilizar as modalidades apenas sobre as palavras sufixadas por *-inho* no texto autotraduzido.

Caso haja simultaneidade de modalidades observadas sobre a mesma palavra, a ordem de prioridade seguirá a mesma de Aubert (1998, p. 105), a saber, aquela que estiver mais distante do “grau zero”, isto é, da modalidade *transcrição*. A seguir, pormenorizo as modalidades de tradução descritas por Aubert (1998), mas aplicando ao contexto e às necessidades teórico-

metodológicas desta pesquisa. A ordem de apresentação segue em direção ao distanciamento da modalidade chamada de “grau zero”.

- (10) A *omissão* é a primeira modalidade de tradução de Aubert (1998), mas que não representa uma tradução interlinguística, mas uma ocultação do segmento a ser traduzido. Ela ocorre quando não há qualquer segmento textual no texto traduzido que seja referente àquele no texto original. Para esta pesquisa, é o apagamento da palavra em que nem sua forma simples nem o sufixo *-inho* aparecem traduzidos, mas totalmente omitidos.
- (11) A *transcrição*, o grau zero para Aubert (1998), é a cópia de segmentos comuns a ambas as línguas (e.g. algoritmos), empréstimos que ocorram nas duas línguas de forma semelhante (e.g. palavras e expressões do latim) e palavras advindas da língua-alvo. Para esta modalidade, o corpus paralelo investigado não apresenta a possibilidade de transcrições de palavras que contenham o sufixo *-inho* e atendam aos requisitos desta modalidade.
- (12) O *empréstimo* é a reprodução no texto de chegada de um segmento textual pertencente ao texto de partida, esteja ele indicado por algum marcador como o itálico ou não (AUBERT, 1998). Nesta pesquisa, enquadra-se nesta modalidade qualquer palavra reproduzida do português no subcorpus AIM e que contenha o sufixo *-inho*.
- (13) O *decalque* é a tradução de uma palavra ou expressão que, embora adaptados à grafia e à morfologia da língua-alvo, obedecem às regras estruturais da língua-fonte e não estão dicionarizados (AUBERT, 1998).
- (14) A *tradução literal*, para o modelo de Aubert (1998), é relativa à tradução que mantém o mesmo número de palavras, a mesma ordem sintática, utiliza-se das mesmas categorias gramaticais e contém opções lexicais que sejam consideradas sinônimos interlinguísticos. As palavras sufixadas por *-inho* e que se enquadram nesta modalidade é preciso que apresentem tanto a palavra quanto um sufixo no inglês que indique o diminutivo sintético dessa língua-alvo.
- (15) A *transposição*, por outro lado, ocorre quando um dos requisitos da modalidade *tradução literal* não é cumprido, isto é, “sempre que ocorrem rearranjos morfossintáticos” (AUBERT, 1998, p. 107), o que, para este trabalho, pode corresponder à tradução de uma palavra em que contenha rearranjo morfossintático presente especialmente no diminutivo analítico em inglês, isto é, um segmento textual antecedido pelos adjetivos *little* ou *small*, mas qualquer outra palavra qualificativa será considerada como *explicitação*. Além disso, pode também ocorrer outros rearranjos com palavras lexicalizadas, formando palavras justapostas ou locuções.
- (16) A *explicitação/implicação* é, entre as modalidades de Aubert (1998, p. 107), “duas faces da mesma moeda”, pois se houver explicitação no texto traduzido, haverá implicação no texto de partida. Entretanto, nesta pesquisa, considero apenas o texto traduzido para efeitos de contabilização das

modalidades de tradução por meio das anotações no corpus AIM. Assim, a *explicitação* aqui corresponde ao sufixo *-inho* evidente no texto traduzido por outros meios que não através do diminutivo analítico em inglês, já que se configuraria como *transposição*.

- (17) A *implicação*, por sua vez, é a omissão da tradução do sufixo *-inho*, mas a manutenção da tradução da palavra a que o afixo está atrelado.
- (18) A *modulação* é a tradução de um segmento textual em que o valor semântico seja distinto, mas que dado o contexto, o sentido permanece. Aubert (1998, p. 108) explica que esta modalidade ocorre quando há “um deslocamento perceptível na estrutura semântica de superfície, embora retenha o mesmo efeito geral de sentido no contexto e no co-texto específicos”.
- (19) A *adaptação*, nas modalidades descritas por Aubert (1998), é a tradução de um segmento textual, tendo em vista os aspectos culturais da cultura-alvo, pois, ainda que não sejam traduções que considerem tão somente o plano linguístico, contemplam uma mediação tradutória linguístico-cultural conveniente para os objetivos propostos pela tradução.
- (20) A *tradução intersemiótica*, entre as modalidades de Aubert (1998), é a conversão de imagens em signos gráficos, ou seja, a descrição de imagens em palavras, sendo o inverso igualmente possível. Essa modalidade não ocorre no corpus paralelo compilado, dado que ele é inteiramente composto por textos escritos.
- (21) O *erro* é considerado como a tradução evidentemente equivocada e que, segundo Aubert (1998), não abrangem as traduções supostamente inadequadas ou estilisticamente incoerentes, pois estas partem das percepções inteiramente subjetivas de quem a critica. Aos tradutores é dado o direito de traduzirem conforme os seus objetivos traçados para aquele texto, o *erro*, portanto, em nada tem a ver com essa liberdade, pois aqui ela é considerada como a notória distorção sem motivo aparente do texto traduzido em relação ao texto de partida.
- (22) A *correção* é a mudança de um segmento textual na tradução de forma a tornar esse texto mais adequado aos olhos de quem traduz, isto é, corrigir “erros factuais e/ou linguísticos, inadequações e gafes” (AUBERT, 1998, p. 109) que sejam pertinentes no momento da atividade tradutória. Em outra oportunidade, observei uma correção numa crônica ubaldiana em tradução para o alemão (SILVA, P., 2019c)⁶⁵, o que pode ser tomado como caso análogo para esta modalidade de tradução. Todavia, no subcorpus AIM, não foi possível constatar qualquer correção evidente.

⁶⁵ A modalidade *correção* foi observada numa crônica ubaldiana contida na coletânea de crônicas *Ein Brasilianer in Berlin* publicada em língua alemã (RIBEIRO, J., 1994), mas que inicialmente as crônicas foram veiculadas no jornal alemão *Frankfurter Rundschau*. Dado que João Ubaldo não tinha proficiência na língua alemã, necessitou-se de tradução cuja responsabilidade recaiu sobre a tradutora alemã Ray-Güde Mertin. Em Silva, P. (2019c), identifiquei que a tradutora optou por corrigir a expressão e a traduziu por *ausnehmen*, verbo que indica a evisceração de um animal. A *correção*, aqui, é a mesma modalidade tradutória descrita por Aubert (1998). Em

(23) Por fim, o *acréscimo* é a adição de um segmento textual não motivado por qualquer conteúdo implícito ou explícito do texto de partida em si, mas pela iniciativa do próprio tradutor a cargo da mediação e, por isso, não se pode confundir com as modalidades *transposição* ou *explicitação* (AUBERT, 1998).

Em vista disso, o dois últimos dígitos das etiquetas quanto à numeração das modalidades de tradução de Aubert (1998) seguem conforme o Quadro 4, pois os três dígitos iniciais são pertencentes às palavras contidas no subcorpus paralelo VPB, a fim de facilitar o manuseio do corpus paralelo no *AntConc 3.5.8* ao longo de toda a análise. As etiquetas do subcorpus AIM, então, apresentam tanto a etiqueta da palavra a que corresponde no seu subcorpus paralelo quanto a numeração da modalidade de tradução a que se relaciona, a fim de proporcionar agilidade na busca pelas etiquetas do subcorpus AIM no *AntConc 3.5.8* e sua comparação com a etiqueta da palavra que se encontra no subcorpus VPB.

Para a confecção do Quadro 4, foram admitidas todas as modalidades que seriam possíveis para este subcorpus, contudo, após a etiquetagem do subcorpus AIM, além das modalidades *transcrição* e *tradução intersemiótica*, que já estavam previstas para a não ocorrência, constatei que as modalidades *correção* e *erro* também não parecem constar no subcorpus autotraduzido, mas todas as outras possibilidades mantiveram-se e que, por consequência, há, neste estudo, dez modalidades de tradução que são estudadas (cf. subseção 7.2).

A observação das palavras sufixadas por *-inho* no subcorpus AIM foi realizada manualmente ainda em seu formato DOC em conjunto com seu subcorpus paralelo VPB por meio da exibição lado a lado do *Microsoft Word*. No entanto, após a finalização da etiquetagem do subcorpus paralelo em língua inglesa, a quantificação e a exploração para a análise foram executadas por meio da ferramenta computacional *AntConc 3.5.8*.

Quadro 4: Grade de anotação das etiquetas no subcorpus AIM

NÚMERO ETIQUETADO	MODALIDADES DE TRADUÇÃO
01	Omissão
02	Empréstimo
03	Decalque
04	Tradução literal

vista disso, é interessante notar que, embora espinhas sejam biologicamente consideradas como ossos pequenos e finos, a tradução pode sugerir que peixes não são desossados, mas apenas eviscerados, isso se for levado em consideração que a designação da palavra “desossar” e seus sinônimos interlinguísticos referem-se, preferencialmente, à retirada de ossos maiores de animais vertebrados, tais como o desossamento de aves ou mamíferos terrestres.

05	Transposição
06	Explicitação
07	Implicitação
08	Modulação
09	Adaptação
10	Acréscimo

Fonte: Autor (2020).

Após esta seção, começo a apresentação de três análises sobre transferências linguístico-culturais, sendo, as duas primeiras, suportes necessários para o estudo de caso em particular que está presente na última investigação. Na primeira, investigo o sufixo *-inho* em corpus comparável monolíngue de forma a estudar o comportamento de tal sufixo em textos literários lusitanos, brasileiros e traduzidos de autores anglófonos para a comunidade lusófona, a princípio, por e para falantes do português brasileiro. Na segunda, averiguo a circulação de obras ubaldianas traduzidas, considerando todos os romances publicados pelo autor até o lançamento de *Viva o povo brasileiro*, de forma a observar o que impulsionou a segunda autotradução de um romance ubaldiano e de que modo essas pressões extratextuais poderiam implicar sobre o texto autotraduzido. E, por fim, na terceira análise, apresento um estudo de caso sobre a autotradução de palavras sufixadas por *-inho* à luz da estilística de corpus em *An Invincible Memory* de João Ubaldo Ribeiro. A partir desta seção, portanto, dou início à triangulação dos dados coletados nestes estudos.

5 TRANSFERÊNCIAS LINGÜÍSTICO-CULTURAIS I: O SUFIXO *-inho* EM CORPUS COMPARÁVEL MONOLÍNGUE

Nesta seção, apresento a análise de dados a partir de um corpus comparável monolíngue. Ela está dividida em três partes, as quais compreendem os três subcorpora que compõem o corpus comparável: o subcorpus PE com a variedade do português europeu, o subcorpus PB com a variedade do português brasileiro e o subcorpus TT com textos de língua inglesa traduzidos para a língua portuguesa. No total, este corpus comparável contém 4.728.508 *tokens* (itens) e 103.490 *types* (formas)⁶⁶, com densidade lexical de 2,18%. Em relação ao sufixo *-inho*, este corpus apresenta 14.806 itens sufixados por *-inho*, mas, ao considerar as terminações *inho*, *inhos*, *inha* e *inhas*, este dado alcança 47.410 itens que foram investigados na coleta de dados por meio da lista de palavras extraída do *AntConc* 3.5.8.

A compilação deste corpus comparável justifica-se por pelo menos dois motivos: i) compreender o uso sociolinguístico-literário-cultural do sufixo *-inho* por meio de ferramentas computacionais presentes na linguística de corpus e do embasamento teórico-metodológico da estilística, neste caso, da estilística de corpus, tendo em vista a afirmação de Holanda (1995) sobre esse sufixo, pois ele compreende ser um aspecto atrelado à cultura brasileira; e ii) analisar o uso do sufixo *-inho* em textos traduzidos do inglês para o português, investigando as possíveis restrições tradutórias (KENNY, 2001) presentes nessa mediação e as implicações que os polissistemas literários podem exercer sobre o texto traduzido, além de outros aspectos descritos por Toury (1995), como simplificação, exemplificação e normalização que estão presentes na tradução.

Seguindo a taxonomia descrita por Viana (2010), o corpus ora compilado e analisado pode ser descrito como um corpus *especializado*, pois contém apenas obras literárias; *escrito*, uma vez que os textos compilados provêm de gêneros textuais escritos (romances, contos e crônicas); *diacrônico*, já que contém ao menos duas sincronias seculares (séculos XX e XXI) ou diversas delas se consideradas as décadas desses séculos; *contemporâneo*, em razão dos textos ainda terem uma relação muito próxima com o tempo presente, isto é, os textos foram publicados recentemente, muitos autores ainda estão vivos ou faleceram recentemente, muito dos leitores de hoje tiveram acesso ao lançamento da primeira edição e o corpus pertence à

⁶⁶ Nesta pesquisa, dou preferência para as palavras *type* e *token*, que são amplamente conhecidas na linguística de corpus, e pretiro as palavras em língua portuguesa *forma* e *item* para não haver confusões com os mesmos termos usados nos estudos linguísticos para outros fins mais específicos, por exemplo, na morfologia ou na ortografia. Desta maneira, quando referir-me a questões da linguística de corpus, especificamente, opto por *type* ou *token*, exceto na expressão *razão forma-item*.

Idade Contemporânea da história ocidental; *estático*, visto que esse corpus, no decorrer deste estudo, não é expandido, mas é passível de ser dinâmico, caso outras pesquisas assumam a responsabilidade de expandi-lo; *monolíngue*, porquanto apenas a língua portuguesa é contemplada no corpus; *de produtores de primeira língua* (língua materna), incluindo tanto os textos escritos originalmente em português quanto os textos traduzidos no subcorpus TT, pois estes foram traduzidos por lusófonos; e *de estudo*, por ter como objetivo “observar, descrever e explicar o uso da linguagem registrado nos textos nele contidos” (VIANA, 2010, p. 33).

Embora toda a seção esteja em torno das palavras sufixadas por *-inho*, considero também para fins de quantificação as palavras lexicalizadas semanticamente por este sufixo ou em vias de lexicalização (cf. subseção 4.1), por exemplo, *calcinhas*, *colarinho*, *espetinho*, *passarinhos* e *camisinha*), isto é, itens lexicais anteriormente sufixados, mas que hoje estão incorporados à língua portuguesa como palavras simples ou palavras sufixadas que com o uso têm demonstrado indícios de serem novos itens lexicais. A seguir, apresento a análise deste corpus comparável monolíngue.

5.1 Subcorpus PE: o sufixo *-inho* na literatura portuguesa

O subcorpus PE é composto por 24 textos literários de 5 autoras portuguesas (11 textos literários) e 5 autores portugueses (13 textos literários), os quais foram apresentados no método e que passo a apresentar com seus respectivos autores, ano da primeira publicação e o gênero literário a que pertence, tendo esse subcorpus sido contemplado apenas com contos e romances ao longo de sua compilação (cf. Quadro 5).

Quadro 5: Obras literárias que compõem o subcorpus PE

AUTORIA	TÍTULO DO LIVRO	PUBLICAÇÃO	GÊNERO
Agustina Bessa-Luís	<i>A sibila</i>	1954	Romance
António Lobo Antunes	<i>As naus</i>	1988	
	<i>Os cus de Judas</i>	1979	
	<i>Eu hei-de amar uma pedra</i>	2004	
	<i>Memória de elefante</i>	1979	
Fernando Pessoa	<i>Livro do desassossego</i>	1982	Conto
Florbela Espanca	<i>As máscaras do destino</i>	1931	
Inês Pedrosa	<i>A eternidade e o desejo</i>	2007	Romance
	<i>Os íntimos</i>	2010	
	<i>Nas tuas mãos</i>	1997	
	<i>Fazes-me falta</i>	2002	
José Saramago	<i>O homem duplicado</i>	2002	
	<i>Albardas, albardas, espingardas, espingardas</i>	2014	
	<i>Ensaio sobre a cegueira</i>	1995	
	<i>A viagem do elefante</i>	2008	

	<i>Levantado do chão</i>	1980	
Lídia Jorge	<i>Antologia de contos</i>	2014	Conto
	<i>O dia dos prodígios</i>	1980	Romance
	<i>A noite das mulheres cantoras</i>	2011	
	<i>A costa dos murmúrios</i>	1988	
Miguel Torga	<i>Contos da montanha</i>	1941	Conto
Sophia de Mello	<i>A menina do mar</i>	1958	
Virgílio Ferreira	<i>Manhã submersa</i>	1954	Romance
	<i>Estrela polar</i>	1962	

Fonte: Adaptado das fichas catalográficas dos livros que compõem o subcorpus PE.

Conforme o Quadro 5, a obra mais antiga que compõe o subcorpus PE é *As máscaras do destino*, de Florbela Espanca, publicada inicialmente em 1931. Quanto às obras publicadas mais recentemente são *Antologia de contos*, de Lídia Jorge, e *Albardas, albardas, espingardas, espingardas*, de José Saramago, ambas publicadas em 2014. Apesar de eu seguir uma ordem de pré-requisitos teórico-metodológicos, a fim de alcançar um corpus de aproximadamente um milhão e meio de palavras, a escolha das obras foi relativamente randomizada, isto é, a seleção das obras obedeceu tão somente às condições pré-estabelecidas mencionadas no método para a compilação deste corpus comparável (cf. subseção 4.1), mas não a uma seleção que visasse obras específicas de autores, de gêneros ou de anos de publicação pré-determinados.

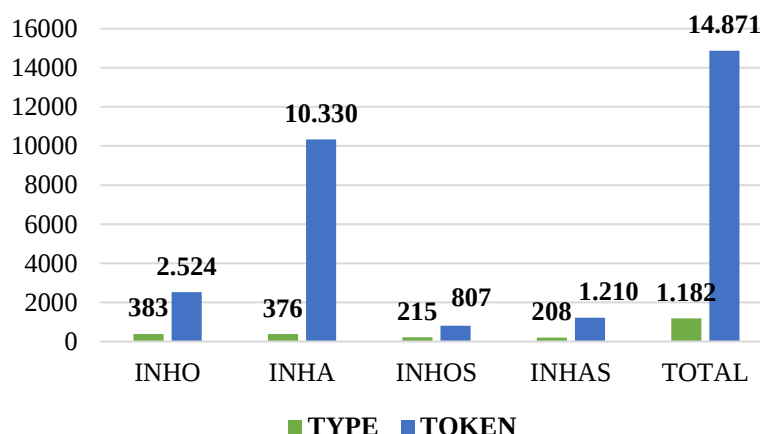
O subcorpus PE contém exatamente 1.603.558 de *tokens* e 69.266 *types*, o que representa, respectivamente, 33,91% de *tokens* e 66,93% de *types* em relação ao total de *tokens* e *types* do corpus comparável como um todo. Percebe-se, então, que há uma leve expansão no número de *tokens* se considerado os seus subcorpora comparáveis (subcorpus PB, 32,23%; subcorpus TT, 33,86%) e, além disso, mantém uma porcentagem maior de *types* em relação aos demais subcorpora (subcorpus PB, 54,14%; subcorpus TT, 49,33%).

Em relação à densidade lexical presente no subcorpus PE, a razão forma-item apresenta uma taxa de 4,32% e, portanto, tem uma densidade lexical superior aos demais subcorpora (subcorpus PB, 3,6%; subcorpus TT, 3,19%). Além disso, tem que se considerar que não são razões forma-item padronizadas, caso fossem, o subcorpus PE poderia ter uma razão ainda mais elevada em comparação aos demais subcorpora. Esses dados podem indicar que os textos literários lusitanos tendem a conter uma maior variedade de escolha de palavras, o que pode incidir diretamente na produtividade de palavras sufixadas por *-inho* neste subcorpus, ou seja, o número de *types* sufixadas por *-inho* pode ser maior, tendo em conta a presunção de que, nos textos literários lusitanos, tende-se a pluralizar suas escolhas lexicais.

Na busca por palavras sufixadas por *-inho*, obtive anteriormente a quantidade de formas contendo os grafemas finais INHO, INHOS, INHA e INHAS, dado que a ferramenta computacional não extrai somente as palavras sufixadas no primeiro momento, mas apenas contabiliza as palavras

gráficas. A busca feita por meio da opção *sort by word end* considera a ordem alfabética das palavras da direita para a esquerda, as quais foram coletadas através de uma lista de palavras produzidas pelo *AntConc 3.5.8*. Na Figura 3, apresento a mensuração dessas palavras, que contêm um daqueles grafemas, presentes no subcorpus PE.

Figura 3: Tokens e types dos grafemas finais INHO, INHOS, INHA e INHAS no subcorpus PE



Fonte: Autor (2020).

O subcorpus PE tem 14.871 palavras finalizadas com alguma das quatro terminações investigadas, sendo 1.182 *types*, o que representa, respectivamente, 0,31% e 1,14% de todas as palavras do corpus comparável, um dado menor, mas se comparado somente ao número de palavras com a mesma terminação, neste corpus comparável, a porcentagem aumenta, pois essas 14.871 palavras representam 31,37% de todos os *tokens* com essas mesmas terminações.

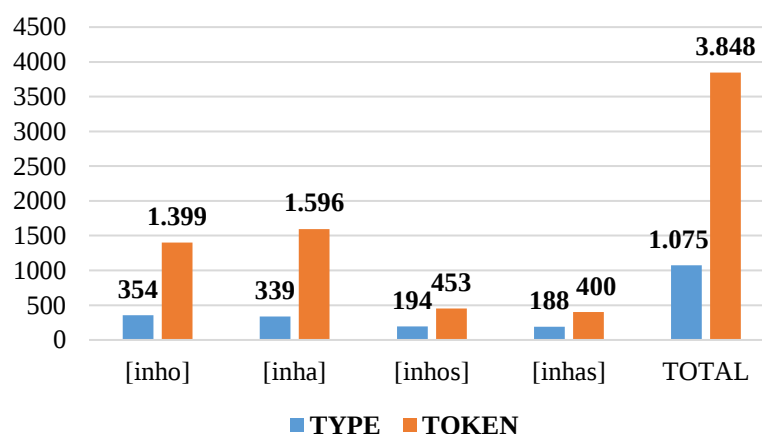
À primeira vista, o dado que mais se sobressai são os *tokens* contidos em *INHA* que alcançam 10.330 itens. Esse acúmulo tem relação, principalmente, com duas funções gramaticais: verbos e pronomes e, entre essas palavras, as mais expressivas são o verbo *tinha* (3.155) e o pronome *minha* (4.059) que, em conjunto, alcançam 7.214 *tokens*, isto é, 69,83% do total das palavras terminadas em *INHA*. Por outro lado, todas as demais terminações apresentam menor ocorrência do os *tokens* finalizados em *INHA*.

Após as palavras gráficas serem analisadas e discriminadas entre palavras sufixadas por *-inho* e palavras simples, ou seja, sem este afixo, os dados apresentam números mais próximos entre si, conforme apresento na Figura 4.

Entre os morfemas que analiso neste corpus comparável, isto é, considerando o gênero (masculino e feminino) e o número (plural e singular), os morfes [inho] e [inha] são os que têm

maior frequência. As palavras com maior frequência para cada morfema são: i) [inho]: *sozinho*⁶⁷ (174), *rapazinho* (81) e *bocadinho* (70); ii) [inha]: *Carminha* (245), *sozinha* (180) e *esperancinha* (63). O alto índice do hipocorístico *Carminha* está exclusivamente atrelado às ocorrências presentes no romance *O dia dos prodígios*, de Lídia Jorge, que tem *Carminha Rosa* como personagem principal. Enquanto os morfemas [inho] e [inha] apresentam maior frequência, os morfemas [inhos] e [inhas] têm maior produtividade proporcional.

Figura 4: Tokens e types das palavras sufixadas por *-inho* no subcorpus PE



Fonte: Autor (2020).

O subcorpus PE apresenta, na sua totalidade, 3.848 *tokens* sufixados por *-inho*, sendo 1.075 *types*. Em relação ao total de palavras sufixadas por *-inho* no corpus comparável, o subcorpus PE apresenta 25,99% desse total de *tokens*, consequentemente, ainda que seja o subcorpus mais extenso, não alcança nem ao menos um terço do total, dado que são três subcorpora que constituem o corpus comparável. Por outro lado, a densidade lexical de palavras sufixadas por *-inho* presente no subcorpus PE alcança a maior taxa entre os três subcorpora: 27,94%, o que entra em consonância com o dado apresentado pela razão forma-item de todo o subcorpus PE, a saber, a tendência à maior variedade lexical.

Na próxima subseção, apresento o subcorpus PB e contrastes pertinentes entre estes dois primeiros subcorpora, o que pode sinalizar o uso do sufixo *-inho* como característica linguístico cultural brasileira.

⁶⁷ Neste estudo, a palavra *sozinho*, considerando também suas flexões de gênero e número, é tida como uma palavra sufixada por *-inho* ou lexicalizada semanticamente, pois a etimologia da palavra, analisado por meio das RAE, indica que ela advém do vocábulo *só* adicionado ao sufixo *-inho*, indicando ora intensificação do adjetivo *só*, uma das funções desse afixo (GONÇALVES, 2006) ora uma palavra simples e que pode ser usada como sinônimo de *só*.

5.2 Subcorpus PB: o sufixo *-inho* na literatura brasileira

O subcorpus PB é igualmente composto por 24 obras literárias, das quais 6 são de escritoras brasileiras (13 obras literárias) e 4 de escritores brasileiros (11 obras literárias). Conforme o Quadro 6, a primeira obra publicada deste subcorpus é *O quinze*, de Rachel de Queiroz, publicado em 1930. Por outro lado, o livro mais recentemente publicado é *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo, em 2014, sendo, portanto, ambas as publicações de autoria feminina, algo que ocorre analogamente no subcorpus PE.

Quadro 6: Obras literárias que compõem o subcorpus PB

AUTORIA	TÍTULO DO LIVRO	PUBLICAÇÃO	GÊNERO
Ana Maria Machado	<i>A audácia dessa mulher</i>	1999	Romance
Autran Dourado	<i>Ópera dos mortos</i>	1967	
	<i>O risco do bordado</i>	1981	
Clarice Lispector	<i>A hora da estrela</i>	1977	
	<i>Perto do coração selvagem</i>	1943	Conto
	<i>Laços de família</i>	1960	
Conceição Evaristo	<i>Olhos d'água</i>	2014	
Jorge Amado	<i>Dona Flor e seus dois maridos</i>	1966	Romance
	<i>Gabriela, cravo e canela</i>	1958	
	<i>Mar morto</i>	1936	
	<i>Capitães de areia</i>	1937	
Lya Luft	<i>As parceiras</i>	1980	Crônica
	<i>Perdas e ganhos</i>	2003	
Lygia Fagundes Telles	<i>Ciranda de pedra</i>	1954	Romance
	<i>As meninas</i>	1973	
	<i>Antes do baile verde</i>	1970	Conto
Rachel de Queiroz	<i>As três marias</i>	1939	Romance
	<i>O quinze</i>	1930	
	<i>O memorial de Maria Moura</i>	1992	
Raduan Nassar	<i>Lavoura arcaica</i>	1975	
Rubem Fonseca	<i>Mandrake, a Bíblia e a bengala</i>	2005	
	<i>Agosto</i>	1990	
	<i>O caso Morel</i>	1973	
	<i>O seminarista</i>	2009	

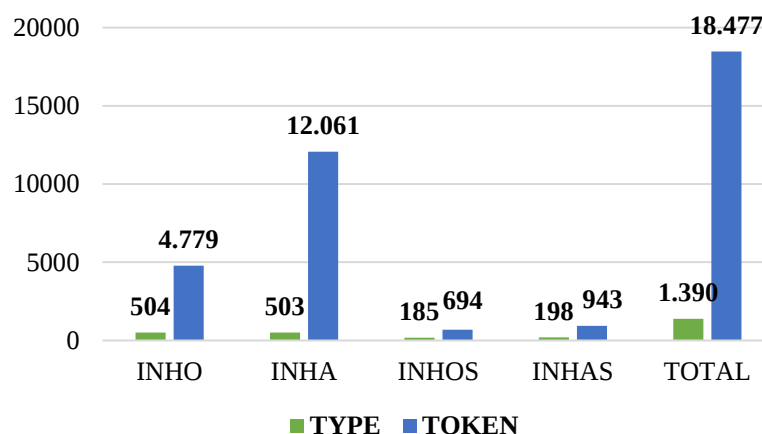
Fonte: Adaptado das fichas catalográficas dos livros que compõem o subcorpus PB.

O subcorpus PB é o menor dos três subcorpora, entretanto, não é tão díspar dos demais, pois contém 1.524.086 *tokens*, uma quantidade próxima ao mínimo estabelecido para a compilação dos subcorpora comparáveis, e, além disso, o subcorpus detém 56.031 *types* distintos, o que representa, respectivamente, 32,23% e 54,14% de todo o corpus. A partir deste último dado, é possível identificar que este subcorpus possui menor variedade lexical se comparado ao anterior (subcorpus PE), pois, ao verificar a densidade lexical, a razão forma-item apresenta uma taxa de 3,68%. Logo, ainda que menor que o subcorpus anterior, o

subcorpus PB não parece indicar maior diversidade no uso de palavras distintas, o que pode ter uma atuação sobre a produtividade de palavras sufixadas por *-inho* neste subcorpus, mas não necessariamente na sua frequência.

Em relação às palavras gráficas, na Figura 5, apresento os dados relacionados a essas palavras (*tokens* e *types*) no subcorpus PB. Em sua totalidade, este subcorpus possui 18.477 *tokens* contendo uma das quatro terminações, o que configura 38,97% de todos os *tokens* com tais terminações gráficas deste corpus comparável, dos quais se contabiliza 1.390 *types*. Em vista disso, os dados já parecem indicar uma presença maior do sufixo *-inho* neste subcorpus. O subcorpus PB não evidencia dados tão discrepantes do subcorpus PE, entretanto, aquele apresenta as terminações *INHO* e *INHA* com maior frequência e as terminações *INHOS* e *INHAS* com menor frequência em relação aos *tokens*, se comparado a este. Mais uma vez, contudo, a terminação *INHA* encerra a maior quantidade de *tokens* devido ao verbo *tinha* e ao pronome *minha* que, respectivamente, contabilizam 2.801 e 4.510 ocorrências, 60,62% do total.

Figura 5: *Tokens e types dos grafemas finais INHO, INHOS, INHA e INHAS no subcorpus PB*



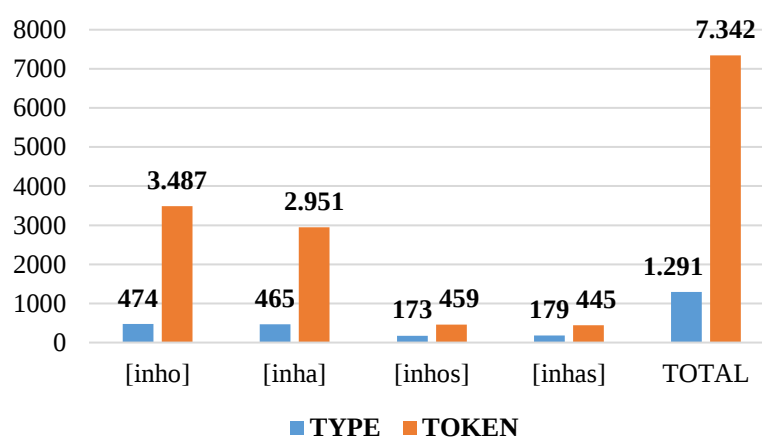
Fonte: Autor (2020).

A contagem de palavras sufixadas por *-inho* no subcorpus PB, por sua vez, expõe números bem distintos dos que foram vistos no subcorpus PE, porque, ainda que os *types* dos morfemas apresentem dados semelhantes, a frequência dos *tokens* diverge consideravelmente. No total, são 7.342 *tokens* e 1.291 *types*, o que corresponde a praticamente metade (49,59%) de todas as palavras sufixadas por *-inho* neste corpus comparável monolíngue. Todavia, a alta frequência não acompanhou a mesma produtividade encontrada no subcorpus PE, pois, ainda que contenha mais formas, não é proporcionalmente maior que o seu subcorpus comparável lusitano, com isso, a densidade lexical de palavras sufixadas por *-inho* é a menor em todos os três subcorpora,

atingindo uma taxa de apenas 17,58%. Apesar disso, o subcorpus com a variedade do português brasileiro ainda apresenta a maior frequência e a maior produtividade em relação ao uso do sufixo *-inho*, ou seja, não considerando os dados relativos, mas em números absolutos.

Os dados até então apresentados apontam que as obras literárias portuguesas tendem estilisticamente a uma variedade lexical maior se considerados os textos literários brasileiros. Em vista disso, o uso do sufixo *-inho* no subcorpus PE tem menor frequência do que no subcorpus PB, mas uma produtividade proporcionalmente maior em comparação ao subcorpus de literatura brasileira. Como exposto anteriormente, a densidade lexical lusitana parece influenciar na maior produtividade proporcional de palavras com o sufixo *-inho* e, a partir de novos dados (cf. Figura 6), o uso constante desse afixo pelos brasileiros parece ter determinado a sua alta frequência no subcorpus PB. Por isso, quanto maior for a frequência de palavras sufixadas por *-inho* num determinado corpus, menor poderá ser a densidade lexical dele; por outro lado, quanto maior for a produtividade de palavras sufixadas por *-inho* num dado corpus, maior poderá ser a sua densidade lexical. Assim, a alta frequência desses itens lexicais pode influenciar na sua repetição; em contrapartida, a alta produtividade morfológica com o sufixo *-inho* propicia a alta variedade lexical. Isso é análogo ao que é apresentado por Kenny (2001) em relação aos corpora de línguas morfológicamente ricas que tendem a apresentar resultados altos em razões forma-item.

Figura 6: Tokens e types das palavras sufixadas por *-inho* no subcorpus PB



Fonte: Autor (2020).

A sufixação com *-inho*, no subcorpus PB, ocorre, principalmente, nas palavras no masculino singular com o morfe [inho] (3.487 tokens), as três maiores ocorrências são *Vadinho*

(807), *mundinho* (371) e *passarinho*⁶⁸ (167). A alta frequência do apelido *Vadinho* ocorre por causa de um personagem no romance amadiano *Dona Flor e seus dois maridos*. No feminino singular por meio do morfe [inha] (2.951 *tokens*), as três palavras sufixadas mais frequentes são *sozinha* (281), *sinhazinha* (118) e *Naninha* (109). É interessante notar que entre elas está um brasileirismo sufixado por *-inho* usado no Brasil colonial pelos escravos, o que indica serem textos literários vinculados à realidade socio-histórica brasileira e que, por consequência, apresentam aspectos linguístico-culturais do português brasileiro.

Ao comparar e contrastar o uso do sufixo *-inho* no subcorpus PE e no subcorpus PB, os dados apresentam que este sufixo está presente proeminentemente nos textos literários de autoria brasileira. Em relação às terminações *INHO*, *INHOS*, *INHA* e *INHAS*, o subcorpus PE possui 44,59% e o subcorpus PB contém 55,41% de todas palavras (*tokens*) finalizadas por esses grafemas, considerando ambos os subcorpora. Desse modo, há dados muito semelhantes, mas que já indicam preliminarmente onde se encontra a maior presença do sufixo *-inho* tanto em relação à frequência quanto à produtividade. Após verificar apenas as palavras sufixadas por *-inho*, o subcorpus PE abrange 34,39% e o subcorpus PB compreende 65,61% de todas as palavras sufixadas por *-inho* em ambos os subcorpora, o que corresponde ser este último quase o dobro do primeiro. A preferência pelo uso do sufixo *-inho* que desencadeia a sua alta frequência e produtividade ocorre, principalmente, no subcorpus PB, o que aponta como um aspecto linguístico-cultural do português brasileiro em textos literários escritos.

Os dados quantitativos parecem estar em consonância com o hábito linguístico-cultural que o *homem cordial* (HOLANDA, 1995) faz na utilização do sufixo *-inho* (cf. subseção 2.2), consequentemente, há implicações linguístico-culturais do português brasileiro ao utilizar-se desse sufixo na língua portuguesa seja como língua materna, estrangeira ou na mediação tradutória para esse idioma, três contextos que podem acarretar maior ou menor frequência e produtividade no texto (oral ou escrito) a ser produzido, pois não é só somente a possibilidade do uso linguístico que está implicada, mas também características culturais que incidem sobre a probabilidade do uso.

Sugiro para estudos futuros a investigação do uso linguístico-cultural em ao menos três situações gerais possíveis para se alcançar conclusões ainda mais precisas: i) o uso desse sufixo em textos orais e escritos por lusófonos; ii) a utilização desse sufixo em textos orais e escritos

⁶⁸ A palavra *passarinho* pode ser tanto o vocábulo *pássaro* sufixado por *-inho* que pode referir-se a um “pássaro pequeno”, quanto a uma lexicalização semântica dessa mesma sufixação, ou seja, um termo lexical que se refere a toda classe de ave de pequeno porte e que, por consequência, na formação do seu diminutivo sintético correspondente terá como possível forma a palavra *passarinhozinho*.

por estrangeiros; iii) o emprego do sufixo *-inho* na tradução de textos orais e escritos da língua inglesa para a língua portuguesa. Obviamente tais situações são muito abrangentes, pois podem subdividir-se nas mais diversas possibilidades. Para este estudo, investigo tão somente a primeira e a terceira situações a partir de textos literários escritos; portanto, as conclusões podem tão somente sinalizar como uma particularidade presente no português brasileiro, mais precisamente em obras literárias, isto é, o uso do sufixo *-inho* como um aspecto sociolinguístico-literário-cultural brasileiro.

Na próxima subseção, analiso o uso do sufixo *-inho* em textos literários de autores anglófonos traduzidos para o português brasileiro.

5.3 Subcorpus TT: o sufixo *-inho* na literatura anglófona traduzida para o português

O subcorpus TT é composto por 24 obras literárias de autores anglófonos, dos quais duas são canadenses (Alice Munro e Margaret Atwood), quatro são estadunidenses (Ernest Hemingway, John Steinbeck, Pearl S. Buck e William Faulkner) e quatro são ingleses (Agatha Christie, Graham Greene, William Golding e Virginia Woolf). O texto literário publicado mais antigo é *Jacob's Room*, de Virginia Woolf, publicada em 1922; o mais recente é *Dear Life*, de Alice Munro, publicado em 2012. Novamente, ambas as obras publicadas são de autoria feminina, apesar da aleatoriedade conferida no momento da seleção dos textos para a compilação dos subcorpora.

Em relação aos textos traduzidos, a publicação mais recente é *O som e a fúria*, de William Faulkner, traduzido por Paulo Henriques Brito e publicado em 2017; a publicação mais antiga, por outro lado, é *O americano tranquilo*, de Graham Greene, traduzido por Brenno Silveira e publicado em 1957. Há 23 tradutores diferentes no subcorpus TT, dos quais 9 são mulheres e 14 são homens, dentre eles estão a escritora Lya Luft com duas traduções de Virginia Woolf, o escritor Monteiro Lobato com uma tradução de Ernest Hemingway e o professor, tradutor e tradutólogo Paulo Henriques Brito com uma tradução relativamente recente de William Faulkner.

Quadro 7: Obras literárias que compõem o subcorpus TT

AUTORIA	TÍTULO DO LIVRO TRADUZIDO	PUBLICAÇÃO DA TRADUÇÃO	TRADUTOR(A)	TÍTULO DO LIVRO	PUBLICAÇÃO
Alice Munro	<i>A vista de Castle Rock</i>	2014	Cid Knippel	<i>The View from Castle Rock</i>	2006

	<i>Vida Querida</i>	2013	Caetano W. Galindo	<i>Dear Life</i>	2012
Margaret Atwood	<i>Oryx e Crake</i>	2004	Léa Viveiros de Castro	<i>Oryx and Crake</i>	2003
	<i>A odisseia de Penélope</i>	2005	Celso Nogueira	<i>The Penelopiad</i>	2005
	<i>O conto da Aia</i>	2006	Ana Deiró	<i>The Handmaid's Tale</i>	1985
Ernest Hemingway	<i>O adeus às armas</i>	2013	Monteiro Lobato	<i>A Farewell to Arms</i>	1929
	<i>O velho e o mar</i>	1990	Jorge de Sena	<i>The Old Man and the Sea</i>	1952
	<i>Ter e não ter</i>	2015	Ênio Silveira	<i>To Have and Have Not</i>	1937
John Steinbeck	<i>Ratos e homens</i>	2005	Ana Ban	<i>Of Mice and Men</i>	1937
Pearl S. Buck	<i>A boa terra</i>	2010	Adalgisa Campos da Silva	<i>The Good Earth</i>	1931
William Faulkner	<i>Enquanto agonizo</i>	1973	Hélio Pólvora	<i>As I Lay Dying</i>	1930
	<i>O som e a fúria</i>	2017	Paulo Henriques Brito	<i>The Sound and the Fury</i>	1929
	<i>Santuário</i>	1982	Lígia Junqueira Caiuby	<i>Sanctuary</i>	1931
Graham Greene	<i>O terceiro homem</i>	1977	Ana Maria Sampaio	<i>The Third Man</i>	1949
	<i>O americano tranquilo</i>	1957	Brenno Silveira	<i>The Quiet American</i>	1955
William Golding	<i>O senhor das moscas</i>	2011	Geraldo Galvão Ferraz	<i>Lord of the Flies</i>	1954
Agatha Christie	<i>E não sobrou nenhum</i>	2009	Renato Marques de Oliveira	<i>And Then There Were None</i>	1939
	<i>Morte no Nilo</i>	2006	Newton Goldman	<i>Death on the Nile</i>	1937
	<i>Assassinato no expresso do Oriente</i>	1986	Archibald Figueira	<i>Murder on the Orient Express</i>	1934
	<i>O assassinato de Roger Ackroyd</i>	2001	Renato Rezende	<i>The Murder of Roger Ackroyd</i>	1926
Virginia Woolf	<i>As ondas</i>	1981	Lya Luft	<i>The Waves</i>	1931
	<i>Mrs. Dalloway</i>	2012	Denise Bottmann	<i>Mrs. Dalloway</i>	1925
	<i>O quarto de Jacob</i>	1980	Lya Luft	<i>Jacob's Room</i>	1922
	<i>Passeio ao farol</i>	1987	Luiza Lobo	<i>To the Lighthouse</i>	1927

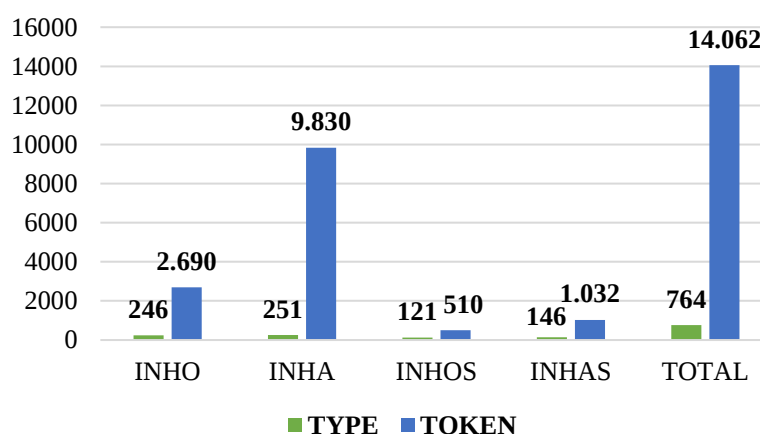
Fonte: Adaptado das fichas catalográficas dos livros que compõem o subcorpus TT.

O subcorpus TT contém 1.600.864 *tokens* e 51.047 *types*, os quais em porcentagem representam, respectivamente, 33,86% e 49,33% de todos os *tokens* e *types* contidos no corpus comparável. O subcorpus de textos traduzidos é o que apresenta a menor densidade lexical entre

os três subcorpora com uma razão forma-item que alcança apenas 3,19%, uma redução de aproximadamente 26% em comparação ao subcorpus mais denso lexicalmente (subcorpus PE).

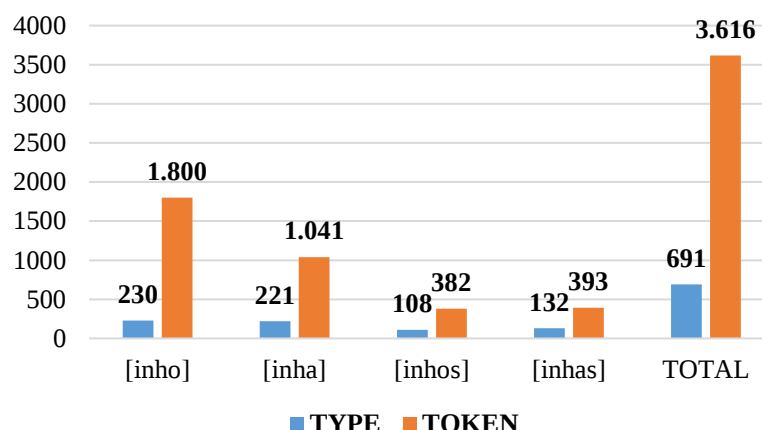
Em relação às palavras terminadas por INHO, INHOS, INHA e INHAS, a Figura 7 apresenta que os *tokens* terminados em INHA outra vez atingem a maior frequência em relação às demais terminações. Além disso, os números já sugerem que há uma menor quantidade possível de palavras sufixadas por *-inho*, pois alguns dos dados já são menores em números absolutos do que suas categorias correlatas contidas no subcorpus PE, o qual contém, até então, a menor quantidade de palavras com este sufixo. Em referência a todo o corpus comparável, o subcorpus TT possui apenas 14.062 de todos os *tokens* que contêm essas terminações, isto é, 29,66%, sendo 764 *types* diferentes, logo, indicando baixa frequência e baixa produtividade de palavras sufixadas por *-inho* neste subcorpus.

Figura 7: Tokens e types dos grafemas finais INHO, INHOS, INHA e INHAS no subcorpus TT



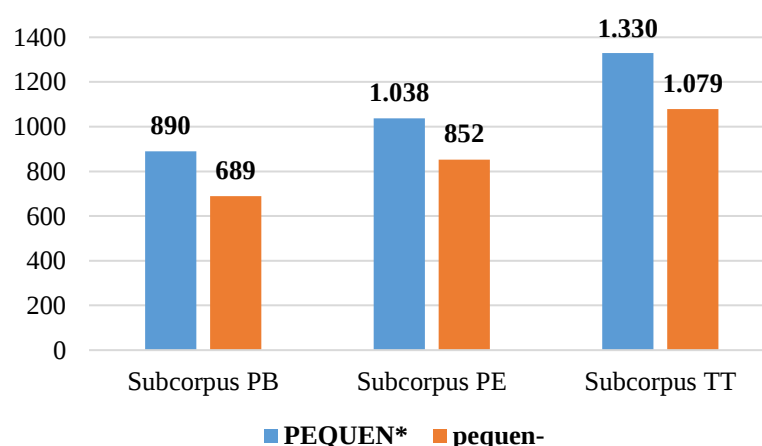
Fonte: Autor (2020).

Após filtrar os dados em busca das palavras sufixadas (e lexicalizadas semanticamente) por *-inho*, pode-se perceber que as inferências sobre baixa produtividade e frequência de palavras sufixadas por *-inho* estão corretas. Na Figura 8, exponho os números de palavras sufixadas conforme cada morfe ora estudado. Exceto o número de *tokens* do morfe [inho], com 1.800 *tokens*, todos os demais dados apresentam os menores índices se comparados aos demais subcorpora.

Figura 8: *Tokens e types das palavras sufixadas por -inho no subcorpus TT*

Fonte: Autor (2020).

Ainda que a densidade lexical de palavras sufixadas por *-inho* de 19,11% supere o subcorpus PB, a frequência é quase semelhante ao subcorpus PE, pois, no total, há 3.616 *tokens* que contêm o sufixo *-inho*. As palavras sufixadas por *-inho* neste subcorpus atingem 24,42% do total no corpus comparável, configurando o subcorpus com a menor frequência de palavras com este sufixo. Outrossim, a produtividade também é a mais baixa de todos os subcorpora com apenas 691 *types* sufixados por *-inho*, praticamente, a metade presente no subcorpus PB, precisamente, o subcorpus TT tem apenas 53,52% de *types* sufixados por *-inho* se comparado àquele subcorpus.

Figura 9: *Palavras iniciadas pelos grafemas PEQUEN* e pelo adjetivo indicativo de diminutivo analítico pequen-*

Fonte: Autor (2020).

Em busca de analisar o diminutivo analítico nos três subcorpora, optei por buscar um dos adjetivos mais utilizados para a composição deste tipo de diminutivo, neste caso, o adjetivo

pequeno, considerando os gêneros e os números possíveis. Por isso, a busca deu-se primeiramente por *tokens* que contivessem os grafemas iniciais PEQUEN* e, em seguida, a busca pelo adjetivo *pequen*-⁶⁹ que indicasse diminutivo analítico, portanto, os dados que apresento na Figura 9 indicam tanto os grafemas PEQUEN* quanto o adjetivo *pequen*-.

Apesar de as barras azuis indicarem apenas as palavras gráficas, os dados já indicavam a quantidade possível do uso de diminutivo analítico em cada subcorpora cuja quantificação está nas barras em laranja. Essa busca não considerou todos os outros adjetivos possíveis que fazem parte do universo linguístico do português para a formação do diminutivo analítico; entretanto, os dados podem indicar a preferência dos autores portugueses no uso do analítico em oposição ao sintético, se comparado ao subcorpus PB, o que pode eventualmente explicar a baixa frequência do uso do sufixo *-inho* entre os autores lusitanos.

Além disso, é ainda mais evidente o uso do diminutivo analítico com o adjetivo *pequen*- entre as traduções de textos literários de autores anglófonos contidas no subcorpus TT. Tal subcorpus parece priorizar o uso do diminutivo analítico e que, semelhantemente ao subcorpus PE, contabiliza um baixo índice na frequência do uso do sufixo *-inho*, como também a sua baixa produtividade. Quanto ao uso do diminutivo analítico com o adjetivo *pequen*-, os dados evidenciam que quanto mais o subcorpus contém o uso do diminutivo sintético com o sufixo *-inho*, menor é a utilização do diminutivo analítico com tal adjetivo, sendo o inverso verdadeiro.

Toury (1995) afirma que as traduções podem apresentar padronizações a depender da posição que o polissistema literário traduzido ocupa. Além disso, o autor também menciona os universais da tradução que são as simplificações, as explicitações e as normalizações. Até então, algumas ilações podem ser apresentadas.

A explicitação nos textos traduzidos pode ocorrer de diversas maneiras e, considerando as palavras sufixadas por *-inho*, ela pode se apresentar por meio do uso do diminutivo analítico, especialmente, através do adjetivo *pequeno* cuja estrutura gramatical assemelha-se a uma das possíveis formações do diminutivo analítico em língua inglesa que é por meio do adjetivo *little*. Com isso, este tipo de explicitação pode alongar o texto traduzido e propiciar a baixa densidade lexical na tradução, pois a repetição de adjetivos para indicar o diminutivo analítico em inglês advindo de adjetivos, tais como *little*, *small*, *tiny* etc., aliada à não produtividade de palavras sufixadas pode contribuir para a baixa variedade de palavras utilizadas pelos escritores. Os dados expostos até então nesta seção podem corroborar para tal afirmação, uma vez que o subcorpus TT é o que possui menor frequência e produtividade do sufixo *-inho*, exceto se

⁶⁹ Opto por manter apenas o radical em itálico (*pequen*-), para que se possa destacar que a pesquisa leva em consideração as demais desinências de gênero e número.

considerada a produtividade proporcional entre os *types* e *tokens* sufixados por *-inho*; menor densidade lexical por meio da razão forma-item; e o subcorpus que contém o maior uso do diminutivo analítico com o adjetivo *pequen-* entre todos os subcorpora.

A simplificação, por sua vez, pode ser uma consequência da explicitação, isto é, a preferência pelo uso do diminutivo analítico, tida aqui como um exemplo de explicitação, poderá ser um lado da mesma moeda, pois, ao escolher explicitar por meio do diminutivo analítico, o diminutivo sintético com o sufixo *-inho* é omitido com todas as características linguístico-culturais que ele pode agregar em dado contexto. A simplificação também pode ser evidente por meio do que foi exposto anteriormente, isto é, a preferência pelo diminutivo analítico ao invés do diminutivo sintético que pode ser uma das muitas variáveis que ocasionam a baixa densidade lexical na tradução.

A normalização, segundo Kenny (2001), pode apresentar-se no texto traduzido ao menos de duas formas: com o uso excessivo do que tipicamente é visto na escrita conservadora na língua-alvo, ocorrendo essencialmente nos corpora comparáveis, ou através de opções mais convencionais na língua-alvo do que é percebido no texto fonte, neste caso, verificando-se em corpora paralelos. A autora questiona-se quais seriam as restrições existentes para ocasionar essas normalizações no texto traduzido, as quais podem ser restrições socioculturais ou econômicas.

No subcorpus TT, percebe-se o uso frequente do diminutivo analítico com o adjetivo *pequen-*, mas não decorre o mesmo com o sufixo *-inho*, inclusive, com nenhuma ocorrência de hipocorísticos sufixados com *-inho*, mas é possível observar o mesmo trato afetivo por meio do diminutivo analítico ao se enunciar, por exemplo, “pequena Daisy Armstrong”, em *Assassinato no Expresso do Oriente*, de Agatha Christie; “pequena Elise Mitchell”, em *Mrs Dalloway*, e “pequeno John” ou “pequeno Johnnie”, em *O quarto de Jacob*, ambas obras de Virginia Woolf. Com isso, pode-se inferir que há uma busca por uma escrita conservadora, isto é, uma escrita que mantém os traços linguístico-culturais da cultura de origem e que, em relação à língua/cultura-alvo, há uma aproximação com um conservadorismo linguístico-gramatical do português em relação ao diminutivos analítico e um afastamento ao que seria compactuado como mais frequente em textos literários brasileiros, neste caso, a preferência afetiva e cultural pelo diminutivo sintético, especialmente, por meio do sufixo *-inho* tão valorizado pelo *homem cordial* (HOLANDA, 1995). As traduções do subcorpus TT parecem distanciar-se de tal aspecto linguístico-cultural brasileiro, em consonância com as restrições que polissistemas literários mais centrais podem exigir nas transferências linguístico-culturais em traduções, isto é, as pressões impostas sobre tais textos traduzidos. Adaptadas ao contexto do uso do sufixo -

inho em textos literários, essas restrições podem oportunamente ocorrer por causa dos mesmos motivos descritos por Kenny (2001).

Primeiro, há culturas em que as traduções se acomodam a características mais usuais da língua-alvo ou o inverso, pois para não atraírem críticas e sanções que possam ocorrer sobre ela. Assim, o sufixo *-inho* pode ser excluído do texto traduzido devido à carga cultural brasileira que pode potencialmente apresentar, para dar voz à língua e à cultura fonte dessa mediação tradutória. Conforme a lei da padronização crescente de Toury (1995), o texto traduzido acomoda-se à língua-alvo quando o texto de partida advém de um polissistema literário periférico. Neste caso, ocorre o contrário, pois é a literatura anglófona que é traduzida e esta ocupa posições mais centrais em diversos polissistemas literários, inclusive, no brasileiro. Consequentemente, no subcorpus TT, ocorre o inverso: os textos traduzidos são acondicionados às demandas linguístico-culturais dos textos de partida, analogamente, ao que Venuti (1995) se refere por estrangeirização.

Segundo, Kenny (2001) afirma que as restrições podem ocorrer por motivações cognitivas consciente ou inconscientes dos tradutores, a fim de evitarem que seus textos sejam rejeitados pelas editoras e pelo público leitor, o sufixo *-inho*, portanto, nem sempre será uma opção considerada na tradução, já que a intenção dos tradutores possivelmente seja associar os seus textos traduzidos aos aspectos linguístico-culturais provenientes dos autores anglófonos, inclui-se aqui, por exemplo, a opção por não traduzir antropônimos e a exclusão total dos hipocorísticos sufixados por *-inho* que não ocorrem em nenhum dos textos traduzidos do subcorpus TT e que, em contrapartida, ocorrem com alta frequência e/ou alta produtividade nos subcorpora de origem lusitana e brasileira.

Terceiro, outra sanção descrita por Kenny (2001) é relativa aos direitos autorais vendidos para a publicação de traduções. No subcorpus TT, as traduções são dirigidas para o público leitor do português brasileiro; entretanto, isto não impede que essas mesmas traduções brasileiras circulem entre leitores de toda a comunidade lusófona, ainda que necessitando (ou não) de adaptações ortográficas e de outros aspectos gramaticais adequados aos contextos diversos dos países de língua portuguesa. Em vista disso, o sufixo *-inho* é preterido para dar vazão a uma variedade do português que seja possivelmente considerada padrão, evitando os possíveis deboches lusitanos mencionados por Holanda (1995) em relação ao uso exagerado do sufixo *-inho* entre os brasileiros.

Do mesmo modo, outras inferências podem ser consideradas, tais como, as funções que o sufixo *-inho* pode desempenhar na língua portuguesa, algo ainda a ser investigado se na língua inglesa ocorre da mesma maneira e como ocorre. Por mais que o inglês apresente sufixos que

indiquem o diminutivo sintético, textos orais ou escritos não os revelam com tanta frequência assim (cf. BIAŁY, 2015; PYTLIK, 2018; SALOVAARA, 2014; SCHNEIDER; STRUBEL-BURGDORF, 2012).

Como os tradutores são também leitores e intérpretes do texto a ser traduzido (OUSTINOFF, 2011) e têm em vista essas restrições mencionadas por Kenny (2001), ao notificarem funções diversas como apreço, intensificação ou depreciação no texto de partida, os tradutores parecem optar por explicitarem, simplificarem e normalizarem os textos traduzidos, especialmente, em relação ao uso do sufixo *-inho*.

Nesta seção, é possível analisar, em corpus comparável, o uso do sufixo *-inho* em duas variedades do português, o brasileiro e o europeu, e o uso em textos traduzidos provenientes da comunidade anglófona, mais precisamente, do Canadá, dos Estados Unidos e da Inglaterra. O sufixo *-inho* apresenta as maiores produtividade e frequência absolutas no subcorpus PB, enquanto que o subcorpus PE apenas apresenta alta produtividade relativa de palavras sufixadas por *-inho* e o mais alto índice de densidade lexical entre os três subcorpora. Por outro lado, o subcorpus TT não evidencia alta variedade nas escolhas lexicais ou alta frequência e produtividade de palavras sufixadas por *-inho*, ao contrário, é o subcorpus com menor densidade lexical e no qual há a menor frequência e produtividade absolutas de palavras sufixadas por *-inho*, exceto que este subcorpus contém o maior índice de utilização de diminutivo analítico com o adjetivo *pequen-* em todo o corpus comparável. Em vista de tais dados qualiquantitativos expostos nesta e em seções anteriores, o sufixo *-inho* pode ser classificado como um aspecto sociolinguístico-literário-cultural brasileiro.

Destaco também que o subcorpus TT parece não experienciar um processo de domesticação por parte dos seus tradutores, ao contrário, o subcorpus parece evidenciar textos que obedecem às restrições mencionadas por Kenny (2001), além de ser um subcorpus menos denso lexicalmente se comparado aos demais subcorpora e mais simplificado e explicitado em relação ao não uso do diminutivo sintético por meio do sufixo *-inho*, afinal, as traduções de textos advindos de polissistemas literários mais centrais demandam direta e indiretamente restrições que possivelmente não ocorreriam em textos provenientes de fluxos tradutórios opostos, por exemplo, da língua portuguesa para a língua inglesa. Cabe observar, portanto, se tais restrições e pressões ocorrem num estudo de caso como em *An invincible memory*, de João Ubaldo Ribeiro, por isso, em seção seguinte (cf. seção 7), apresento a análise sobre as transferências linguístico-culturais do sufixo *-inho* no corpus paralelo bilíngue contendo este romance e o seu texto de partida *Viva o povo brasileiro*. A seguir, analiso a circulação de obras ubaldianas traduzidas, observando se houve indícios que motivaram a realização da segunda

autotradução ubaldiana e as possíveis implicações linguístico-culturais dessa circulação sobre o texto autotraduzido (*An invincible memory*).

6 TRANSFERÊNCIAS LINGUÍSTICO-CULTURAIS II: AUTOTRADUÇÃO UBALDIANA

“A consagração parisiense é um recurso necessário para autores internacionais de todos os espaços literários dominados”, estas são as palavras de Casanova (2002, p. 162) ao fazer referência à importância que essa cidade tem na circulação internacional de bens culturais e, além dessa afirmação, a autora ainda cita Kiš (1980 apud CASANOVA, 2002), o qual afirma que a literatura latino-americana necessitou passar por Paris para tornar-se patrimônio universal. Em vista disso, essa cidade ganha um papel de destaque nas transferências culturais internacionais, especialmente, no que concerne aos textos literários traduzidos, pois “a tradução é a grande instância de consagração específica do universo literário” (CASANOVA 2002, p. 169). Em relação aos escritores latino-americanos, Casanova (2002, p. 172) cita Jorge Luís Borges como exemplo e afirma que “os escritores do *boom* latino-americano passaram a existir no espaço literário internacional a partir de sua tradução para o francês e do seu reconhecimento pela crítica francesa”. A citação inicial é uma indicação dos caminhos que a circulação das obras ubaldianas (auto)traduzidas seguiram e que contribuíram para a consagração de João Ubaldo como autor canônico brasileiro.

O peso que as línguas têm nas trocas culturais de obras traduzidas pode determinar o fluxo das traduções, pois há línguas-alvo para as quais mais traduções são publicadas e há outras que esse fenômeno ocorre com menor frequência, estando o português naquele âmbito e o inglês neste (HEILBRON, 1999). Contudo, há outras lógicas de trocas do texto literário traduzido em que, por exemplo, agentes intermediários (instituições culturais, editores, prêmios literários etc.) podem influenciar essas trocas culturais no espaço internacional (HEILBRON; SAPIRO, 2009).

Ao longo da análise, além do peso que as línguas-alvo e o português têm no sistema mundial de tradução, apresento os atores sociais – individuais ou instituições, como mencionado por Heilbron e Sapiro (2009) – que, possivelmente, influenciaram, para que uma segunda autotradução de um romance ubaldiano ocorresse. Inclui-se, portanto, os seguintes: os prêmios literários nacionais e internacionais recebidos ao longo da carreira de João Ubaldo; o reconhecimento por seus pares, entre eles, o seu amigo e escritor Jorge Amado (ANTUNES, 2007a; OLIVEIRA, J., 2006); a eleição para a ABL, uma instituição cultural que representa, para o acadêmico eleito, a consagração de seu trabalho no espaço literário brasileiro e internacional, especialmente, na comunidade lusófona; as instituições de apoio científico e cultural que concederam suporte logístico e financeiro para intercâmbios culturais – uma das

maiores experiências vividas por João Ubaldo e sua família ficou registrada em crônicas exitosamente publicadas, inicialmente, traduzidas para o alemão e, posteriormente, compiladas em livros nesta língua e no português (RIBEIRO, J., 1994, 2011) –; além do reconhecimento por parte dos editores e agentes literários que o convidaram para escrever introduções e apresentações de livros (OLIVEIRA, J., 2006), incluindo obviamente convites para traduções e autotraduções. Tudo isso em conjunto e o peso das línguas-alvo nesse sistema mundial da tradução (HEILBRON, 1999; HEILBRON; SAPIRO, 2009) são levados em consideração nesta seção, na qual busco investigar as causas que, por consequência, tornaram possível a segunda autotradução de um romance ubaldiano, além de possíveis implicações linguístico-culturais sobre o texto autotraduzido.

6.1 Circulação de obras ubaldianas (auto)traduzidas

Nesta investigação, analiso como decorreu a circulação de obras literárias ubaldianas traduzidas de forma a perceber se os fluxos dessas traduções no sistema mundial de traduções motivaram a segunda autotradução de um romance ubaldiano e se houve consequências de alguma forma sobre esse texto autotraduzido. Dessa maneira, averiguo os textos literários ubaldianos publicados até 1984, ano da publicação do romance *Viva o povo brasileiro*. As obras literárias analisadas foram: i) quatro romances: *Setembro não tem sentido* (1968), *Sargento Getúlio* (1971), *Vila real* (1979) e *Viva o povo brasileiro* (1984); ii) e outros gêneros textuais literários (contos, crônicas e ensaios): *Vencecavalo e o outro povo* (1974), *Política (quem manda, por que manda, como manda)* (1981), *Livro de histórias* (1981), *Vida e paixão de Pandonar, o cruel* (1983) e *Sempre aos domingos* (1988).

Entre todas as obras analisadas, por meio das fontes bibliográficas e documentais expostas no método desta pesquisa, apenas os romances *Sargento Getúlio* (1971), *Vila real* (1979) e *Viva o povo brasileiro* (1984) apresentaram algum texto traduzido. A seguir, apresento essas obras com suas respectivas traduções e publicações de traduções, a partir de 1971 (ano de publicação de *Sargento Getúlio*) até 2016 (ano da última publicação de tradução dentre os romances analisados e que constava até o encerramento desta pesquisa), a língua para a qual foram traduzidos os textos literários e a cidade da editora (cf. Quadro 8).

Quadro 8: Circulação da tradução de obras literárias ubaldianas publicadas até 1984⁷⁰

	Sargento Getúlio	Vila real	Viva o povo brasileiro
1971			
1972			
1973			
1974			
1975			
1976			
1977			
1978	Francês/Gallimard/Paris		
	Inglês/Boston		
1979	Norueguês (Bokmal)/Oslo		
1980	Inglês/Londres		
1981			
1982			
1983			
1984	Alemão/Frankfurt		
	Espanhol/Madri		
	Esloveno/Iugoslávia		
	Hebraico/Tel Aviv		
	Inglês/Nova York		
1985	Finlandês via Inglês/Helsinki		
1986	Inglês/Londres	Francês/Gallimard/Paris	
	Italiano/Turim		
1987	Húngaro/Budapeste		
1988	Inglês/Londres		Alemão/Frankfurt
	Alemão/Frankfurt		
1989			Inglês/Nova York
			Inglês/Londres
			Inglês/Toronto
			Alemão/Frankfurt
			Espanhol/Madri
1990			Francês/Paris
1991	Dinamarquês/Aarhus	Espanhol/Madri	Alemão/Frankfurt
	Sueco/Estocolmo		Holandês/Baarn
1992			Sueco/Höganäs
			Inglês/Londres
1993			Alemão/Frankfurt
			Finlandês via Inglês/Helsinki
1994			Holandês/Baarn
	Alemão/Frankfurt		Alemão/Frankfurt
	Holandês/Baarn		
	Inglês/Londres		
1995			Sueco/Estocolmo
1996			
1997			Holandês/Baarn
1998			Italiano/Milão
1999			Alemão/Frankfurt
	Alemão/Frankfurt		Francês/Paris
2000			Italiano/Milão
			Alemão/Frankfurt
2001	Persa via Inglês/Teerã		Espanhol/Madri/Barcelona
2002			

⁷⁰ As cores em destaque representam os níveis hierárquicos do sistema mundial de traduções, seguindo as mesmas cores apresentadas por Werner (2009) na Figura 2.

2003			Alemão/Frankfurt
2004	Francês/Gallimard/Paris		Holandês/Amsterdam
2005			
2006			
2007	Italiano/Roma		
2008			
2009			Holandês/Amsterdam
2010			
2011			
2012			
2013	Alemão/Berlim		Alemão/Frankfurt
2014	Alemão/Berlim		Holandês/Amsterdam
2015			
2016	Tcheco/Praga		

Fontes: Academia... (2019), OCLC (2019), Oliveira, J. (2006), Ribeiro, J. (2014) e UNESCO (2019).

A primeira publicação de uma obra ubaldiana traduzida foi *Sargento Getúlio* em sua tradução para a língua francesa⁷¹, por meio da prestigiada editora parisiense Éditions Gallimard, em 1978, o que contribuiu para a visibilidade de João Ubaldo no cenário internacional, especialmente o europeu, e não muito distante do *boom* latino-americano das décadas de 1960 e 1970 mencionado por Casanova (2002). Em vista disso, destaco que, na tradução desse romance, a mediação tradutória para o francês por meio de uma editora parisiense possibilitou a visibilidade de João Ubaldo para o continente europeu, inclusive, acarretando uma publicação da mesma obra por meio de uma editora inglesa em 1980. Antunes (2007a) acredita que as boas críticas recebidas na Europa, neste caso, advindas de Portugal e da França, impulsionaram, em alguma medida, o interesse pela publicação da obra pela primeira vez em língua inglesa, nos Estados Unidos, ainda no ano de 1978. Por outro lado, o anseio estadunidense de estreitar relações com os países latino-americanos (ANTUNES, 2009) também pode ter impulsionado a tradução do romance para o inglês, entre eles estava o temor das influências cubanas sobre a região (BARBOSA, 1994 apud ANTUNES, 2007a), o que promoveu uma política linguística em que o governo e outras instituições fomentavam o estudo acadêmico sobre a América Latina, incluindo a tradução de livros provenientes desta região vizinha (ANTUNES, 2007a).

Com essas duas traduções iniciais, João Ubaldo já tinha alcançado em certa medida a tradução-consagração mencionada por Casanova (2002), uma vez que o romance *Sargento Getúlio* foi autotraduzido para o inglês seis anos depois de sua publicação no Brasil, em 1977, pela Editora Houghton Mifflin, em Boston, nos Estados Unidos; logo, seguindo o fluxo de uma língua periférica (português) para a língua mais central no sistema mundial das traduções

⁷¹ Embora João Ubaldo mencione que, ao aceitar autotraduzir *Sargento Getúlio*, ainda não houvesse publicações fora do Brasil (RIBEIRO, J., 2018), de acordo com Antunes (2007a, 2009), a tradução francesa foi publicada cronologicamente antes da publicação estadunidense com sua autotradução.

(inglês). Embora ainda não tão conhecido internacionalmente, conseguiu se estabelecer no polissistema literário brasileiro e alcançar visibilidade entre críticos internacionais de polissistemas internacionais importantes. Ainda que traduzido em muitas línguas, João Ubaldo nunca conseguiu uma consagração como outros autotradutores, em raras exceções como, por exemplo, na Alemanha (ANTUNES, 2007a), como cita Mertin (2011) sobre a fama do autor e suas obras entre o público alemão.

A partir da tradução para a língua francesa, outras línguas do continente europeu seguiram com a tradução desse romance ubaldiano (cf. Quadro 8), vertendo, portanto, para o norueguês, alemão, espanhol, esloveno, finlandês, italiano e húngaro. Além dessas línguas europeias, até 1989, houve tradução também para o hebraico em 1984. Tendo em vista que traduções entre línguas periféricas podem ocorrer por meio de línguas intermediárias, é importante notar que houve o uso do inglês como língua veicular na tradução desse romance em línguas periféricas, neste caso, na publicação da tradução finlandesa em 1985. Contudo, todas as demais línguas periféricas apresentaram traduções diretas do português. Segundo Antunes (2007a, p. 172), João Ubaldo pode ter aceitado realizar a autotradução para o inglês para alcançar um público maior do que o estadunidense, pois seria como “uma tentativa de atingir não só o público-leitor norte-americano, mas também outros públicos para os quais a versão inglesa de seus romances serviria como texto-fonte, em traduções indiretas”, tendo em vista que, à época, o próprio autor mencionou ter ilusões (RIBEIRO, J., 2018), o que de fato se concretizou em traduções indiretas para o finlandês (1985) e para o persa (2001).

Após 1989, *Sargento Getúlio* seguiu sendo traduzido para outras línguas (cf. Quadro 8): dinamarquês, sueco, holandês, tcheco e persa, esta última, como dito anteriormente, também se serviu do inglês como língua intermediária na tradução. A escolha das publicações nas línguas persa e finlandesa parecem indicar, neste caso, assim como mencionado por Grutman (2009), a autotradução como um texto mais bem aceito pelo público, dado que a lógica da recepção de obras traduzidas pelos próprios autores parece garantir maior viabilidade para as utilizar como obras veiculares ou intermediárias. Além disso, outra questão que parece contribuir é o fato de a obra ter sido autotraduzida para a língua inglesa, uma língua hipercêntrica.

Segundo Oliveira (cf. 2006, p. 489), a motivação que impulsionou João Ubaldo a se autotraduzir foi o desejo de cuidar do seu próprio texto literário de forma que, provavelmente, segundo o próprio autor, nenhum outro tradutor profissional poderia fazê-lo, dado que nem mesmo brasileiros conseguiriam compreender toda a linguagem sergipana contida no romance. Além disso, em seu artigo *Suffering in Translation*, originalmente publicado na década de 1990, João Ubaldo relata um pouco mais da razão pela qual optou pela autotradução:

O primeiro romance em que trabalhei foi Sargento Getúlio, que, escrito em dialeto, é de difícil compreensão até mesmo para brasileiros. O desafortunado tradutor americano ao qual essa tortura foi designada não pôde evitar fazer um trabalho terrível nas primeiras trinta páginas, depois das quais ele desistiu. Mandaram o romance de volta para mim e, porque essa era minha primeira publicação fora do Brasil, porque eu era novo e tinha ilusões, voluntariei-me para fazer a tradução. Foi uma provação pela qual jurei nunca mais passar novamente (RIBEIRO, J., 2018, p. 152).

Desse modo, tal preocupação também o motivou para que esse trabalho no exterior fosse uma autotradução, mantendo o texto traduzido sob sua responsabilidade. Apesar de alguns autotradutores afirmarem que seja excruciante a prática autotradutória, entre eles estão Nabokov e João Ubaldo (NABOKOV, 1935 apud CASANOVA, 2002; RIBEIRO, J., 2018), Casanova (2002, p. 179, 181) apresenta razões para alguns autores decidirem traduzir as suas próprias obras: “As práticas de autotradução (em sua diversidade infinita) são portanto para os autores, pelo menos para parte deles, uma maneira de manter o controle sobre todas as transformações de seus textos e portanto de reivindicar uma autonomia absoluta”.

Em 1979, João Ubaldo publicou o seu terceiro romance: *Vila real*. O romance não rendeu grande número de publicações de traduções, se comparado a *Sargento Getúlio* que à época já contava com publicações de traduções para o inglês, francês e norueguês. *Vila real*, portanto, só recebeu a sua primeira tradução, em 1986, após já ter ocorrido a publicação do quarto romance ubaldiano, o que viria ser a segunda *magnum opus* ubaldiana, *Viva o povo brasileiro*. A primeira tradução de *Vila real* ocorreu mais uma vez por meio de uma editora sediada em Paris, a Éditions Gallimard, que, após consecutivas traduções do romance *Sargento Getúlio* para línguas europeias, decidiu novamente traduzir um romance ubaldiano, o que deu mais uma vez consagração ao autor brasileiro e, conseqüentemente, visibilidade a suas respectivas obras literárias. Ainda assim, *Vila real* obtém apenas mais uma publicação de tradução, neste caso, para a língua espanhola, em 1991. Até a publicação de seu terceiro romance e sua respectiva tradução para a língua francesa, João Ubaldo já havia lançado *Vencecavallo e o outro povo* (1974), *Política (quem manda, por que manda, como manda)* (1981), *Livro de histórias* (1981), *Vida e paixão de Pandonar, o cruel* (1983) e *Viva o povo brasileiro* (1984), mas não tinha alcançado novas traduções para essas obras literárias; entretanto, a passagem das obras ubaldianas por Paris não negaria frutos para o seu quarto romance.

Viva o povo brasileiro foi publicado em dezembro de 1984. A sua primeira tradução foi para uma língua europeia dois anos após a publicação francesa de *Vila real* pela Éditions Gallimard, a saber, a tradução alemã de *Viva o povo brasileiro* que foi realizada por dois tradutores (Curt Meyer-Clason e Jacob Deutsch) e publicada em 1988. O título do romance em

alemão (*Brasilien, Brasilien*) – que contém uma repetição lexical com propósitos estilísticos, a qual parece evocar a oralidade assim como o título em português – foi um exemplo seguido por outras traduções em línguas germânicas como em holandês (*Brazilië Brazilië*) e em sueco (*Brasilien Brasilien*). Nesse momento, a tradução de *Viva o povo brasileiro* já havia sido encomendada por editores anglófonos, pois a autotradução demorou quase dois anos até a sua conclusão, em 1989, e João Ubaldo, apesar de conceber a tarefa de autotradutor como “íngnata” (RIBEIRO, J., 2018), não negou que seu romance perdesse mais uma vez a possibilidade de visibilidade na posição mais central do sistema mundial de traduções e, assim como *Sargento Getúlio*, esse novo romance ubaldiano não foi realizado por tradutores literários:

[...] meu agente organizou para mim uma viagem a Nova York, onde ele morava na época, e tentou me convencer de que o meu novo livro (um tijolão, escrito em vários tipos de “sublínguas”) seria assassinado por qualquer outro tradutor que não fosse eu. Fiquei devidamente lisonjeado, mas mantive minha posição. “Nunca”, disse eu. Então ele pediu duas garrafas de uísque, dizendo que precisava beber para esquecer minha decisão imprudente – e acompanhei-o na bebida. Duas horas depois, recitando trechos de Don Juan de Lord Byron e acreditando estar no mesmo patamar de Dickens, assinei o contrato que ele estivera escondendo em um envelope debaixo de uma das garrafas (RIBEIRO, J., 2018, grifos do autor, p. 152).

Em seguida, *Viva o povo brasileiro* foi traduzido para mais seis línguas: espanhol, francês, holandês, sueco, finlandês e italiano. A tradução francesa, embora tenha ocorrido mais uma vez em Paris, foi realizada pela primeira vez pela Editora Pierre Belmont em 1989. Além disso, a tradutora elogiada por João Ubaldo (OLIVEIRA, J., 2006), Alice Raillard, não ficou a cargo da tradução francesa, mas Jacques Thiériot. A tradução finlandesa, por sua vez, mais uma vez utilizou a língua da autotradução como língua veicular para a sua publicação, em 1993, e a tradução para a língua holandesa, por outro lado, é a que tem rendido mais publicações de traduções para esse romance até então, no total, sendo seis diferentes publicações nos seguintes anos: 1991, 1993, 1995, 2004, 2009 e 2014. Por causa desse interesse constante por novas publicações holandesas, é interessante notar que o romance faz menção a dois fatores que envolvem a Holanda e/ou os holandeses: a invasão holandesa no Nordeste brasileiro, no século XVII, e a existência do personagem *Caboco Capiroba*, um homem filho de uma índia com um negro que fugira da escravidão, cuja principal marca é o canibalismo com preferência por holandeses.

A circulação de obras literárias ubaldianas traduzidas ora analisadas tem por objetivo investigativo possíveis implicações para a ocorrência da segunda autotradução de um romance ubaldiano, a saber, o romance *An invincible memory*. Dessa maneira, averiguo as obras literárias ubaldianas publicadas até 1989, o ano da publicação da segunda autotradução e, de todas as

nove obras analisadas, apenas três apresentaram extradições do português para outras línguas. Por meio dos dados apresentados, a visibilidade ubaldiana no cenário literário internacional de países dominantes, especialmente por causa das traduções-consagrações de *Sargento Getúlio* e *Vila real* em anos anteriores para línguas como o francês e o inglês, pode ter motivado novas extradições que seguiram o menor fluxo no sistema mundial de traduções (cf. Figura 2), isto é, traduções de língua periféricas em direção a línguas mais centrais. Com isso, o convite para a tradução em língua inglesa ocorreu logo em seguida, de forma que a segunda autotradução se mostrou viável naquele momento por diversos motivos, entre eles, a consagração de João Ubaldo como autor no cenário nacional e internacional, além da sua visibilidade como autotradutor para o inglês, em 1977, por *Sargeant Getúlio*, uma chancela que corrobora para que ele atuasse novamente como autotradutor a convite do tradutor e agente literário Thomas Colchie (ANTUNES, 2007a).

A partir dos dados contidos no Quadro 8, é possível perceber que João Ubaldo segue o menor fluxo no sistema mundial de traduções, tendo em vista que João Ubaldo e suas obras estão inseridos num polissistema literário em que a cultura e a língua são periféricas. Aquele pequeno fluxo que segue da periferia até o centro desse sistema hierárquico é composto por uma quantidade pequena de autores com traduções-consagrações, os quais têm suas obras amplamente divulgadas entre línguas semiperiférica, central e hipercentral. João Ubaldo, em vista disso, pertence a esse pequeno grupo e com apenas essas três obras literárias analisadas (*Sargento Getúlio*, *Vila real* e *Viva o povo brasileiro*) apresenta 59 publicações de traduções, as quais incluem mediações para o inglês, para duas línguas centrais (francês e alemão), para cinco línguas semiperiféricas (dinamarquês, sueco, tcheco, espanhol e italiano) e para sete línguas periféricas (esloveno, finlandês, hebraico, holandês, húngaro, norueguês e persa), destas, duas traduções (finlandês e persa) utilizaram-se do idioma das autotraduções como língua veicular. Embora Oliveira, J. (2006) apresente indícios por meio de fontes documentais nacionais e internacionais que tenha ocorrido uma tradução de *Sargento Getúlio* para o russo, inclusive com a fala de João Ubaldo em entrevista, nenhuma das fontes utilizadas para esta pesquisa apontou indícios de que tenha de fato ocorrido tal mediação tradutória. As editoras, por sua vez, apresentaram um papel importante de divulgação e consagração das obras ubaldianas, em especial, as editoras anglófonas e francófonas sediadas em Boston, Nova York, Toronto, Londres e Paris; nenhuma do hemisfério sul. Com isso, as extradições das obras ubaldianas seguiram o sentido inverso do maior fluxo presente no sistema mundial de traduções, consagrando João Ubaldo e dialogando com diversas línguas e culturas dos diversos estratos hierárquicos desse sistema transnacional.

6.2 *An invincible memory*: implicações linguístico-literárias sobre a autotradução

A partir da análise contida na subseção anterior, é possível perceber que a autotradução de *Viva o povo brasileiro* não foi estimulada apenas por um fator isolado, mas por diversos motivos que incluem, por exemplo, a boa recepção do livro pelo público e pela crítica no Brasil e no exterior, a circulação de tradução das suas obras anteriores como *Sargento Getúlio* e *Vila real* e as críticas referentes a elas, além do agente literário, Thomas Colchie, que contribui sobremaneira para a visibilidade das obras ubaldianas no exterior (ANTUNES, 2007a; RIBEIRO, J., 2018).

João Ubaldo sobre a escolha de autotraduzir *Viva o povo brasileiro* afirma que “após tomar essa importante decisão, come[çou] a enfrentar, um por um, os múltiplos problemas de qualquer tradução, alguns dos quais [o] pegaram desprevenido” (RIBEIRO, J., 2018, grifos do autor, p. 153). O respeito pelo original – expressão usada no título da tese de doutorado de Antunes (2007a) e corroborado em e-mail enviado pelo autotradutor –, a bússola norteadora dessa atividade autotradutória ubaldiana, pode ter manifestado, por consequência, uma dinâmica tradutória com tendência à estrangeirização, isto é, termo cunhado por Venuti (2005) para referir-se a um texto traduzido que apresentou tanto linguística quanto culturalmente marcas pertencentes à língua e à cultura de partida, de forma que as opções tradutórias seguiram com o aval dos editores anglófonos (RIBEIRO, J., 2018). Semelhantemente, Ribeiro, E. (2006, p. 130), em seu estudo sobre a autotradução de itens culturais específicos⁷² no romance *Viva o povo brasileiro*, apresenta a seguinte conclusão na sua dissertação:

As tendências observadas no comportamento linguístico do autotradutor evidenciam tentativas para reproduzir todo um contexto cultural que lhe é familiar para um contexto considerado mais distante, buscando, na medida do possível, divulgar sua cultura e, no caso, sua obra. João Ubaldo Ribeiro quer ser lido e com essa finalidade escreve e traduz, levando em conta as possibilidades e expectativas do público alvo.

Como discutido na seção 3, o trabalho do autotradutor parece receber uma chancela sobre o que fará com o texto de partida, dado que este é o autor do próprio texto-fonte e que, alegadamente, conhece a sua obra com profundidade para traduzir conforme o original, mas também pode realizar mudanças significativas sem sofrer coerção do público-leitor. A publicação de *An invincible memory* ocorreu, diferentemente do seu primeiro romance

⁷² Aixelá (2013, p. 193, grifo do autor) define itens culturais específicos como “aqueles itens textualmente efetivados, cujas conotações e função em um texto fonte se configuram em um problema de tradução em sua transferência para um texto alvo, sempre que esse problema for um produto da inexistência do item referido ou de seu status intertextual diferente no sistema da cultura dos leitores do texto alvo”.

(RIBEIRO, J., 1989, capa, tradução minha⁷³). Quanto à publicação da primeira edição do livro de bolso (cf. Figura 11), a capa apresenta apenas o nome do autor, o título do livro e uma crítica do periódico dominical, *The Observer*, associado ao jornal inglês *The Guardian*, afirmando que a obra é “*a triumph*”; em relação à expressão *translated by the author*, ela foi reinserida apenas na folha de rosto e a declaração dada por Jorge Amado foi esquematizada para reaparecer somente na contracapa em conjunto com outra crítica internacional positiva, desta vez, proveniente do jornal escocês de Glasgow, *The Herald*: “nós estamos na presença de um romancista genuinamente excelente que entrou em acordo com as possibilidades de sua forma e que pode nos levar aonde quer que ele escolha” (RIBEIRO, J., 1991, contracapa, tradução minha⁷⁴).

Entretanto, João Ubaldo não consente com tamanha autoridade sobre o texto autotraduzido, pois, conforme e-mails enviados a Antunes (2007a, p. 12), o autor relata “que nunca pretendeu apagar as marcas da cultura brasileira em seus textos traduzidos”, como também

ele mesmo afirma que, justamente por ser o autor do texto, não poderia fazer alterações significativas (e-mail, 18/07/2003). E acrescenta que teria agido com mais liberdade, “em nome da fluência da tradução” (ibidem), se o texto não fosse de sua autoria. Assim, João Ubaldo descarta sua real autoridade sobre o texto e dá a este o poder para controlar o trabalho do autor (ANTUNES, 2007a, p. 244, grifo da autora).

A partir dessas informações, percebe-se a postura que o autotradutor tem perante o seu texto de partida e apresenta indiretamente o seu posicionamento que recai sobre aspectos culturais, ideológicos e linguísticos. Primeiro, o autor não aceita a omissão da cultura brasileira no texto em língua inglesa e, por isso, intencionalmente, ele recorre a traduções mais literais de segmentos textuais, o que foi interpretado por revisores como erros de um usuário que utiliza o inglês como língua estrangeira, mas que, ao fim, os editores não sugeriram grandes modificações no romance devido ao pouco conhecimento que geralmente têm em relação à língua portuguesa (ANTUNES, 2007a).

Segundo, a reação do autor é ideológica, pois representa as ideias sobre a postura que supostamente seja recomendada a ele ter perante o original, além de desejar apresentar uma tradução que resistisse a essa mediação tradutória sem enfraquecer o coletivo cultural brasileiro que a sua obra apresenta e que mais um vez recai sobre o linguístico, visto que a apresentação

⁷³ “I don’t know of any Brazilian novel published in the last twelve years more beautifully written or more important. Altogether universal” (RIBEIRO, J., 1989, capa).

⁷⁴ “We are in the presence of a genuinely great novelist who has come to terms with the possibilities of his form and can take us wherever he chooses” (RIBEIRO, J., 1991, contracapa).

da cultura brasileira na sua autotradução pode acarretar a estrangeirização do texto, o que representou um desafio para João Ubaldo, que levou mais tempo para se autotraduzir do que para escrever o romance (RIBEIRO, J., 2018). Além disso, a tradução do título do livro remete o leitor à memória coletiva contida no romance, quase um recado ubaldiano em defesa de uma autotradução ideologicamente posicionada e que Olivieri-Godet (2004, p. 6 apud RIBEIRO, E., 2006, p. 40) argumenta que

ao traduzir *Viva o Povo Brasileiro* para o inglês, João Ubaldo preteriu uma tradução literal por um título que denota a vitalidade da memória como garantia do processo de transmissão de saberes de uma comunidade: *An Invincible Memory*. Esse título acentua a força da reprodução do imaginário popular através do tempo, e alude mais claramente à noção de conflito, a partir da qual o romance se constrói.

Por último, João Ubaldo também apresenta um zelo com a autotradução que incide sobre o aspecto linguístico. Por ser um texto denso lexicalmente e que inclui itens culturais específicos e formas linguísticas típicas do português brasileiro como o uso da língua com alta produtividade e frequência do sufixo *-inho*, conforme discutido nas seções 2 e 5, João Ubaldo apresenta que o processo autotradutório se tornou uma situação problemática com muitos questionamentos. O autor narra, por exemplo, a dificuldade em traduzir alguns itens culturais no romance pertencentes à fauna e à flora brasileiras. Alguns desses itens, inclusive, aparecem na minha análise seguinte (cf. subseções 7.1.3 e 7.2), tais como, as formas simples *pescadinha*, *vassourinha* e o diminutivo do peixe *vermelho* (*vermelhinho*). Segue o depoimento de Ribeiro, J. (2018, p. 154, grifos do autor) com algumas das inúmeras indagações linguístico-culturais na mediação do texto em português para a comunidade anglófona.

E também havia os nomes populares dos peixes, alguns dos quais sequer existiam em inglês, ou eram tão raros que ninguém os reconheceria. É justo chamar um *Scomberomorus regalis* de “*mackerel*” quando no fundo você sabe que para o seu leitor um verdadeiro “*mackerel*” provavelmente é um *Scomber scombrus*? E as plantas, frutas e árvores completamente desconhecidas no hemisfério norte, exceto por especialistas, que os chamam por apelidos taxonômicos complicados? E as árvores e frutas que são conhecidas nos Estados Unidos como “não sei o que de Java” ou “isso ou aquilo da Austrália”, palavras que nunca poderiam estar na boca de um escravo brasileiro do século XVIII?

Entretanto, as implicações linguístico-literárias sobre a autotradução não advêm apenas de decisões do autotradutor ou das possibilidades linguísticas, mas também das demandas impostas pelas mesmas variáveis que possibilitaram tal mediação autotradutória, isto é, aquelas mencionadas no primeiro parágrafo desta subseção e que, por consequência, desencadeiam nas

restrições mencionadas por Kenny (2001). Assim como afirmam Heilbron e Sapiro (2009, p. 25) sobre a escolha do tradutor e as lógicas de recepção,

todas essas funções têm efeitos sobre as estratégias textuais e as escolhas estilísticas em matéria de tradução, mas estas também são fruto de um ajuste entre, de um lado, exigências normativas que dependem do cenário nacional e editorial, do gênero, do grau de legitimidade do texto etc., de outro lado, o *habitus* do tradutor, que inclui sua relação com as línguas em questão.

A competência bilíngue do autotradutor é considerada por muitos como ótima (RIBEIRO, J., 2018), tendo em vista a experiência linguística e cultural que João Ubaldo teve ao longo de sua vida, como descrevi na breve biografia do auto(traduto)r (cf. subseção 3.1). Antunes (2007a) e Ribeiro, E. (2006), por exemplo, citam trabalhos de John Milton, o qual afirma que João Ubaldo tende a uma tradução mais fluida devido à necessidade de aceitabilidade de sua tradução no polissistema de literatura traduzida na anglofonia, o que inclui o uso conforme as regras gerais da gramática normativa do inglês.

An invincible memory, em vista disso, carrega consigo tanto restrições quanto soluções linguísticas e culturais diversas, pois o texto de chegada abarca consigo as marcas (socio)estilísticas do autotradutor brasileiro, as limitações e as possibilidades inerentes à língua inglesa, a responsabilidade de ser um romance aclamado pelo público e pela crítica brasileira, as demandas do polissistema literário anglófono que prefere traduções fluidas ou “tradição anglo-americana de domesticação” (VENUTI, 1995, p. 23, tradução minha⁷⁵), além das exigências dos editores estadunidenses, ingleses e canadenses por causa da tripla publicação simultânea.

Com tantas variáveis que recaem sobre esse texto literário, a seguir, analiso as restrições e as soluções na autotradução de palavras sufixadas por *-inho*, no corpus paralelo bilíngue *Viva o povo brasileiro/An invincible memory*, observando as transferências linguístico-culturais em ambos os textos e apoiando-me nos resultados das seções 5, que apresenta o sufixo *-inho* como aspecto sociolinguístico-literário do português brasileiro, e 6, que retrata a circulação da tradução de obras ubaldianas que desencadeou a autotradução de *Viva o povo brasileiro* e as demandas dessa circulação sobre o texto autotraduzido.

⁷⁵ “[...] the Anglo-American tradition of domestication [...]” (VENUTI, 1995, p. 23).

7 TRANSFERÊNCIAS LINGÜÍSTICO-CULTURAIS III: O SUFIXO *-inho* EM CORPUS PARALELO BILÍNGUE

A partir do corpus comparável monolíngue presente na discussão dos resultados na subseção 5, o sufixo *-inho* indica afigurar-se como uma característica linguístico-cultural brasileira presente em textos literários dos gêneros romance, conto e crônica. Em análise anterior, propus que, sendo um aspecto linguístico da língua portuguesa e uma característica cultural do Brasil, há implicações linguístico-culturais no uso desse sufixo e, consequentemente, na sua mediação tradutória para outras línguas. Neste caso, atendo-me a uma tradução para a língua inglesa realizada por um brasileiro, o próprio autor do texto literário em questão nesta parte da análise: João Ubaldo Ribeiro.

Dessa maneira, o corpus comparável monolíngue não somente parece sinalizar que o sufixo *-inho* seja uma particularidade do povo brasileiro, assim como o subcorpus TT apresenta que, na tradução de textos literários da língua inglesa para a língua portuguesa, o sufixo *-inho* não tem frequência maior do que aquela esperada para o português de um modo geral e produtividade bem menor do que é visto nos subcorpora lusitano e brasileiro, o que pode ser causado pelas possíveis restrições tradutórias em relação à tradução desse aspecto morfológico do português cujas restrições encontram-se nos âmbitos social, cultural, político, econômico e linguístico (cf. subseção 5.3). No corpus paralelo bilíngue, por sua vez, apresento como o subcorpus AIM lida linguisticamente com aquelas possíveis restrições tradutórias, mas, neste caso, partindo do português para o inglês, logo, com implicações literárias que permeiam características dessas línguas com a sociedade, a cultura, a política, a economia e a ideologia.

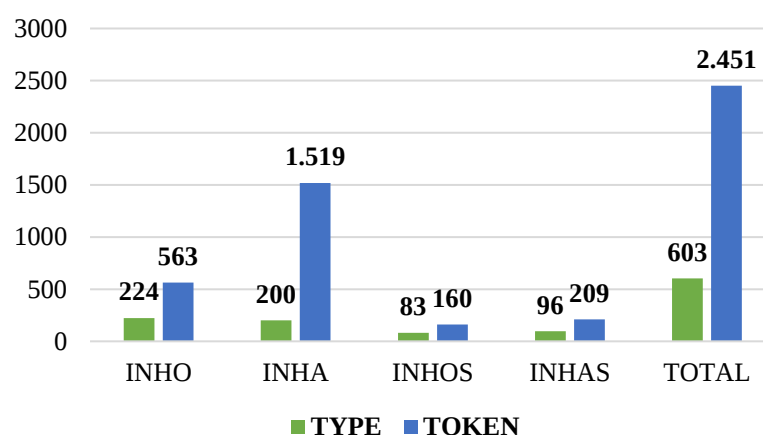
O corpus aqui analisado é paralelo, bilíngue e apresenta dois subcorpora. Conforme a taxonomia de Viana (2010), o corpus paralelo que compilo pode ser classificado como *especializado* por ser formado por dois textos literários específicos; *escrito*, pois os textos agrupados são escritos e não orais; *sincrônico*, dado que pertencem à mesma sincronia: VPB escrito em 1984 e AIM autotraduzido em 1989; *contemporâneo*, porquanto está inserido no mesmo período histórico desta pesquisa; *estático* por não ter em vista a expansão do corpus, a menos que em pesquisas posteriores haja a incorporação de outras traduções em outras línguas; *multilíngue*, mais precisamente bilíngue, contendo as línguas portuguesa e inglesa; *paralelo*, porque este corpus constitui-se do texto de partida e sua respectiva (auto)tradução; *alinhado*, visto que os subcorpora estão alinhados em relação aos seus parágrafos; escrito por um *produtor de línguas materna* (L1) e *estrangeira* (LE), neste caso, João Ubaldo escreve VPB em sua língua materna (L1) e autotraduz-se para o inglês (LE); e de estudo, em razão dos objetivos

estabelecidos para a investigação da linguagem em relação ao sufixo *-inho*. De acordo com a perspectiva de Biel (2010), o tipo de análise realizada também pode configurar-se como *interlingual* e *bilíngue* por ser um estudo que envolve a relação entre duas línguas (português-inglês); *paralelo* com dois subcorpora; *corpus de tradução*, ou seja, subcorpora alinhados em que uma língua é do texto original e a outra é do texto traduzido; e com função de possibilitar o estudo da atividade tradutória. O corpus paralelo contém 500.632 *tokens* e 42.012 *types* na sua totalidade. A princípio, não há sentido em apresentar ambos os subcorpora reunidos nesses dados, pois são compostos por duas línguas, sendo distintas a maior parte de suas palavras gráficas. Entretanto, ambos possuem características semelhantes, pois possuem algumas palavras gráficas iguais, inclusive, com palavras sufixadas por *-inho* e, além disso, tal contabilização pode demonstrar o tamanho do corpus paralelo em sua totalidade.

7.1 Viva o povo brasileiro a partir da estilística de corpus: o sufixo *-inho*

O subcorpus VPB contém o romance *Viva o povo brasileiro*, nele, há 237.749 *tokens* e 24.876 *types*, o que resulta numa razão forma-item de 10,46%. Na busca por palavras contendo as terminações *INHO*, *INHA*, *INHOS* e *INHAS*, verifiquei os seguintes dados expostos na Figura 12.

Figura 12: *Tokens e types dos grafemas finais INHO, INHOS, INHA e INHAS no subcorpus VPB*



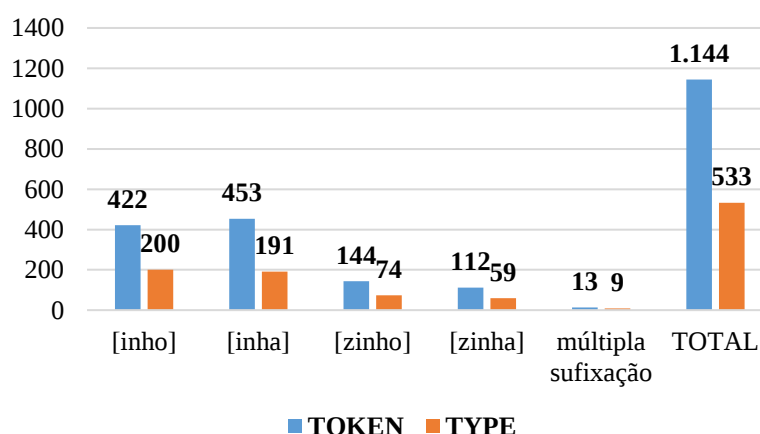
Fonte: Autor (2020).

Este subcorpus apresenta, em sua totalidade, 2.451 *tokens* e 603 *types* que contêm uma das terminações apresentadas no gráfico anterior, logo, representa, respectivamente, 0,49% e 1,48% de todo este subcorpus, algo similar ao que foi constado no subcorpus PB. Além disso,

os dados novamente apresentam uma proeminência nas terminações que tendem a indicar o singular; as demais terminações, por sua vez, continuam a obter quantidades menores.

A terminação *INHA* é a que mais abriga *tokens*, pois, como visto no corpus comparável monolíngue, são os grafemas que contêm o pronome *minha*, alguns verbos conjugados, tais como, *tinha*, *continha* e *obtinha*, além de substantivos frequentes na língua portuguesa, por exemplo, *rainha*, *linha* e *farinha*. Com isso, os dados evidenciam alguns padrões que se repetem para todos os subcorpora em língua portuguesa aqui compilados, especialmente, em relação à variedade do português brasileiro, isto é, padrões referentes às palavras mais frequentes e às quantidades em relação aos grafemas finais. Em referência às palavras sufixadas por *-inho*, o gráfico a seguir apresenta os seguintes dados.

Figura 13: *Tokens e types de palavras sufixadas por -inho no subcorpus VPB*



Fonte: Autor (2020).

O subcorpus VPB, no total, abriga 1.144 *tokens* e 534 *types* sufixados por *-inho*, resultando numa densidade lexical, entre as palavras com este sufixo, de 46,67%, ou seja, numa média geral em que para cada palavra sufixada por *-inho* há, aproximadamente, apenas mais uma idêntica a ela. Em relação ao subcorpus VPB, o número de *tokens* sufixados por *-inho* representam 0,48%, algo superior aos subcorpora comparáveis PE, PB e TT. O subcorpus PB, por exemplo, ocupou a posição com maior proporcionalidade entre os subcorpora comparáveis e acumulou, 0,16% de palavras sufixadas por *-inho* em relação ao total de *tokens* presentes em todo o seu corpus comparável. Em vista disso, há indícios de que João Ubaldo, além de utilizar o sufixo como aspecto linguístico-cultural da sua língua materna, também o apresenta como efeito estilístico em sua escrita nesse romance em específico, isto é, como um conjunto de escolhas (in)conscientes para a sua composição de VPB, resultando no uso persistente do sufixo

-*inho* e das funções a ele inerentes para diversos contextos de uso. Ressalto que o estilo inerente a João Ubaldo neste romance não pode estar dissociado dos aspectos da língua que ele utiliza e da cultura em que estava inserido no momento da escrita (cf. subseções 2.2 e 2.3).

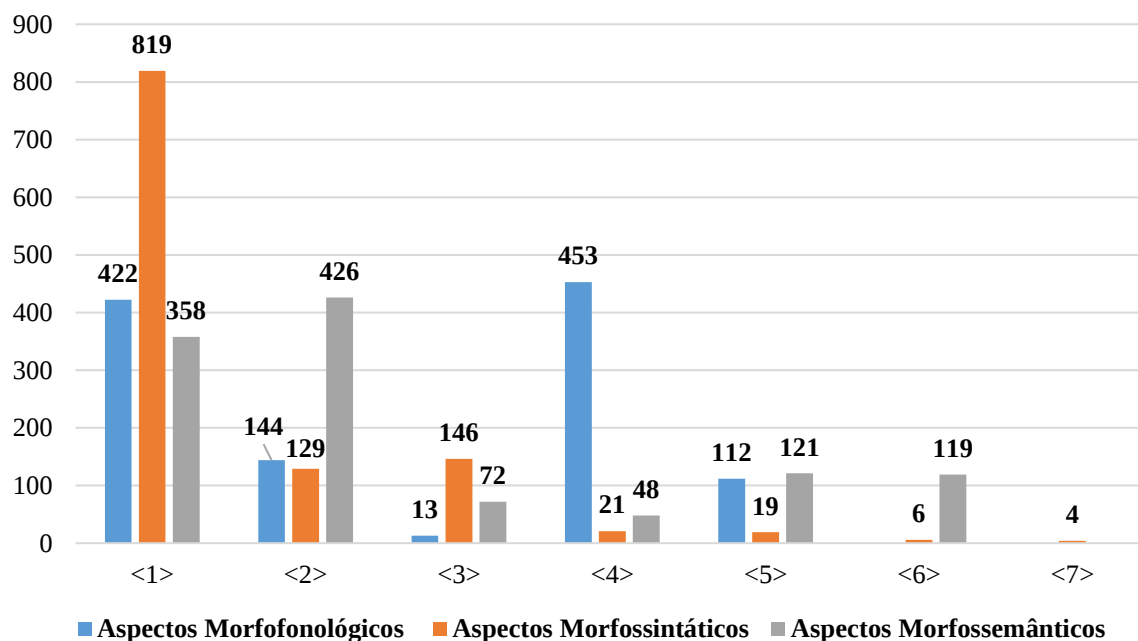
Em relação ao morfema [inho], as palavras que têm ao menos 10 frequências são: *sozinho* (25), *ioiozinho* (18), *povinho* (14), *manguinho* (11), *santinho* (10) e *pouquinho* (10), entre estas palavras, percebe-se que há termos que merecem maior atenção por parte de quem for realizar a tradução, pois os termos *ioiozinho* e *santinho* podem ser itens culturais específicos, se a primeira palavra fizer referência a como os escravos referiam-se aos seus senhores no período colonial brasileiro e se o segundo termo for relativo ao brasileirismo sobre panfletos entregues em período eleitoral e, com isso, resultar numa das considerações feitas por Hatje-Faggion (2011, p. 73):

Ao se depararem com palavras culturalmente determinadas, tradutores literários que traduzem do português para o inglês tendem a encontrar dificuldades para lhes atribuir significado, pois o modo como essas palavras podem ser traduzidas em outra língua pode depender de diversos fatores.

Além disso, outras palavras como *povinho* e *pouquinho* podem ser exemplos que tornem a mediação tradutória um pouco mais laboriosa, dado que o sufixo -*inho*, nestas palavras e a depender do contexto, pode conotar funções como *depreciação* e *atenuação*, as quais podem demandar escolhas tradutórias diversas, inclusive, a omissão de trechos que as contenham e, em seção posterior (cf. subseção 7.2.1), apresento, para exemplificação, alguns casos em que ocorreram o apagamento de segmentos textuais.

Antes de pormenorizar os aspectos encontrados nas palavras sufixadas por -*inho* no subcorpus VPB, apresento resumidamente um gráfico (cf. Figura 14), contendo a quantificação de cada categoria das características morfofonológicas, morfossintáticas e morfossemânticas conforme os dígitos contidos nas etiquetas numéricas deste subcorpus, a fim de facilitar a visualização dos dados quantitativos para cada aspecto investigado. Destaco também que esta subseção 7.1 não tem por intenção a divulgação detalhada dos dados observados na autotradução presente no subcorpus AIM, mas que, esporadicamente, utilizo algumas informações de ambos os subcorpora paralelos para auxiliar na análise do subcorpus em língua portuguesa.

Figura 14: Quantificação das rotulações conforme os dígitos das etiquetas numéricas no subcorpus VPB (cf. Quadro 3, p.103)



Fonte: Autor (2020).

A seguir, começo a apresentar tais aspectos mencionados na Figura 14, iniciando com os aspectos morfofonológicos.

7.1.1 Aspectos morfofonológicos

No subcorpus VPB, as etiquetas dos aspectos morfofonológicos das palavras sufixadas por *-inho* ocorrem de cinco maneiras: duas opções para os morfes [inho] e [zinho] no masculino, dois tipos para os morfes [inha] e [zinha] no feminino e um para a múltipla sufixação, esta última característica devendo conter, obrigatoriamente, um dos morfes anteriores mais um morfe de qualquer natureza que indiquem o diminutivo sintético. Diferentemente do corpus comparável cuja extensão é mais de nove vezes maior do que este corpus paralelo, aqui se torna mais acessível catalogar as palavras sufixadas por *-inho*, analisando separadamente aqueles morfes mais comuns do conjunto alomórfico do morfema {inho}, tendo em vista que a etiquetagem das palavras sufixadas por *-inho* foi uma por uma, o que possibilitou rotular as palavras detalhadamente, conforme suas características linguísticas apresentadas no Quadro 3. Em vista disso, investigo as RAE das palavras sufixadas por *-inho* no subcorpus VPB, observando se há ou não o grafema *z* na composição morfofonológica, se há múltipla sufixação e qual a desinência de gênero, mas não em relação à distinção entre plural e singular.

Com relação aos morfemes [inho] e [inha] em contraste com os morfemes [zinho] e [zinha], a Figura 13 apresenta que os dados daqueles são superiores à quantidade destes, o que sustenta a tese de Santana (2017), o qual afirma que aqueles morfemes ocorrem com maior frequência no português. Assim, o subcorpus VPB também parece indicar que as RFP em língua portuguesa conduzem a uma maior produtividade na formação de palavras sufixadas sem o grafema *z*, bem como sua maior frequência, dado que este subcorpus tem maior quantidade em valores absolutos para os *types* sufixados com os morfemes [inho] e [inha]. Saliento que faço menção às palavras grafadas com *z*, pois há palavras que, caso fossem considerados somente seus aspectos fonético-fonológicos, também contariam como pertencentes a esse grupo, pois em sua estrutura estaria contido o fone /z/, mas constando o *s* como grafema, por exemplo, nas palavras *casinha*, *risinho* ou *adeusinho*. Neste sentido, como as palavras fonológicas não constam neste estudo (cf. subseção 2.1), seus aspectos não são considerados.

Quanto ao gênero, as palavras sufixadas por *-inho* que indicam feminino, considerando os morfemes [inha], [zinha] e as palavras com múltipla sufixação, são maioria no subcorpus VPB, as quais, em conjunto, totalizam 576 *tokens* contra 568 *tokens* de palavras que indicam masculino. No corpus comparável, apenas o subcorpus PE registrou maioria das palavras sufixadas por *-inho* no feminino, com a vantagem de 144 *tokens* a mais. Ao olhar atentamente os dados e considerar alguns aspectos morfossintáticos no subcorpus VPB, 417 *tokens* são substantivos femininos e 107 *tokens* são hipocorísticos do mesmo gênero, respectivamente, em comparação ao masculino, há 407 substantivos no masculino e apenas 36 *tokens* são hipocorísticos de personagens masculinas.

Esses dados podem indicar a proeminência das mulheres entre as personagens do romance ubaldiano, dado que, ao longo de toda a narrativa, há personagens femininas que são importantes para a obra ficcional, especialmente, as mulheres afrodescendentes que, ainda que oprimidas pelo contexto social, demonstram atitudes de reação e de resistência ao que fora imposto a elas, sendo Maria da Fé o caso mais emblemático de todo o romance, inclusive, para a construção da identidade cultural do povo brasileiro nessa narrativa. Em vista disso, ainda que a vantagem de palavras sufixadas por *-inho* de gênero feminino seja apenas um pouco maior no subcorpus VPB, se houver comparação de gêneros nos subcorpora PB e TT, por exemplo, os dados das palavras sufixadas que indicam o gênero masculino são sempre mais expressivos. Por isso, acredito que, quando houver maior frequência quantitativa para palavras sufixadas por *-inho* no gênero feminino, pode ser que o enredo contenha personagens femininas cuja atuação tem notoriedade na narrativa. Contudo, para a melhor compreensão desse fenômeno, sugiro que se avalie tais dados por meio da LC com o auxílio de etiquetas, para que se possa compreender

com mais profundidade o contexto de uso dessas palavras sufixadas, averiguando, por exemplo, como, quando e por quem se dá essa utilização.

Além dos quatro principais grafemas, também investigo a existência de palavras com múltiplos afixos, ou seja, que contenham dois ou mais sufixos que indiquem diminutivos sintéticos, sendo obrigatoriamente ao menos um deles os morfemas [inho], [inha], [zinho] ou [zinha] (cf. Concordância 1).

Concordância 1: Resultado do concordanciador para a busca de etiquetas <3??>⁷⁶ no subcorpus VPB

a esteira. — Naê-ê! — gritou. — Rainhazinha	<311> de Aiocá! E o sinal! — E dizendo
— É que eu estou aqui prendendo uma linguetinha	<312> com o dente e, se eu soltar,
á para dentro, quando resolveu abrir a portinhola	<312> de treliça, bateu com os discos e,
um do outro. Às vezes caminhava na saletinha	<312>, às vezes falava sozinho <226>, às vezes
sério. Budião pôs os pés fora da casinhola	<312>, esticou os braços, respirou fundo, principiou a
ta da ilha, podiam ver algumas praias, casinholas	<312>, plantações, longas e recurvas cercas de ossos
azeite que também usara para telhar sua casinhola	<312>, tido como demente da lua por sair
o ferrolho da porta da frente da saletinha	<312>. Abriu-a e, diante dele, Horácio Bonfim,
os sem consultar alguém, trancava-se na saletinha	<312>. Primeiro, fazia um círculo pela sala, rente
a que entrava pela porta entreaberta da saletinha	<312>. Somente depois é que se sentava à
eias também sólidas, embora talvez um pouquinho	<314> rígidas demais. De qualquer maneira, não tivesse
vai fazer o axexê de nhozinho-zinho-zinho	<315>, vai fazer as obrigações de defunto dele?
s. Almas brasileiras <421>, tão pequetinhas	<321> que faziam pena, tão bobas que davam

Fonte: Autor (2020).

A busca por palavras com múltipla sufixação seguiu o mesmo procedimento técnico-investigativo que para as demais palavras sufixadas no subcorpus VPB. As linhas de concordância acima apresentam 13 *tokens* e 9 *types* afixados por dois ou mais afixos que cumprem as regras pré-estabelecidas, a saber, *casinhola*, *casinholas*, *portinhola*, *linguetinha*, *nhozinho-zinho-zinho*, *pequetinhas*, *pouquinho*, *rainhazinha* e *saletinha*. Esses resultados evidenciam a possibilidade do infixos -*inh*- na língua portuguesa, entretanto, tal afixo foi incluído como sufixo -*inho* nesta análise a fim de simplificar a investigação. O infixos -*inh*-, no entanto, pode ser observado nos três primeiros *types* listados anteriormente, os quais, após uma análise mórfica segundo as RAE, podem ser segmentados, respectivamente, em (24), (25) e (26).

(24) ₃[₂[₁[cas(a)] inh] ola]

⁷⁶ Cada interrogação <?> representa todo e qualquer dígito possível que pode estar na etiqueta numérica, por isso, representam mais um símbolo gráfico coringa que pode ser usado na ferramenta *AntConc* 3.5.8, além do asterisco * que antecede e/ou sucede os grafemas inseridos no buscador do concordanciador e representa qualquer sequência gráfica anterior e/ou posterior a eles.

(25) ₃[₂[₁[cas(a)] inh] ola] s]

(26) ₃[₂[₁[port(a)] inh] ola]

Assim como na exemplificação exposta por Monteiro (2009) referente aos substantivos masculinos terminados em [a] e sufixados por *-inho*, tal como em *cineminha* cuja possível explicação seja a adição do infixo *-inh-*, da mesma forma pode ser compreendido nos exemplos em (24), (25) e (26), pois a vogal [o] pertence ao sufixo *-ola* e a vogal temática [a] está ausente enquanto morfe zero, mas o morfema a que representa não é inexistente (cf. nota de rodapé 7, p. 29).

Além disso, esses *tokens* com múltipla sufixação apresentam outros tipos de sufixo, a saber, os sufixos *-eto*, *-ito* e *-acho*, podendo, inclusive, surgir outros debates sobre o surgimento ou não de novos infixos em tais palavras. Por fim, há apenas uma palavra com mais de duas sufixações, neste caso, a palavra *nhozinho-zinho-zinho*. Como descrito na subseção 2.2, a perspectiva linguística funcionalista aborda a língua como icônica, motivada e não arbitrária, cujo subprincípio da quantidade diz que “quanto maior a quantidade de informação, maior a quantidade de forma” (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2015, p. 23); logo, a repetição de afixos pode ser motivada pelos aspectos morfossemântico-pragmáticos em que o *apreço*, a *redução espacial*, a *atenuação* e a *depreciação* através dessas múltiplas afixações recebem maior ênfase no nível semântico da palavra. Tais palavras são criadas motivadas por causa da função atitudinal que elas carregam (cf. subseção 2.2) cuja motivação para a criação de palavras é o desejo por expressar um determinado ponto de vista, por isso, tornando-se relevante a descrição desses fenômenos linguísticos na autotradução ubaldiana em *An invincible memory*.

Concordância 2: Resultado do concordanciador para a busca de etiquetas <3????> no subcorpus AIM

straw mat. "Naê-ay!" he shouted. "Little Queen	<31105> of Aiokah! And the mark!" "And you
like that?" "I'm holding a little latch	<31205> with my tooth, and if I let
he decided to open che little latticework wicket	<31205>, found the records, and, right behind the
another, Sometimes he would walk to and fro	<31201>, sometimes he talked to himself <22608>, someti
red, very serious. Budião stepped from the house	<31207>, stretched out his arms, breathed deeply, and
strand, they could see ahead a few huts	<31208>, plantations, long, curvilinear whale-rib fences
to make a roof for his tiny hut	<31206>, and considered a lunatic because he liked
to unfasten the lock of his office's	<31207> front door. He opened it, and before
somebody, he locked himself in the small workroom	<31205>. First he circulated close to the walls
through the opening of the little office's	<31205> door. Only then he would sit at
classic. Solid ideas though maybe a little bit	<31405> too rigid. If he hadn't dedicated

, the poor, dear, dear, dear little Massa's <31509> ah-shay-shay? Of course not. So
 ey miss. Little Brazilian <42105> souls, so tiny <32207> and guileless they caused pity, but resolved

Fonte: Autor (2020).

A adição de sufixos nas palavras da Concordância 1, motivadas por razões diversas, também ocorre de certa maneira em algumas das ocorrências na Concordância 2, e, considerando as modalidades de tradução de Aubert (1998), há *implicitação* ou *transposição* na tradução das palavras, o que configura a ausência de soluções tradutórias que tornem evidente a tradução do sufixo *-inho*. Ainda assim, há quatro casos de escolhas tradutórias que destacaram, no subcorpus AIM, um dos subprincípios de iconicidade contidos naquelas palavras duplamente sufixadas, no subcorpus VPB, isto é, o subprincípio da quantidade que afirma que quanto mais forma houver, mais informação conterà (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2015). A segunda, terceira, sétima e décima segunda linhas da Concordância 2 apresentam tais soluções, porque as escolhas lexicais, embora não sejam sufixadas, a maior parte delas indica redução de tamanho que, em conjunto com adjetivos que indicam diminutivo sintético, adicionam mais quantidade e informação ao enunciado. No caso da múltipla sufixação da palavra *nhozinho-zinho-zinho* em que a personagem Esmeralda, em conversa com outra escrava, ironiza e debocha da forma de tratamento nas relações interpessoais entre os escravos e os senhores, a tradução da palavra, no subcorpus AIM, retoma essa mesma veemência do sarcasmo através de outras formas linguísticas: primeiro a tradução apresenta uma *adaptação* da palavra *ioiô* (nome gentil dado pelos escravos afro-brasileiros aos seus senhores, com origem no substantivo *senhor*), ou seja, uma adaptação cultural do termo, a qual é vertida para *Massa* (nome igualmente gentil dado pelos escravos afro-americanos aos seus senhores, com origem no substantivo *Master*); segundo, há *transposição*, isto é, a exposição do sufixo *-inho* por meio do diminutivo analítico em inglês (*little Massa*); terceiro, há *explicitação* das múltiplas sufixações por *-inho* através do adjetivo *poor* e da tripla repetição do adjetivo *dear*, desta maneira, o subcorpus AIM evidencia a atenção concedida ao texto de partida em relação à forma e à função do sufixo *-inho* no texto de partida. Em seguida, apresento os dados referentes aos aspectos morfossintáticos.

7.1.2 Aspectos morfossintáticos

O subcorpus VPB também é analisado quanto às características morfossintáticas das palavras sufixadas por *-inho*. Na subseção 2.1, apresentei que a sufixação de palavras para

indicar o diminutivo sintético por meio do sufixo *-inho*, a princípio, não altera a classe da palavra devido à inerência do seu processo de formação morfológica (BASÍLIO, 2017). Além disso, o sufixo *-inho*, embora possa suceder na sufixação de palavras em qualquer classe gramatical ainda que por meio de neologismos, geralmente tende a restringir-se entre os substantivos e os adjetivos. No subcorpus VPB, é possível verificar que as palavras sufixadas por *-inho* estão na função de substantivos, adjetivos, advérbios e pronomes, consequentemente, as etiquetas contêm as seguintes rotulações: *substantivo*, *adjetivo*, *hipocorístico*, *antropônimo/topônimo*, *advérbio*, *pronome* e *metaplasmo*. No caso dos substantivos, eles são subdivididos em *substantivo*, *hipocorístico* e *antropônimo/topônimo*, pois estas duas últimas rotulações são específicas e apresentam estratégias tradutórias distintas dos demais substantivos presentes no corpus paralelo.

Quanto ao *metaplasmo*, esta rotulação é totalmente distinta das demais por causa da natureza morfofonológica e sintática da palavra etiquetada, a qual agrega uma ou mais funções sintáticas se consideradas as palavras simples nela contida, o que implica na demanda por criatividade para a sua tradução, isto é, uma estratégia tradutória que *grosso modo* ou opte por dialetos na língua-alvo que contenham traços interlinguísticos análogos ou priorize a criação de um novo dialeto por quem medeia a tradução. Ainda que esta última solução possa ser considerada original, ela provavelmente estará embasada em aspectos sociolinguísticos de algum dialeto ou de alguma língua seja da cultura-alvo seja da cultura de origem, mas ambas as estratégias sempre estarão preocupadas em representar a oralidade. Tal rotulação representa, antes de tudo, a atenção que desejo pôr sobre este aspecto da linguagem oral e as possíveis traduções efetuadas no subcorpus AIM, posto que a formação de palavras por metaplasmos e que não estão registradas formalmente em dicionários representam um aspecto sociolinguístico-cultural próprio de um grupo (socioleto) cuja percepção social tende a ser estigmatizada por representar a não adequação ao sistema imposto pela gramática normativa padrão, ou seja, um desvio da norma-padrão da língua. Além disso, observar as possibilidades de tradução de tais palavras é poder observar a pluralidade de escolha estilística e criativa do tradutor. Em relação a esse tema, Faria e Hatje-Faggion (2012, p. 68) afirmam que

a questão de como traduzir uma linguagem estigmatizada [...] permanece fruto de uma discussão sem respostas definitivas. Apesar das diferenças relativas aos dialetos que podem ser escolhidos por cada tradutor e das possíveis perdas ou acréscimos advindas de manipulações, cada tradução cumpre um propósito segundo o contexto/sistema cultural em que foi concebida.

A rotulação *substantivo*, no subcorpus VPB, contém 819 *tokens* sufixados por *-inho* dos quais 415 são do gênero feminino e 407 são do gênero masculino, em grande maioria, os *tokens* indicam *redução espacial* (425), *apreço* (199) e *depreciação* (112).

Quanto ao *adjetivo*, há 129 *tokens* com o sufixo *-inho*, dos quais a maioria pertence ao gênero masculino (85) e cujo aspecto semântico dos *tokens* nesta rotulação assinalam majoritariamente *intensificação* (53), *lexicalização semântica* (42) e *atenuação* (16). O alto número para *lexicalização semântica* tem relação com os adjetivos *sozinho* com suas desinências de gênero e número, *ribeirinhas* e *comezinha(s)*, tendo em vista que tais adjetivos não mais são palavras sufixadas, mas lexicalizadas semanticamente pelo uso. A partir das RAE e dos seus contextos de uso no subcorpus VPB, pode-se perceber que aqueles adjetivos advêm das formas simples *só*, *ribeiro* e *comer* e, respectivamente, modificaram-se de uma intensificação de *só* para sinônimo deste mesmo adjetivo, de redução dimensional do substantivo *ribeiro* para adjetivo relativo ao que é marginal ou está à margem de um rio e de sufixação do verbo/substantivo *comer* para indicar algo fácil para deglutir ou entender. Estas duas últimas utilizam-se da criação de palavras através das funções de rotulação e de adequação categorial (cf. subseção 2.2).

Em relação à categoria *hipocorístico*, o subcorpus VPB encerra 146 *tokens*, dos quais 110 são hipocorísticos femininos e 36 são hipocorísticos masculinos, sobre tal distinção apresentei uma possível justificativa na subseção 7.1.1, pelos dados verifica-se que quase todos fazem referência às personagens afro-brasileiras, tais como, *Candinha*, *Dadinha* e *Merinha*. A categoria *antropônimo/topônimo*, por sua vez, engloba 21 *tokens* com o sufixo *-inho*. Estas duas categorias, apesar de serem substantivos semelhantes, ou seja, pertencem à classe dos nomes na morfologia, apresentam soluções tradutórias divergentes no subcorpus AIM.

A tradução de hipocorísticos, em sua maioria, é divergente das traduções de *antropônimos/topônimos* no subcorpus AIM, pois, para os *antropônimos*, o texto de chegada contém majoritariamente *empréstimos* entre as modalidades de Aubert (1998); para os *topônimos*, a autotradução apresenta a *transposição* em quase todas as ocorrências. Entre os 36 hipocorísticos masculinos, há *empréstimos* (23), *decalques* (9), *transposições* (2) e *implicitações* (2); entre os 107 hipocorísticos femininos, há *empréstimos* (105), *transposições* (2), *modulações* (2) e *implicitação* (1).

Com relação à tradução de *antropônimo/topônimo* no subcorpus AIM, a preferência é oposta, pois, dos 21 *tokens* sufixados, há apenas cinco *empréstimos*, todos os demais são *transposições*. Todavia, as cinco ocorrências de *antropônimos*, assim como os hipocorísticos na tradução, configuram-se como *empréstimos* na tradução. Com isso, apenas as regiões

geográficas (*topônimos*) são transpostas, exceto na ocorrência que faz menção à cidade baiana de *Maragogipinho*, na qual há *empréstimo*. Nas *transposições*, os topônimos *São João do Manguinho* e *Fonte do Porrãozinho* são traduzidos, respectivamente, por *Saint John of the Little Swamp* e *Little Pot*, tal solução deve-se talvez à existência ficcional de tais localidades, o que pode ter contribuído para que não houvesse impedimentos de verter para o inglês o nome dessas localizações.

Assim, apesar das soluções tradutórias serem opostas entre as rotulações *hipocorístico* e *antropônimo/topônimo* no subcorpus AIM, há um padrão nas suas escolhas tradutórias, a saber, opta-se por *empréstimo*, em sua maioria, para hipocorísticos e antropônimos de personagens do romance, além de um topônimo existente próximo ao recôncavo baiano, e decide por *transposição* dos topônimos ficcionais.

A rotulação *advérbio* abrange 19 *tokens* que conotam *intensificação* ou *atenuação* desses modificadores e apenas uma *lexicalização semântica*, o advérbio *escreitinho*, sinônimo para *idêntico* conforme o exemplo (27), em negrito, retirado do subcorpus VPB através do *file view* do *AntConc 3.5.8*.

(27) Irmão é irmão e, por mais diferentes, um dentuço, outro boca de chupa-ovo, um louro, outro moreno, um feio, outro bonito, um cambaio, outro com pernas de pavão, um belo dia a germanidade estala e prrrrim! olha aí um **escreitinho** <156> o outro, cagado e cuspidado, cara de um, cu de outro.

Quanto à rotulação *pronome*, há apenas seis ocorrências, sendo, portanto, a classificação morfossintática menos frequente e menos produtiva de todas as seis categorias morfossintáticas estabelecidas. Os pronomes sufixados são *tudinho* (1), *mecezinho* que é aférese⁷⁷ de *vosmecê* (2), *nadinha* (2) e *suazinha* (1). Por fim, a última categoria *metaplasmo* compreende quatro casos distintos, isto é, quatro *hapaces legomena* do subcorpus VPB sufixados por *-inho* (cf. Concordância 3).

Concordância 3: Resultado do concordanciador para a busca de etiquetas <??> no subcorpus VPB

lador? Sunlisinho <111>, sá menina, sunrilisinho <171>, vai poder ser? Mas ela não sorriu
 . Eu vou ver se ele vai embora unstantinho <174>, aí eu explico a situação. Não vai
 rapatos miudinhos <124>, cabeçudos destamanhinho <174>, xixarros e sardinhas ordinários, dois ou três
 uisasse pendurar-se. — Aí, sua fiadaputinha <475>! — gritou Leléu, com vontade de baixar o

Fonte: Autor (2020).

⁷⁷ Aférese é a “supressão de fonema ou sílaba no início de palavra” (MONTEIRO, 2009, p. 62).

As ocorrências na Concordância 3 são metaplasmos formados por aglutinação ou por justaposição, porquanto as linhas de concordância indicam, respectivamente, as seguintes formações: i) *sunrilisinho* (metaplasmo aglutinado de *um sorrisinho*) parece conter duas epênteses⁷⁸ para indicar tanto a adição do artigo (ou numeral) *um* quanto do fonema /l/; ii) *unstantinho* (metaplasmo aglutinado de *um instantinho*) abrange uma aférese na segunda forma lexical para os fonemas iniciais /i/ e /n/; iii) *destamanhinho* (metaplasmo aglutinado de *deste tamanhinho*) contém uma apócope⁷⁹ no pronome *deste*, que é o primeiro item lexical, em relação aos fonemas /t/ e /e/, contudo, aquele penúltimo fonema confunde-se com o primeiro fonema da segunda forma lexical aglutinada; iv) *fiadaputinha* (metaplasmo justaposto de *filha da putinha*) inclui uma síncope⁸⁰ na primeira forma lexical justaposta, por meio da exclusão do fonema /k/. Segundo Monteiro (2009, p. 63, grifos do autor),

essas modificações efetuadas na forma das palavras são as mesmas que ocorrem na evolução da língua. No registro coloquial, costuma-se dizer *brigado*, *tá*, *pra*, *preju*, *profe*, *delega*, *responso* etc. Foi seguindo processos idênticos que o latim vulgar se transformou em português. Assim, os escritores não fazem mais do que aproveitar os mecanismos existentes no sistema linguístico, para alterar as construções morfológicas com intenção estilística.

Em relação à solução tradutória para esses *hapaces legomena*, as linhas na Concordância 4 apresentam a mediação tradutória cuja maioria resultou na implicitação da forma e/ou da função contidas no sufixo *-inho*, exceto no exemplo da última linha de concordância.

Concordância 4: Resultado do concordanciador para a busca de etiquetas <????> no subcorpus AIM

a little shmile <11105>, little girl, a shmile <17107>, dat too difficult? But she did not
if he'll go away for a moment <17407>, and then I'll explain what's
ppers <11205>, puny <12407> gray snappers, tiny <17407> cavallas, worthless scads and sardines, two or
to hang from them. "Ouch, you little bitch <47505>!" Leléu shouted, feeling like slapping her hands

Fonte: Autor (2020).

Na primeira linha de concordância, segundo as modalidades de Aubert (1998), *sunrilisinho* foi traduzido por *a shmile*, com isso, percebe-se que a primeira epêntese se desfaz com o artigo indefinido antecedendo a palavra, mas a segunda epêntese é transformada numa prótese⁸¹ com o fonema /j/, consequentemente, há uma adaptação da linguagem oral na língua-alvo, a qual apaga possíveis soluções para a forma e a função do sufixo *-inho* no inglês, mas

⁷⁸ Epêntese é o “acrêscimo de fonema no meio de vocábulo” (MONTEIRO, 2009, p. 63).

⁷⁹ Apócope é a “supressão [morfofonológica] no fim de palavra” (MONTEIRO, 2009, p. 62).

⁸⁰ Síncope é a “queda de fonema(s) no meio de vocábulo” (MONTEIRO, 2009, p. 62).

⁸¹ Prótese é o “aumento de fonema no início de palavra” (MONTEIRO, 2009, p. 63).

mantém o uso que o personagem faz da língua como estivesse interagindo com uma criança e pedindo o seu sorriso, o que, parafraseando a citação de Monteiro (2009), altera a construção morfológica com intenção estilística.

Na segunda linha de concordância, a implicitação do sufixo *-inho* – com isso quero dizer qualquer solução tradutória que evidenciasse a forma e/ou a função desse sufixo na língua inglesa – é ainda mais evidente, pois se, por um lado, os aspectos sintáticos de *unstantinho* são conservados em *for a moment*, por outro lado, a solução tradutória no subcorpus AIM não parece explicitar aspectos morfofonológicos que evidenciem a oralidade transmitida pela personagem Rufina, assim como foi no exemplo anterior com o personagem Leléu.

De forma consoante a esta última, a terceira linha de concordância também não destaca qualquer desvio morfofonológico do metaplasmo *destamanhinho* na autotradução para o adjetivo *tiny*, evidenciando nada tão diferente daquilo que está presente na norma-padrão da língua inglesa, o que pode configurar numa simplificação.

Por fim, a última linha de concordância é a única, dentre as quatro ocorrências, que não torna implícito o sufixo *-inho*, mas por meio de *transposição* evidencia tanto o sufixo quanto a expressão pejorativa de *fiadaputinha*, no texto de partida, em *little bitch* no texto de chegada. Entretanto, mais uma vez não há desvio morfofonológico na autotradução. Na próxima subseção, analiso alguns aspectos morfossemânticos das palavras sufixadas por *-inho* no subcorpus VPB.

7.1.3 Aspectos morfossemânticos

Nesta subseção, saio do plano da expressão para ater-me ao plano do conteúdo na rotulação das etiquetas das palavras sufixadas por *-inho*, por isso, nomeio como aspectos morfossemânticos do sufixo *-inho*. As características das palavras sufixadas por *-inho* no subcorpus VPB são rotuladas sob seis nomenclaturas: *apreço*, *redução espacial*, *intensificação*, *atenuação*, *depreciação* e *lexicalização semântica*.

Em relação à rotulação *apreço*, há 358 *tokens* etiquetados, dos quais, majoritariamente, são substantivos (202) e hipocorísticos (143). Neste último, como todos os hipocorísticos no sentido restrito (MONTEIRO, 2002) são prenomes ou sobrenomes modificados para referir-se a alguém afetuosamente, logo, todos conotam *apreciação*. Devo destacar que a categoria *apreço* é a última em prioridade quando há ocorrência de palavras com aspectos morfossemânticos híbridos, por isso, há muitas outras ocorrências de palavras com *apreço*, mas que não foram rotuladas desta maneira devido ao aspecto metodológico adotado (cf. subseção

4.3), a fim de que não houvesse pulverização dos dados. Apesar disso, esta categoria é a segunda mais frequente em todo o subcorpus VPB, o que pode sinalizar a alta disposição afetivo-apreciativa no romance *Viva o povo brasileiro*, uma característica que pode não destoar do que, geralmente, é percebido no português brasileiro (cf. seções 2 e 5).

Quanto à *redução espacial*, existem 426 *tokens* etiquetados que denotam a diminuição de seu tamanho, a única função que, a priori, o sufixo *-inho* seria necessário assumir. Entretanto, a língua não é arbitrária, mas atende às demandas impostas pelas interfaces em que atua, como a cultura, a sociedade e o indivíduo. Entre essas palavras, há muitas outras com funções morfossemânticas híbridas, porém, por ter a prioridade no momento da rotulação, acarreta sobre a categoria *redução espacial* a maior quantidade de ocorrências no subcorpus VPB.

A *intensificação*, por sua vez, abrange 72 ocorrências no subcorpus VPB. A categoria indica a ampliação do nível semântico de palavras com funções de substantivos como cores e períodos do dia, adjetivos diversos, advérbios como *pertinho* e *cedinho*, além do pronome *tudinho*. Por outro lado, a *atenuação* compreende 49 *tokens* de ocorrências de palavras em funções substantivas como em *um bocadinho*, adjetivas como *fraquinha* ou *mirradinhos*, adverbiais como na atenuação de verbos em *gemeu baixinho* ou *soprava fraquinho*, pronominais como *nadinha*, além de ocorrências com metaplasmos formados por aglutinação como *unstantinho* ou *destamanhinho*. A diferença entre *intensificação* e *atenuação* não é a ênfase semântica que o sufixo *-inho* indica sobre estes itens lexicais, mas, respectivamente, para sinalizar a potencialização e o abrandamento sobre o sentido denotativo da palavra cujo efeito enfático intensifica ou atenua. Ademais, estas duas categorias divergem da *redução espacial*, pois as palavras que estas rotulam não indicam, a priori, aumento ou diminuição concreta, mas abstrata.

Ainda mais do que nos aspectos morfofonológicos e morfossintáticos, para poder etiquetar as características morfossemânticas das palavras sufixadas por *-inho* foram cruciais as análises de seus cotextos imediatos. Porém, em alguns casos, também foi indispensável a investigação em segmentos textuais mais distantes, o que demonstra as limitações das ferramentas computacionais, que analisam a palavra graficamente, e a ação necessária do pesquisador perante o corpus analisado para poder averiguar o nível semântico-pragmático das palavras sufixadas nos seus contextos de uso. Os cotextos, então, não foram suficientes, exceto quando alargados a ponto de incluir outros períodos e parágrafos para a exploração dos aspectos morfossemânticos que necessitou de auxílio dos contextos semântico-pragmáticos da língua. Duas categorias, em especial, demonstraram um pouco mais de dificuldade na análise, a saber, *depreciação* e *lexicalização semântica*, pois tais aspectos semânticos são similares a outras

categorias à primeira vista, por exemplo, aquela pode conter a ironia ou o desprezo velado e esta pode significar tanto o diminutivo sintético de uma palavra quanto uma nova forma morfológica simples. Um exemplo é o uso da palavra *madamezinha* que numa mesma conversação apresentou tanto a categoria de *apreço* quanto de *depreciação* conforme a passagem em (28), pois, ao passo que a personagem Dadeca usa o item lexical para referir-se à sua senhora amistosamente, esta retoma a mesma palavra com desprezo.

- (28) Madame, **madamezinha** <511>, não chore, **madamezinha** <511>, vai estragar o pó de arroz, deu tanto trabalho para chegar no ponto certo... disse a negra Dadeca. Não está feio, não, está bonito, está como uma grande senhora! Está como uma grande senhora? Está como uma megera velha, isto sim, faz até parecer que tenho papada! E quantas vezes já te disse para não me chamares de **madamezinha** <515>, *madame* é uma palavra francesa, **madamezinha** <515> é um barbarismo, coisa de negro, será que não aprendes nada?

No subcorpus VPB, a *depreciação* abrange 121 *tokens* sufixados por *-inho* e a *lexicalização semântica* compreende 119 *tokens* de palavras que já foram sufixadas por *-inho*. Quanto às palavras que conotam *depreciação*, não parece haver uma relação morfofonológica intrínseca, pois os morfes [inho/a] e [zinho/a] apresentam frequências e produtividades semelhantes ao que há no português brasileiro, tendo em vista que a maior frequência e produtividade está presente nos morfes [inho] e [inha] com 101 ocorrências.

O subcorpus VPB apresenta as maiores ocorrências de *depreciação* com as seguintes palavras sufixadas por *-inho*: *negrinha(s)* (38), *povinho* (14) e *negrinho* (8). O desprezo contido nas ocorrências *negrinha(s)* e *negrinho* parece indicar uma representação depreciativa na tentativa de retratar o status social que os negros ocupavam à época colonial brasileira sem os direitos básicos pertencentes a qualquer ser humano. Ao invés de serem reconhecidos por seus nomes ao longo de toda a narrativa, o que raramente ocorre quando os brancos a eles fazem referência, os personagens afrodescendentes são identificados por sua cor e que muitas vezes é adicionado o sufixo *-inho* tanto para indicar que o personagem é jovem (cf. as traduções na subseção 7.2) quanto para menosprezar o personagem socialmente. O oposto ocorre na relação interpessoal inversa, isto é, a reverência com que os escravos tratavam os senhores por meio de termos apreciativos como *ioiôzinho* e *iaiazinha*. Obviamente os níveis semântico-pragmáticos podem ser modificados a depender do contexto de uso; entretanto, em sua maioria, o romance *Viva o povo brasileiro* desenha as relações interpessoais entre escravos e senhores por meio deste aspecto morfossemântico que conota (des)valorização do outro a depender de quem enuncia. Além dessas ocorrências, há também a palavra *povinho* cuja representação recorre com frequência no subcorpus VPB como no estrato (29).

- (29) Disseste bem, disseste muito bem: nós somos o povo desta terra, o **povinho** <115>. É o que nós somos, o **povinho** <115>. Então te lembra disto, bota isto bem dentro da cabeça: nós somos o **povinho** <115>! E **povinho** <115> não é nada, **povinho** <115> não é coisa nenhuma, me diz onde é que tu já viu povo ter importância? Ainda mais preto? Olha a realidade, veja a realidade! Esta terra é dos donos, dos senhores, dos ricos, dos poderosos, e o que a gente tem de fazer é se dar bem com eles, é tirar o proveito que puder, é se torcer para lá e para cá, é trabalhar e ser sabido, é compreender que certas coisas que não parecem trabalho são trabalho, essa é que é a vida do pobre, minha filha, não te iluda. E, com sorte e muito trabalho, a pessoa sobe na vida, melhora um pouco de situação, mas povo é povo, senhor é senhor! Senhor é povo? Vai perguntar a um se ele é povo! Se fosse povo, não era senhor.

Na passagem anterior, mais uma vez a representação de aspectos socioculturais é destacada por meio do uso desse sufixo. Neste caso em particular, o personagem Leléu, em discussão com Maria da Fé, refere-se ao povo brasileiro, que ainda está em fase de construção da sua identidade nacional e cultural no romance ubaldiano, por meio da sufixação com *-inho* para indicar *depreciação* e sua reprovação com relação às convicções da jovem que ele criou. Todas as demais ocorrências de *povinho* também fazem referência ao povo brasileiro. O uso sociolinguístico do sufixo *-inho* inclinado para o menosprezo da imagem do outro é característico também da afetividade que consta no *homem cordial*, dado que este tende a demonstrar sua disposição emotiva para o bem ou para o mal (HOLANDA, 1995). O romance ubaldiano, portanto, faz uso da categoria *depreciação* em algumas palavras sufixadas por *-inho* para destacar os conflitos existentes na sociedade, especialmente, em referência aos marginalizados na construção da identidade brasileira.

Em relação à categoria *lexicalização semântica*, o subcorpus VPB apresenta 118 *tokens*, sendo os seguintes *types*: *anjinhos*, *cadeirinha (de arruar)*, *(jogos de) bolinhas*, *campainha*, *cavalinho-cavalo*, *cavaquinho*, *colarinho*, *comezinha(s)*, *escritinho*, *espetinho*, os topônimos *Manguinho(s)*, *Maragogipinho* e *(Fonte do) Porrãozinho*, os antropônimos *Martinha* e *Matinho*, *nordestizinho*, *passarinha*, *passarinho(s)*, *pescadinha*, *picadinho*, *ribeirinhas*, *sombrinha*, *sozinho(a)(s)* e *vassourinha*. Como dito anteriormente, a constatação de que são lexicalizações semânticas dependeu de uma análise cuidadosa dos cotextos e de segmentos textuais mais distantes, além da verificação em dicionários e no uso da língua em ferramentas online. Outra indicação de que são palavras lexicalizadas ou em vias de lexicalização – ainda não são dicionarizadas, mas usadas pelos falantes do português como formas simples – é a autotradução, pois esta apresenta no texto de chegada soluções tradutórias tidas como sinônimos interlinguísticos de formas simples, por isso, muitas delas, sempre que possível, enquadram-se como *tradução literal* conforme as modalidades de tradução de Aubert (1998) (cf. subseção 7.2.4). Em seguida, atendo-me a essas modalidades para poder analisar as soluções tradutórias realizadas por João Ubaldo no subcorpus AIM.

7.2 *An invincible memory* a partir da estilística de corpus: *suffering to translate the suffix -inho*⁸²

O subcorpus AIM é composto pelo segundo romance autotraduzido por João Ubaldo Ribeiro (*An invincible memory*) que contém 263.815 *tokens* e 17.516 *types* com uma densidade lexical que indica ser menos variada do que o romance em língua portuguesa, pois apresenta uma taxa de 6,64%, o que pode ser um indício de ser uma língua morfologicamente pobre (cf. KENNY, 2001, p. 59). Com tais dados, também podem ser percebidos indicadores de simplificação e explicitação na tradução, isto é, acréscimo de formas lexicais que podem indicar aumento de informação e/ou de explicação, dado que há mais *tokens* presentes no texto autotraduzido. Segundo relato do próprio autotradutor (RIBEIRO, J., 2018, p. 153), ele decidiu por evitar notas de rodapé, mas, com a autorização previa dos editores, acrescentou informações no texto de chegada:

Então será que eu devia sufocar o livro com centenas de notas de rodapé, deixando-o maior que a lista telefônica de Nova York? Decidi que não. Isso envolveu dar uma trapaceada aqui e acolá – com o consentimento dos editores, me apresso em acrescentar. Por exemplo, quando mencionei D. Pedro I, nosso primeiro imperador [...], acrescentei a palavra “*emperor*”, que não estava no original. Eu esperava que o leitor fosse desenvolver um interesse pela história do livro em si e esquecer que nunca tinha ouvido falar sobre várias coisas e acontecimentos mencionados no romance.

Além disso, devido ao número de *types*, o subcorpus AIM parece conter preferência por uma linguagem convencional (normalização), a despeito da linguagem lexicalmente criativa utilizada por João Ubaldo no subcorpus VPB. Entretanto, Jorge Amado elogia a variedade lexical que consta no romance *An invincible memory* em elementos paratextuais da publicação (cf. Figura 10). Antunes (2007a), por outro lado, menciona ter dúvida se Jorge Amado realmente faz a crítica em relação ao original ou à autotradução, tendo em vista que a crítica anglófona não faz menções frequentes às soluções léxico-gramaticais realizadas no texto autotraduzido.

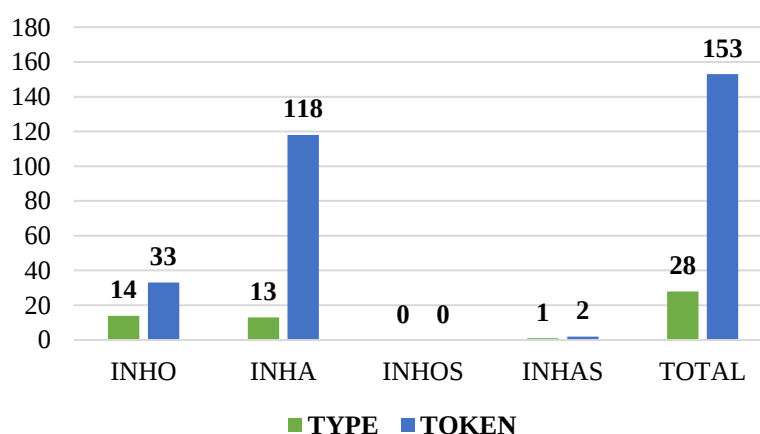
É interessante notar que, no subcorpus AIM escrito em língua inglesa, há palavras terminadas com os mesmos grafemas que averiguo nos subcorpora de língua portuguesa (cf. Figura 12). No subcorpus AIM, totalizam 153 *tokens* e 28 *types* (cf. Figura 15) como, por exemplo, *merinha* (46), *Agostinho* (2) e *farinhas* (2). Apesar de ocorrerem com frequência e

⁸² Este subtítulo é uma alusão ao artigo escrito por João Ubaldo Ribeiro intitulado *Suffering in Translation* (RIBEIRO, J., 2018), no qual trata sobre a sua atividade autotradutória.

produtividade muito reduzidas, corroboram para a percepção de que a autotradução de *Viva o povo brasileiro* segue uma vertente estrangeirizadora, apresentando ao leitor anglófono palavras em português, logo, não traduzidas para o inglês, apenas com sinalização de palavra estrangeira por meio de itálico, mas apenas quando não é referência a um antropônimo, a um topônimo ou a um hipocorístico.

As palavras sufixadas por *-inho* apresentam 96 *tokens* e 20 *types*, das quais são, em sua maioria, hipocorísticos. As palavras sufixadas são as seguintes: i) morfe [inho]: *coquinho* (8), *Ostinho* (5), *bichinho* (4), *Toninho* (4), *Dadinho* (2), *Naninho* (1), *Maragogipinho* (1), *Matinho* (1), *tiquinho* (1), *Conquinho* (1) e *boduzinho* (1); ii) morfe [inha]: *Dadinha* (26), *Candinha* (21), *Labinha* (5), *roxinha* (4), *Martinha* (3), *madamezinha* (4), *Nezinha* (2), *cizinha* (1) e *titizinha* (1).

Figura 15: Tokens e types dos grafemas finais INHO, INHOS, INHA e INHAS no subcorpus AIM



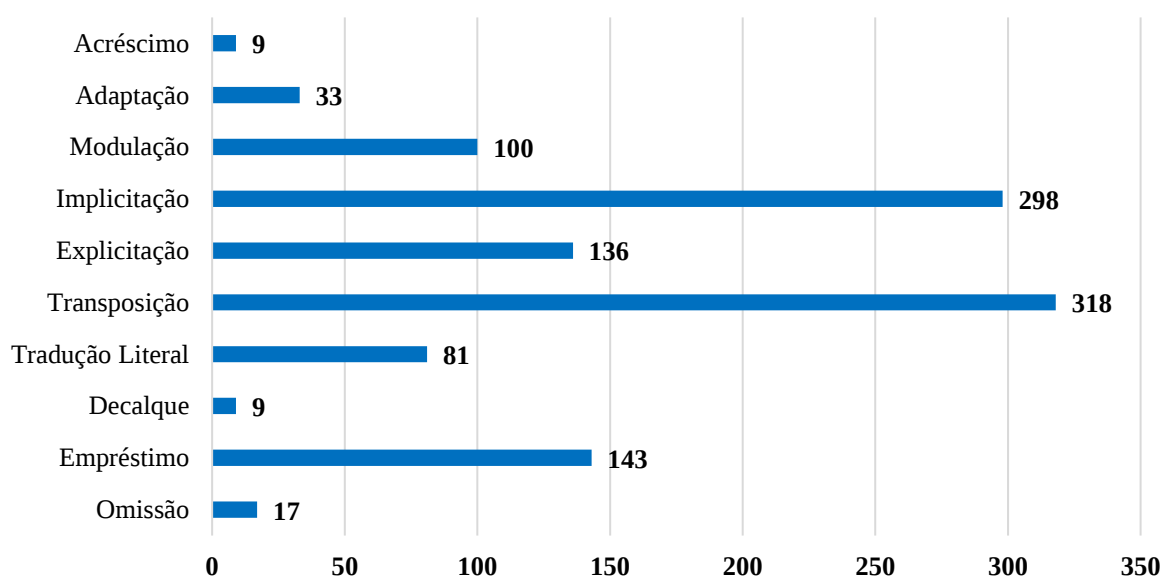
Fonte: Autor (2020).

A mediação autotradutória foi analisada a partir das modalidades de Aubert (1998) a fim de quantificar em nível frástico as escolhas tradutórias em relação às palavras sufixadas por *-inho*, considerando, seguramente, os diversos níveis linguísticos inseridos no enunciado, do fonológico ao pragmático, além das múltiplas interfaces com a língua e com a cultura. No subcorpus AIM, a Figura 16 apresenta a quantidade de cada modalidade de tradução contida neste subcorpus. As demais modalidades de tradução não transcorreram no subcorpus AIM.

De maneira geral, há menos modalidades de tradução direta (*empréstimo*, *decalque*, *tradução literal* e *transposição*) com 551 *tokens* do que as modalidades de tradução indireta (*explicitação*, *implicação*, *modulação* e *adaptação*) com 567 *tokens*, mas sem grande diferença numérica entre elas, mas que ainda assim pode indicar uma tradução em que as

palavras sufixadas por *-inho* estão linguisticamente próximas de estruturas gramaticais concernentes ao diminutivo sintético e analítico, ao invés de outros meios que possam apresentar apenas as funções que o sufixo *-inho* possui, os quais excluem as formas linguísticas que usualmente ocorrem através de sufixos e adjetivos. Com relação às demais modalidades, elas apresentam quantidades bem inferiores, mas que merecem atenção ao longo da análise dada a relação que têm com informações apresentadas na seção 6, tais como, a complexidade na tradução de itens culturais específicos e a necessidade em apresentar ao leitor anglófono informação nova, que no texto de partida não é tão evidente. Especialmente os dados destas últimas modalidades de tradução, ainda que seja uma parcela reduzida do universo que é o romance, podem evidenciar a complexa composição linguístico-cultural que o romance *Viva o povo brasileiro* contém e que justifica o árduo trabalho que o autotradutor teve ao longo de quase dois anos, conforme relata Ribeiro, J. (2018).

Figura 16: Quantificação das modalidades de tradução no subcorpus AIM



Fonte: Autor (2020).

Em seguida, discorro sobre exemplos de cada modalidade de tradução observada no subcorpus AIM, de forma a não somente descrever as transformações ocorridas na autotradução, sem buscar supostos equivalentes lexicais ou prescrever ações que deveriam ter sido realizadas. Com isso, pretendo contribuir para os EDT que, por sua vez, contribuem reciprocamente com os ramos teórico e aplicado dos estudos tradutológicos (cf. subseção 2.4). Início, em seguida, com a modalidade *omissão*.

7.2.1 Omissão

A *omissão* é a modalidade de tradução que apaga um segmento textual no texto de chegada, de forma que o leitor não pode ter acesso por nenhuma outra forma a não ser consultar o texto de partida. A *omissão*, nesta pesquisa, corresponde ao apagamento das palavras sufixadas por *-inho*, o que inclui tanto o sufixo quanto o item lexical e, eventualmente, uma extensão maior que inclua outras palavras no seu cotexto. O subcorpus AIM apresentou 19 ocorrências de palavras suprimidas na tradução sem qualquer possibilidade de recuperação no texto de chegada. As concordâncias abaixo apresentam as 17 ocorrências do subcorpus AIM com a modalidade *omissão* em negrito e antecedidas pelos segmentos paralelos correspondentes do subcorpus VPB. Devido à disposição gráfica das linhas de concordância, apresento os subcorpora paralelos horizontalmente.

Concordância 5: Alguns resultados para a busca da etiqueta <???01> no subcorpus AIM (em negrito) antecedidos pelos segmentos paralelos correspondentes do subcorpus VPB

todas as partes fortes do peritônio e sanguinho	<111> talhado, costela assada, culhõesinhos <212> na br
r <11604> with boiled cassava, <41101> <41601>	<11101> broiled testicles <21207>, kidneys <21207> sof
, espetinho <116> de coração com aipim, farofinha	<411> de tutano, passarinha <416> no dendê, mocotó
bits on a skewer <11604> with boiled cassava, <41101> <41601> <11101> broiled testicles <21207>, ki	
com aipim, farofinha <411> de tutano, passarinha	<416> no dendê, mocotó rico com todas as
n a skewer <11604> with boiled cassava, <41101> <41601> <11101> broiled testicles <21207>, kidneys <21	

Fonte: Autor (2020).

O resultado pela etiqueta <???01> apresenta a omissão de algumas palavras sufixadas por *-inho* e, por consequência, o leitor fica sem acesso às informações contidas nesses segmentos textuais. A Concordância 5 corresponde a uma passagem em que se descreve pratos culinários cuja *omissão* ocorreu sobre três deles: *farofinha de tutano*, *passarinha no dendê* e *sanguinho talhado*. Com isso, a longa enumeração de iguarias preparadas de miúdos não apresenta esses três segmentos textuais, dos quais, dois foram sufixados por *-inho* para demonstrar *apreço* e uma palavra é lexicalizada semanticamente, neste caso, o item *passarinha* que significa o baço do animal do qual foram feitas as comidas.

Concordância 6: Alguns resultados para a busca da etiqueta <???01> no subcorpus AIM (em negrito) antecedidos pelos segmentos paralelos correspondentes do subcorpus VPB

que ela estava sem sutiã, com os peitinhos	<112> arrebitados por baixo da batazinha <512> encard
on his sister-in-law's shoulder and	<11201> <51201> taking the opportunity to rub his
cachimbo do tamanho de uma mão, um saquinho	<112> de fumo de corda picado e uma

haversack, took out a fist-sized pipe bowl	<11201> and a bamboo stalk, which he fitted
os cantos da boca, para enxugar os filetinhos	<112> de baba que não paravam de lhe
corners of his mouth to wipe off the	<11201> drivel that trickled ceaselessly down his chin.
em dar, mas ficara com um certo nojinho	<115> dele na hora, ele que continuasse com
books, though she did consider it but decided	<11501> he could go on burning for it
sos e não enlaçada pelos tentáculos cabeludinhos	<123> do marido, que só faltava pedir a
and not entwined in her husband's tentacles	<12301>, with him practically asking her to whip
, senhor. Creio que me distraí e falei sozinho	<226>. — Eu ouvi. Estava duvidando de que sejamo
was lost in thought and ended up speaking	<22601>. "I heard you. You were doubting we'
um do outro. Às vezes caminhava na saletinha	<312>, às vezes falava sozinho <226>, às vezes
another, Sometimes he would walk to and fro	<31201>, sometimes he talked to himself <22608>, someti
de vime cheio de frutas, pastéis e quartinhas	<412> de refresco. Ele fez um sinal atarantado
a wicker hamper full of fruit, pastries, and	<41201> refreshments. He made an alarmed sign with
a apresentar-se sólido e inteiriço, as gavetinhas	<412> retornaram a suas posições de sempre, os
acade returned to its solid, unbroken appearance,	<41201> the round black drawer knobs beamed like
— Negra ousada! Não te metas a besta, negrinha	<415>, que posso fazer de ti picadinho <116>
. "You insolent black bitch! Don't get fresh,	<41501> because I can make mincemeat <11608> out
itinhos <112> arrebitados por baixo da batazinha	<512> encardida. — Ih, já manjo essa, já manjo,
his sister-in-law's shoulder and <11201>	<51201> taking the opportunity to rub his arm

Fonte: Autor (2020).

Na Concordância 6, há outro segmento suprimido, no subcorpus AIM, que retrata uma ação indecente do personagem Domingos sobre o corpo da sua cunhada. O longo segmento omitido abrange duas palavras sufixadas por *-inho* além de outros períodos adjacentes, mas pode-se observar que a tradução mantém coesão textual, embora omita, inclusive, trechos em que há não só a descrição narrativa, como também a fala do personagem Domingos. Para se ter uma observação mais ampliada dos cotextos apresentados pelas linhas de concordâncias, exponho, a seguir, os segmentos em inglês (30) e em português (31) cuja omissão está em negrito.

(30) [...] Domingos said, putting his arm on his sister-in-law's shoulder and <11201> <51201> taking the opportunity to rub his arm on her breast <11207> a little <41405>, which she pretended not to notice.

(31)[...] disse Domingos, pondo o braço no ombro da cunhada e **notando que ela estava sem sutiã, com os peitinhos <112> arrebitados por baixo da batazinha <512> encardida. Ih, já manjo essa, já manjo, é tão antiga... Isso não tá com nada, vocês estão por fora disse ela, começando a sair sem muita pressa e sem se livrar da mão do cunhado. Não estou tão por fora assim cochichou ele, saindo com ela depois de pegar o copo de uísque em cima da mesa, aproveitando para dar uma esfregadinha <414> de braço nos peitinhos <112>, que ela fingiu não notar.**

Outras ocorrências, que ainda não mencionei, mas que constam na Concordância 6 e que foram excluídas e se assemelham a estes últimos exemplos, ocorrem nas linhas que contém as seguintes ocorrências: *saquinho* e o segmento frasal relativo a ele; *nojinho* e a oração referente a ele; *sozinho* enquanto adjetivo para indicar uma conversa consigo mesmo, *na saletinha* para indicar a localização; *gavetinhas* e seu contexto imediato esquerdo foi o único segmento omitido na descrição da escarvinha; e *negrinha* na função de vocativo em que o personagem, que enuncia a oração, retoma depreciativamente a referência à escrava. As linhas de concordância para *tentáculos cabeludinhos do marido*, *filetinhos de baba* e *quartinhas de refresco* também omitem as palavras sufixadas contidas nos segmentos, mas apenas elas: na primeira ocorrência, há apagamento de uma descrição da aparência dos braços do marido da personagem; nas outras duas, decide-se fazer uso da metonímia, recurso estilístico (CUNHA, C., 2008) que, neste caso, opta pela troca das partes pelo todo (*filetinhos de baba* → *drivel*) e do continente pelo conteúdo (*quartinhas de refresco* → *refreshments*), sendo *quartinhas* um item cultural específico. A solução contida no subcorpus AIM para estas duas últimas palavras demonstra a iconicidade linguística por meio da motivação semântica descritas por Wilson e Martelotta (2016) (cf. subseção 2.2). Assim, a tradução recorre ao uso de figuras de linguagem que omitem função e forma do sufixo *-inho*, mas cujas soluções tradutórias transmitem formas motivadas semanticamente orientadas pelo texto-fonte.

Concordância 7: Alguns resultados para a busca da etiqueta <???01> no subcorpus AIM (em negrito) antecedidos pelos segmentos paralelos correspondentes do subcorpus VPB

renta mil cavalos branquinhos <123>, branquinhos	<123>, seus oitenta capitães holandeses, suas oitocent
aças, with his forty thousand lily-white <12306>	<12301> horses, his eighty Dutch captains, his eight
que veio a morrer muitos anos depois, velhinho	<123>, velhinho <123> mesmo, o menino mais velhinho <
happy kid until he died many years later,	<12301> very as can be <12308>, the oldest
, sempre saía de lá fresquinha <423>, fresquinha	<423>? Sem querer, porque não podia e o
always came out as fresh as daisies <42308>	<42301>. Without meaning to, because he had no

Fonte: Autor (2020).

A Concordância 7 refere-se a ocorrências de palavras sufixadas por *-inho* que foram omitidas na tradução devido à *modulação* ou à *explicitação* de outro item lexical repetido e igualmente sufixado por *-inho*. O subprincípio da quantidade da iconicidade linguística afirma que quanto “aquilo que é mais simples e esperado se expressa com o mecanismo morfológico e gramatical menos complexo” (CUNHA; COSTA; CEZÁRIO, 2015, p. 24), por isso, as repetições em *branquinhos branquinhos*, *velhinho velhinho* e *fresquinha fresquinha* apresentam a complexidade, o inesperado e a maior carga de informação em tais enunciados, isto é, maior

complexidade linguística do nível morfofonológico ao pragmático, o contexto de uso motiva a repetição e que desemboca em mais informação dado que o aspecto morfossemântico das três ocorrências é a *intensificação*.

A tradução resolve tal complexidade linguística ou através da *modulação* como em *very as can be* e *as fresh as daisies* ou por meio da *explicitação* em *lily-white*, em que ambas apresentam a *intensificação* de tais adjetivos através da transformação da informação contida no enunciado a ponto de omitir uma das palavras repetidas, porém manter a carga linguística da repetição em si, ou seja, há inexistência da palavra repetida e a ausência da repetição, mas não a inexistência da informação icônica que a repetição carrega. Em vista disso, classifiquei como *omissão* uma das palavras repetidas e *explicitação* ou *modulação* a outra, para que ambos os subcorpora paralelos pudessem conter igualdade numérica, já que o objetivo é, a princípio, a quantificação dos aspectos morfológicos em ambas as línguas e, posteriormente, a análise qualitativa que ora é apresentada.

Na primeira linha do subcorpus AIM da Concordância 7, *lily-white* faz referência ao quão branco o cavalo é, explicitando a função intensificadora do sufixo *-inho* por meio de uma expressão em inglês que pode significar um branco sem a adição de outras cores, já a palavra repetida não é explicitada morfológicamente de nenhuma outra forma. Na segunda linha em negrito da Concordância 7, a segunda palavra sufixada é modulada, pois *velhinhos mesmos* pode corresponder a *very as can be*, restando para a primeira palavra sua supressão na tradução. Por fim, na última linha em negrito, ocorre o oposto e a palavra *fresquinha* é modulada por *as fresh as daisies*. Entretanto, como dito anteriormente, a contagem como *omissão* para essas palavras é considerada no nível frástico, pois tais *modulações* e *explicitação* carregam consigo de alguma maneira a informação icônica contida nas repetições do romance *Viva o povo brasileiro*.

A meu ver, essas eliminações na tradução ocorrem por diversos motivos, nos primeiros dois casos (cf. Concordância 5 e Concordância 6) não se pode definir com exatidão, porque as razões são múltiplas como, por exemplo, a dificuldade linguística e/ou cultural desses segmentos na tradução, a revisão de editores, a supressão deliberadamente consciente e/ou ações inconscientes do autotradutor, possível erro ou qualquer outra restrição que possa ocorrer; no último caso, entretanto, parece ser evidente a não necessidade dada a solução tradutória por meio daquelas modalidades de tradução. Em seguida, apresento a análise sobre a modalidade *empréstimo* no subcorpus AIM.

7.2.2 Empréstimo

O *empréstimo*, a meu ver, é a modalidade que mais se aproxima da estrangeirização linguístico-cultural explícita, pois ela evidencia graficamente no texto a língua e a cultura provenientes do outro, neste caso, do texto-fonte, sem alterações prévias, mas a exposição notória de que houve resistência à transformação, algo inerente à tradução estrangeirizadora, pois, de acordo com a concepção descrita por Venuti (1995, p. 23, tradução minha⁸³), o cerne da discussão “é muito mais desenvolver uma teoria e uma prática da tradução que resiste aos valores culturais dominantes da língua-alvo, de modo a tornar conhecida a diferença linguística e cultural do texto estrangeiro”.

No subcorpus AIM, há 143 *tokens* que foram classificados nessa modalidade de tradução de Aubert (1998), dos quais 128 são *hipocorísticos*, 10 *substantivos* e 5 *antropônimos* ou *topônimos*. Pode-se advogar que a razão de tantos empréstimos na tradução está relacionada a não tradução de nomes de pessoas e regiões geográficas e, por isso, não há sinal de estrangeirização. Todavia, a manutenção desses nomes demonstra a clara resistência em ceder lugar a nomes (*hipocorísticos*, *substantivos*, *antropônimos* e *topônimos*) anglófonos na tradução, especialmente, com raras exceções para *hipocorísticos* que foram traduzidos por meio de outras modalidades de tradução (18 de 146 ocorrências).

As 10 ocorrências de substantivos na modalidade *empréstimo* ocorrem com os *tokens* *bichinho* (6) e *madamezinha* (4). Esses dois *types* concentram em duas situações isoladas nos romances *An invincible memory*, mas que igualmente apresentam um distanciamento da cultura do leitor. Neste último caso, *madamezinha* faz referência à maneira apreciativa como a escrava trata a sua senhora, mas que prontamente é retificada por esta com veemência, afirmando que madame vem do homônimo em francês e sufixar com *-inho* representa um barbarismo que não se poderia cometer. No primeiro caso, *bichinho* faz menção a um personagem carioca que acredita que todos os baianos tratam o outro por meio desse apelido, ideia rechaçada pelo próprio narrador do romance, conforme exposto na passagem (32). Ambos os casos são apresentados no romance grifados em itálico, assim como outros *empréstimos* que coocorrem, inclusive, no trecho (32) com outro empréstimo linguístico, a palavra *saravá*.

(32) Stalin José sorriu, não tanto por se divertir com a animação do outro, mas por causa do *saravá* e das outras palavras, além do fato de aquele ser mais um carioca convicto de que na Bahia as pessoas tratam os outros

⁸³ “[...] is rather to develop a theory and practice of translation that resists dominant target-language cultural values so as to signify the linguistic and cultural difference of the foreign text” (VENUTI, 1995, p. 23).

por *bichinho* <111> e, portanto, ouve *bichinho* <111> e diz *bichinho* <111> o tempo todo, embora só quem diga *bichinho* <111> seja ele.

Milton (1999, p. 171 apud RIBEIRO, E., 2006, p. 38) afirma que as autotraduções ubaldianas foram “traduzidas fluentemente para o inglês americano coloquial. *An Invincible Memory* contém muitas referências sobre os costumes afro-americanos. Essas referências estão geralmente em itálico, mas nunca são explicadas em notas de rodapé ou em um glossário”, já que o próprio autor as decidiu evitar (RIBEIRO, J., 2018). A preferência por excluir tais paratextos e manter os *empréstimos* implica ainda mais em reafirmar a língua e a cultura do texto de partida dentro do próprio texto autotraduzido, um distanciamento ainda maior entre as culturas, no sentido de diferenciação e contraste entre ambos, não necessariamente no distanciamento de interesse do leitor pelo texto, pois este, a depender de muitas variáveis, poderá interessar-se ainda mais pela cultura brasileira a ponto de investigar tais empréstimos. Ribeiro, J. (2018) argumenta que decidiu não incluir elementos paratextuais para explicar tais itens, pois acreditava que se tornaria fastidiosa a inclusão dessas informações e outra razão, que justifica tal omissão, foi a publicação da tradução em alemão, em 1988, que foi realizada antes da autotradução (cf. Quadro 8), a qual obteve sucesso com o público alemão mesmo sem os elementos paratextuais.

Ao manter a mesma aparência morfofonológica do texto de partida, o *empréstimo* acarreta a estrangeirização para o texto de chegada, não somente por causa dos nomes não existirem a priori na cultura-alvo, como também devido ao fonema nasal palatal /ɲ/ contido no sufixo *-inho* que não há em língua inglesa, exceto em itens lexicais estrangeiros, e, por isso, pode causar estranhamento no leitor anglófono que não souber pronunciar tal unidade sonora. A tradução traz consigo, então, um aspecto puramente linguístico e estrutural da língua portuguesa, mas serve de instrumento de apresentação cultural do idioma para o leitor anglófono.

Por outro lado, esse mesmo entrave morfofonológico não ocorre com as demais soluções tradutórias, pois as outras modalidades de tradução indicam transformação de forma a adaptar a grafia para estar conforme a extensão fonético-fonológica da língua-alvo (*decalque*); a compor formas morfológicas através de um sufixo que indique diminutivo sintético em língua inglesa (*tradução literal*); a explicitar a forma e a função do sufixo por meio de diminutivo analítico no inglês (*transposição*); a apagar apenas o sufixo *-inho* na tradução do texto (*implicitação*) ou a explicitá-lo por outro meios (*explicitação*); a modular como, por exemplo, a tornar hipocorísticos femininos num elemento dêitico como as dêixis de pessoa *she* ou *herself*

(*modulação*); a adaptar conforme a cultura-alvo (*adaptação*); ou mesmo de forma a omitir e acrescentar informações. Em todas as outras modalidades, a tradução estrangeirizadora não tem a mesma pujança que tem na modalidade *empréstimo*, embora, obviamente, possa ocorrer por outros meios. Em seguida, dou continuidade à análise com a modalidade *decalque* que, essencialmente, ainda se relaciona com a tradução estrangeirizadora, mas com restrições.

7.2.3 Decalque

O *decalque* pode ser considerado uma modalidade que está entre as características de um *empréstimo* e de uma *tradução literal*. Trata-se da tradução de um segmento textual (palavra ou expressão) adaptado fonologicamente (e.g. *Gonçálinho* → *Gonsalino*), morfológicamente (e.g. *hot dog* → *cachorro quente*) ou mesmo semanticamente (e.g. *realise* em inglês → *realizar*, denotando *perceber* em português) no texto em língua-alvo, mas “[conformando-se] às convenções da língua-fonte” (AUBERT, 1998, p. 106). No subcorpus AIM, há apenas dois *types* e nove *tokens* em que ocorre o calque na tradução (cf. Concordância 8).

Concordância 8: Resultados para a busca da etiqueta <???03> no subcorpus AIM

Sunday, not a holiday, nor Saint Gonsalino's	<13103> feast, but time to toil and suffer,
man was. "Last night was Saint Gonsalino's	<13103> feast," Budião started to explain, "and, you
sinning when one goes wenching during Gonsalino's	<13103> feast—as established by the most authoritative
feast of the Holy Guitar Player, as Gonsalino	<13103> is also known. But before that there
help but being scandalized. There goes Gonsalino	<13103> to the beach in his fully decked
re huzzahs and double huzzahs for Saint Gonsalino	<13103>, always with the utmost fervor, making old
the good saint Gonsalo, here nicknamed Gonsalino	<13103>, which goes to show how overfamiliar people
29, 1846 Because it was Saint Gonsalino's	<13103> feast, Budião could stay with Merinha <43102>
is putting much, much trust in dear Shvarze	<23103> Leléu, mine boy, lizzen here, attention, minher,

Fonte: Autor (2020).

No caso das palavras sufixadas por *-inho* do subcorpus AIM que ocorrem *decalque*, são dois hipocorísticos: um em relação a um santo (*São Gonçálinho*) e outro a um personagem (*Chivarzinho Leléu*), o que faz lembrar a cordialidade buarquiana, que também é percebida nos ritos religiosos tanto quanto no trato entre pessoas, em que os santos católicos são tratados com tal intimidade que se omite os rituais de reverência e distanciamento existentes na religião (HOLANDA, 1995).

No primeiro exemplo, há um *decalque* que recai sobre dois aspectos fonológicos e gráficos da palavra: i) no primeiro caso, o grafema ç, que corresponde ao som do fonema

sibilante /s/ em português, é substituído pelo grafema s na tradução, além disso, o sufixo *-inho* com a sequência fonológica /ɪnu/ é transformado em /inu/; ii) no segundo caso, ocorre a substituição do primeiro grafema do dígrafo CH para tornar-se no dígrafo SH, mas com ambos os casos produzindo a mesma fricativa palatoalveolar surda /ʃ/. Em relação ao sufixo *-inho*, ele é esvaziado morfofonologicamente nesse hipocorístico e substituído por uma *explicitação* em que o *apreço* contido no sufixo é apresentado pelo adjetivo *dear*. Ainda que haja hibridação entre modalidades de tradução direta e indireta, neste caso, tornei a ocorrência em exceção, pois optei por apresentar e analisar o calque ocorrido na mediação tradutória.

Em vista disso, nesta modalidade de tradução, pode-se observar uma hibridização de uma tradução que tende à estrangeirização com uma tradução domesticadora, pois, ainda que haja adaptações fonético-fonológicas e gráficas orientadas pelas convenções da língua-fonte e conforme as demandas linguísticas do inglês, o item lexical sufixado por *-inho* continua estrangeiro para quem o ler. Assim, a adaptação fonológica e gráfica ocorre na tradução, mas obedecendo em alguma medida às convenções fonético-fonológicas do português, ademais, o item lexical estranho ao leitor anglófono mantém-se, embora sem empecilho fonético-fonológico para a sua pronúncia. Em seguida, averiguo as ocorrências para a modalidade *tradução literal*.

7.2.4 Tradução literal

A despeito da incitação que a expressão possa causar nos estudos tradutológicos, a *tradução literal*, ao longo desta análise, nada mais é do que uma das modalidades de tradução definidas por Aubert (1998), sendo, portanto, uma escolha tradutória possível entre muitas e cuja nomenclatura poderia ter, igualmente, qualquer outro nome. Para Aubert (1998), há alguns pré-requisitos para encaixar-se nessa classificação como o número igual de palavras no segmento analisado, a mesma ordem sintática, a mesma categoria gramatical e uma opção lexical considerada como sinônimo interlinguístico. No subcorpus AIM, há 81 ocorrências que foram verificadas como pertencentes à modalidade *tradução literal* cujas palavras sufixadas por *-inho* no subcorpus VPB representavam nos seus aspectos morfossemânticos a *lexicalização semântica* (73) e a *redução espacial* (8), o que pode corroborar com estudos que afirmam que há baixa produtividade e/ou frequência do diminutivo sintético em inglês (BIAŁY, 2015; PYTLIK, 2018; SALOVAARA, 2014; SCHNEIDER; STRUBEL-BURGDORF, 2012).

Até aqui, não apresentei a morfotática relativa aos sufixos que indicam diminutivo na língua inglesa, pois o objetivo principal não é observar a produtividade e/ou frequência do

diminutivo sintético nessa língua ou relacionar diretamente toda tradução do sufixo *-inho* aos sufixos possíveis em inglês, ainda que eventualmente ocorra, mas antes é analisar como o sufixo *-inho*, motivado linguístico-culturalmente para sua alta produtividade e frequência no português brasileiro, é traduzido por João Ubaldo, auto(traduto)r de *Viva o povo brasileiro*, romance que apresenta linguagem atrelada ao estilo do autor e da cultura brasileira. Com isso, apenas nesta subseção, apresento brevemente algumas possibilidades morfológicas para o diminutivo sintético em inglês.

Biały (2015) analisa, em sua tese, a relação direta do diminutivo sintético na tradução de textos literários poloneses para o inglês e ingleses para o polonês e afirma que há maior frequência e produtividade do diminutivo sintético nos textos polacos originais e traduzidos, estes últimos com sinal de domesticação, dada a inclusão do diminutivo mesmo quando não há indícios no texto de partida para tal ação. Um dos motivos para tal frequência é a cultura polonesa e a autora descreve que

os poloneses mostram abertamente suas emoções na língua. [...] Kryk-Kastovsky (2000, p. 165), seguindo Wierzbicka, enfatiza o fato de que a cultura polonesa tem uma influência significativa no uso de diminutivos numa língua. A cultura polonesa é percebida por ela como cheia de cordialidade e afetividade, o que explica o uso excessivo de formas expressivas, como diminutivos (BIAŁY, 2015, p. 17, tradução minha⁸⁴).

Essa percepção aproxima-se da cordialidade buarquiana descrita na subseção 2.2 e que igualmente se distancia dos aspectos linguístico-culturais presentes em textos anglófonos quando se contrasta a frequência e a produtividade no uso de diminutivos sintéticos. A ausência ou, pelo menos, o uso não frequente de diminutivos sintéticos no inglês que alguns autores apresentam que há uma disseminação do mito⁸⁵ da inexistência do diminutivo em língua inglesa, mas que prontamente tal concepção é rechaçada em suas pesquisas (e.g. PYTLIK, 2018; SALOVAARA, 2014; SCHNEIDER; STRUBEL-BURGDORF, 2012; SCHNEIDER, 2003 apud SALOVAARA, 2014). Pytlik (2018), por exemplo, constatou que algumas gramáticas descritivas de referência na comunidade anglófona não continham qualquer menção ao diminutivo em língua inglesa. Schneider e Strubel-Burgdorf (2012), por sua vez, afirmam

⁸⁴ “Poles openly show their emotions in language. [...] Kryk-Kastovsky (2000, p. 165), following Wierzbicka, emphasizes the fact that Polish culture has a significant influence on the use of diminutives in a language. Polish culture is perceived by her as full of warmth and affection, which explains the excessive use of expressive forms such as diminutives” (BIAŁY, 2015, p. 17).

⁸⁵ Schneider e Strubel-Burgdorf (2012) citam que um desses autores é Grandi (2011), o qual enquadra a língua inglesa como um dos idiomas que há a ausência tanto de diminutivos quanto de aumentativos. Porém, Grandi (2011), em nota de rodapé, justifica que tal classificação se dá devido à pouca presença de sufixos e que são, segundo este autor, completamente improdutivos, exemplificando através do sufixo *-let*.

que o mito pode ter a ver com comparações com a frequência elevada em línguas latinas (e.g. espanhol e italiano) e eslavas (e.g. russo e polônês) e que, se a frequência não for um critério para a (in)existência, então, efetivamente, há diminutivo em inglês. Em conjunto com tais pesquisadores, posso constatar, em alguma medida, que a minha busca por informações documentais e bibliográficas sobre o diminutivo sintético em língua inglesa mostrou-se improdutivo entre autores anglófonos e que a maior parte da produção acadêmico-científica parte de pesquisadores de outras comunidades linguísticas, neste estudo, por exemplo, há autores de universidades de países como Alemanha, Itália, Polônia e República Checa que concentram seus trabalhos no estudo linguístico, literário e/ou tradutológico de língua inglesa.

No subcorpus AIM, entretanto, a maior parte dos *tokens* que apresentam *tradução literal* são itens lexicalizados semanticamente ou em vias de lexicalização semântica do subcorpus VPB, isto é, estes últimos o uso pode, eventualmente, integrar formalmente ao léxico através da adição como forma morfológica simples num dicionário cuja função pertence à lexicografia. Há 21 *types* em *tradução literal* advindos de itens lexicalizados com o sufixo *-inho* no subcorpus VPB que, a depender do contexto, podem também indicar diminutivo sintético, mas não nos casos averiguados nesta subseção.

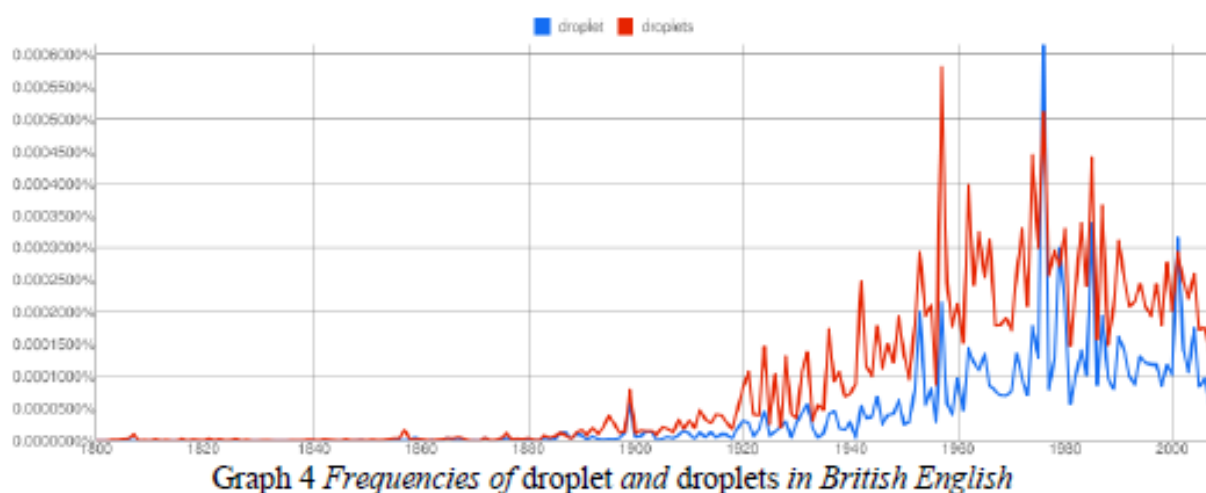
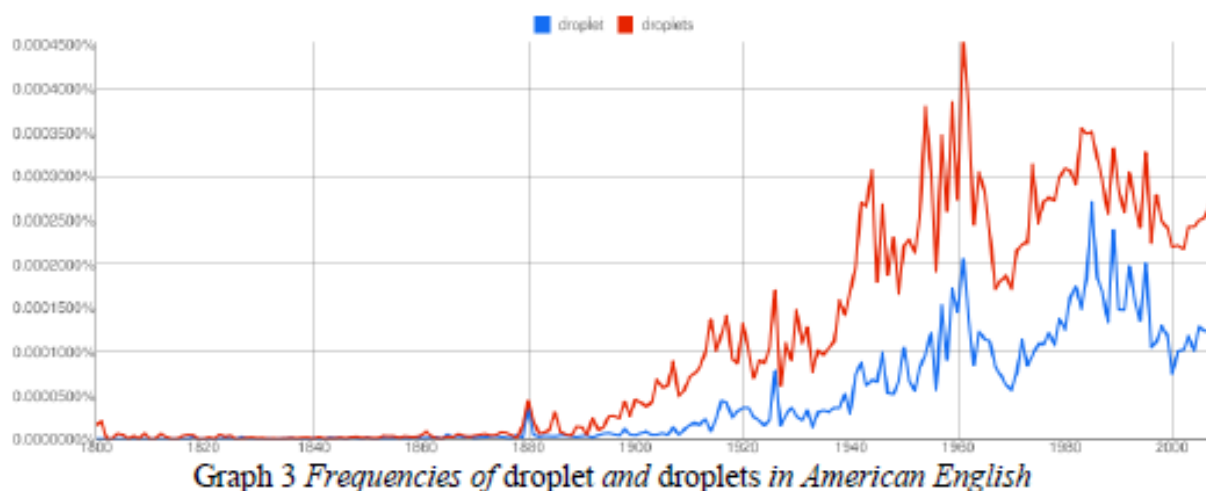
A seguir, apresento os *types* lexicalizados, o significado utilizado no romance *Viva o povo brasileiro* e a tradução adota em *An invincible memory*: *docinhos*, doces servidos em festas ou a visitas, traduzido por *sweets*; *passarinho(s)*, sinônimo de *pássaro*, traduzido por *bird(s)*; *colarinho(s)*, sinônimo de *gola*, traduzido por *collar(s)*; *anjinhos*, instrumento de tortura aplicado nos dedos dos escravos, traduzido por *pilliwinks*; *espetinho*, espeto geralmente com pequenos pedaços de carne, traduzido por *skewer*; *sozinho(a)(s)*, sinônimo de *só*, traduzido por *alone* ou *lonesome*; *campainha*, sinônimo de *sino*, traduzido por *bell* ou *buzzer*; *cadeirinha(s) (de arruar)*, transporte para poucos ocupantes carregado manualmente por escravos, traduzido por *(canon's) litter(s)*; *passarinha*, sinônimo de *baço*, traduzido por *spleen*; *sombrinha*, sinônimo de *guarda-chuva*, traduzido por *umbrella*; *pescadinha (amarela)*, sinônimo de *pescada*, traduzido especificamente por *(yellow) weakfish*; *folhinha*, sinônimo de *calendário*, traduzido por *calendar*; *(cenas) ribeirinhas*, relativo ao que está próximo à ribeira, traduzido por *riparian (scenes)*; *comezinha(s)*, sinônimo de *simples* ou *fácil*, traduzido por *trivial* e *run-of-the-mill*. Ao verificar o significado das palavras lexicalizadas e suas respectivas traduções, todas encaixam-se como *tradução literal*, mesmo esta última, pois a palavra está unida por hifens, o que se pode classificar como uma única palavra gráfica ou um adjetivo formado morfológicamente por justaposição.

Schneider (2003 apud SALOVAARA, 2014) identificou 86 sufixos que indicam diminutivo sintético e os sufixos *-let*, *-ette*, *-ling* e *-ie* são uns dos que apresentam maior frequência na língua inglesa (SALOVAARA, 2014). Em relação às palavras sufixadas por *-inho* no subcorpus VPB e que foram traduzidas por diminutivos sintéticos em inglês, são minorias no subcorpus AIM e apresentam apenas oito *tokens* e 6 *types* em inglês, a saber, *droplet(s)* traduzido de *gotinha(s)*, *(cassava) dumplings* traduzido de *bolinhos (de carimã)*, *rivulets* traduzido de *riachinhos*, *piglet* traduzido de *bacorinho* e *(sugarcane) spikelets* traduzido de *cabelinhos (da cana)*. Nessas ocorrências, aparecem os sufixos *-let* e *-ling*. Quanto ao sufixo *-ling*, este ocorre apenas com a palavra *dumplings* que é uma palavra lexicalizada semanticamente no inglês, dado que uma análise mórfica sincrônica não dá conta de que o morfe [ling] seja um afixo, mas parte de uma forma simples, entretanto, mantenho como *tradução literal* por ater-me aos critérios estabelecidos no modelo descrito por Aubert (1998).

De acordo com Schneider e Strubel-Burgdorf (2012), o sufixo *-let* foi um dos primeiros sufixos a ser estudado e ele apresenta ao menos três padrões semânticos possíveis: i) se for um objeto sufixado por *-let*, conota *redução espacial*; ii) se for um substantivo parte da fauna ou da flora, conota o não amadurecimento da planta ou do animal; se for um substantivo referente a seres humanos, conota *depreciação*. Neste último caso, Schneider e Strubel-Burgdorf (2012, p. 30, grifo dos autores, tradução minha⁸⁶) afirmam que os falantes podem acabar usando os “diminutivos em atos de posicionamento pelos quais pretendem alcançar superioridade e expressar condescendência, desprezo ou atitudes e emoções semelhantes. Os diminutivos podem, portanto, ser empregados como ‘armas’ estratégicas na luta discursiva pelo poder”. Ainda em relação ao sufixo *-let*, Schneider e Strubel-Burgdorf (2012) argumentam que a palavra *droplet(s)*, no século XXI, entrou em desuso contínuo no inglês britânico, enquanto que o inglês americano manteve o uso e até com leve crescimento (cf. Figura 17 a partir da última linha vertical da esquerda para a direita), inclusive, na década de 1980, que pode explicar a opção feita no subcorpus AIM cuja variedade utilizada é o inglês americano coloquial (MILTON, 1999 apud RIBEIRO, E., 2006). Além disso, no subcorpus AIM, as palavras sufixadas por *-let* utilizam-se dos dois primeiros padrões semânticos possíveis descritos por Schneider e Strubel-Burgdorf (2012).

⁸⁶ “Speakers use diminutives in acts of positioning by which they aim at achieving superiority and express condescension, contempt or similar attitudes and emotions. Diminutives can, thus, be employed as strategic ‘weapons’ in the discursive struggle for power” (SCHNEIDER; STRUBEL-BURGDORF, 2012, p. 30, grifo dos autores).

Figura 17: Frequência no uso da palavra *droplet(s)* no inglês americano e britânico.



Fonte: Schneider e Strubel-Burgdorf (2012, p. 23).

Por fim, percebe-se que a baixa produtividade e frequência do uso de diminutivos sintéticos no inglês podem ter contribuído para o pouco uso desta modalidade de tradução, especialmente, se forem desconsideradas as palavras lexicalizadas semanticamente. Conforme argumenta Wojtasiewicz (2007 apud BIAŁY, 2015), os diminutivos podem representar a ideia de intraduzibilidade por dois motivos: i) pode haver diferenças que resultam em ausência ou presença de estruturas morfológicas entre as língua-alvo e língua-fonte que podem causar adição ou redução de informação na tradução, sem olvidar que isso implicaria na máxima do subprincípio de quantidade em que há relação direta entre aspectos morfológicos e transmissão na quantidade de informação; e ii) pode haver diferenças semânticas, pois, ainda que possa haver estruturas morfológicas semelhantes em ambas as língua-alvo e língua-fonte, isto é, ainda que morfológicamente os textos de partida e de chegada coincidam como a presença de

diminutivos sintéticos, “a língua-alvo não pode expressar certas noções ou ideias formuladas na língua-fonte” (WOJTASIEWICZ, 2007, p. 61 apud BIAŁY, 2015, p. 83, tradução minha⁸⁷).

Nesta subseção analisada, os resultados podem indicar que a baixa frequência e produtividade de diminutivos, no subcorpus AIM, ocorrem por causa dos dois motivos descritos acima: primeiro, as estruturas morfológicas coincidem em certo nível, pois há diminutivo sintético em ambas as línguas; todavia, a morfotática de ambas as línguas funciona diferentemente, ou seja, no português, o sufixo *-inho* pode ocorrer em quase todas as palavras sem grandes restrições fonológicas, morfológicas, sintáticas ou semânticas, por outro lado, no inglês, não parece ocorrer o mesmo; ii) outra restrição linguística concerne ao segundo motivo, o qual afirma não haver a transmissão de ideias ou noções semelhantes, por exemplo, no português, *esposinha* pode conotar *apreço* ou *depreciação*, em inglês, o mesmo não ocorre, pois implica em *depreciação* e na luta pelo poder descrita por Schneider e Strubel-Burgdorf (2012). Assim, as restrições linguísticas impostas pelo inglês, também expressam aspectos culturais, pois a motivação que faz o falante criar palavras com ou sem sufixo nas suas interações advém das diversas interfaces que a língua tem com a sociedade e com a cultura. Posso inferir que, em prol de uma possível fluidez em *An invincible memory*, já que o uso do diminutivo sintético em inglês pode destoar daquilo que é usual para o anglófono, o subcorpus AIM tenha sido restringido linguístico-culturalmente e, conseqüentemente, tenha-se optado pela *transposição*, modalidade mais usada no subcorpus AIM e que analiso a seguir.

7.2.5 Transposição

Na subseção imediatamente anterior a esta (cf. subseção 7.2.4), os estudiosos apontam que há baixa produtividade e frequência no uso do diminutivo sintético, pois, embora exista como possibilidade linguística, o inglês prefere o uso do diminutivo analítico, o que pode ter contribuído para que em *An invincible memory* se tenha optado por esta forma e não aquela. Em vista desse fenômeno da língua inglesa, Pytlik (2018, p. 124, tradução minha⁸⁸) afirma que

⁸⁷ “The target language cannot express certain notions or ideas formulated in the source language” (WOJTASIEWICZ, 2007, p. 61 apud BIAŁY, 2015, p. 83).

⁸⁸ “In English, whose inflectional system is practically non-existent, the meaning of diminution is achieved via analytic constructions with attributively used adjectives belonging to the word field SMALL. There are a couple of diminutive suffixes indeed, but they collocate only with a certain (and probably countable) number of nouns, which testifies to little productivity of the synthetic method” (PYTLIK, 2018, p. 124).

em inglês, cujo sistema flexional é praticamente inexistente, o significado de diminuição é alcançado através de construções analíticas com adjetivos usados de forma atribuível pertencentes ao campo de palavras do adjetivo SMALL. Na verdade, existem alguns sufixos diminutos, mas eles são colocados apenas com um certo número (e provavelmente contável) de substantivos, o que atesta a pouca produtividade do diminutivo sintético.

Assim, a preferência no subcorpus AIM segue a frequência e a produtividade do diminutivo sintético em língua inglesa, bem como a do diminutivo analítico. Embora o diminutivo analítico seja estruturado linguisticamente por um substantivo antecedido por qualquer adjetivo pertencente ao conjunto semântico imposto por *small*, por exemplo, *small, little, tiny, teeny, teensy, teeny-weeny, teensy-weensy, wee* etc. (BIAŁY, 2015; PYTLIK, 2018), neste estudo, assim como descrito na subseção 4.3 que contém o método de análise, considero como *transposição* a escolha tradutória de palavras sufixadas por *-inho* em direção ao diminutivo analítico em inglês em que a palavra traduzida seja antecendida pelos adjetivos *little* ou *small* e qualquer outra palavra que designe qualidade é considerada aqui uma *explicitação* por motivos prático-metodológicos.

A *transposição* é a modalidade que mais ocorre na tradução de palavras sufixadas por *-inho* no subcorpus AIM, alcançando 318 *tokens*. No subcorpus AIM, essa modalidade ocorre com mais frequência, porque o diminutivo sintético em português é traduzido pelo diminutivo analítico em inglês, especialmente, quando se trata das funções de *dimensão pura* e *afetividade*, uma vez que no inglês essas funções também podem ocorrer por meio do diminutivo analítico. De acordo com Pytlik (2018, p. 119, grifos do autor, tradução minha⁸⁹), seguindo os estudos de Schneider (2003), afirma que há diferenças semânticas que os adjetivos *small* e *little* podem conotar, pois “o adjetivo *small*, que é desprovido de conotações afetivas, não pode operar [...] como um substituto de *little*. Pode-se notar que entre os exemplos particularmente marcantes está a diversidade do adjetivo *little* quando usado em vários grupos de substantivos”. Tamanha restrição semântica do adjetivo *small* pode ser percebida, por exemplo, no número de ocorrências desses adjetivos no subcorpus AIM: há 301 *tokens* com *little*, 9 *tokens* com *small* e 8 *tokens* formados por outros tipos de rearranjos morfossintáticos, estes últimos ainda que não sejam um diminutivo analítico, representam uma *transposição* por ser um rearranjo morfossintático na língua-alvo.

Na Concordância 9, apresento os rearranjos morfossintáticos com o adjetivo *small*. Dada a sua restrição semântica que denota apenas *redução espacial*, o seu uso restringiu-se apenas

⁸⁹ “The adjective *small*, which is devoid of affective connotations, cannot operate [...] as a replacement of *little*. [...] It can be noted that among the examples particularly striking is the diversity of the adjective *little* when used in various groups of nouns” (PYTLIK, 2018, p. 119, grifos do autor).

às palavras etiquetadas com este mesmo aspecto morfossemântico do sufixo *-inho*. Por outro lado, os segmentos textuais do subcorpus AIM transpostos com *little* apresentam características morfossemânticas diversas, a saber, *apreço* (46), *redução espacial* (205), *intensificação* (2), *atenuação* (4), *pejoratividade* (28) e *lexicalização semântica* (16). Ainda assim, há palavras em situação de hibridação, especialmente, as que conotam *redução espacial* que, eventualmente, podem apresentar outras características morfossemânticas como *apreço* ou *pejoratividade*. Dessa maneira, assim como há a multiplicidade semântica contida no sufixo *-inho*, há funções que o adjetivo *little* também pode desempenhar na língua-alvo, um aspecto linguístico utilizado como solução tradutória no texto de chegada, tendo em vista a baixa produtividade e frequência do diminutivo sintético em língua inglesa. Ademais, optou-se pela *transposição* em quatro *tokens* e três *types* (*little Carlota*, *little Bonifácio* e *little Nácia*) em que houve *hipocorístico* mediado pela *transposição*, uma opção limitada frente à modalidade *empréstimo* em que houve maior frequência da solução tradutória para tais nomes. Entretanto, os dois últimos *hipocorísticos* ainda mostram certos sinais de estrangeirização na tradução por meio dos sinais gráficos de acentuação inexistentes na língua-alvo, exceto em casos de estrangeirismos ou empréstimos linguísticos.

Concordância 9: Resultados para a busca da etiqueta <???05> de rearranjos morfossintáticos com *small* no subcorpus AIM (em negrito) antecidos pelos segmentos paralelos correspondentes do subcorpus VPB

>, com a malha mal cerzida em dois buraquinhos	<112> na cintura, passou à sua frente de
>, her leotard crudely darned at two small spots	<11205> near her waist, marched by in front
ta cerrada, os vaza-marés e outros caranguejinhos	<112> de plantão à porta de seus buraquinhos <
the dense forest, fiddlers and other small crabs	<11205> standing at attention by the entrances to
>, os gorés, os grauçás e os outros bichinhos	<112> que à sua passagem transformaram a madeira
, the white crabs, and the other small animals	<11205> that as he passed turned the boat'
deixou a camarinha <412>, foi para o curralzinho	<212> de jegues onde estava seu cavalo, pôs-
chamber <41205>, went to the small donkey stable	<21205> where his horse was, harnessed it, mounted,
e os contornos das baleias parecendo vulcõeszinhos	<212> móveis fraldejando a costa. Falarei desta
ontours of the whales like small moving volcanoes	<21205> bordering the coast. I shall talk about
os sem consultar alguém, trancava-se na saletinha	<312>. Primeiro, fazia um círculo pela sala, rente
somebody, he locked himself in the small workroom	<31205>. First he circulated close to the walls
eno tampouco conhecia. No centro, uma fogueirinha	<412>, com uma chaleira pendurada numa trempe de
never seen. At the center, a small bonfire	<41205>, with a kettle hanging from a wood
ara reforçá-los. Transpondo uma ravinazinha	<512> coberta de tiriricas, a patrulha comandada pelo
to reinforce them. Crossing over a small ravine	<51205>, covered with razor sedge, the patrol led
quase invisível à luz que entrava pela janelinha	<412> do gabinete. Caminhou até o outro lado,
light that came through the smaller study window	<41210>. He walked over to the other side,

Fonte: Autor (2020).

Em relação aos resultados em que houve rearranjos morfossintáticos na tradução, mas que não incluem o diminutivo analítico com *little* ou *small* (cf. Concordância 10), o subcorpus AIM apresentou a *transposição* de palavras lexicalizadas semanticamente, neste caso, (*gaiola de*) *passarinho*, (*criadores de*) *passarinhos*, *folhinha* e *sozinho*. Nos dois primeiros casos, as locuções assumem um sentido único, assim como na tradução, porém o subcorpus AIM apresenta-as como palavras formadas por justaposição (*birdcage* e *birdmen*), o que configura um rearranjo no número de palavras e, com isso, não configura uma *tradução literal* entre as modalidades de Aubert (1998). No terceiro caso, ocorre o oposto, ou seja, o único item lexical (*folhinha*) torna-se numa locução (*calendar page*) e duas observações devem ser feitas: primeiro, não se pode classificar como *tradução literal* por causa do seu rearranjo morfossintático e, segundo, igualmente não se pode rotular por *acréscimo*, pois o próprio contexto elucida que se trata de um calendário ou da sua folha/página. Por fim, os últimos cinco casos estão todos atrelados ao adjetivo *sozinho* que é traduzido pela locução (*all*) *by myself/himself/itself* que é sinônimo de *alone*, cada um dos pronomes reflexivos foi utilizado conforme o gênero a que se refere.

Concordância 10: Resultados para a busca da etiqueta <??05> de outros tipos de rearranjos morfossintáticos no subcorpus AIM (em negrito) antecidos pelos segmentos paralelos correspondentes do subcorpus VPB

e levantava-se, ajeitava uma gaiola de passarinho	<116>, sentava outra vez, retomava à gaiola, espanava
down but soon rose to adjust a birdcage	<11605>, sat down again only to return to
dos autos de Natal, os criadores de passarinhos	<116>. Tudo isso e muito mais coisas ela
nners, pretenders of Christmas plays, and birdmen	<11605>. All that and many more things she
o 10 de junho de 1822, numa folhinha	<416> que singra os ares, portada de um
, 1822, in the writing on a calendar page	<41605> that soars aloft, borne on one side
abri-lo, como se ele se desenrolasse sozinho	<226> à sua frente, não em letras, não
it unfolded in front of him by itself	<22605> —not in letters, not in images, not
ando e aprendendo na camarinha <412>, lá sozinho	<226>. E, de mais a mais, tu não
in the little chamber <41205> all by himself	<22605>. And besides, you've got nothing to
ondas como se quisesse encapelar o mar sozinho	<226>. E também se lamenta no meio das
wanted to convulse the sea all by itself	<22605>. And it also turns plaintive in the
pensava, pensava que ele podia enfrentar sozinho	<226> toda a Bahia, enfrentar todo o Brasil?
of Bahia, all of Brazil, all by himself	<22605>? She'd better shut her mouth and
tinha torado uma garrafa de Queen Anne sozinho	<226> — e aí fiquei puto dentro das calças
whole bottle of Queen Anne all by myself	<22605> —and then it really pissed me off

Fonte: Autor (2020).

As últimas quatro modalidades de tradução apresentadas até aqui estão relacionadas à tradução direta que, neste caso, estão imbricadas em soluções tradutórias que buscam se atrelar à forma e/ou às funções presentes no sufixo *-inho*, mas que por motivos linguístico-culturais

mantém-se totalmente como na *tradução literal* ou parcialmente como na *transposição* em que a forma (*sufixo*) se esvai parcialmente, porque condiciona apenas a forma explícita do diminutivo analítico, mas mantém a(s) função(ões) que podem constar no sufixo *-inho*. Não tenho por intenção prescrever ou avaliar a qualidade da autotradução, mas descrever as transformações linguístico-culturais na autotradução de *An invincible memory* que, até aqui, tem mostrado a manutenção evidente do sufixo *-inho* e dos itens lexicais sufixados por este, apesar das restrições linguístico-culturais inerentes à língua inglesa que tendem a estruturas analíticas. Biały (2015), por exemplo, constata o mesmo em corpora comparáveis de textos literários da literatura polonesa traduzidos para o inglês e da literatura inglesa para o polonês e conclui que a maneira mais comum de apresentar diminutivos no inglês é pela forma analítica, enquanto que nas traduções polonesas há a adição de diminutivos onde não há qualquer indicação dessa derivação no texto-fonte de língua inglesa, o que é considerado uma domesticação ou *polonization* como é descrito por Liseling Nilsson (2012 apud BIAŁY, 2015). No subcorpus AIM, não faço um estudo completo no sentido inverso, pois me atenho somente às palavras sufixadas por *-inho* no subcorpus VPB e sua autotradução no subcorpus AIM, mas há vezes em que se adiciona diminutivos no texto de chegada quando não há aparente referência a isso no texto de partida, como nos fragmentos (33) e (34) que apresentam o reforço da conotação de apreciação em referência a um menino por meio do uso do diminutivo analítico sintético em inglês com *little*.

(33) Mas Candinha <431> , aos prantos e lamentos, disse que, se Sórora Joana Angélica fora transfixada pela ignóbil baioneta lusitana, bem que ela, Candinha <431> , podia ser trespassada pelo cruel punhal do marido, se ele insistisse em levar **o adorado menino**, encanto de sua velhice, para morrer ou aleijar-se na guerra.

(34) But Candinha <43102>, among cries and lamentations, said that if Sister Joana Angélica had been transfixated by an ignoble Portuguese bayonet, she herself <43108> was willing to be impaled by her husband's cruel dagger if he insisted on sending **her beloved little boy**, the solace of her old age, to die or be maimed in the war.

Salovaara (2014), no que lhe concerne, também apresenta dados semelhantes ao que tenho apresentado e aos de Biały (2015), pois o inglês apresenta reduzida ocorrência em relação ao diminutivo sintético, se comparado ao diminutivo analítico nos textos literários traduzidos e a produtividade e a frequência no uso de sufixos que indicam diminutivo, em relação ao checo, é bem inferior. Além disso, também observa que “quando havia um significado de diminutivo

numa palavra tcheca, o segmento textual correspondente em inglês frequentemente não possuía um” (SALOVAARA, 2014, p. 59, tradução minha⁹⁰), sendo também um dos aspectos que discuto em subseção posterior (cf. subseção 7.2.7) e que está quase tão presente no subcorpus AIM quanto a modalidade *transposição*. Por fim, ainda que haja dados tão similares de *tokens* sufixados por *-inho* entre as modalidades de tradução direta e indireta, há sobretudo dados significativos de *empréstimo* e *tradução literal*, o que pode demonstrar uma autotradução de resistência em prol de aspectos linguístico-culturais da língua-fonte. Na próxima subseção, analiso os dados relativos à modalidade *explicitação*.

7.2.6 Explicitação

A *explicitação* é a primeira modalidade relativa às traduções indiretas, o que representa a priori para esta pesquisa uma tradução que se distancia das estruturas linguísticas relacionadas intimamente ao diminutivo analítico ou sintético. As palavras sufixadas por *-inho*, então, são traduzidas de forma que a função do sufixo fique evidente de outra maneira para além das formas que compõem o diminutivo. Diferentemente da modalidade anterior que está relacionada ao não cumprimento de apenas um ou alguns dos critérios da *tradução literal*, a *explicitação* põe em evidência algo que, no texto de partida, não tenha sido necessariamente dito, mas subentendido.

No subcorpus AIM, há 136 *tokens* em que ocorre *explicitação*, desses 54 são relativos a palavras sufixadas com o aspecto morfossemântico de *apreço*, 31 estão atrelados à *redução espacial*, 20 são relacionados à *intensificação*, 11 são referentes à *atenuação* e 20 à *depreciação*, nenhuma ocorrência para *lexicalização semântica*. Na Concordância 14, apresento alguns exemplos para cada característica morfossemântica em que houve ocorrência de *explicitação*.

Concordância 11: Alguns resultados para a busca da etiqueta <???06> no subcorpus AIM (em negrito) antecidos pelos segmentos paralelos correspondentes do subcorpus VPB

a mais minaz das desgraças! Ai meu santinho	<111>	São Lúcio, minha santa Santa Bona, que
has descended unto us! Oh, my beloved saint	<11106>	Saint Lucius, my saintly Saint Bona, given
digo! — Xergue nágua meu destino, santinho	<111>!	— Espiando aqui na água, Vejo bem o
my fate in the water, sweet little saint	<11106>!	"Looking here in the water, I see
ele inspirava. Se tivesse sabido que seu filhinho	<111>,	nascido em berço mais que humilde, mestiço
. If she had known that her baby boy	<11106>,	poor from the cradle, a mulatto and

⁹⁰ “When there was a diminutive meaning in the Czech word, its English counterpart often lacked one” (SALOVAARA, 2014, p. 59).

a lambar a borda do mangue, um lumezinho	<212> bruxuleando na porta da casinha <412> que
the borders of the swamp, a faint light	<21206> glimmering at the door of the little
galinha e me levaram pelo menos quatro bacorinhos	<112> e uma porca velha mas ainda parideira. —
, and they took at least four suckling pigs	<11206> and an old but still breeding sow. "
você, que é meio mouco, ouve um barulhinho	<112> destes? — Só sou surdo pra barulho grosso.
of hearing and can hear a teeny sound	<11206> like that?' 'I'm only deaf for
agiria. Barco de branco, aquele, todo pintadinho	<123>, palamenta nova, casco burnido, desenho afilado
man's boat for sure, all freshly painted	<12306>, new rigging, burnished hull, smart design—was
ia. Lavado mesmo, porque choveu até de manhãzinha	<513>, chuva grossa, chuarada como os aguaceiros de
lly washed, because it rained until early morning	<51306>, a thick rain, a rain like a
Leléu encostou a cabeça na dela um instantinho	<114>, deu-lhe um cheiro no rosto, ajeitou
head close to his for a short moment	<11406>, arranged her sheets, and left to tell
dele com um movimento só, deu um gritinho	<114> e desatou a maior risada que jamais
just one motion, let out a short cry	<11406>, and burst out in the biggest laugh
governo forte, nação forte em que o povinho	<115>, os desqualificados, tenham voz ativa. — A
, a strong nation in which the common people	<11506>, the unqualified, have an active voice. "What
nzinho <211>, branquinho <111> lindo, safadinho	<125>, dê bezinho <211> aqui bem aqui em
sweet little white baby <11106>, naughty-naughty	<12506>, give your <56107> honeybunch Martina <53106>

Fonte: Autor (2020).

As ocorrências referentes à característica morfossemântica *apreço* são as mais recorrentes no subcorpus AIM e também uma das que mais apresentam variedades em relação a como explicitam o sufixo *-inho*. Nos três primeiros exemplos contidos na Concordância 14, apresentam *santinho* traduzido por *beloved saint* ou *sweet little saint*. No caso de *filhinho*, o texto de chegada expõe *baby boy*. Esses são apenas alguns das dezenas de ocorrências em que o sufixo *-inho* reaparece transformado em adjetivos diversos que transmitam o *apreço* enunciado pelos personagens ou pelo narrador no texto de partida.

Os *tokens* relacionados à *redução espacial* são exemplificados por *lumezinho* e *bacorinhos*, os quais são traduzidos, respectivamente, por *faint light* e *suckling pigs*. O primeiro que a princípio percebi como uma luz reduzida em seu tamanho e, conseqüentemente, na potência de radiação de luz é vertido, no subcorpus AIM, numa luz enfraquecida e esvaída de potência, com isso, o sufixo assume uma forma simples, mas com a mesma função semântica. No segundo exemplo, os pequenos porcos ou *bacorinhos* são traduzidos por porcos que ainda amamentam, o que, conseqüentemente, a dimensão é vertida numa ação que somente os mamíferos mais jovens ainda necessitam fazer e que, por fim, a tradução recupera indiretamente a função do sufixo *-inho* de significar não somente um animal pequeno em dimensão espacial, como também um animal muito jovem.

Os exemplos que apresento para a função de *intensificação* são duas passagens que contém os *tokens* *pintadinho* e *manhãzinha* no subcorpus VPB e que são traduzidos por *freshly*

painted e *early morning*. A intensificação nos *tokens* em português está presente a partir do que o sufixo *-inho* desempenha auxiliados pelos contextos de uso exemplificados. No primeiro caso, *todo pintadinho* pode conotar o reforço de que o barco foi recentemente pintado em sua globalidade; a tradução, por sua vez, apresenta que o barco ainda contém a tinta fresca de uma pintura recém realizada. De fato, não pude perceber, enquanto leitor, de que o barco havia sido pintado recentemente, mas apenas de que havia a intensificação do fato de o barco ter recebido a tinta na totalidade da sua estrutura. No segundo caso, *manhãzinha* demonstra o quão cedo a ação ocorreu, isto é, a chuva perdurou a madrugada até os primeiros momentos da manhã, intensificando as primeiras horas que compreendem o alvorecer.

Com relação à *atenuação*, também exponho dois exemplos: *instantinho* e *gritinho* que, por razões dimensionais físicas, não incluí na *redução espacial*, mas na *atenuação* por indicar, respectivamente, um curto período de tempo e um grito com potência atenuada ou mesmo um grito abafado. No subcorpus AIM, há as seguintes traduções de tais segmentos: *short moment* e *short cry*. Em ambos os casos, há o adjetivo *short* e, respectivamente, as ideias de redução temporal e abrandamento de som.

Por fim, com referência ao aspecto morfossemântico *depreciação*, os exemplos são *povinho* e *safadinho*. Nestes dois exemplos, a forma presa recebe, no subcorpus AIM, duas formas diferentes de expressão: a primeira torna-se *common people* e a segunda converte-se em *naughty-naughty*. Naquela palavra, o adjetivo *common* alude à insignificância que o enunciador quis referir-se às pessoas que, segundo ele, não estão no mesmo nível social que o dele e que, no português, a palavra surgiu por meio de uma sufixação; nesta palavra, o sufixo, enquanto forma presa e detentora de significado, é vertido numa repetição da palavra traduzida, isto é, o adjetivo *safado* e o morfe [inho] são duas formas traduzidas por duas formas iguais, perpetuando semelhantes quantidades de informações através da formação de uma palavra morfológicamente motivada no texto de chegada.

A *explicitação* em relação à tradução de palavras sufixadas por *-inho*, a meu ver, parece ser uma modalidade em que a tradução transparece mais acentuadamente os traços de uma possível recriação, ou seja, a composição de uma tradução que parte da interpretação de quem está a cargo da tradução. Não quero dizer com isso que o texto traduzido pode conter ou não interpretação, até porque a própria prática tradutória demanda continuamente processos interpretativo e comunicativo como mencionados por Hurtado Albir (2001) e reformulações da ordem da compreensão e da expressão como declarados por Oustinoff (2011) (cf. seção 3). Em vista disso, desejo apenas enfatizar que a exposição da função do sufixo *-inho* depende intimamente do que o mediador compreendeu no texto de partida, possibilitando, inclusive, a

omissão em detrimento de outras funções que o sufixo possa transmitir. Diferentemente de outras modalidades como *tradução literal* e *transposição* que os sufixos em língua inglesa e o adjetivo *little* poderiam conotar pluralidades semelhantes às que emanam no texto de partida, a *explicitação* é a exposição evidente do que o mediador intercultural a cargo da tradução desejou pôr no texto de chegada e que ocorre de maneira análoga na *modulação*, esta com uma transformação ainda mais profunda no nível semântico (cf. subseção 7.2.8). A seguir, exponho sobre a segunda modalidade de tradução mais frequente no subcorpus AIM, a *implicação*.

7.2.7 Implicação

Apesar de ser a modalidade que mais ocorre entre as modalidades de tradução indireta e a segunda entre todas as demais no subcorpus AIM, a *implicação* pode ser brevemente descrita, pois ela representa o esvaziamento da forma e da função presentes no sufixo *-inho*, mas a manutenção do item lexical que anteriormente fora sufixado no texto de partida. Não se pode confundir com *omissão*, pois, neste caso, o texto de chegada ainda contém o segmento textual, porém com o sufixo excluído no texto-alvo. Segundo Aubert (1998), a *implicação* é a outra face da mesma moeda em que contém a *explicitação*; entretanto, como descrito no método, por estar contabilizando tão somente as palavras sufixadas por *-inho*, decidi pela separação dessas modalidades de tradução.

O subcorpus AIM apresenta 298 *tokens* em que houve a *implicação* do sufixo na tradução, dos quais, no subcorpus VPB, 234 são *substantivos*, 46 são *adjetivos*, 3 são *hipocorísticos*, 10 são *advérbios*, 2 são *pronomes* e 3 são *metaplasmos*, sem ocorrências para *antropônimo/topônimo*. Em alguns casos, como *adjetivos*, *advérbios* e *pronomes*, aqui pode ocorrer por causa da restrição linguística do inglês cuja morfotática – combinações e distribuições que o morfema pode ter com outros morfemas (ROSA, 2005) – não permite diminutivos sintético ou mesmo analítico.

Por outro lado, a grande maioria das ocorrências está presente entre os *substantivos* que a priori podem receber a sufixação ou o diminutivo analítico, porém pode haver restrições linguístico-culturais no texto traduzido, tendo em vista as possíveis exigências que ocorrem sobre um texto literário que parte de um polissistema literário periférico em direção a um mais central e que, neste caso, é o mais central de todos, o mercado literário pertencente à comunidade anglófona, precisamente, o canadense, o estadunidense e o inglês. A fluidez no texto, portanto, parece ser uma das maiores demandas que há para traduções como esta.

Como analisado no subcorpus TT (cf. subseção 5.3), as traduções dos textos literários desse subcorpus tendem a atrelar-se mais aos aspectos linguístico-culturais dos textos de partida dada a centralidade que tais obras ocupam no polissistema literário e que, por consequência, tendem a ser obras literárias traduzidas estrangeirizadoras nos polissistemas menos cêntricos, ocorrendo o oposto no fluxo inverso das transferências de livros traduzidos (cf. subseção 3.2). Dito isso, o subcorpus AIM também parece apresentar dados que seguem tal afirmação, pois há dados numéricos que tendem para a *transposição* que contém o diminutivo sintético e para a *implicitação* que há a omissão da forma e da função do sufixo *-inho* na palavra traduzida.

De toda forma, não se pode esquecer que há também indícios qualiquantitativos para afirmar que, em alguma medida, o subcorpus AIM é composto por uma tradução que em muito ainda carrega o hábito da cordialidade buarquiana, isto é, as características do *homem cordial* de Holanda (1995), em que não interessa a valorização da polidez, da individualidade e da inexpressividade dos sentimentos, mas interessam as relações mais próximas e familiares com os outros, nas quais se constata o uso frequente e produtivo de palavras sufixadas por *-inho*. Em seguida, exponho sobre a modalidade *modulação*.

7.2.8 Modulação

A *modulação*, segundo as modalidades de tradução apresentadas por Aubert (1998), modifica toda a estrutura semântica de superfície, mas consegue sustentar o sentido emitido a partir do texto de partida, isto é, pode ocorrer a mudança de significado do segmento textual, mas o sentido permanece. O subcorpus AIM apresenta 100 *tokens* em que ocorrem modulação e que, no subcorpus VPB, esses *tokens* representam todos os tipos de aspectos morfossemânticos e morfossintáticos, exceto com *antropônimo/topônimo* e *metaplasmo*. Na Concordância 12, apresento e analiso oito *tokens* que apresentam *modulação* no subcorpus AIM.

Concordância 12: Alguns resultados para a busca da etiqueta <???08> no subcorpus AIM (em negrito) antecedidos pelos segmentos paralelos correspondentes do subcorpus VPB

mesmo se fez por si mesma, com jeitinho	<111>, das sobras dos panos dos brancos protetores —,
very clothes were made, with a little patience	<11108>, from the leftover materials given by white
vez em frente ao espelho, pingou um trisquinho	<112> de extrato francês atrás de cada orelha
in front of the mirror, dabbed two droplets	<11208> of a French perfume behind each of
Perilo Ambrósio, passou o cavalo e uma quartinha	<412> de água, acenou como quem esboça uma
was, handed over the horse and a jug	<41208> of water, and waved goodbye as if
ois, desalentado e faminto, assando um saguizinho	<212> mirrado para comer na companhia das mulheres,

amished, roasting a skinny little squirrel monkey	<21208> to eat in the company of the
arruda, bote marvarrosa, mangiricão, vassourinha	<416>, bote alecrim, toque fogo na páia, faça
rue leaves in it, put hollyhock, basil, broomwort	<41608>, put rosemary, and after they are dry
prazer de aparecer de repente diante da negrinha	<415> e começar a tirar a roupa sem
showing up suddenly in front of the girl	<41508> and starting to take off his clothes
ignóbil baioneta lusitana, bem que ela, Candinha	<431>, podia ser trespassada pelo cruel punhal do
xed by an ignoble Portuguese bayonet, she herself	<43108> was willing to be impaled by her
ava o chão com um graveto. — Mecê mecezinho	<261>, hem? — disse. Rolou os olhos injetados para
poking the dirt with a twig. “Little you	<26108> again, huh?” she said. “I’ll be

Fonte: Autor (2020).

Na primeira ocorrência a ser analisada, *jeitinho* é traduzido por *little patience*. Este segundo *token* apresenta uma *transposição*, entretanto, não o classifiquei assim, pois entendi que há uma mudança perceptível na estrutura semântica superficial. No subcorpus VPB, *jeitinho* pode conotar o modo cuidadoso como a roupa foi feita; por outro lado, o subcorpus AIM apresenta que foi a paciência que auxiliou na construção da roupa. Com isso, *jeito* e *paciência* podem conotar significados distintos, mas que os contextos de ambos os subcorpora paralelos apresentam o mesmo sentido.

Em seguida nas linhas de concordância, há *um trisquinho* cujo *token* conota uma porção indeterminada do líquido usado, embora se possa saber que é bem pouca a quantidade. No texto de chegada, há explicitação da quantidade exata ou ao menos que se tratam de duas gotas do perfume. Ainda que as quantidades sejam tratadas de maneiras distintas, o leitor de ambos os subcorpora ainda assim tem acesso ao mesmo sentido nas duas línguas, por isso, configura-se numa *modulação*. Uma observação que faço está relacionada à opção pelo uso de *droplet*, uma forma simples sufixada por *-let*, o que poderia indicar uma *tradução literal*. Contudo, assim como no exemplo anterior, não rotulo sob outra modalidade que não *modulação*, pois há uma transformação no nível semântico do segmento textual traduzido ao ponto de manter-se o sentido no segmento traduzido, mas não o significado imediato.

No terceiro exemplo analisado, *quartinha* é uma palavra lexicalizada em português e refere-se a um jarro feito de barro ou de porcelana, geralmente, com duas alças e que conserva o líquido em temperatura ambiente, usado, inclusive, em algumas religiões de matriz africana como parte dos seus ritos religiosos. Esse objeto, portanto, tem aparência e uso específicos de uma dada parte da população brasileira, especialmente, na região nordeste do Brasil e, conseqüentemente, torna-se algo particular da cultura de um povo. No subcorpus AIM, a palavra é traduzida por outra mais genérica (*jug*) podendo conotar qualquer jarro como os jarros de vidro que se usam nas geladeiras para armazenar água. Neste caso em particular, há a

tradução de um hipônimo por seu hiperônimo, com isso, mantém-se o sentido geral, mas a especificidade cultural brasileira não fica evidente no texto de chegada.

O quarto e o quinto exemplos apresentam a tradução de palavras sufixadas por *-inho* que estão inseridos na fauna e na flora brasileira, a saber, *saguizinho* e *vassourinha* (*scoparia dulcis*). No primeiro, o sufixo *-inho* tanto pode denotar *redução espacial* quanto pode estar relacionado à idade do animal, mais especificamente, sua juventude; no segundo, já não há mais um sufixo, pois trata-se de uma planta cujo nome foi lexicalizado semanticamente, tradicionalmente usado em ritos religiosos como no que é descrito na linha de concordância (cf. Concordância 12). No subcorpus AIM, há as seguintes traduções: *squirrel monkey* (*macaco esquilo*) e *broomwort* (*scoparia montevidensis*). Com relação ao animal, ambos pertencem às mesmas classificações biológicas ou taxonômicas até um dado momento quando ambos se tornam distintos na classificação científica, mas que o fenótipo de ambos para um leigo permanece semelhante, pois ambas as espécies são pequenos macacos que vivem em regiões diversas do continente americano, contudo, sem fazer qualquer referência à forma ou à função do sufixo *-inho*. Em referência à planta, o mesmo ocorre, mas numa taxonomia ainda mais próxima, por isso, não classifico como *tradução literal*. Concluo que, em ambos os casos, a tradução apresenta elementos biológicos semelhantes ao que é apresentado no texto de partida e, portanto, é evidenciada a *modulação*.

Na sexta ocorrência que analiso, ocorre a *modulação* em *negrinha* no subcorpus VPB dada a mudança ocorrida para *girl* no subcorpus AIM. No trecho exposto do texto de partida, a personagem Vevé, uma mulher negra e escrava, é representada por sua cor e o sufixo *-inho* pode conotar tanto a *depreciação* em direção à mulher como um objeto de desejo sexual em relação ao personagem Perílio Ambrósio, segundo a descrição que há no romance, bem como a idade da personagem. No texto de chegada, Vevé é representada apenas por sua idade e gênero através da palavra *girl*. Em vista disso, a mesma personagem ora é referida pela sua cor ora pela sua idade, o que pode ser considerado uma *modulação* conforme as modalidades de tradução aqui utilizadas.

Por fim, o último exemplo tem a ver com uma espécie de “modulação anacrônica”, isto é, a tradução apresenta a substituição de um pronome utilizado há séculos na língua portuguesa por outro em língua inglesa que é utilizado atualmente em todas as variedades deste idioma (*Mecê mecezinho, hem?* → *Little you again, huh?*). João Ubaldo sobre a sua tradução em segmentos textuais como este relata a seguinte postura enquanto autotradutor:

Após tomar [...] importante decisão, comecei a enfrentar, um por um, os múltiplos problemas de qualquer tradução, alguns dos quais me pegaram desprevenido. Formas de tratamento, por exemplo. É impossível copiar a formalidade, e até mesmo a pompa, dos pronomes de tratamento em português. Em inglês, como todos sabem, não há muitas opções além de “you”. (Esforcei-me por dias a fio tentando encontrar um substituto aceitável em inglês para “vosmecê” ou “seu doutor”. Não vou contar: leia o livro.) (RIBEIRO, J., 2018, p. 153, grifos do autor).

Dessa maneira, o subcorpus AIM expõe uma forma de tratamento usual para os dias de hoje e que, de certa forma, não traz estranhamento para o enredo do romance, mas também não parece veicular o tratamento hierarquizado da época colonial brasileira ou estadunidense. Por outro lado, há a conservação do uso do diminutivo com pronomes em ambas as línguas, porém com mudanças morfológicas, por ser um o sintético e outro o analítico. A *modulação* e a *explicitação* são duas modalidades de tradução que há opções tradutórias que ficam patente a escolha tradutória que pode se distanciar para mais ou para menos do texto-fonte, oportunizando recriação e mudança que independa, em certa medida, do que foi enunciado no texto de partida. A seguir, apresento a penúltima modalidade a ser analisada, a *adaptação*.

7.2.9 Adaptação

A *adaptação*, outro termo que pode suscitar longas discussões em tradutologia, aqui, faz referência a uma escolha que o tradutor assimila culturalmente um dado segmento textual, de forma que a tradução exponha algo familiar ao leitor da língua-alvo que, por outros meios, poderia resultar na exposição de algo incomum para esse mesmo leitor, dada as diferenças culturais. No subcorpus AIM, há 33 ocorrências com *tokens* que apresentam a modalidade *adaptação*. Na Concordância 13, averiguo cinco exemplos com tal modalidade de tradução.

Concordância 13: Alguns resultados para a busca da etiqueta <???09> no subcorpus AIM (em negrito) antecidos pelos segmentos paralelos correspondentes do subcorpus VPB

muito, um deles tocando uma espécie de cavaquinho	<116> e os outros dançando em redor do
of them playing a kind of little guitar	<11609>, the others dancing around the fire. Leléu
é esse, umas pataquinhas <415>, uns vintenzinhos	<215>, e tudo encalamoucado, esse povo não paga
, just a few coins <41509>, a few coppers	<21509>, and no one pays me back, those
vai fazer o axexê de nhozinho-zinho-zinho	<315>, vai fazer as obrigações de defunto dele?
, the poor, dear, dear, dear little Massa's	<31509> ah-shay-shay? Of course not. So
sposa, é dona Marta de Betânia. — Iaiazinha	<511> doutora tabeliona, mas não me diga! Bela
my wife, Dona Marta de Betânia. "Dear Missy	<51109> Her Excellency Notaress, you don't say!
e a negra Honorata estavam escutando. A mucaminha	<415> Martina ia subir no escabelo para passar
Honorata were listening to. The young house black	<41509> Martina was going to climb on the

Fonte: Autor (2020).

Na primeira ocorrência da Concordância 13, o subcorpus VPB apresenta o *token cavaquinho*, uma palavra lexicalizada que representa um pequeno instrumento musical de cordas pertencente à cultura lusófona e que, atualmente, está fortemente presente em alguns ritmos musicais brasileiros, tais como, samba e pagode. No subcorpus AIM, por não se utilizar do nome por meio de *empréstimo*, traduziu-se por *little guitar*. Dessa maneira, o leitor tem acesso ao tamanho e à forma do instrumento, mas não necessariamente faz menção ao cavaquinho, já que nem mesmo o texto de partida está se referindo a ele, mas a um instrumento semelhante. A *adaptação* neste contexto, então, dá-se pela substituição de um nome pertencente a um item cultural específico da lusofonia por outro que é extremamente popular na cultura ocidental.

No exemplo, o subcorpus VPB dispõe do *token vintenzinhos* que é o diminutivo de vintém, uma moeda que no período colonial era fabricada de cobre ou de bronze, mas que também foi fabricada em outros períodos da história do Brasil. O subcorpus AIM, por sua vez, apresenta *coopers* justamente o material do que as moedas são feitas. Entretanto, aqui também pode haver uma assimilação cultural, pois pode também representar moedas feitas de cobre ou de bronze usadas em economias da anglofonia como a menor unidade monetária do Reino Unido (*penny*). Assim, pode representar tanto a cultura brasileira quanto a anglófona.

Na ocorrência seguinte, há uma palavra com tripla sufixação (*nhozinho-zinho-zinho*) cuja formação morfológica indica maior quantidade de informação sobre o tratamento usual realizado pelos escravos para se referirem aos seus senhores. Analogamente, o texto de chegada apresenta uma tradução icônica e motivada por aquela formação, o que resulta na expressão *the poor, dear, dear, dear little Massa*, a qual apresenta simultaneamente *transposição* e *explicitação* para apresentar toda a ironia enunciada no discurso. Além disso, também há uma *adaptação*, dado que o tratamento entre escravos e senhores também é apresentado em língua inglesa, mas de acordo com o que era comum ao período escravocrata nos países anglófonos e, por haver uma prioridade metodológica adotada para a contabilização das modalidades de tradução, *modulação* é considerada neste *token*. Assim como, em português, *senhor* poderia tornar-se em *sinhozinho*, *ioiô*, *ioiozinho* ou *nhozinho*; em inglês, *master* poderia converter-se em *massa*. Logo, a tradução adapta o segmento de forma a apresentar algo familiar à cultura-alvo. Em relação ao exemplo seguinte na Concordância 13, este refere-se ao tratamento entre os escravos e as senhoras que, neste caso, apresenta assimilação cultural semelhante, entretanto, em relação às mulheres: *iaiazinha* → *dear missy*.

Finalmente, no quinto exemplo, o subcorpus VPB apresenta *mucaminha*, uma representação da mulher negra, jovem e escrava que realizava tarefas domésticas na casa dos seus senhores. O subcorpus AIM, para poder aludir semelhanças culturais, apresenta *the young house black* como referência às escravas que estavam mais próximas do trabalho doméstico.

Assim, a *modulação* configura a modalidade de tradução que mais domestica o texto de chegada, de maneira a retratar a normalização do segmento textual, a opção de apagar características da cultura-fonte para dar lugar aos aspectos linguístico-culturais da cultura-alvo ou que sejam ao menos conhecidos pelo público-alvo, mas que ainda assim restringe muito do que fora mencionado no texto de partida. A seguir, a última modalidade de tradução é analisada.

7.2.10 Acréscimo

No subcorpus AIM, não constatei a presença das modalidades *correção* ou *erro*, por não haver retificações de palavras sufixadas por *-inho* ou erros factuais como descrito no modelo de Aubert (1998), mas apenas possíveis adaptações estilísticas que podem ocorrer por causa da natureza inerente à língua-alvo ou por decisões concernentes ao ofício de quem está a cargo da tradução. Com isso, tais segmentos textuais traduzidos foram rotulados sob uma das outras modalidades analisadas.

De modo diferente à *explicitação*, *transposição*, *modulação* ou *adaptação* em que podem ocorrer acréscimos inerentes a esses tipos de mediações tradutórias, a modalidade de tradução *acréscimo* é uma escolha deliberada do tradutor ou revisor em acrescentar algo em relação ao texto de partida, de modo que seja perceptível que aquela informação não continha naquele texto nem mesmo de maneira implícita. Nesta pesquisa, o *acréscimo* está relacionado à forma e à função que o sufixo *-inho* pode desempenhar em seu contexto de uso, logo, a adição que há no texto-meta não faz referência ao sufixo, mas a necessidade extratextual de que se entenderam ser indispensável.

Em relação a essa modalidade, a Concordância 14 expõe os resultados obtidos após a rotulação das etiquetas no subcorpus AIM que obtém nove ocorrências de *acréscimo*. Em todas elas, poder-se-ia escolher outra modalidade, mas devido ao acréscimo contido nos segmentos traduzidos que se entendeu como necessário no texto de chegada, seja por motivo de elucidação seja por qualquer outra razão, a modalidade *acréscimo* foi escolhida para a contabilização no subcorpus AIM.

Concordância 14: Resultado para a busca da etiqueta <???10> no subcorpus AIM (em negrito) antecedido pelo segmento paralelo correspondente do subcorpus VPB

sistir uns dias esbravejando dentro do cercadinho	<112>, sacudindo os mourões de tal maneira que
, ranting and raving inside the little cattle pen	<11210> and shaking the fence posts in such
vez o acontecido, encheu de cachaça um canequinho	<112> e bebeu tudo, terminando com um estremeção.
what had happened, filled a little tin cup	<11210> with firewater and drank it all, finishing
uita fome e resolveu voltar. Apanhou um espetinho	<116> inteiro, encheu a mão e a boca
back. He picked up a whole fish spit	<11610>, filled his hand and mouth with manioc
bem abertos para desfrutar melhor do calorzinho	<211>. Reclamava tanto, o Vô Leléu! Verdade que
toes to better enjoy the water's warmth	<21110>. He complained so much, Grandpa Leléu! True,
ou deixar de papar um meninozinho <211> limpinho	<123>, cheiroso e disposto, tu acha que eu
lean <12307>, sweet-smelling, fired-up white boy	<21110> —you think I would miss the chance
ena prendazinha <512>, uma medalha e correntinha	<412> de Nossa Senhora do Amparo para ajudar
little memento <51205> for Dafé, a gold chain	<41210> and a medal of Our Lady of
junto ao oitizeiro que ainda tinha a gradinha	<412> do tempo em que Bico de Bule
tree, which still had the little iron fence	<41210> from the time Coffeepot Snout was the
do padrinho Santo Antônio. Trouxeram a cadeirinha	<412> de almofadas de veludo, trouxeram o sôlio
had brought over the velvet-quilted wing chair	<41210>, the ash-wood throne, majestic in stature,
atiraram o resto fora, com exceção das caixinhas	<412>, que Leovigildo da Pensão encheu de maravilhas
things, with the exception of two empty boxes	<41210>, which Leovigildo, the boardinghouse owner, fill

Fonte: Autor (2020).

No primeiro *token*, *cercadinho* é traduzido por *little cattle pen*. No texto de partida, não há menção a qualquer característica do propósito funcional do cercado, o que ficou claro no texto traduzido, pois o cercado serve para limitar o espaço físico de animais de médio e grande porte (*cattle*), mas não necessariamente um cercado pequeno para hortaliças, por exemplo. Dessa maneira, classifiquei como *redução espacial* no subcorpus AIM, justamente por não saber a aplicabilidade da cerca, mas que ainda assim pode se manter caso comparada ao tamanho de outras. A tradução, portanto, elucida aspectos morfossemânticos que no texto de partida não parecem ser evidentes. Além disso, neste caso, se não tivesse havido *acrécimo*, o *token* teria sido classificado sob a modalidade *transposição*.

No segundo segmento analisado, *canequinho* é vertido para *little tin cup*. Com isso, o *acrécimo* dá-se na adição da informação sobre a substância que constitui o caneco, o estanho (*tin*). Para alguns leitores, pode ficar evidente o material físico, dado que para alguns a palavra *caneco* pode imediatamente remeter aos canecos de lata, mas que, independentemente disso, o subcorpus VPB não apresenta tal aspecto físico, ficando esclarecido apenas no subcorpus AIM. Assim como a ocorrência anterior, esta seria categorizada como *transposição*, se não houvesse *acrécimo*.

No terceiro *token* analisado, há a decisão de mais uma vez clarificar o segmento traduzido. Em vista disso, opta-se por traduzir *espetinho* em *fish spit* e, assim, fornece ao leitor que o personagem come a carne do peixe num espeto. Apesar do contexto estar relacionado à praia e aos elementos típicos que a ela pertence, não há referência explícita de qual carne o personagem come, podendo, inclusive, ser qualquer outro alimento no espeto. Neste caso, se não houvesse a adição de informação, o *token* seria classificado como *tradução literal*, pois o *token* é uma palavra lexicalizada semanticamente e a tradução seguiria tal modalidade descrita por Aubert (1998).

Na quarta ocorrência, o subcorpus VPB apresenta ambiguidade no substantivo *calorzinho*, mas que na tradução percebe-se exatamente que o calor advém da água morna (*water's warmth*). Em *Viva o povo brasileiro*, Maria da Fé decide andar descalça pelas ruas após uma chuva para pôr os pés na poças de água e poder aproveitar o calorzinho que pode ser tanto relacionado ao clima, já que o sol voltou após a chuva, quanto à água, pois o narrador apresenta o contexto anterior; ou mesmo a ambos, conforme segue o trecho em (35). Apesar disso, a informação do texto-alvo não contém diretamente no texto-fonte. Por outro lado, pode-se também considerar como *explicitação*, mas, nesta pesquisa, relaciono a *explicitação* somente em relação à forma e/ou à função do sufixo *-inho*. Caso não houvesse a ampliação do segmento, devido à ausência da forma e da função, a palavra estaria inclusa na modalidade *implicação*.

- (35) Um dos maiores prazeres que existem é sair depois de uma pancada de chuva pesada mas ligeira e sentir nos pés a água morninha <423> empoçada nas lajotas que o sol vinha esquentando. Dafé lembrou que, se vô Leléu estivesse no Baiacu e não na Bahia resolvendo negócios, reclamaria ao vê-la de saia arrepanhada e descalça, arrastando os pés nas poças com os artelhos bem abertos para desfrutar melhor do **calorzinho** <211>.

No quinto *token* observado, *meninozinho* faz referência à um menino branco, mas o sufixo *-inho* não indica tal informação, apenas o contexto do enunciado. Por isso, por motivos semelhantes ao caso anterior, *white boy* pode ser considerado uma palavra que contém *acrécimo* e, portanto, adiciona uma informação que o sufixo não apresenta. Além disso, também poderia estar incluído entre os *tokens* que indicam *implicação* do sufixo *-inho*.

O sexto caso analisado, assim como no segundo, expõe claramente o material que compõe o objeto, neste caso, a *correntinha*. No subcorpus AIM, sem a informação acrescida em *gold chain*, não se saberia de qual material é feita a corrente presenteada à personagem. Igualmente, ao caso anterior, poderia ser classificado em *implicação*.

O sétimo caso ocorre com *gradinha* cuja tradução o segmento do subcorpus AIM mostra *little iron fence*. Assim como casos anteriores, a grade é transposta o que indica seu tamanho diminuto, mas a natureza química não é apresentada anteriormente, porém acrescenta-se *iron* no texto de chegada, o que permite ao leitor perceber que a cerca não é de madeira ou qualquer material facilmente quebrável.

Na oitava ocorrência, a *cadeirinha* presente no segmento do subcorpus VPB é traduzido por um tipo específico de cadeira e que não necessariamente é pequena. No subcorpus AIM, a tradução evidencia que é uma *wing chair*, isto é, uma poltrona com braços na parte de baixo e saliências (*wings*) de ambos os lados na parte superior próxima à cabeça da pessoa que se acomoda no móvel. Assim, há a mudança de um hiperônimo sufixado por *-inho* por um hipônimo sem qualquer apresentação da forma ou da função transmitida pelo sufixo, o que a poderia classificar dentro da *implicitação*, caso não houvesse tido adição dessa referência às saliências.

Por fim, no último caso, a menção às *caixinhas* no subcorpus VPB não expõe o suposto conteúdo que ela carrega, mas que no subcorpus AIM se decide apresentar e que resulta na informação de que todas as duas caixas estão vazias (*two empty boxes*). Embora o mesmo parágrafo apresente outras duas caixas com remédios e costura, o contexto não apresenta a quantidade dessas outras caixas nem, necessariamente, que estavam vazias. Por isso, considero a adição de informação em relação a este item lexical e a *implicitação* do sufixo *-inho* no subcorpus AIM.

Como exposto nos parágrafos anteriores, tais *tokens* poderiam ter outras rotulações no subcorpus AIM se não fosse o *acrécimo* e, para além disso, a tradução também pode auxiliar/interferir na interpretação das características morfossemânticas dessas palavras, dado que pode ora alterar a conotação que o sufixo *-inho* apresenta no subcorpus VPB ora omitir qualquer menção ao sufixo. Entretanto, apesar da ligação entre os dois textos literários por meio da tradução, ambos são independentes no que concerne à sua existência, podendo emanar significados distintos e similares devido aos aspectos linguístico-culturais a que eles estão a serviço, isto é, às línguas e às culturas às quais pertencem.

Outra consideração que deve ser feita em relação à modalidade *acrécimo* está atrelada à explicitação na tradução, pois, assim como a *transposição*, a *explicitação*, a *modulação* e a *adaptação* – estes últimos dois casos podem ocorrer exceções frequentes ou não –, ocorre o alongamento do segmento textual em que contém a palavra sufixada por *-inho*, o que acrescenta palavras gráficas ao texto e que pode influenciar, por exemplo, na variedade lexical utilizada. No caso em específico de *acrécimo*, além da adição de itens lexicais, também há o *acrécimo*

de informação que o texto-fonte não indicou explicitamente, algo que as modalidades anteriores podem acrescentar, mas não contribuem diretamente para a incorporação ao mesmo tempo de conteúdos morfológicos, sintáticos e semânticos inéditos. A motivação para essa extensão na tradução pode indicar um dos motivos que João Ubaldo cita para não incluir elementos paratextuais, mas que, ao mesmo tempo, deseja acrescentar uma explicação ausente no texto de partida (cf. primeira citação direta contida na subseção 7.2). A seguir, apresento as considerações finais desta dissertação.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, apresentei aspectos linguístico-culturais e tradutológicos do sufixo *-inho* na língua portuguesa e possibilidades de tradução dessa forma presa num estudo de caso na tradução para a língua inglesa. O sufixo *-inho* foi apresentado amplamente no referencial teórico, no qual expus sobre os seus aspectos morfológicos; os aspectos socioculturais desse sufixo, considerando as interfaces com a sociedade, com a língua e com a cultura; os aspectos estilísticos desse afixo com o auxílio da abordagem em linguística de corpus que, consequentemente, torna-se na estilística de corpus; e os aspectos tradutológicos que podem envolver o sufixo *-inho* ao longo da análise realizada. Tais características do sufixo *-inho* foram apresentadas por meio de estudos teóricos e práticos consagrados nessas quatro grandes áreas que lidam com os estudos linguísticos, literários e tradutológicos. A intenção inicial da apresentação do suporte teórico-metodológico com especial atenção no sufixo *-inho* deveu-se à necessidade de fundamentar a análise numa perspectiva de compreender o sufixo e poder, então, analisar como ele se apresenta em duas variedades do português e na tradução de textos literários anglófonos (cf. seção 5), além de poder averiguar como ele foi mediado na autotradução ubaldiana de *Viva o povo brasileiro* (cf. seção 7).

Em seguida, discorri sobre questões relacionadas à autotradução cuja principal característica comum entre os autotradutores estudados é a necessidade de divulgação de seus textos em línguas que possibilitem o acesso a um maior público-leitor (TANQUEIRO, 2002 apud ANTUNES, 2007b) e que, geralmente, está atrelada a idiomas mais centrais, se considerado o sistema mundial de tradução de Heilbron (1999). Analogamente, esse também foi o caso de João Ubaldo Ribeiro que teve duas obras literárias autotraduzidas, mas que o resultado dessa tradução-consagração, termo elaborado por Casanova (2002), foi a inserção do autor no segundo grupo de autotradutores descritos por Antunes (2010), isto é, a consagração doméstica de João Ubaldo, mas não uma aclamação generalizada pelo público e pela crítica especializada no âmbito internacional de proporção igual à que teve no Brasil. Por isso, o auto(traduto)r é canônico no polissistema literário brasileiro, mas não alcança a mesma dimensão em outros polissistemas, com uma exceção, o polissistema literário alemão de obras traduzidas dada a sua atuação prolífica como autor nesse país germanófono (ANTUNES, 2007a; MERTIN, 2011).

O método apresentado, na seção 4, teve por finalidade a exposição dos métodos e das técnicas utilizados para a execução das análises expostas logo em seguida, de forma a possibilitar a replicabilidade e a verificabilidade deste estudo. É necessário afirmar que a

escolha pela estilística de corpus está atrelada à confiabilidade e à objetividade da utilização de ferramentas computacionais presentes na linguística de corpus, além de utilizar-se de uma análise estilística rigorosa, recuperável e replicável, como é recomendada por Simpson (2004). Por outro lado, não se pode ignorar a subjetividade que envolveu a decisão da compilação dos corpora comparável e paralelo, a interpretação do texto para a rotulação das palavras por meio das etiquetas numéricas e a análise qualiquantitativa apresentada ao longo de toda a dissertação. Ressalto, inclusive, a dificuldade na rotulação das palavras sufixadas por *-inho* no subcorpus VPB e as suas traduções no subcorpus AIM, de maneira que outro pesquisador pode contestar a aplicação e a análise ora apresentadas. Entretanto, pretendi com todas as teorias, as abordagens, as técnicas, o método desenhado para este estudo e as análises utilizados proporcionar um estudo que se tornasse, antes de tudo, coerente, replicável e verificável.

Na primeira análise (cf. seção 5), investiguei as transferências linguístico-culturais do sufixo *-inho*, em corpus comparável monolíngue compilado para esta pesquisa, com a finalidade de observar se este sufixo poderia ser considerado um aspecto linguístico-cultural do português brasileiro. Em vista disso, compilei e averigui três subcorpora distintos compostos por textos literários lusitanos (subcorpus PE), obras literárias brasileiras (subcorpus PB) e textos traduzidos para o português de escritores da comunidade anglófona – canadenses, estadunidenses e ingleses – (subcorpus TT). O subcorpus PB apresentou alta produtividade e frequência de palavras sufixadas por *-inho* em comparação aos demais subcorpora comparáveis. Por consequência, os dados quantitativos fizeram-me inferir que o uso do sufixo *-inho* está atrelado ao comportamento sociolinguístico-cultural do *homem cordial* descrito por Holanda (1995) como aquele que se abstém da polidez para dar lugar à intimidade que, muitas vezes, revela-se em seu socioleto através do uso quase irrestrito e frequente do sufixo *-inho*.

Como compilei textos literários escritos em língua portuguesa, devo restringir a inferência para uma conclusão mais limitada e que pode indicar se tratar, então, de uma característica sociolinguístico-literário-cultural brasileira, mas considero que os resultados podem variar caso sejam considerados outros autores com idioletos e estilos diferentes dos observados aqui. Todavia, sustento a hipótese de que todo corpus que obedecer aos critérios de representatividade (cf. subseção 2.3) sempre conterà a frequência maior, em números absolutos e/ou relativos, de palavras sufixadas por *-inho* no português brasileiro se comparado ao português europeu ou a textos traduzidos da língua inglesa. No fim, pondero que esta pesquisa, em conjunto com a maioria dos estudos que dão suporte a ela, ainda que não façam uma análise exaustiva sobre o uso do sufixo *-inho* na fala dos brasileiros, contribuem para a percepção de que o estilo linguístico dos brasileiros tende para o uso do sufixo *-inho* como um meio de esboçar a sua

afetividade positiva e negativa, mas com alta disposição para a exposição afetivo-apreciativa daquilo a que se refere. Segundo o que foi descrito sobre a fonoestilística (cf. subseção 2.3), os fonemas contidos nesse sufixo podem contribuir para essa utilização, especialmente, os fonemas /i/ e /j/ que, respectivamente, podem sinalizar a pequenez e a doçura (MARTINS, 2011).

Além disso, através do subcorpus TT, pude observar indícios das restrições tradutórias em textos traduzidos que circulam de polissistemas literários mais centrais para os mais periféricos, neste caso, a tradução para o português de obras de autores anglófonos canônicos. O subcorpus TT apresenta o mais baixo índice de produtividade e frequência na utilização do sufixo *-inho* com preferência pelo uso do diminutivo analítico. Isto posto, há possíveis restrições linguísticas e culturais, além de outras que podem convergir com interesses políticos, ideológicos, sociais e econômicos. Primeiro, a língua inglesa, de modo geral, prefere construir a conotação das funções relacionadas às estruturas do diminutivo através do diminutivo analítico (PYTLIK, 2018), com isso, as traduções do subcorpus TT atêm-se muito mais às estruturas linguísticas do inglês. Segundo, voltar-se para uma tradução que priorizasse o diminutivo sintético por meio do *-inho* demonstraria uma oposição ao que apresenta o texto-fonte e maior atenção à língua-alvo e à cultura-alvo, uma vez que a face quantitativa da linguagem, parafraseando Biderman (1998), parece demonstrar um uso linguístico-cultural do sufixo *-inho* pelos brasileiros, indo além de apenas um idioleto ou estilo individual. Por fim, há outras restrições que implicam sobre traduções de textos oriundos da anglofonia em que a estrangeirização prevalece (cf. subseção 5.3).

Na segunda análise (cf. seção 6), observei as transferências linguístico-culturais, por meio da circulação de obras literárias ubaldianas traduzidas, que desencadearam na segunda autotradução realizada por João Ubaldo. Ademais, também analisei algumas implicações linguístico-culturais sobre esse segundo romance autotraduzido. No Quadro 8, apresentei a circulação das obras ubaldianas traduzidas até o ano de publicação de *Viva o povo brasileiro*. O primeiro indício para que João Ubaldo fosse autotraduzido pela segunda vez é a circulação de suas obras por Paris, um centro importante para as transferências culturais (CASANOVA, 2002), especialmente, por ter tido duas obras anteriormente publicadas pela prestigiada editora parisiense, a Éditions Gallimard. Além disso, o romance *Viva o povo brasileiro* fora um sucesso de crítica e de público no Brasil, o que impulsionou ainda mais a sua publicação por meio de traduções (ANTUNES, 2007a), especialmente, através da autotradução em língua inglesa cuja proposta adveio do seu agente literário Thomas Colchie (RIBEIRO, J., 2018). O convite não parece ter sido aleatório, tendo em vista que João Ubaldo já havia autotraduzido seu primeiro

romance que foi publicado internacionalmente e que, ainda hoje, é o romance ubaldiano mais traduzido em número de línguas. Com isso, João Ubaldo ganhou autoridade não apenas por ser o autor, mas também por sua experiência bem sucedida como tradutor. Ademais, assim como o romance *Sargento Getúlio* fora rechaçado por um tradutor profissional devido à alta complexidade linguístico-cultural que o texto de partida apresenta, *Viva o povo brasileiro* também é uma narrativa complexa do ponto de vista linguístico-cultural, por isso, essa pode ter sido uma das razões de seu agente literário afirmar que qualquer outro tradutor não poderia realizar uma mediação tradutória adequada (RIBEIRO, J., 2018). Essas demandas podem ter contribuído sobremaneira para a autotradução de *Viva o povo brasileiro*.

Sobre essa mesma autotradução, há possíveis implicações linguístico-culturais, entre elas, está a atitude do autotradutor perante os textos de partida e de chegada cuja orientação foi pelo respeito pelo original e pelo não apagamento da cultura brasileira contida no texto-fonte (ANTUNES, 2007a). Apesar de os autotradutores, geralmente, obterem uma chancela sobre qualquer postura que possa ter na sua mediação tradutória, inclusive por optar pela estrangeirização, João Ubaldo afirmou manter-se longe de grandes mudanças (ANTUNES, 2007a). Ainda assim, não fica claro se essa ação de evitar mudanças foi uma tentativa de mediar a tradução para manter aspectos linguístico-culturais do texto de partida, que pode acarretar estrangeirização, ou se foi para sustentar características referentes à língua-alvo no texto de chegada, que pode ocasionar domesticação.

O que pode sinalizar a preferência pela fluidez no texto de chegada é a comercialização dos direitos de publicação nos três maiores países anglófonos em termos econômicos e editoriais: Canadá, Estados Unidos e Inglaterra. Assim, as demandas sobre o romance ubaldiano autotraduzido, *An invincible memory*, especialmente após o trabalho dos revisores, direcionam-se para uma domesticação sobre esse texto de chegada. Entretanto, ao observar atentamente as soluções tradutórias que ocorrem no romance, pode-se advogar que o resultado final, mesmo que fluído num inglês estadunidense (MILTON, 1999 apud RIBEIRO, E., 2006), evidencia aspectos estrangeirizadores que, a despeito da ausência de elementos paratextuais como nota de rodapé ou glossário, apresentam-se por meio de itens culturais específicos que, de acordo com as modalidades de tradução de Aubert (1998), corresponderiam a *empréstimos* que foram marcados, em alguns casos, pelo itálico; por meio de escolhas tradutórias de segmentos textuais que os revisores tomaram como erros advindos de um autotradutor que utiliza o inglês como língua estrangeira, mas que corresponderam a decisões do autotradutor em se ater mais literalmente ao que estava expresso no texto de partida (ANTUNES, 2007a); ou por meio da

evidente exposição do sufixo *-inho* por meio de modalidades de tradução como *empréstimo*, *tradução literal* e *transposição*.

Na terceira análise (cf. seção 7), apresentei as transferências linguístico-culturais do sufixo *-inho* em corpus paralelo bilíngue, contendo os romances *Viva o povo brasileiro* e *An invincible memory*. Apoiado pelos resultados apresentados nas duas análises anteriores, observei o uso do sufixo *-inho* no subcorpus VPB e a mediação tradutória de palavras sufixadas por *-inho* pelo autotradutor, João Ubaldo Ribeiro, no subcorpus AIM, seu segundo romance autotraduzido cuja língua-alvo foi o inglês. A atenção dada às palavras sufixadas no subcorpus VPB abrangeu os aspectos morfofonológicos, morfossintáticos e morfossemânticos.

Em relação aos aspectos morfofonológicos, o subcorpus VPB apresenta quase um empate entre as palavras do gênero feminino sufixadas por *-inho* e as do gênero masculino, um dado que pode estar intimamente relacionado com a frequência da presença das mulheres entre os personagens do romance. Ademais, a maior produtividade e frequência encontram-se entre os morfes [inho] e [inha], assim como ocorre na língua portuguesa em geral (SANTANA, 2017), e não parece haver relação direta entre os morfes [zinho] e [zinha] com o aspecto morfossemântico *depreciação*, apesar de na língua portuguesa haver tal conotação em muitas palavras sufixadas por tais morfes. Ocorreu também a presença de palavras com múltiplas sufixações, um achado que expressa a quantidade de informação nessas palavras com ampla expressividade estilístico-emotiva. Com referências aos aspectos morfossintáticos, houve a classificação das palavras em *substantivo*, *adjetivo*, *hipocorístico*, *antropônimo/topônimo*, *advérbio*, *pronome* e *metaplasmo*, sendo aquele primeiro o que mais houve frequência e produtividade de palavras sufixadas por *-inho* devido à morfotática da língua portuguesa, mas que, ainda assim, houve a ocorrência em outras funções sintáticas, inclusive, com palavras representativas da oralidade cuja forma apresentou-se através de *metaplasmos* formados por aglutinação e por justaposição. Por fim, os aspectos morfossemânticos apresentaram a *redução espacial* como a conotação mais frequente. Este dado deve-se ao fato da preferência dela sobre funções híbridas, o que chama ainda mais atenção para a conotação de *apreço* que foi a segunda categoria mais frequente, embora fosse a última na ordem de prioridade para formas híbridas, o que demonstra a grande frequência da expressividade-apreciativa no estilo literário construído em *Viva o povo brasileiro*. Deve-se ter em vista a limitação imposta na rotulação de tais características morfossemânticas, pois esta dependeu principalmente da minha interpretação enquanto leitor-pesquisador do romance analisado, o que pode ser facilmente refutado com o olhar de outros leitores-pesquisadores sobre o mesmo texto literário. Apesar disso, os dados

podem ser verificados e replicados, conforme as características dos estudos em estilística de corpus.

Além da averiguação das palavras sufixadas por *-inho* no subcorpus VPB, também conduzi uma investigação sobre a mediação autotradutória de tais palavras no subcorpus AIM. Os resultados apresentam uma leve vantagem numérica para as traduções indiretas (*explicitação, implicação, modulação e adaptação*) com 567 *tokens* em comparação aos 551 *tokens* advindos das traduções diretas (*empréstimo, decalque, tradução literal e transposição*). Consequentemente, tais quantificações indicam que a tradução de palavras sufixadas por *-inho* estão mais atreladas a uma mudança considerável da forma e/ou da função do sufixo *-inho* de maneira a indicar uma domesticação por parte da autotradução. Por outro lado, é notória a diferença numérica não ser tão díspar e, por isso, também corroboram para uma perspectiva que a autotradução se guiou por uma ideologia de não apagamento de aspectos linguístico-culturais, assim como enunciados pelo próprio João Ubaldo (ANTUNES, 2007a), neste caso, a inferência advém deste estudo que se debruça na análise de palavras sufixadas por *-inho*. Em vista disso, há um equilíbrio entre resistência e adaptação à língua-alvo e suas culturas correspondentes, isto é, uma autotradução que parece conter estrangeirização e domesticação em níveis semelhantes. Assim, as escolhas do autotradutor; as restrições linguísticas do par linguístico português-inglês; as restrições impostas pelos e aos polissistemas literários diversos; as demandas dos agentes, editores e revisores; as expectativas do público-alvo; a venda dos direitos de publicação para outros países; entre muitas outras variáveis são questões que agem sobre a tradução, neste caso, sobre a autotradução analisada e que resultou nesse equilíbrio linguístico-cultural.

As modalidades de tradução que mais ocorreram foram a *transposição* com 318 *tokens* e a *implicação* com 298 *tokens* (cf. Figura 16), respectivamente, modalidades pertencentes à tradução direta e à tradução indireta. A *transposição* parece ocorrer com mais frequência no subcorpus AIM por pelo menos dois motivos: i) a manutenção tanto do diminutivo no texto de chegada de forma a preservar a forma – ainda que parcialmente, pois não é um sufixo, mas um diminutivo analítico – quanto das diversas funções que emanam do sufixo *-inho*; ii) a estruturação em língua inglesa é muito mais frequente e produtiva com diminutivos analíticos, em contraposição à alta restrição morfológica na sua construção de diminutivos sintéticos. Por outro lado, a segunda modalidade de tradução mais frequente é a *implicação*. Posso inferir, a partir da análise apresentada, que haja também a busca pela fluidez no texto de chegada, de maneira que o texto-alvo apresenta o apagamento da forma e das funções do sufixo *-inho* na tradução para adequar-se às características frequentemente encontradas na língua-alvo.

Esta pesquisa, por sua vez, possibilita outras investigações que podem ser conduzidas posteriormente. A seguir, exponho ao menos duas: i) o corpus comparável monolíngue pode ser estendido para abranger maior representatividade, extensão, especificidade e/ou adequação em vista dos objetivos propostos para uma investigação sobre o sufixo *-inho* enquanto aspecto linguístico-cultural do português brasileiro; ii) o corpus paralelo bilíngue pode ser analisado de forma a observar o uso inverso do diminutivo, isto é, examinar os usos do diminutivo no subcorpus AIM e cotejar com o subcorpus VPB, para que se possa constatar com maior precisão se o texto-alvo apresenta outros usos do diminutivo sintético ou analítico que o texto-fonte não tem, o que pode configurar uma tradução estrangeirizadora, pois pode carregar consigo as características da língua-fonte e sua cultura correspondente que tem proeminência no uso do diminutivo, especialmente, o sintético. Biały (2015), por exemplo, realizou tal averiguação de e para os textos de partida e de chegada, concluindo que houve *polonization* (LISELING NILSSON, 2012 apud BIAŁY, 2015), isto é, domesticação no texto de chegada em direção à língua e à cultura polonesas, pois houve inclusão de diminutivos em segmentos textuais que o texto de partida não apresentou. Com isso, pode-se também indagar se há essa mesma transferência linguístico-cultural para o subcorpus AIM, ou seja, averiguar, na autotradução, não somente a mediação de características linguístico-culturais do sufixo *-inho* provenientes do texto de partida, como também analisar possíveis novas inserções de diminutivo no texto de chegada em língua inglesa.

Finalmente, assim como decidiu-se traduzir o título de *Viva o povo brasileiro* para *An invincible memory* para, possivelmente, dar destaque à memória coletiva de um povo e sua cultura (OLIVIERI-GODET, 2004 apud RIBEIRO, E., 2006), concluo que o subcorpus AIM apresenta aos leitores uma autotradução invencível, resistente e, acima de tudo, brasileira.

REFERÊNCIAS

- AIXELÁ, Javier Franco. Itens Culturais-Específicos em Tradução. Tradução de Mayara Matsu Marinho e Roseni Silva. In: *In-Traduções*, Florianópolis, v. 5, n. 8, jan. a jun., p.185-218, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/intraducoes/article/view/62298>>. Acesso em: 02 jun. 2019.
- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *João Ubaldo Ribeiro*. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/joao-ubaldo-ribeiro>>. Acesso em: 17 ago. 2019.
- ALVES, Daniel; ASSIS, Roberto Carlos de. Métodos de investigação em corpora: Ferramentas para classificação de dados extraídos de corpora de pequenas dimensões para análises discursivas. In: *Anais do EBRALC 2015 & ELC 2015*. Blucher Social Science Proceedings, v. 2, n. 3. São Paulo: Blucher, 2016.
- ANTHONY, Laurence. *AntConc 3.5.8*: computer software. Tóquio: Waseda University, 2019. Disponível em: <<https://www.laurenceanthony.net/software>>. Acesso em: 30 jul. 2019.
- ANTUNES, Maria Alice Gonçalves. *O respeito pelo original: uma análise da autotradução a partir do caso de João Ubaldo Ribeiro*. 270f. Tese (Doutorado em Letras), Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007a.
- _____. Autotradução e autotradutores: breve histórico. *Tradução e comunicação: revista brasileira de tradutores*, São Paulo, n. 16, p. 78-83, 2007b.
- _____. Autotradução: o caso do escritor brasileiro João Ubaldo Ribeiro e a versão de *Sargento Getúlio/Sergeant Getúlio*. *Revista Trama*, Marechal Cândido Rondon, v. 5, n. 9, p. 61-72, 2009. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/4385>>. Acesso em: 03 set. 2017.
- _____. Breve história da autotradução: os casos de André Brink e João Ubaldo Ribeiro. *Tradução em revista*, Rio de Janeiro, n. 8, p. 1-11, 2010. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/15898/15898.PDFXXvmi=>>>. Acesso em: 03 set. 2017.
- AUBERT, Francis Henrik. Modalidade de tradução: teoria e resultados. *TradTerm*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 99-128, 1998. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49775/53879>>. Acesso em: 20 nov. 2017.
- BAKER, Mona. Corpus linguistics and translation studies: implications and applications. In: BAKER, Mona; FRANCIS, Gill; TOGNINI-BONELLI, Elena (Org.). *Text and technology: in honour of John Sinclair*. Filadélfia/Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1993.
- BARROS, Diana Pessoa de. A comunicação humana. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à linguística*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- BASÍLIO, Margarida. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

BERBER SARDINHA, Tony. *Linguística de corpus*. Barueri: Manole, 2004.

BEZERRA, Elvia. Ribeiro Couto e o Homem Cordial. *Academia Brasileira de Letras: Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, ano IX, n. 44, p. 123-130, jul., ago. e set. 2005. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/media/prosa44c.pdf>>. Acesso em: 31 mai. 2019.

BIAŁY, Pauline. *Polish and English diminutives in literary translation: pragmatic and cross-cultural perspectives*. 274f. Tese (Doutorado), Uniwersytet Śląski, Katowice, 2015.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A face quantitativa da linguagem: um dicionário de frequências do português. *ALFA, Revista de Linguística*, Araraquara, v. 42, n. esp., p. 161-181, 1998. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4049>>. Acesso em: 23 jul. 2018.

BIEL, Łucja. Corpus-based studies of legal language for translation purposes: methodological and practical potential. In: HEINE, Carmen; ENGBERG, Jan (Org.). *Reconceptualizing LSP: online proceedings of the XVII European LSP Symposium 2009*, Aarhus, p. 1-15, 2010. Disponível em: <<http://bcom.au.dk/fileadmin/www.asb.dk/isek/biel.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2019.

CARDOSO, Ana Cristina Bezerril. *La Fontaine no Brasil: história, descrição e análise paratextual de suas traduções*. 166 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução), Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

CASANOVA, Pascale. *A república mundial das letras*. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CASTILHO, Ataliba T. de. Entrevista: funcionalismo(s) e teoria multissistêmica. Entrevista concedida a Camilo Rosa Silva. *Revista Prolíngua*, João Pessoa, v. 9, n. 2, p. 87-104, 2014a. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/prolingua/article/view/23947/13169>>. Acesso em: 15 jun. 2019.

_____. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014b.

CHAVES, Anna Libia Araujo. *O sufixo -inho nas entrevistas do VALPB – uma análise semântico-discursiva*. 93f. Dissertação (Mestrado em Letras), Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

CHENG, Winnie. *Exploring corpus linguistics: language in action*. Nova York: Routledge, 2012.

CLASSEN, Albrecht. Translation as the catalyst of cultural transfer. *Humanities*, Basel, Suíça, v. 1, n. 1, p. 72-79, 2012. Disponível em: <<https://www.mdpi.com/2076-0787/1/1/72>>. Acesso em: 26 mai. 2017.

CUNHA, Celso. *Gramática do português contemporâneo: edição de bolso*. Rio de Janeiro: Lexicon; Porto Alegre: L&PM, 2008.

CUNHA, Eneida Leal. Viva o povo brasileiro: história e imaginário. *Portuguese Cultural Studies*. Utrecht, Holanda, v. 1, p. 1-13, 2007. Disponível em: <<http://www2.let.uu.nl/solis/psc/p/VolumeOne.htm>>. Acesso em: 11 set. 2017.

DUDLEY-EVANS, Tony; ST JOHN, Maggie Jo. *Developments in ESP: a multi-disciplinary approach*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

ESPAGNE, Michel. La notion de transfert culturel. *Revue Sciences/Lettres*, Paris, n. 1, online, 2013. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/rsl/219>>. Acesso em 09 jan. 2020.

EVEN-ZOHAR, Itamar. Polysystem studies. In: *Poetics today*, 11, n. 1, primavera de 1990.

FARIA, Johnwill Costa; HATJE-FAGGION, Válmí. O problema da oralidade em três traduções de *Of mice and men*, de John Steinbeck. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 1, nº 29, p. 53-71, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2012v1n29p53/22752>>. Acesso em: 17 nov. 2018.

FERRARI NETO, José. Morfologia derivacional. In: RIBEIRO, Maria das Graças Carvalho (Org.). *A morfologia e sua interface com a sintaxe e com o discurso*. 2. ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.

FIORIN, José Luiz. Prefácio. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à linguística*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

FISCHER-STARCKE, Bettina. *Corpus linguistics in literary analysis: Jane Austen and her contemporaries*. Nova York: Continuum, 2010.

FREITAS, Myrian Azevedo de; BARBOSA, Maria Fernanda M. A alternância do diminutivo –inho/-zinho no português brasileiro: um enfoque variacionista. *ALFA*, Revista de Linguística, Araraquara, v. 57, n. 2, p. 577-605, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4850/4675>>. Acesso em: 27 jun. 2017.

FURTADO DA CUNHA, Angélica. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Linguística funcional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; COSTA, Marcos Antonio; CEZARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Linguística funcional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

GEIGER, Paulo. *A nova ortografia sem mistérios: do ensino fundamental ao uso profissional*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2009.

GENTZLER, Edwin. *Teorias contemporâneas da tradução*. Tradução de Marcos Malvezzi. 2. ed. São Paulo: Madras, 2009.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Morfologia*. São Paulo: Parábola, 2019.

_____. *Atuais tendências em formação de palavras*. São Paulo: Contexto, 2016.

GONÇALVES, Marcos Antônio. O uso subjetivo das formações x-inho: Uma abordagem baseada na Linguística de Corpus. In: SALIÉS, Tânia Gastão; SHEPHERD, Tania Granja (Org.). *Linguagem: Teoria, Análise e Aplicações* (1). Rio de Janeiro: Publit Soluções Editoriais, 2005. p. 205-224. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/linguistica/textos/livro01/LTAA01_a11.pdf>. Acesso em: 03 set. 2017.

GRANDI, Nicola. renewal and innovation in the emergence of Indo-European evaluative morphology. *Lexis*, Lyon, v. 6, p. 5-25, 2011. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/lexis/403#authors>>. Acesso em: 01 fev. 2020.

GRUTMAN, Rainier. Self-translation. In: BAKER, Mona; SALDANHA, Gabriela (Org.). *Routledge Encyclopaedia of Translation Studies*. 2. ed. Nova York: Routledge, 2008. _____ . L'autotraduction: dilemma social et entre-deux textuel. *Atelier de traduction*, Suceava, v. 7, p. 193-202, 2007. Disponível em : <<http://www.diacronia.ro/en/indexing/details/A5017/pdf>>. Acesso em: 07 ago. 2019.

GUIRAUD, Pierre. *A estilística*. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1970.

HATJE-FAGGION, Válmí. Tradutores em caminhos interculturais: a tradução de palavras culturalmente determinadas. In: BELL-SANTOS, Cynthia Ann et al. *Tradução e Cultura*. Rio de Janeiro: 7letras, 2011.

HEILBRON, Johan. Towards a sociology of translation: book translations as a cultural world-system. In: *European Journal of Social Theory*, Londres, v. 2, n. 4, p. 429-444, 1999. Disponível em: <<http://est.sagepub.com/content/2/4/429>>. Acesso em: 11 set. 2017.

HEILBRON, Johan; SAPIRO, Gisèle. Por uma sociologia da tradução: balanços e perspectivas. Tradução de Marta Pragana Dantas e Adriana Cláudia de Sousa Costa. *Graphos*, João Pessoa, v. 11, n. 2, p. 13-28, dez. 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/4354/3284>>. Acesso em: 17 mai. 2017.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HURTADO ALBIR, Amparo. *Traducción y traductología: introducción a la traductología*. Madri: Ediciones Cátedra, 2001.

JAKOBSON, Roman. On Linguistic Aspects of Translation. In: BROWER, Reuben A. (Org.). *On Translation*. Cambridge: Harvard University Press, p. 232-239, 1959.

KENNY, Dorothy. *Lexis and creativity in translation: a corpus-based study*. Nova York: Routledge, 2001.

LACERDA, Rodrigo. 673 páginas, seis quilos e seiscentos grama. In: RIBEIRO, João Ubaldo. *Viva o povo brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

LAPA, Manuel Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. 9 ed. Coimbra: Coimbra, 1977.

LEE, Seung-Hwa. Sobre a formação de diminutivo do português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p. 113-124, jan./jun. 1999. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2303/2252>>. Acesso em: 01 jun. 2019.

LIMA, Alcides Fernandes. Desgramaticalização de {-inho}. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, v. 12, n. 2, p. 205-224, dez. 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/4925/4466>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

LINDOSO, Felipe. *Index Translationum*: uma lacuna que pode ser irreparável. *Publishnews*, São Paulo, 25 mar. 2015. Disponível em: <<https://www.publishnews.com.br/materias/2015/03/25/81186-index-translationum-uma-lacuna-que-pode-ser-irreparavel>>. Acesso em: 17 ago. 2019.

MAKONI, Sifree; MEINHOF, Ulrike. Linguística aplicada na África: desconstruindo a noção de “língua”. Tradução de Luiz Paulo da Moita Lopes. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). *Por uma linguística indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; KENEDY, Eduardo. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Linguística funcional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MARTINS, Nilce Santa’Anna. *Introdução à estilística*. 4 ed. São Paulo: EDUSP, 2011.

MERTIN, Ray-Güde. Procurando o brasileiro em Berlim: João Ubaldo Ribeiro na Alemanha. In: RIBEIRO, João Ubaldo. *Um brasileiro em Berlim*. Organização de Ray-Güde Mertin. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

MONTEIRO, José Lemos. *A estilística: manual de análise e criação do estilo literário*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. *Morfologia portuguesa*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2002.

OCLC. *WorldCat*. Online Computer Library Center. Disponível em: <<https://www.worldcat.org/>>. Acesso em: 17 ago. 2019.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de; WILSON, Victoria. Linguística funcional aplicada ao ensino do português. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Linguística funcional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

OLIVEIRA, Juvenal Batella de. *Este lado para dentro: ficção, confissão e disfarce em João Ubaldo Ribeiro*. 533f. Tese (Doutorado em Letras), Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

OLIVEIRA, Solange Mendes. *Derivação prefixal: um estudo sobre alguns prefixos do português brasileiro*. 171 f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

OUSTINOFF, Michaël. *Tradução: história, teorias e métodos*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

PAGANO, Adriano Silvino. As pesquisas historiográficas em tradução. In: PAGANO, Adriano Silvino (Org.). *Metodologias de pesquisas em tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001.

PETTER, Margarida. Linguagem, língua e linguística. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à linguística*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

PYTLIK, Radosław. *Diminutives in Polish, English and German: formation, function, state of research*. Tarnów: Escola Profissional Estadual de Tarnów, p. 109-128, 2018. Disponível em: <<http://tcn.pwzstar.edu.pl/wp-content/uploads/2018/02/06.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2019.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Evelin. Um estudo de marcadores culturais na obra *An invincible memory* pelo autotradutor João Ubaldo Ribeiro. 162f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2006.

RIBEIRO, João Ubaldo. *Viva o povo brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

_____. *Um brasileiro em Berlim*. Organização de Ray-Güde Mertin. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

_____. *Ein Brazilianer in Berlin*. Tradução de Ray-Güde Mertin. Frankfurt: Suhrkamp, 1994.

_____. Sofrendo na tradução. Tradução de Thelma Christina Ribeiro Côrtes. In: MARTINS, Marcia A. P.; GUERINI, Andréia. *Palavra de tradutor: reflexões sobre tradução por tradutores brasileiros = The Translator's Word: Reflections on Translation by Brazilian Translators*. Ed. bilíngue. Florianópolis: Editora da UFSC, 2018.

_____. *An invincible memory*. Tradução de João Ubaldo Ribeiro. 1. ed. Livro de capa dura (*hardcover edition*). ISBN: 0571148379. Londres: Faber & Faber, 1989.

_____. *An invincible memory*. Tradução de João Ubaldo Ribeiro. 1. ed. Livro de bolso (*paperback edition*). ISBN: 0571161294. Londres: Faber & Faber, 1991.

RIBEIRO, Maria das Graças Carvalho. Introdução à Morfologia. In: RIBEIRO, Maria das Graças Carvalho (Org.). *A morfologia e sua interface com a sintaxe e com o discurso*. 2. ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.

RODRIGUES, Jan Edson. Polidez e indiretividade. In: ESPÍNDOLA, Lucienne (Org.). *Teorias pragmáticas e ensino*. 2. ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.

RODRIGUES, Milton Hermes. Abordagem estilística. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Org.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. Maringá: EDUEM, 2009.

ROSA, Maria Carlota. *Introdução à morfologia*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

SALOVAARA, Marie. *English counterparts of Czech diminutive nouns*. 78f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado), Departamento de Língua Inglesa e Didática, Faculdade de Artes, Univerzita Karlova, Praga, 2014.

SANTANA, Messias dos Santos. *O sufixo diminutivo em português: forma, funcionamento e significação – do século XIII ao XX*. 912 f. Tese (Doutorado em Letras), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SCHMIDT, Rita Terezinha. *Descentramento/convergências: ensaios de crítica feminista*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.

SCHNEIDER, Klaus P.; STRUBEL-BURGDORF, Susanne. Diminutive -let in English. In: *SKASE Journal of Theoretical Linguistics*, Kosice, v. 9, n. 1, p. 15-32, 2012. Disponível em: <http://www.skase.sk/Volumes/JTL20/pdf_doc/2.pdf>. Acesso em: 21 set. 2019.

SCOTT, Mike. *WordSmith Tools 3.0*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

SILVA, Maria Cecília Perez de Souza e; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Linguística aplicada ao português: morfologia*. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SILVA, Marisa Corrêa. Abordagem sociológica. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Org.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3 ed. Maringá: EDUEM, 2009.

SILVA, Pedro Paulo Nunes da. Uma breve análise sobre a utilização do sufixo -inho a partir da estilística de corpus. In: ATAÍDE, Cleber (Org.). *Estudos linguísticos e literários: caminhos e tendências*. São Paulo: Pá de Palavra, 2019a.

_____. A estilística e a linguística de corpus: abordagens possíveis para uma análise do sufixo -inho em obras de Jorge Amado. In: ATAÍDE, Cleber (Org.). *Estudos linguísticos e literários: caminhos e tendências*. São Paulo: Pá de Palavra, 2019b.

_____. A forma e as funções do sufixo -inho no português e a sua tradução para o alemão: uma cervejinha ou *ein Bierchen*? In: HORA, Dermeval da; PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro, OSÓRIO, Paulo; LUCENA, Rubens Marques de (Org.). *Estudos linguísticos (teorias e aplicações): contribuições da Associação de Linguística e Filologia da América Latina – ALFAL*. São Paulo: Terracota Editora, 2019c.

SIMPSON, Paul. *Language through literature: an introduction*. Londres: Routledge, 1997.
 _____. *Stylistics: a resource book for students*. Londres: Routledge, 2004.

SNELL-HORNBY, Mary. *The turns of Translation Studies: new paradigms or shifting viewpoints?* Filadélfia/Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2006.

SOUSA, Germana Henriques Pereira de. *História da tradução: ensaios de teoria, crítica e tradução literária*. Vol. 1. Campinas: Pontes Editores, 2015.

SOUZA, Adílio Júnior de. *Lexicalização e neologismo: análise funcional em corpus digital*. 156 f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

_____. Uma análise funcional em *corpus* digital sobre a lexicalização. In: MATOS, Denilson Pereira de (Org.). *Morfossintaxe e léxico: abordagens funcionalistas*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2017.

TOURY, Gideon. *Descriptive translation and beyond*. Filadélfia/Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1995.

UNESCO. *Index Translationum*. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Disponível em: < <http://www.unesco.org/xtrans/>>. Acesso em: 17 ago. 2019.

VENUTI, Lawrence. *The translator's invisibility: a history of translation*. Londres: Routledge, 1995.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. *Comédia da vida privada: 101 crônicas escolhidas*. Porto Alegre: LP&M, 1994.

VIANA, Vander. Linguística de corpus: conceitos, técnica & análises. In: VIANA, Vander; TAGNIN, Stella E. O. (Org.). *Corpora no ensino de línguas estrangeiras*. São Paulo: Hub Editorial, 2010.

_____. *Verbos modais em contraste: análise de corpus da escrita de universitários em inglês*. 230 f. Dissertação (Mestrado em Letras), Departamento de Letras, Pontifícia Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: < <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=12417@2>>. Acesso em: 07 jul. 2019.

WALKER, Ivan. Cervejinha e barzinho: por que o brasileiro ama falar no diminutivo? *BBC News Brasil*, São Paulo, 22 jan. 2019a. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/vert-tra-46907652>>. Acesso em: 22 jan. 2019.

WALKER, Ivan. Why Brazilians love baby talk. *BBC Travel*, Londres, 15 jan. 2019b. Disponível em: < <http://www.bbc.com/travel/story/20190114-why-brazilians-love-baby-talk>>. Acesso em: 31 mai. 2019.

WERNER, Camila. *Literary translation flow from Brazil to abroad: six case studies*. 51f. Dissertação (Mestrado em Books and Digital Media Studies), Universiteit Leiden, Países Baixos, 2009.

WILSON, Victoria. Motivações Pragmáticas. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

WILSON, Victoria; MARTELOTTA, Mário Eduardo. Arbitrariedade e iconicidade. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

ZYNGIER, Sônia; VIANA, Vander; SILVEIRA, Natália Giordani. Discurso literário e linguística de *corpus*: uma visão empírica. *Cadernos de Letras*, Rio de Janeiro, n. 28, p. 99-107, jul. 2011. Disponível em: <http://www.lettras.ufrj.br/anglo_germanicas/cadernos/numeros/072011/textos/cl2831072011zyngier.pdf>. Acesso em: 01 mai. 2018.